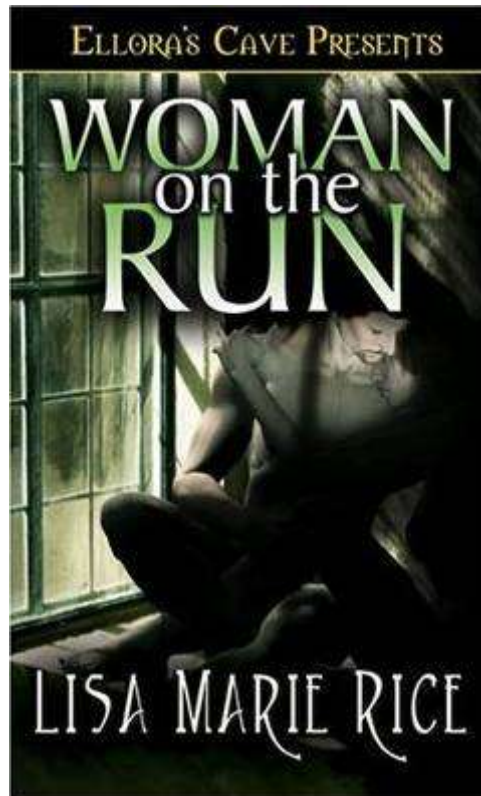


Tiamat World

Lisa Marie Rice
Mulher em Fuga



Lisa Marie

Rice

Mulher Em Fuga

Disp em Esp: Elloras Digital

Envio do arquivo: Lucilene

Tradução e formatação: Gisa

Revisão: Livia Salmazo

Revisão Final: MarciaDaltro©

Tiamat - World

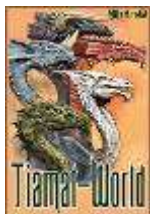
Julia Devaux adora sua vida sofisticada na cidade grande. E como não gostaria? Tem um fabuloso trabalho no mundo editorial, alguns amigos maravilhosos, um apartamento de arrasar e a companhia de seu precioso embora temperamental gato siamês Federico Fellini; não poderia ser melhor! Até que de repente, Julia tem a infelicidade de presenciar o assassinato de um membro da máfia, destruindo assim sua vida completamente.

O Programa de Amparo às Testemunhas desloca Julia para morar no fim do mundo; a milhares de quilômetros de distância da livraria mais próxima, onde a única comida rápida são os cervos e a única distração é fazer um sexo rápido com um fazendeiro local que não gosta de falar muito. Por sorte, o que melhor sabe fazer Sam Cooper não é precisamente falar...

O ex SEAL Sam Cooper não acreditou na sorte que teve quando a misteriosa Sally Anderson chegou a sua cidade. Em Simpson, Idaho, não há onde beber uma xícara de café decente e muito menos professoras de primário de tirar o fôlego. No momento em que Cooper conhece Sally, apropria-se dela como se fora dele. De fato ele não é muito bom falando, mas faz o que pode para mantê-la satisfeita. Quando descobre que sua vida está em perigo, nada o deterá para mantê-la a salvo e junto a ele.

Comentário da Revisora Livia: amei o livro além de ser hot ele tem uma história muito bem escrita





e misteriosa vc só sabe quem é o bandido no ultimo capítulo!!
Muito maravilhoso, além de Cooper SER MARAVILHOOSOOOOOOOOOO! Uma delícia de homem! KKKKKKK

Comentário da Revisora Marcia Daltro: Este livro é ótimo!!! Adorei fazer a revisão (apesar de demorar à devolvê-lo por diversos contratempos q apareceram...). E justamente por ter ficado com ele lendo, relendo e corrigindo da melhor forma possível para q vcs possam apreciar a leitura tanto quanto eu, sinto-me meio "dona" do mocinho maravilhoso do livro! :)

Quando li o resumo em que dizia que ele não era bom em se comunicar, pensei não gostar muito pois adoro mocinhos q mostram emoções... Mas depois lendo o livro, descobri q ele de fato não fala muito mas, a emoções dele são expressas maravilhosamente bem em forma de pensamentos. Impossível não se apaixonar por um homem desse! Isso sem falar em como ele domina a linguagem corporal!!! Gzuzzz!!! :) Enfim, o livro é realmente muito bom! Vale à pena ser lido! Tem de tudo um pouco. É divertido, hot da forma que gosto (o mocinho só se envolve com a mocinha e vice-versa), a mocinha não é uma mosca morta, o mocinho é o sonho de consumo de qualquer mulher (e não só pq é um TUDO na cama rs*), tem suspense e uma ótima história que te prende até o final. Falando em final... O final é lindooooooooo! :) Beijoss, MarciaDaltro©

* * *

Prólogo

30 de setembro, Boston.

— Seu novo nome é Sally Anderson — disse o chefe de polícia.

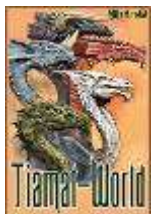
— Isso é absurdo! — falou Julia Devaux irritada. — Tenho cara de Sally?

— Bem, para falar a verdade... — O chefe de polícia a observou de cima a baixo, com compaixão. — Neste momento, tem uma cara péssima.

— Muito obrigada. — Julia moveu o imundo e desgastado cobertor do hotel para cobrir mais seus ombros, convencida de que várias gerações de comerciantes ambulantes teriam se coberto com ele. Mas pelo menos era quente. Faz três dias que ela não conseguia acalmar o frio nos ossos. Claro que, faz três dias também que um cara a perseguia para matá-la; motivo mais do que suficiente para que qualquer pessoa ficasse gelada.

O homem sentou-se junto a ela na fedorenta cama do imundo hotel e pegou sua mão. Herbert Davis não era nenhum *Gary Cooper*, algo habitual entre os chefes de polícia. Não era muito mais alto do que ela e parecia mais um contador do que um chefe de polícia.

Se Julia trabalhasse na administração do departamento, teria escolhido alguém diferente para desempenhar o papel de chefe de polícia e, se alguém tivesse perguntado o porquê, teria dito que Herbert Davis simplesmente não combinava com o cargo. Os chefes de polícia deveriam ser altos, atléticos, ter olhos incisivos e um revólver no quadril; e não baixos, rechonchudos, míopes e com um celular embainhado no coldre. Mas ninguém tinha pedido sua opinião, então teria que se conformar com o que tinha.



— Escute Sally...

— Sally?

— De agora em diante você se chamará Sally Anderson. — Herbert Davis tirou alguns papéis de sua amarrotada jaqueta. — Seu nome completo é Sally May Anderson. Nasceu dia 19 de agosto de 1977 em Bend, Oregon e é filha de Bob e Laverne Anderson, bibliotecário e dona-de-casa, respectivamente. Viveu toda sua vida na costa noroeste do Pacífico e nunca viajou para o estrangeiro, muito menos para o Canadá. Formou-se como professora em 1999 e começou a dar aulas em Bend onde vivia. Queria afastar-se de seus pais, por isso acabou aceitando um emprego em Simpson, Idaho, como professora do segundo ano primário.

Uma professora do primário? Afff...

— De jeito nenhum! — disse Julia com firmeza, levantando-se. Olhou para o pequeno tapete imundo e manchado de café, os restos de cigarro no chão e o pequeno espaço para caminhar, então, conformou-se em ficar onde estava e tremeu. — Isto não vai funcionar. Nunca estive em Oregon, nem em Idaho. Na verdade, o mais longe que cheguei e nunca para o oeste, foi Chicago. Duvido muito que possa passar por uma professora primária; sou filha única, nunca vivi com crianças, não me interesse por crianças e não sei nada sobre elas. Sou editora — e boa com certeza, — não uma professora. Meus pais estão mortos e, decididamente, não era um... Bob e uma Laverne qualquer. Nasci no estrangeiro e jamais em minha vida fui a algum lugar sem meu passaporte. E afirmo que não posso me chamar... Sally e muito menos Sally May. — Parou de falar para tamborilar os dedos em uma prateleira plástica onde estavam os poucos objetos pessoais que Davis havia trazido para ela da farmácia. Depois voltou a sentar-se na cama e cobrir-se com o áspero cobertor. — Então, como pode ver, será preciso que você invente algo melhor.

Herbert Davis tinha escutado suas queixas com a cabeça inclinada, olhando-a com seriedade, deixando que desabafasse.

— Bem — disse ele esfregando as mãos nos joelhos e franzindo os lábios. — Suponho que talvez não seja necessário.

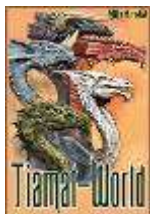
Julia piscou. Ah, não?

Davis suspirou.

— Não. Você pode decidir não testemunhar contra Santana e continuaremos somente com as provas que temos. De acordo com a lei, poderíamos retê-la como testemunha material, mas preferimos não agir assim. Ninguém deve ser obrigado a cumprir com o seu dever de cidadão para colocar a escória da sociedade atrás das grades. Se você realmente quiser, pode sair agora mesmo deste quarto, voltar para sua casa e retomar sua vida de onde estava, antes que visse como Dominic Santana atirou na cabeça de Joel Capruzzo, no sábado passado.

Julia recuperou a esperança de repente. Sim! Tudo aquilo não era mais do que um pesadelo e parecia que finalmente acabaria. Ela começou a sentir-se bem pela primeira vez em três dias e a dor que afligia seu coração começou a diminuir.

Não tinha pensado que pudesse haver uma saída. É obvio que, como cidadã, seu dever era ajudar para que a justiça fosse feita. Durante dois segundos, Julia pesou entre seu dever como boa cidadã e a recuperação de sua vida.



A briga nem sequer foi justa. Sua vida ganhava por maioria absoluta.

Atirou o fedorento cobertor sobre a cama.

— Bem, sendo assim, acho que...

— Claro que... — murmurou Davis tirando penugens imaginárias do cobertor, — você não viveria mais de cinco minutos lá fora. Conforme o que contam por aí, Santana ofereceu um preço por sua cabeça... E não estou sendo poético querida... ele quer sua cabeça, literalmente. Ofereceu um milhão de dólares por ela. Portanto Sally...

— Julia — sussurrou enquanto se deixava cair novamente sobre a imunda cama. Podia sentir o sangue agitando em sua cabeça.

— Sally — disse Davis com firmeza. — Como estava dizendo, o primeiro que a pegar, receberá um milhão de dólares. Em dinheiro. Muitas pessoas fariam coisas muito piores do que matar ou decapitar por muito menos dinheiro. Acaba de começar a temporada de caça e você Sally... é a caça!

Sua garganta emitiu um som e Davis concordou.

— Tudo bem. — Davis voltou a consultar seu caderno de notas. — Deixe-me falar sobre você. Nasceu em Londres, em 6 de março de 1977, filha única de pais já maiores. Seu pai era um executivo da IBM e você se criou ao redor do mundo estudando em colégios americanos. Seus pais estão mortos e você não tem nenhum outro familiar vivo. Depois de formar-se, voltou aos Estados Unidos para continuar seus estudos e se licenciou em filologia¹ inglesa pela universidade de Columbia. Desde 2001 trabalha como editora de uma importante Empresa de Boston. Ganha 38 mil dólares ao ano mais benefícios. Comprou um pequeno apartamento em Boston com o dinheiro que seus pais deixaram para você, onde vive sozinha com seu gato Federico Fellini. Adora filmes, quanto mais antigos, melhor. É apaixonada por livros e passa a maior parte de seu tempo livre em livrarias. Sua melhor amiga chama-se Dora. Gosta muito de comida picante e de vez em quando sai com um cara chamado Mason Hewitt. — Ergueu os olhos e a olhou com uma expressão suave. — Até aqui tudo bem?

Julia o olhou boquiaberta incapaz de dizer uma palavra.

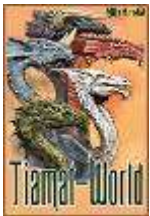
— Tudo isso que acabo de falar, está nos arquivos públicos e seus vizinhos e colegas ficaram mais do que encantados em nos contar seus costumes. Acredite, qualquer um poderia ter estas informações. Um milhão de dólares é um incentivo mais do que razoável. Então, temos aqui o retrato de uma jovem muito sofisticada, que viajou muito, adora as cidades, livros, filmes antigos e que viveu sempre na Costa Leste. Entende agora por que temos que te enviar à Costa Oeste para morar em uma cidade tão pequena que não tem nem livraria e transformá-la em uma professora de primário sem passaporte?

Davis vestiu sua jaqueta de tweed fora de moda e se dirigiu à porta.

— Por favor... — sussurrou Julia. — Não posso... — Sua voz não era mais que um sussurro trêmulo.

Davis a olhou tristemente, com seus olhos de cão de caça.

¹ Filologia : Estudo científico de uma língua.



— Bem-vinda à cadeia alimentícia, Sally — disse calmamente, virou a maçaneta sem brilho da porta manchada e saiu.

* * *

Um milhão de dólares.

O profissional ficou olhando a tela do computador. Não tinham passado tantos anos desde que o profissional fora um dos melhores hackers de Stanford². E ele ainda tinha esse poder. Saber onde procurar uma informação era poder.

A maioria das pessoas pensa que assassinos profissionais são doentes mentais, apenas inteligentes o suficiente para empunhar uma arma. Mas estão equivocados. É uma profissão maravilhosa para uma pessoa ambiciosa que deseja chegar longe. Nela se estabelece seus próprios horários, recebe-se dinheiro de sobra e cobra-se em dinheiro vivo. O último ato, que é apertar o gatilho, era o mais fácil de todos. Bastavam algumas horas de prática e pronto.

O difícil era encontrar a vítima, a caça em si, e isso era o que diferenciava o profissional de um milhão de dólares do bandido de cem dólares. Esta “pessoa” sorriu o profissional, ou melhor, esta garota, era o alvo perfeito. Assim que a encontrasse, um só tiro seria mais do que suficiente.

Ou então, provavelmente uma cápsula de cianureto dissolvida em uma xícara de café bastasse. Não podia ser muito difícil convencê-la a tomar uma xícara de café. Todos concordavam que Julia Devaux era uma pessoa agradável, simpática, trabalhadora, rata de livraria e apaixonada por filmes... Estudou no estrangeiro, fala três idiomas, é licenciada em filologia, trabalha como editora, adora gatos e odeia cães. Seu gato se chama Federico Fellini.

Não havia sido muito difícil reunir todas aquelas informações. É realmente incrível como as pessoas se dispõem a contar tudo o que sabem para uma pessoa bem vestida com uma carteira falsificada do FBI que custou dez dólares.

Um milhão de dólares. Não era nada mal. Juntando com o dinheiro dos trabalhos que já havia feito, era mais do que suficiente para se aposentar e viver naquela casa de praia luxuosa em St. Luzia com os francos suíços chegando para ele todos os meses. Dinheiro fixo e seguro; e a Agência Tributária a milhares de quilômetros de distância. Aposentadoria aos trinta anos e viver em uma casa de luxo na praia. Que trabalho maravilhoso!

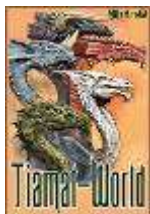
Julia Devaux devia morrer.

Sentia um pouco de pena. Todos falavam bem sobre ela e parecia bonita, a julgar pela única foto que pôde encontrar: Uma cópia rabiscada do boletim mensal da empresa. Mesmo assim... um milhão de dólares eram um milhão de dólares.

Os capangas idiotas do Santana estariam neste momento dando voltas, procurando atrás das árvores enlouquecidas e deixando rastros que até um cego poderia seguir.

“Não”, pensou o profissional digitando com um ritmo constante em seu teclado. Existem outras formas muito mais inteligentes para encontrar Julia Devaux.

² Standford: É uma das mais importantes universidades dos Estados Unidos no Estado da Califórnia.



Capítulo 1

Um mês depois

Halloween

Simpson, Idaho

— Ei Sally — chamou uma voz quase sem fôlego. — Espera!

Julia Devaux continuou andando pelo corredor do colégio até que, de repente, parou imediatamente. Sally. Ela era “Sally” agora. Conseguiria se acostumar algum dia com esse nome? Não se sentia como se chamasse Sally embora, olhando bem no espelho, agora possivelmente parecesse.

Usava uma blusa marrom escuro, um horrível pulôver marrom e sapatos sem saltos também de cor marrom. Tudo isso combinando com uma bendita cor castanha que Herbert Davis insistiu para que ela usasse em seu cabelo, cobrindo assim a esplêndida juba ruiva que Julia gostava tanto. Por mais absurdo que pudesse parecer; ela ainda não havia se dado conta da situação em que estava envolvida até que teve que tingir os cabelos. Leu as instruções de uso na embalagem com os olhos cheios de lágrimas; o que talvez explicasse a massa opaca e sem vida que cobria sua cabeça neste momento. Ela mesma havia pintado seu cabelo e parecia uma versão feminina de *George Clooney*.

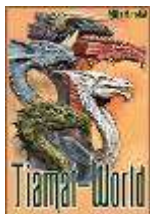
Herbert Davis não deixou que ela levasse sua antiga roupa. Encontrou duas malas cheias de roupas esperando por ela no aeroporto, roupas insípidas, sem graça, sem forma e fora de moda... Um tipo de roupa que nunca teria usado em sua vida.

A princípio não tinha se importado, afinal, por isso Deus inventou as compras! Mas ela não contava que a loja com mais estoque no povoado era o Empório de Lojas de Ferragens Kellogg.

Uma coisa ela tinha certeza: Não era notada em nenhum momento. E a moda não estava entre as prioridades de Simpson, Idaho. Julia estremeceu e apertou o pulôver contra seu corpo. Era uma questão de sobrevivência manter-se aquecida.

— Olá Jerry! — Tentou fazer com que sua voz soasse entusiasmada ao dirigir-se ao administrador do colégio. Ele era bastante simpático e inofensivo, exceto quando tentava envolvê-la em inacabáveis boas ações que, surpreendentemente, não tinham nenhum sentido para ela. Sua última grande conquista fora enviar 180 quilos de presunto e roupas de lã para um país islâmico que fora devastado por um terremoto e onde a temperatura média no inverno era cerca de 32 graus.

— Olá Sally. — Jerry Johnson sorriu e empurrou os óculos para cima com o dedo. Usava uma calça escura apertada de poliéster que chegava até o tornozelo, uma camisa de poliéster de manga curta apesar da chuva de granizo que caía e uns óculos de tartaruga marinha. “Com quem ele se parecia?” pensou Julia, apertando os dentes, “*Elmer Fudd?*”.



— Como vai? — Perguntou Jerry com sorriso patético.

Alguns caras estavam tentando matá-la e ela estava escondida em Simpson no Canadá. Federico Fellini, seu amado e mimoso gato, estava em uma casa adotiva “lembrariam seus pais adotivos de dar para ele comer só as melhores partes da carne e de levá-lo ao veterinário homeopático?” Tinha perdido um trabalho que adorava e estava vivendo em uma casa em que havia goteiras e infiltração nas paredes. Julia sorriu ligeiramente.

— Muito bem Jerry. Muito bem. O que posso fazer por você?

Ele devolveu o sorriso, mostrando uma fileira de dentes muito brancos. O irmão de sua esposa estava estudando odontologia e praticando bastante com ele.

— Elsa e eu organizamos um jantar para amanhã à noite e gostaríamos de saber se você gostaria de ir. — Aproximou-se um pouco mais e o cheiro letal de hortelã a deixou nocauteada. Ele havia escovado os dentes novamente. — Elsa vai fazer sua especialidade: Macarrão. Tenho certeza que você não ia querer perder isso.

Julia se animou.

Massa.

Sua mente se encheu de imagens de seus pratos preferidos da Itália e esteve a ponto de começar a chorar. Queijo gorgonzola e massa penne. Molho amatriciana. Pesto. Venderia sua alma ao diabo por um pouco de boa comida.

— Não sabia que Elsa cozinhava comida italiana — suspirou.

— Cozinha sim — respondeu Jerry orgulhoso. — Ela tem uma receita maravilhosa que faz sempre: Cozinha a massa por cerca de uma hora e assim que ela está cozida, acrescenta ketchup, cheddar e a coloca no forno. — Sorriu e seus grandes olhos castanhos brilharam atrás dos óculos. — Hummm.

Julia fechou os olhos e rezou em silêncio ao Grande Diretor do Céu para que a tirasse daquele espantoso e brega filme de série B em que estava metida. Queria um novo filme; uma linda e sofisticada comédia romântica em que o protagonista fosse, por exemplo, *Cary Grant*. Podia ser até *Charade* ou *Bringing up Baby*³. Mas não *American Pie*.

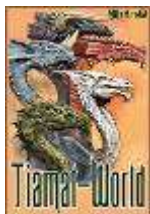
— Pode levar um acompanhante se quiser — acrescentou Jerry. — Um namorado. Elsa sempre faz comida a mais.

Um namorado. Isso por acaso era algo que crescia em árvores? Durante o mês que estava em Simpson, todos os homens que tinha conhecido estavam casados desde os doze anos ou lhe faltavam uma qualidade ou duas. Não havia nenhum *Cary Grant* à vista. Só Deus sabia o que faziam as solteiras de Idaho para encontrar um pouco de sexo. Emigrar para o Alasca, talvez?

Então, lembrou-se que não deveria pensar em encontros, nem sequer deveria confraternizar com as pessoas locais, e se deprimiu ainda mais ao pensar que talvez nunca mais voltasse a desfrutar de um bom sexo.

— Obrigado, Jerry. É muito amável de sua parte, mas tenho um montão de trabalho para fazer “como lixar as unhas, organizar em ordem alfabética a prateleira das especiarias, secar as

³ Charade e Bringing up Baby: São dois filmes protagonizados por Cary Grant.



goteiras de casa...”. Tenho que colocar minhas aulas em dia. Mas agradeça à Elsa por mim e diga que deixarei o convite para a próxima vez.

— Está bem. Embora vá perder uma noite muito divertida.

Julia sorriu fracamente. — Sua aparente animosidade estava fazendo migalhas aos seus nervos já bastante sensíveis — Julia ouviu um barulho e deu um grito.

— Merda! Err... Maldição! Poderia fazer algo com esse som, Jerry? — Seus ouvidos continuavam retumbando e ela deu um golpezinho em um lado da cabeça. — Onde diabos você conseguiu isso? Dos restos de algum submarino?

— Ela consegue chamar a atenção das crianças — ele respondeu suavemente. — Bom, tenho que ir. Que pena que não possa vir amanhã.

Julia tentou dar um sorriso.

— Fica para a próxima, Jerry. — Ela se preparava para continuar seu caminho para a sala de aula quando deu outro pulo ao escutar o segundo apito da sirene. A sirene ou “senão...”, como o os alunos a chamavam, ela ganhou este apelido porque alguns professores diziam que ao ouvi-la, eles já teriam que estar na sala de aula “senão...”.

Seus alunos se comportavam surpreendentemente bem. Lembrava-se perfeitamente do primeiro dia em que entrou em sua sala de aula e viu sua turma de doze alunos do segundo ano primário esperando... O que?

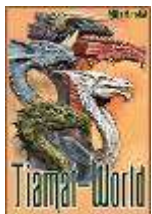
Ela não conseguia se lembrar do constrangimento e do medo que havia sentido um mês antes. As imagens de bandidos com jaquetas pretas, facas e pistolas, sob o efeito de qualquer droga que estivesse na moda naquele momento, tinham povoado sua cabeça. Eles a cortariam ao meio, jogariam seu corpo na periferia do povoado e ficariam impunes perante da lei por serem menores de idade.

Mas a realidade foi que ela entrou na sala de aula, apresentou-se como a nova professora que substituiria à senhorita Johanssen que precisou mudar-se repentinamente para a Califórnia para cuidar de sua mãe doente, passou a lista de chamada, abriu o livro na primeira página e isso foi tudo. As crianças se comportaram assombrosamente bem, não houve mais que algumas pequenas brigas insignificantes entre eles e ela logo se viu como “a senhorita Anderson”, de tanto ouvir os alunos chamá-la assim.

De fato, no princípio as crianças se comportavam tão bem que ela teve a louca sensação de se ver participando de uma nova versão do filme *A invasão dos corpos*. Na verdade as crianças seriam alienígenas criados em vagens no porão do colégio. Mas pouco a pouco, ela foi se dando conta de que viviam em um ambiente tão severo — onde aprendiam a fazer tarefas quase antes de aprender a andar — que estavam acostumados a obedecer sem reclamar.

Julia entrou em sua sala e parou ao ver que, uma pequena bola de canhão preta ia direto ao seu estômago. Soltou um suspiro e apoiou as mãos no ombro do aluno. Sentiu seus ossos, frágeis como os de um pássaro, sob suas mãos.

— Rafael — sorriu e se agachou. Rafael Martínez era seu aluno preferido. Pequeno, tímido e com um adorável rosto moreno. Tinha rondado ao seu redor durante o mês passado, trazendo buquês de margaridas, uma imunda parte de um osso de cor chá que ele garantia ser de um fóssil



de dinossauro e sua preferida: Uma minúscula tartaruga verde.

Julia estava preocupada com ele que, nas últimas duas semanas, estava cada vez mais triste. Estava acontecendo alguma coisa em sua casa. Ela teria resistido à tentação de interferir se Rafael se tornasse agressivo e violento, como as crianças dos filmes. Mas simplesmente ele se tornou cada vez mais calado e depois mal-humorado; ondas de infelicidade rodeavam palpavelmente sua pequena cabeça de cabelos escuros.

— Ei, companheiro — disse suavemente esticando o dedo para secar uma lágrima. — O que está acontecendo?

Ele murmurou algo para o chão. Julia acreditou ouvir “Missy” e “mãe” e olhou fixamente para Missy Jensen, a menina de macacão e cabelo cor de palha muito curto que a fazia parecer mais um menino do que uma menina.

Julia não entendeu nada. Normalmente, Missy e Rafael eram os melhores amigos de sua turma, trocavam figurinhas de beisebol e girinos.

— Banheiro... — Murmurou Rafael com a cabeça enfiada em sua cintura. Precisava chorar sozinho. Julia abriu os braços e o menino saiu correndo para o banheiro que havia no final do corredor.

Julia aproximou-se de Missy, que tinha acompanhado Rafael com os olhos e estava com o rosto aflito.

— O que aconteceu, Missy? — Julia perguntou com calma.

— Não sei senhorita. — O lábio inferior da menina estava tremendo. — Não falei de propósito. Apenas perguntei se sua mãe o levaria para brincar de “gostosuras ou travessuras”. — Missy levantou os atormentados olhos azuis. — Então, ele apenas saiu *corrido*.

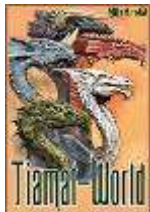
“Oh, oh, — pensou Julia. — Problemas. Aqui mesmo em *River City*”.

— Correndo — ela corrigiu automaticamente. — Bem, então deixa estar. Temos que começar a trabalhar se queremos ter tudo pronto esta tarde. — Julia se levantou e bateu palmas. — Ok turma, vamos começar. Temos que preparar o Dom Grande.

Todas as crianças trouxeram suas abóboras para preparar para essa noite de Halloween. Doze pequenas abóboras com sorrisos esquartejados e torcidos aguardavam enfileiradas sobre a prateleira. E agora era a vez de Dom Grande. Um dos agricultores local tinha aparecido naquela manhã e sem dizer uma palavra, “decididamente os habitantes do Simpson não eram nada faladores” havia deixado uma gigantesca abóbora de vinte quilos para que as crianças se distraíssem esvaziando-a.

Esvaziar a gigantesca abóbora se transformou em um projeto de classe e nesta mesma tarde, quando a tarefa estivesse terminada, ela seria colocada nas escadas do colégio com uma vela em seu interior.

Como a maioria dos expatriados americanos, Julia e sua família tinham mantido religiosamente as festividades americanas independente de onde estivessem no momento. A mãe de Julia tinha arrumado um jeito de fazer um peru de Ação de Graças em Dubai, abóboras para o Halloween em Lima e uma árvore de natal em Singapura. Julia sentiu-se indignada ao ver que em Nova York e em Boston, fazia tempo que as crianças não saíam nas ruas para pedir “gostosuras ou



travessuras” porque era muito perigoso.

Felizmente, o maior perigo para uma criança em Simpson eram os chifres dos alces. E ela estava satisfeita, pois suas crianças passaram a semana toda entusiasmadas com a ideia de se fantasiar e ir de casa em casa pedindo “gostosuras ou travessuras”.

— Henry, Mike, quero que vocês peguem uma sacola plástica, colocaremos dentro dela as sementes e a polpa. Sharon pegue o pincel para que possamos pintar o rosto. Quem trouxe a vela?

— Eu. — Reuben Jorgensen ensaiou seu melhor sorriso desdentado e levantou uma vela de tamanho industrial.

— Perfeito. Ok turma, vamos lá. Temos meia hora para fazer a maior e mais assustadora abóbora-lanterna nunca vista pelo povo daqui. Depois vou colocá-la nas escadas do colégio.

— Sim! Isso! — Depois de um emaranhado de pernas, muitos ruídos e confusão, Dom Grande começou a tomar forma. Por mais estranho que pudesse parecer, o ruído e a confusão a tranquilizavam, pois estava acostumada a agitação e a balbúrdia de uma cidade grande. Simpson estava quase sempre abandonada até a metade da manhã, o que a deixava de cabelos em pé.

Observou as crianças enquanto elas esvaziavam as sementes da gigantesca abóbora, interferindo somente para pegar o que caía no chão para que elas não escorregassem e caíssem. Jim, o faxineiro, se encarregaria do restante da limpeza.

Então, após mais ou menos uns quinze minutos, Rafael voltou para a sala de aula com os olhos secos, mas ainda vermelhos. Julia esperava que ele se unisse à diversão, mas o menino resolveu ficar sozinho em um canto, fora da confusão da atividade. Julia suspirou e escreveu outro bilhete para seus pais perguntando se podiam ir vê-la e colocou-o na lancheira do menino. Em duas semanas era o quinto bilhete que escrevia para eles. Por mais que não gostasse da ideia, se não recebesse resposta desta vez, teria que pedir a Jerry o telefone da casa de Rafael e ligar para seus pais na segunda-feira sem falta.

— Senhorita Anderson, olhe, olhe.

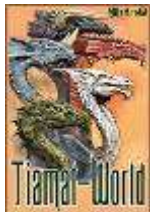
Julia, que estava pensando que tipo de pais poderiam ser tão insensíveis à infelicidade de um menino tão maravilhoso, precisou de alguns minutos para responder ao pedido do aluno. Virou-se e encontrou doze carinhas resplandecentes que a olhavam como flores ao sol “se soubessem que ela só estava improvisando...”.

— Olhe o que *nós* fez — disse Reuben de pé, orgulhoso, com uma das mãos sobre a enorme abóbora.

— Fizemos — corrigiu Julia. Contornou sua mesa com um sorriso e se aproximou, levantando uma sobrancelha ao ver o olhar feroz de Dom Grande. As crianças tinham deixado parte das sementes em seu interior, pois não deu tempo de tirar tudo, mas tinham esculpido o exterior até convertê-lo no sonho dourado de algum fanático por filmes de terror.

Julia inclinou a cabeça achando graça.

— Dá medo. Parece até que foi *Freddy Krueger* quem fez. — Os suspiros de satisfação provocaram um sentimento agudo e doloroso em seu peito e apagou seu sorriso. Eram tão jovens. Ter medo nesta idade era um pouco divertido... coisas que fazem ruído à noite, fantasmas que saem dos armários e mamãe e papai preparados para afugentá-los com um abraço e um sorriso.



Mas quem afugentaria seus fantasmas?

Ouviu-se um forte som metálico. Julia deu um pulo ao ouvir o som estridente da sirene e amaldiçoou Jerry. Levar susto e amaldiçoar Jerry estava começando a transformar-se em um ato contínuo.

— Adeus, senhorita Anderson, adeus. — Em um ou dois minutos a sala de aula se esvaziou completamente. Não havia nada mais rápido na natureza do que crianças pequenas saindo da sala no final de uma aula. Em um período de tempo surpreendentemente breve, o colégio inteiro estava deserto. Além disso, como era sexta-feira, os professores também foram embora assim que puderam.

Veria a maioria das crianças ainda aquela noite, arrumadas com suas fantasias. Uma bolsa cheia de doces aguardava por este momento em cima da velha e arranhada mesa, na sala de sua casa.

Várias vezes durante a semana, Julia ficava algumas horas a mais no colégio com uma desculpa ou outra. Herbert Davis tinha pedido que ela ligasse para ele de uma cabine telefônica a cada dois ou três dias, pois o sinal no campo não era muito bom e tampouco queria que ela utilizasse a linha telefônica de sua casa.

É lógico que Davis não tinha nem ideia de como era Simpson. Havia três telefones públicos em todo o povoado: Um no colégio, um na lanchonete Carly's Diner e outro próximo à mercearia. Ela era obrigada a alternar as chamadas entre estes telefones para não levantar suspeitas.

Os passos de Julia retumbaram pelo corredor deserto enquanto se dirigia para fora. O zelador chegaria logo, mas no momento ela estava sozinha no colégio. A alegre confusão que as crianças faziam, ocultava como ele estava velho e desmantelado. Reparou nas telhas quebradas e estremeceu ao ver as rachaduras, vazamentos e a amarelada infiltração que havia na parede.

Julia parou um minuto na entrada do colégio e observou a única rua principal de Simpson, um povoado situado em Idaho com 1.475 habitantes. Quase duas mil almas, na verdade, se contasse com os habitantes das fazendas que existiam pulverizadas pelo vasto e vazio território.

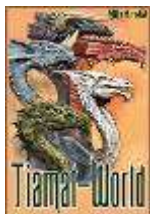
No momento, a chuva de granizo tinha parado de cair, mas, as nuvens cinzentas que cobriam o topo dos prédios anunciavam uma nova tormenta para aquela mesma noite. Sabia que, por pior que fosse o tempo, as crianças o desafiariam para poder brincar de “gostosas ou travessuras”. Eles eram pequenos, mas fortes sobreviventes; precisavam ser, naquela zona tão dura.

Davis estava equivocado, pensou Julia desolada. “Preciso de um passaporte para estar aqui”.

O vento se agitou e Julia apertou o pulôver contra ela. Por um momento, só por um momento, sentiu como se o vento a empurrasse até a borda do mundo. Um passo a mais e cairia...

Lembrou-se de um mapa medieval que tinha visto uma vez. A terra era plana e nas bordas exteriores não havia nada mais que terra selvagem, onde o desenhista do mapa tinha escrito: “Aqui estão os leões”. O fim da civilização. Era como agora, só que com uma única diferença: “Aqui estão os pumas”.

Santana nunca irá me encontrar — pensou. — Como ele conseguiria se nem eu consigo me encontrar aqui?



Simpson era como aquela velha piada: *Você não chegou ali porque quis, você simplesmente se perdeu. Não levava a nenhum lugar nem estava a caminho de parte alguma.* A uns cinquenta quilômetros dali, seguindo por uma estrada esburacada, havia um cruzamento que dobrava para Rupert, uma metrópole de quatro mil habitantes, ou então para Dead Horse⁴, um povoado tão sofisticado quanto o seu nome.

Um solitário floco de neve passou junto a ela e derreteu-se antes de chegar ao chão, mas com uma olhada rápida para cima, deu para ver que, de onde tinha saído aquele floco, havia mais aguardando para cair. E a caldeira tinha escolhido aquele exato momento para não funcionar.

Sentiu um repentino e profundo nó de nostalgia na garganta. Se tivesse problema com o sistema de aquecimento de sua casa, teria telefonado do trabalho para o *super* Joe e quando voltasse para casa, o aquecedor estaria funcionando. Em casa, em uma tarde fria e escura como aquela, estaria fazendo qualquer coisa especial, como alugar um filme clássico, comprar um novo livro ou organizar um jantar com alguma amiga, como Dora por exemplo. Dora também gostava de comidas picantes, especialmente nos dias frios e chuvosos. Teriam ido ao *The Iron Maiden*, um novo restaurante ucraniano da moda que havia em *Charles*, poderiam até se animar e procurar um szechuan⁵... Ou talvez teriam pedido alguma comida mexicana...

Ou então, poderia chamar Mason Hewitt e teriam encontrado alguma comédia para ver, teriam comido *dim sum*⁶ no *Lo's* e tomado um café à noite no *Latte & More*. E depois teria pensado seriamente na possibilidade de deixar que Mason a seduzisse. Fazia muito, muito tempo que não fazia sexo. Desde a morte de seus pais, na verdade. Tampouco tinha planejado que as coisas fossem assim, mas de qualquer forma, era assim que tinham sido.

Mason poderia ser uma boa pessoa para ajudá-la a mergulhar de volta nas águas da sexualidade. Embora não fosse sexy, ele era engraçado e se alguma coisa saísse errada, poderiam dar boas risadas depois sobre o acontecido.

Uma rajada de agulhas de gelo sobre seu rosto trouxe Julia de volta à realidade. Não iria a lugar nenhum com Dora aquela tarde; não alugaria nenhum filme, não compraria livro algum e decididamente, não faria sexo. Provavelmente nem sequer o aquecedor de sua casa estaria funcionando.

O que estou fazendo aqui? — Perguntou-se desolada, — A noventa e três quilômetros do Estée Lauder⁷ mais próximo e onde a única comida rápida é o cervo?

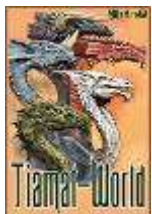
O mais irônico de tudo era que Dora, Mason e o resto do mundo pensavam que ela estava na Flórida. Davis a fez ligar de uma linha telefônica segura e pedir uma licença não remunerada por motivos pessoais, para cuidar de um avô doente em São Petersburgo. Com alguma frequência, enviariam cartões postais assinados por Julia à sua lista de amigos e colegas de trabalho que Davis a tinha feito elaborar. Provavelmente Dora e Mason a invejassem naquele momento por poder

⁴ Dead Horse: Tradução do inglês: Cavalo Morto

⁵ Szechuan: Comida tradicional da culinária chinesa que tem fama internacional por ser quente e entorpecedora.

⁶ Dim sum: Pequenas porções de delicados pasteizinhos fritos ou cozidos no vapor que surgiram há mais de mil anos na China. Hoje, globalizado, o prato pode ser degustado em países da Ásia, Europa, Estado Unidos e até no Brasil

⁷ Estée Lauder: Companhia fabricante de produtos de beleza e cosméticos.



ficar um tempo na Florida, desfrutando do sol, sendo uma boa neta e fazendo o bem a alguém.

Tudo aquilo era tão absurdo que destruía sua alma.

Uma onda de desespero a invadiu até o ponto de quase fazê-la cair de joelhos e começar a chorar. Que mal tinha feito para merecer isto? Estava sendo castigada por um crime que não tinha cometido. Presenciou por acaso um assassinato e no espaço de algumas poucas horas, tinham-lhe arrebatado de repente sua tranquila vida.

Atravessou a rua devagar e caminhou meia quadra até a cabine do telefone público que, ao contrário das que havia em New York e Boston, não estava vandalizada. Encontrava-se somente em um estado de degradação lamentável e o telefone nem sempre funcionava, como se a companhia telefônica não se preocupasse em fazer os reparos necessários desde os tempos de *Thomas Edison*.

A cabine ficava ao lado de fora de uma casa de dois andares em ruínas pertencente à Ramona Simpson, última descendente de Casper Simpson, o imortal fundador do povoado. Dizia-se que Ramona estava louca e Julia acreditava com convicção naqueles boatos. Olhou para uma placa de ALUGA-SE QUARTOS que havia na janela da sala da casa da senhora Simpson e estremeceu. Exceto pelo fato que não estava em uma colina, a casa era igual ao hotel de *Norman Bates* em *Psicose*.

Julia parou ao lado do telefone e olhou para os lados da rua; não devia se incomodar em fazer isso, pois a rua principal estava sempre deserta. Gostaria de pensar que a rua estava deserta porque era uma tarde gelada de sexta-feira, mas não era assim. A rua principal estava sempre deserta.

Colocou uma moeda no telefone e pediu à telefonista que fizesse uma chamada a cobrar.

— Davis.

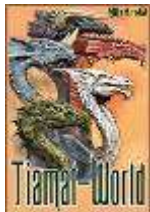
Julia se deixou cair sobre a cabine de plástico duro, aliviada ao ouvir sua voz.

— Olá, sou eu. — Davis a havia proibido terminantemente que dissesse seu nome. Se ele não estivesse, deveria deixar recado dizendo que sua prima Edwina tinha ligado. “De onde será que ele tira esses nomes?” Perguntou-se pela centésima vez... “Será que de alguma bíblia familiar?”

— Como vai você? — A voz de Davis era monótona, quase entediada. Julia se aborrecia ao pensar que ele estava em seu aconchegante escritório, em uma das maiores cidades do mundo, enquanto ela estava naquele povoado gelado. Davis tinha *Louisburg Square* e ela só uma rua principal; ele podia comer todo tipo de comidas deliciosas e ela só macarrão cozido com ketchup.

— Como vou? — Julia apertou os lábios e observou o céu cinzento em busca de inspiração. Respirou fundo e soltou o ar devagar, esperando até ter certeza que sua voz não tremeria. — Deixe-me ver... Estamos a cerca de 4 graus abaixo de zero e a temperatura continua caindo. O povoado está tão vazio como Tombstone⁸ em um tiroteio. Missy Jensen fez Rafael Martínez chorar hoje e eu estou a ponto de me juntar a ele. Estou a milhares de quilômetros de qualquer parte. Como acha que estou?

⁸ Tombstone: “Tombstone - A Justiça Está Chegando” é um filme de 1993 do gênero western. O filme conta a história dos Irmãos Earp, famosos homens da lei do Velho Oeste Americano, a partir da chegada deles a Tombstone, cidade mineradora de prata localizada no Arizona.



Esta era sua pequena rotina, como casais idosos que ficaram juntos pelo bem das crianças no início e, depois, pelo bem dos cães. Julia se queixava, ele escutava e sentia pena dela. Julia esperava que Davis dissesse o que ela queria ouvir, mas ele nunca parecia disposto a isso.

— Quanto tempo? — Suspirou Julia, enquanto esfregava o braço que segurava o telefone com a mão que estava livre. Aconchegou-se o quanto pôde na cabine, desejando escapar do vento gelado que começava a ficar forte.

Sempre fazia a mesma pergunta: “Quanto tempo?”

— Parece que até depois da Semana Santa.

— Após a Semana Santa? — Julia se endireitou e abafou um grito. — O que quer dizer com isso? Como diabos, sobreviverei mais seis meses aqui, senhor...

— Sem nomes — ele a advertiu com rapidez.

— Arghh... — Isso era outra coisa que ela odiava ainda mais do que estar Simpson; ter que tomar cuidado com o que fosse falar. — Supunha-se que me tiraria daqui o mais rápido possível, lembra-se? O que aconteceu?

— O que aconteceu é que nosso amigo Fritz, — seu código para se referir a Santana — contratou os serviços de S. T. Akers.

— De quem?

— S. T. Akers. Merda... sempre me esqueço de que você não cresceu nos Estados Unidos. Ele é o mais famoso advogado criminalista da América; todos os seus clientes são muito, muito ricos e muito, muito culpados. E seu lema é sempre tirar seus homens de confusão...

A respiração de Julia congelou.

— Ele faz isso?

Julia ouviu um pesado suspiro.

— Sim, faz. Até o momento já brigou por milhares deles. Acabou de invadir o escritório do promotor distrital com tantas propostas de clemência que parece que aconteceu uma avalanche por lá. Vamos passar pelo menos um mês nos dedicando a processar tudo aquilo. O promotor me disse ontem, em particular, que teriam muita sorte se conseguissem chegar ao julgamento de Fritz antes do verão.

— E... — Julia engoliu em seco — E quanto a mim?

— Bem, você... É nossa melhor prova. O resto das provas não têm sentido. Akers seria capaz de salvar Hitler com detalhes técnicos se quisesse. Aparentemente, você vai ter que ficar por aí mais um tempo.

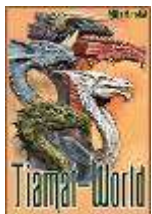
Julia esperava que o ardor úmido em seus olhos fosse devido ao vento frio e não as lágrimas. Outros seis meses, talvez mais, em Simpson. Seu peito doía.

— O que? — Davis havia dito algo, mas soou como se uma tempestade de neve tivesse golpeado os cabos do telefone. — Não tenho muito sinal, o que você disse?

Ouviu um ruído e em seguida a palavra: “Estranho”.

— Não estou te ouvindo — ela gritou. — O que você disse?

De repente, a conexão ficou boa e ouviu Herbert Davis como se eles estivessem frente a frente.



— Perguntei se notou algo estranho ultimamente.

— Estranho? — Julia conteve o impulso de rir como uma bruxa louca. — Algo estranho foi o que perguntou?

Olhou em volta. As nuvens escuras estavam se acumulando cobrindo quase completamente o horizonte, de forma que a luz do final do dia aparecia através das nuvens, mostrando sem piedade a decadência do povo.

Como sempre, não havia uma viva alma na rua principal; os edifícios precisavam uma boa pintura e o resto das lojas estavam cobertas por papelão. O que a surpreendia não era que os negócios não funcionassem, mas sim que ainda funcionassem. O povo de Simpson estava morto, mas seus cadáveres ainda não tinha se inteirado disso. Voltou a concentrar-se no telefone.

— Aqui tudo é estranho. Você se refere a alguma coisa em especial?

— Ora... — Para sua surpresa, Davis parecia envergonhado. Talvez tenha sido pela conexão ruim. — Estou perguntando se você viu alguém diferente ou desconhecido... por aí? Alguém... estranho.

Julia deu um chute e um suspiro de frustração que saiu como uma baforada. A temperatura caía a cada momento.

— Aqui todos são estranhos. Há séculos casam-se entre primos e seus genes enlouqueceram. Não há ninguém normal neste povoado, se houvesse, não estariam aqui, teriam partido há séculos. Por que você está perguntando isso?

Recebeu como resposta um som de fundo tão alto que teve que afastar o fone do ouvido para não ficar surda.

— O que?

A voz de Herbert Davis se ouvia fracamente.

— Computador... codificado... confidencial. — E depois: — Arquivos perdidos... a informação... — E depois um ruído.

— Ouça! — Julia mordeu a língua um pouco antes de dizer o nome de Davis. — Repita por favor.

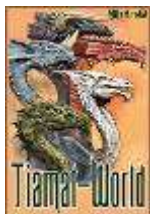
O ruído parou repentinamente.

— Disse que perdemos uma parte de nossos arquivos do computador. Estávamos passando os arquivos para um CD. — Julia podia ouvir o entusiasmo na voz de Davis. — Trouxeram-nos um novo programa para comprimir informação que é genial, conseguimos comprimir...

Julia se aconchegou em seu pulôver e observou como as negras nuvens continuavam cobrindo o céu que fora iluminado por um relâmpago por alguns segundos.

— Ora, deixe de conversa fiada. — O tom duro saiu sem que pudesse evitar e fez uma careta de desgosto. — Por que está me contando isto? O que isso tem que ver comigo?

— Oh. — Julia quase podia ver Davis do outro lado da linha, surpreso de que ela não mostrasse nenhum entusiasmo pelo seu novo brinquedo de computador. Ouviu que ele suspirava. — Bom, não acredito que isso possa realmente te afetar e não quero preocupá-la, mas, extraviaram-se temporariamente alguns arquivos e parte desses documentos que perdemos... que foram extraviados... algo temporário, ok? Estavam relacionados com o seu caso.



— O que? — Julia gritou antes de baixar a voz caso tivesse algum ser humano ali por perto. Seu coração pulsava a mil por hora. — Meu caso? Refere à informação a respeito de onde estou agora? Em documentos? Foi o que vocês perderam?

— Olha... Perder é uma palavra muito forte... Prefiro pensar que se extraviaram. Temporariamente. Mas... — Davis baixou a voz até o que ele provavelmente considerou um tom de voz suave, mas que só conseguiu aterrorizar a Julia ainda mais — Não se preocupe. Toda a informação estava codificada e nossos programas são muito seguros. Além disso, os arquivos do Amparo às Testemunhas estão duplamente codificados. E um gênio ou um hacker levaria um mês para descobrir o código. Acredite em mim, Fritz não tem acesso a nenhuma dessas duas coisas. Os arquivos estão programados para que se autodestruam a não ser que se introduza um código especial a cada meia hora, sendo assim, você está a salvo. Encontraremos os arquivos e os guardaremos com um novo programa de codificação.

Julia agarrou o fone com força e escutou o discurso informático de Davis tentando continuar respirando e se perguntando o que mais poderia fazer para se acalmar. Não havia sequer uma farmácia em Simpson. Nada de *Prozac*, nem *Xanax* e o Whisky dava-lhe dor de estômago. Nem sequer podia fazer um bom sexo naquele lugar!

— Só perguntei se você havia visto alguém suspeito por pura rotina, acredite em mim — continuou Davis — ninguém sabe quem você é e nem onde está.

“Tem sentido, porque nem eu mesma sei quem sou e onde estou” pensou Julia. Voltou a dar chutes com seus pés congelados e o telefone voltou a fazer ruídos.

Um repentino golpe fez com que Julia virasse rapidamente com o coração na boca; mas foi apenas um antigo e desbotado cartaz da Coca-cola que o vento frio golpeou contra uma parede que estava com o concreto rachado, então Julia voltou a se encostar contra a cabine, aliviada. A força do vento arrancou o cartaz da parede, que foi lançado pela rua vazia.

“Sei exatamente como se sente” pensou ouvir.

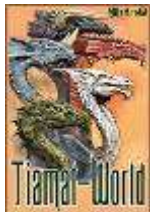
— A conexão voltou a ficar ruim — reclamou cobrindo o fone com a mão e desligou. Já tinha tido suficientes más notícias. Como se não bastasse saber que ficaria presa ainda alguns meses naquele lugar, ao que parecia, alguém estava muito perto de descobrir onde se escondia.

Julia parou um segundo paralisada pela ideia aterradora que acabava de ter mais do que pelo frio do vento. Davis parecia estar completamente seguro de que ninguém poderia hackear os arquivos do Departamento de Justiça, mas tinha lido várias notícias nos jornais a respeito de hackers de doze anos cheios de espinhas, que invadiram computadores de grandes empresas e até das forças militares.

O que aconteceria se Dominic Santana fosse um perito em informática? Sua mente voltou para aquela terrível e horrorosa noite a um mês atrás. Normalmente tentava eliminar as imagens de sua mente, especialmente às 2h da madrugada, quando os pesadelos ameaçavam enlouquecê-la, mas agora evocou de propósito aquelas imagens gravadas para sempre em sua cabeça.

Fazia calor aquele dia. Tinha sido um dia de abafado de uma tarde de verão excepcionalmente quente.

Repassou a cena em câmara lenta... O homem magro de joelhos, o suor do medo pingando



no chão manchado de óleo, outro homem segurando uma arma apontada para sua cabeça, o dedo que apertava lentamente o gatilho, a detonação, a cabeça do homem magro explodindo... E era neste momento que ela sempre afastava a imagem de sua cabeça, mas desta vez continuou e concentrou-se no homem que sustentava a pistola. Era alto e gordo. Concentrou-se em seu rosto. Tinha uma frieza animal estampada em suas feições, a brutalidade e a violência, mas não a inteligência. Julia começou a respirar novamente. Não, ela pensou; esse homem não poderia conseguir o código deste programa de computador. De um cofre talvez, não de um programa.

Além disso, pensou enquanto caminhava de volta para o prédio da escola vazia, estava em Simpson tempo suficiente para conhecer todos os habitantes de vista. E ultimamente não tinha visto nenhum rosto novo.

O céu rugiu com um trovão enquanto estava no corredor do colégio e as luzes piscaram uma vez. Que maravilha! — pensou. — Isto é maravilhoso. Agora sim precisava voltar rápido para casa, pois havia uma goteira lá e ela não gostaria de procurá-la no escuro com uma lanterna na mão.

Entrou em sua sala de aula e sentiu o familiar aroma de pó de giz. Dom Grande a observava de seu canto. Precisava lembrar-se de dizer a Jim que o deixasse nas escadas do colégio quando acabasse de limpar a sala.

As luzes piscaram novamente na sala escura. Ouviu alguns passos fortes no corredor; o som retumbava no silêncio do colégio. Alguém andava rapidamente, parava e voltava a andar, como se... O coração dela se paralisou; era como se estivesse procurando algo... Ou alguém.

“Não seja estúpida” disse para si, mas seu coração continuou batendo acelerado. Com as mãos trêmulas, colocou os papéis em sua pasta, amaldiçoando ao ver que caíam ao chão. Ouvia a si mesmo ofegar e fez um esforço para tranquilizar-se. Os passos pararam e recomeçaram. Cada professor tinha seu nome escrito na porta da sala. Se alguém estava procurando Sally Anderson...

Parava e recomeçava a andar...

Ela agarrou seu casaco e tentou se acalmar. Davis a havia assustado, nada mais. Provavelmente era Jim...

Só que Jim era um homem velho e arrastava os pés...

Ou um dos professores...

Embora todos já tivessem ido para casa...

Mais perto, mais perto...

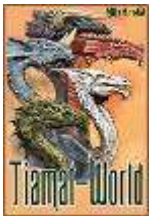
Os passos pararam e ela cravou os olhos no painel de vidro que cobria a parte superior da porta. Precisava ver quem estava lá fora e ter certeza que era somente um dos inofensivos cidadãos de Simpson e não um... e não um...

Um rosto apareceu próximo à sua porta. Era um homem. Colocou uma das mãos na jaqueta para tirar algo.

As luzes se apagaram.

Julia gemeu e tentou pensar apesar da bola de gelo que se formou em sua mente pelo pânico. O que podia usar como arma?

Não levava nada na bolsa além de uma pequena agenda, chaves e maquiagem. As mesas das crianças pesavam muito para que ela as levantasse e as cadeiras eram de plástico leve, precisava



de algo pesado. Sua mão roçou em algo grande e duro... Dom Grande!

Ofegando cada vez mais, colocou uma cadeira ao lado da porta, subiu nela e sustentou a enorme abóbora nas mãos. Estava de pé, tremendo, do lado da porta e pronta para esmagar a cabeça do homem que estava ali fora. Esticou o corpo, preparada para lutar.

Ele virou a maçaneta

Julia fechou os olhos e voltou a ver o rosto que tinha visto com as brilhantes lâmpadas fluorescentes do corredor.

O cabelo preto e liso que enquadravam uma série de angulosas e duras feições que se uniam para formar as bochechas e o queixo. A boca séria e os olhos negros.

Um rosto desconhecido.

Um rosto inesquecível.

O rosto de um assassino.

Capítulo 2

Sam Cooper sentia desejo de matar alguém. De preferência seu capataz e melhor amigo, Bernaldo Martínez. Ou, como alternativa, Carmelita, a desleal e infiel esposa de Bernie. Ficaria satisfeito com qualquer um dos dois.

Eram eles que deveriam estar lá no colégio, prontos para conversar com a professora de Rafaelito. Eles, e não ele. Preferiria andar sobre o fogo a ter que se encarregar de toda essa merda emocional; já tinha problemas mais do que suficientes com o aumento dos preços da ração e as telhas quebradas na fazenda.

Não tinha a menor ideia do que ele poderia dizer à professora de Rafael; a única coisa que sabia era que Bernie não estava em condições de falar com ninguém naquele momento.

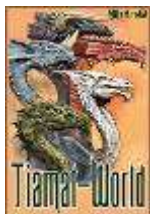
Cooper meteu a mão no bolso, onde estavam os bilhetes que a professora, a tal de senhorita Anderson, tinha mandado para casa com o menino. Já havia decorado o que estava escrito neles, pois os leu uma e outra vez desde que voltou para casa depois de uma viagem de negócios a Boise e encontrou um Bernie meio inconsciente, com uma garrafa de Whisky barato em uma das mãos e os bilhetes em outra.

Tirou então os bilhetes da mão dele, o agarrou pelo ombro para levá-lo ao banheiro, o enfiou completamente vestido no chuveiro e abriu a torneira da água fria.

Bernie tinha recuperado a sobriedade o suficiente para amaldiçoá-lo fracamente, antes de cair rendido na cama, o que há muito tempo não fazia. Cooper ficou tentado em deixar Bernie como estava deitado sobre a cama desfeita e com a roupa molhada, mas cedeu e, suspirando, o despiu e cobriu com dois cobertores.

A ressaca que teria ao dia seguinte o faria sentir-se suficientemente mal; ele não precisava pegar também uma pneumonia.

Mas Bernie ficaria devendo essa a ele. E como ficaria! Cuidar de crianças e conversar com



professoras de primário não estava entre seus passatempos preferidos.

Cooper ficou de pé junto à porta da sala. Não tinha por que continuar esperando; a placa que havia do lado de fora da porta confirmava que aquela era a sala da senhorita Anderson. Tentou olhar através do vidro da porta com a esperança de que a sala estivesse vazia, mas as luzes do corredor eram tão brilhantes que a única coisa que ele conseguia ver era seu reflexo no vidro.

E ele parecia tão zangado como realmente estava.

“Porra. Eu não queria ter que fazer isso” pensou apertando os lábios. Mesmo assim, foi em frente, perguntando-se se deveria ou não bater na porta. Pensou então... que inferno... Girou a maçaneta e abriu a porta. Uma tonelada de tijolos caiu em sua cabeça.

— O que...? — Cooper se encontrou de repente sentado contra a parede da sala de aula com as pernas abertas. Levou uma das mãos à cabeça e apalpou um bom galo que estava convencido de que apareceria em breve. Quando retirou a mão, viu que estava úmida. Por um instante, pensou que era sangue; até que viu que era uma substância laranja com sementes brancas.

Abóbora? Ficou alguns segundos olhando fixamente a mão coberta pela polpa de abóbora e sementes. Fui golpeado com uma abóbora na cabeça?

— Não se mova — advertiu uma voz alta e tensa. Em sua frente estava uma mulher pequena, magra e maravilhosa que não parava de ofegar e tremer.

Cooper percebeu que ela estava morta de medo.

Ela deveria ser uma ruiva. Apesar de seu cabelo ser de um opaco marrom, tinha a pele pálida e os olhos de um azul turquesa profundo de uma ruiva. Ela o fez lembrar um filhote de raposa que encontrou uma vez com a pata presa em uma armadilha. O filhote estava ferido e ele quis libertá-lo da armadilha, mas o animal tinha gritado e grunhido, inclusive tinha tentado mordê-lo com seus dentes de leite.

Então ele ficou sentado sobre o purê de abóbora, olhando fixamente como a jovem respirava rápido e tremia. Suas mãos trêmulas sustentavam um spray na direção dele. Era exatamente igual ao spray contra o mau hálito que ele tinha em seu banheiro.

— É um spray de pimenta — ela mentiu. — Por isso, não faça nenhum movimento... Se fizer um movimento, você vai ver.

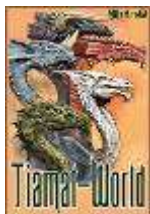
Como ele já havia escovado os dentes ficou quieto.

* * *

E agora?

Julia manteve o dedo na posição para apertar o spray, confiando que ele não escorregasse de suas suadas e trêmulas mãos. Uma gota de suor caiu em seus olhos mas não se atreveu a limpá-la. Ela mal podia respirar e a falta de oxigênio estava fazendo com que ela visse faíscas coloridas. Tentar nocautear aquele homem terrível fora a coisa mais valente que fez na vida, mas não fazia sentido tentar fazer o papel de *Xena, a Princesa Guerreira*, quando na realidade estava à beira de um desmaio.

Ouviu passos no corredor e sem tirar os olhos do homem aterrador que estava sentado



contra a parede, dirigiu-se à porta.

— Jim! — ela gritou. — Chame o xerife! Diga que tenho um perigoso criminoso aqui. Diga que venha agora mesmo! — Julia levantou os olhos para ver que Jim atirava a vassoura no chão e se afastava arrastando os pés. Voltou a olhar o homem que estava contra a parede.

Mesmo sentado ele era aterrador. Ela havia golpeado sua cabeça com o Dom Grande, mas não conseguira nocauteá-lo. Ele era alto e forte, tinha as costas largas e vestia um pulôver negro de pescoço alto, uma jaqueta negra e calça jeans; tinha misteriosas e duras feições, olhos negros e abertos... Tudo nele indicava que era um assassino. Sua mão tremeu. Menos mal que ela se lembrou do spray contra o mau hálito que guardava na bolsa.

— Não se mova — repetiu Julia, ofegando. Estava tão assustada que tinha o coração na boca. O terror do mês anterior voltou multiplicado por mil, embrulhado em um pacote alto, forte e de costas largas. Ele a olhava fixamente com seus escuros olhos e ela imaginou que ele estava calculando seu próximo movimento. Aquele homem era um assassino profissional. Quanto tempo conseguiria mantê-lo parado com um spray para o mau hálito?

A porta do colégio se abriu e ela ouviu alguém correr pelo corredor. A porta da sala estava aberta e o xerife Chuck Pedersen entrou com uma pistola na mão.

Parou totalmente ao ver o assassino no chão e Julia.

— Oficial — disse Julia com um fiapo de voz. Pigarreou para limpar a garganta e começou a falar: — Oficial, prenda a este homem! É um criminoso perigoso!

O xerife Pedersen guardou a pistola e se apoiou contra o vão da porta.

— Olá, Coop.

— Chuck.

Julia sacudiu os joelhos, pois sentia que eles estavam a ponto de falhar. Olhou para o xerife e suspirou com força.

— Conhece este homem xerife?

O xerife Pedersen trocou seu considerável peso de um pé para o outro e passou o chiclete de um lado ao outro da boca.

— Se o conheço? — perguntou com um tom filosófico. — Depende o que significa “conhecer” uma pessoa. Você pode conhecer uma pessoa há muitos anos e não compreendê-la nunca...

— Chuck... — falou o homem do chão, com sua voz grave e um rosnado baixo.

Pedersen deu de ombros.

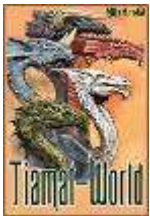
— Sim — disse olhando para Julia. — Conheço Sam Cooper. Conheço toda a sua vida e conheci seu pai. Bem, acho até que conheci seu avô!

— Oh, Deus — choramingou Julia. Seu estômago dava voltas a mil por hora e ela não conseguia detê-lo. A adrenalina ainda corria por suas veias e era incapaz de pensar algo coerente.

Gostaria de morrer ali mesmo; defendeu-se com valentia contra um assassino profissional e agora descobriu que tinha nocauteado um respeitável cidadão de Simpson.

O homem continuava sentado no chão, observando-a.

Julia tentou pensar em algo razoável para dizer. Como diabos ia se desculpar? “Sinto



multíssimo por ter te atacado, mas pensei que era um assassino profissional”. Pareceria uma louca.

Claro que sua imaginação não estava assim tão equivocada. Este homem, o tal Sam Cooper, parecia realmente perigoso. Exatamente da forma que um assassino profissional seria. Tudo nele era aterrador... um espiral de poder misterioso emanava dele e, até no chão, ele parecia um tigre a ponto de saltar sobre sua presa. Seu rosto era como algo que deveria ser esculpido no *Monte Rushmore*, seus ângulos eram ásperos. Tudo nele era ameaçador, razão pela qual ela instintivamente presumiu que ele não era de Simpson.

Depois de sua primeira semana na cidade, Julia entendeu por que Herbert Davis tinha escolhido o nome de Sally Anderson. Em Simpson, todo mundo parecia chamar-se Jensen, Jorgensen ou Pedersen. Estava convencida que, em algum momento do século passado, um desorganizado grupo de colonos escandinavos em busca do oceano Pacífico tinha dado seu último suspiro ao chegar a Idaho, pois todos dali pareciam que compartilhavam os mesmos genes; rostos pálidos, suaves e o cabelo claro.

Embora o homem que ela havia atacado não fosse assim; não havia nada pálido e suave nele.

Tinha o cabelo e olhos muito negros que combinavam com sua jaqueta e um princípio de barba negra que cobria sua bochecha. A única cor que havia nele era o laranja do purê de abóbora que cobria sua cabeça.

Julia engoliu com força sentindo-se culpada e voltou a colocar o spray contra o mau hálito na bolsa.

— Bom... Olá, tudo bem? Meu nome é Ju... Sally Anderson. — Tentou em vão que sua voz não tremesse.

— Sam Cooper — disse. Apoiou a mão no chão e se levantou com um único e ágil movimento tão repentino que fez com que ela desse um passo para trás com medo. Ele começou a sacudir as sementes e Julia voltou a se sentir culpada.

— Quase todos aqui o chamam de Coop — comentou o xerife.

Julia se perguntou o que teria pensado sua rigorosa mãe sobre a etiqueta da situação. Será que se poderia chamar pelo apelido uma pessoa a qual havia tentado deixar inconsciente?

Claro que não.

— Senhor Cooper.

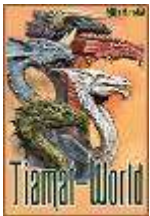
— Senhorita Anderson. — Ele disse e ela duvidou por um segundo. Sua voz era como a de um assassino... Profunda, baixa e rouca. Olhou-o de esguelha uma vez mais.

Ele ainda parecia perigoso.

— Tem certeza que conhece este homem, xerife?

— Sim, senhora — confirmou o xerife Pedersen com um sorriso. — Ele treina e cria cavalos em sua fazenda que fica entre Simpson e Rupert. Todo tipo de cavalos, a maioria puro sangue e árabe.

— Eu... Mmm... Acredito então que lhe devo um pedido de desculpas senhor Cooper. — Julia tentou pensar em algo lógico para dizer. — Eu... eu o confundi com outra pessoa.



Um silêncio constrangedor caiu sobre a sala.

— Não posso acreditar que pegaram você desprevenido, Coop — disse o xerife rindo. — Especialmente uma garota.

— Mulher — murmurou Julia, contendo-se para não revirar os olhos.

— O que? Ah, sim, já não se pode chamar as *garotas* de garotas. — O xerife balançou a cabeça com pesar pela forma de pensar do mundo atual. Observou Julia de cima a baixo e riu para Cooper. — Você está ficando enferrujado. — Virou-se para a Julia: — Coop era um SEAL, sabia?

Uma foca⁹?

Por um momento, Julia se perguntou se o mês de terror que passou teria acabado com seus neurônios. Que diabos queria dizer o xerife? Uma foca...?

Oh. Ele estava se referindo a um SEAL. Um soldado. Treinado para matar.

Finalmente, depois de tudo, ela não havia se equivocado tanto assim.

Julia tentou assimilar aquela informação enquanto observava Sam Cooper. Se no chão ele parecia perigoso; agora que estava de pé, parecia aterrador, enorme e ameaçador. O material perfeito para as forças armadas. Observou-o atentamente, emprestando especial atenção a suas mãos assustadoramente grandes e virou-se para o xerife.

— Talvez seja — disse educadamente — mas não tem barbatanas.

O xerife ficou olhando para ela por um momento; respirou com força uma vez e depois outra. Até que se inclinou, sacudindo os ombros, Julia percebeu que ele estava rindo.

Era só o que faltava. Que dia terrível. Herbert Davis com notícias pouco animadoras sobre os assassinos que poderiam estar perto de descobrir onde ela se escondia; o terror quando pensou que um dos assassinos de Santana a havia encontrado; sua heroica e última *Batalha do Álamo* e o enorme alívio quando descobriu que ela poderia viver, apesar de tudo.

Em seguida, o xerife correndo para salvá-la; só que não a salvou. Na verdade, poderia tê-la prendido por... por quê? Agressão mortal com uma abóbora?

E, finalmente, o xerife estava fazendo uma imitação horrível de *Walter Brennan* em *Rio Bravo*; só que ele tinha todos os dentes e não coxeava. Julia odiava *Rio Bravo*.

E agora pensava que também odiava o *Álamo*.

— Se não se importa, xerife — disse com frieza.

Chuck Pedersen respirou uma vez mais e enxugou os olhos.

— Barbatanas — disse e voltou rir balançando a cabeça. — Não, senhorita...

“Devaux” pensou.

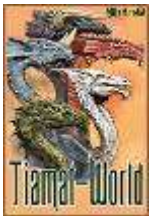
— Anderson — disse.

— Anderson, é verdade. Sinto muito. Acaba de mudar-se, não é?

— Sim, há um pouco menos de um mês. “Vinte e sete dias e doze horas, mas quem levava isso em conta?” Somente ela.

— Por isso não conhece todos da cidade ainda, mas o velho Coop, aqui presente, fazia parte

⁹ SEAL: Em inglês, SEAL significa foca, embora o xerife esteja se referindo a grupos de operações especiais das Forças Armadas dos Estados Unidos conhecidos como SEALs.



das Forças Armadas, era um SEAL, como falei. Tropas de choque. Fez um trabalho malditamente bom, deram-lhe uma medalha e tudo. Mas seu pai morreu e ele teve que voltar para cuidar de sua fazenda.

Oh, Deus. Julia fechou os olhos por um momento. Aquilo era muito pior do que havia imaginado. Não bastava ter atacado um dos bons cidadãos do Simpson... Não! O homem tinha que ser, além disso, um herói de guerra. Abriu os olhos e voltou a olhar Sam Cooper.

Ele continuava parecendo duro e perigoso.

Recolheu a pouca dignidade que ainda restava e com toda a coragem estendeu a mão a Sam Cooper, o criador de cavalos SEAL.

Olhou fixamente para os negros e inexpressivos olhos e estremeceu.

— Por favor, aceite minhas desculpas, senhor Cooper.

Depois de alguns segundos, Sam Cooper estendeu sua mão enorme, forte e cheia de calos. Apertou-lhe a mão e manteve seus olhos nela; Julia ficou olhando para ele antes de soltar-se e afastar o olhar, sentindo-se como se acabasse de escapar de um campo de força. Ele emitiu um som e ela decidiu entender como uma aceitação ao seu pedido de desculpas, pois se lembrou de que os SEALs não falavam. Só grunhiam.

Julia se virou para o xerife e tentou sorrir.

— Suponho que também devo desculpas ao senhor, xerife.

— Chuck — disse o xerife sorrindo. — Não somos de formalidades por aqui.

— Chuck, então. Sinto muito ter causado todo este alvoroço.

O xerife deu a volta para partir.

— Bom, não vou dizer que estamos aqui para isso, porque você me deu um bom susto, senhorita Anderson...

— Sally — disse Julia, odiando o nome.

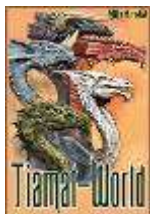
— Sally. Como ia dizendo, pensei que por fim pegaria algum criminoso. Normalmente me limito a acabar com as brigas nas noites de sábado e deter os que ultrapassam de velocidade permitida. Embora tampouco haja muitos casos desses aqui.

— Não, suponho que não, — murmurou Julia. — Simpson parece ser uma cidade muito agradável. — Depois de tudo o que tinha acontecido naquela tarde, que mal haveria dizer uma mentirinha? Ok, uma grande mentira. — Acolhedora e tranquila.

Os anos que ela havia passado no estrangeiro a ensinaram dizer coisas agradáveis e falsas. Julia recordava ter ouvido sua mãe dizer coisas maravilhosas sobre uma paisagem “um terreno baldio, sem árvores e sem vida” em Reykiavik¹⁰ para um islandês sorridente. O xerife sorriu abertamente.

— Concordo. Fico feliz que você goste da vida aqui, ficamos sempre felizes em receber os recém-chegados. Precisamos de sangue novo. Os jovens continuam partindo assim que terminam o ensino médio. Eu continuo dizendo que o mundo lá fora não é um lugar agradável, mas ninguém me escuta. Não sei o que eles pensam que vão encontrar lá fora.

¹⁰ Reykiavik: Capital da Islândia



“ Oh, eu sei. Livrarias, cinemas, teatros, galerias de arte, boa comida, boa conversa, lojas, calçadas. Seres humanos. “ pensou Julia. Então, como ela sempre dizia que era como um livro aberto sorriu e tentou pensar em qualquer outra coisa.

— Você sabe como são os jovens. Suponho que acreditam que têm que descobrir por eles mesmos. — Por educação, Julia virou-se para o homem que ela agrediu: — Não é verdade, senhor Cooper?

* * *

Cooper estava pensando na facilidade com que a tal Sally Anderson iniciou uma conversa com Chuck que havia conhecido há apenas cinco minutos. Pensou em como foi difícil para ele dar os pêsames à Chuck quando Carly, sua esposa, morreu.

E então, algum tempo depois, Chuck ficou rondando-o e com gesto sombrio e limitou-se a dar alguns tapinhas em seu ombro quando a mulher dele, Melissa, partiu. Aparentemente, as bonitas professoras de primário não tinham este tipo de problemas que os homens enfrentavam. E menos ainda as professoras bonitas de cabelo vermelho. — Não, — voltou a verificar enquanto ela não olhava para ele — castanho.

Ele poderia jurar que o cabelo dela era vermelho. Ela parecia uma ruiva e ele tinha uma autêntica debilidade pelas ruivas. Embora na verdade, uma ruiva tão maravilhosa como aquela ele só havia visto em filmes.

Ela ainda estava morta de medo. Tinha estendido uma das mãos trêmulas para ele; uma mão suave, pequena e fria como o gelo. Teve a irresistível tentação de continuar segurando sua mão para esquentar. Mas depois resolveu soltá-la afinal, ela parecia aterrorizada; era difícil esquecer uma expressão de verdadeiro pavor em um rosto quando alguém estava encurralado. A última vez que tinha visto essa expressão de horror em alguém fora quando estava sob a mira de uma arma.

Ela agora ocultava bem seu medo com uma educada expressão em seu adorável rosto, mas ele recordava sua mão trêmula.

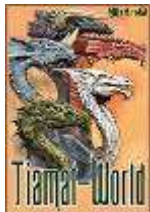
Fez-se um silêncio repentino, Chuck e a professora ficaram olhando para ele em expectativa. O eco da pergunta da senhorita Anderson ressonava no ar.

— Err... Tem razão. — A resposta deve ter sido adequada, porque a professora recolheu suas coisas e saiu pela porta. Chuck deu-lhe um tapinha nas costas e a seguiu; Sam ficou sozinho no colégio com Jim que varria o corredor.

Escutou Jim cantarolar a canção *Be my Baby*, desafinada, no ritmo da vassoura. Cooper se dirigiu para a porta e lembrou-se de algo no corredor. Os bilhetes. Os bilhetes que Sally Anderson tinha escrito. Tinha vindo falar sobre Rafael.

Porra. Ele havia esquecido completamente disso.

* * *



Os acordes do primeiro ato de Tosca¹¹ encheram a arejada e luminosa sala. A sala era um tesouro de objetos estranhos e maravilhosos. Um observador comum jamais teria reparado no sistema de segurança do estado, nem na coleção de pistolas e fuzis escondidos no fundo falso da cômoda de carvalho do tempo do Renascimento.

Sobre o console *Hepplewhite* havia um computador e, junto a ele, um pote *Wedgwood* do século XVIII contendo lápis e canetas.

O profissional abriu o arquivo e começou a colocar o programa adaptado de decodificação; seu triunfo pessoal. Esse programa poderia valer mais de 100 mil dólares no mercado de softwares. Se estivesse à venda, o que não era o caso. Cem mil não eram um milhão e no Programa de Negócios de Stanford, aprendeu uma coisa muito certa, para se conseguir dinheiro, primeiro precisava investir.

Digitou o último comando para que o programa iniciasse e o computador emitiu um som. Imediatamente, a tela começou a encher-se de letras.

*dnjsierhjkqarngdea,mfignñtrhklagf?iadmghñtkhrñ
fikropeqhggtjenras,nwkehtjmikofljeqgkklanrrikeñnake
jrkbowrejbbpeqigtkrfqnrehtoqlakngfdla'ljtrkoeqjifikr
Decodificação 60%... 70%... 80%... 90%...
Decodificação completa.*

O computador emitiu um som baixo e o profissional sentou-se para ler.

Arquivo: 248

Testemunha do Programa de Amparo às Testemunhas: Richard M. Abt

Data e local de Nascimento: 05 de março de 1965, Cidade de Nova York.

Último domicílio: 6839 Sugarmaple Lane, Cidade de Nova York, NY.

Caso: Contador do grupo de advogados Ledbetter, Duncan e Terrance. Os três advogados foram acusados de lavagem de dinheiro para a máfia. Abt é o único disposto a testemunhar. Data em que prestará declaração: 14 de novembro de 2005.

Data de ingresso no Programa de Amparo às testemunhas: 09 de setembro de 2004

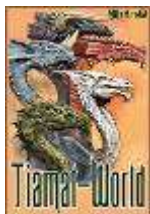
Richard Abt, transladado como: Robert Littlewood.

Área 248, Código 7fn609jz5y

Domicilio Atual: 120 Crescent Drive, Rockville, Idaho.

Igreja correta. Banco errado.

¹¹ Tosca: É uma ópera em três atos de Giacomo Puccini, com libreto de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa, baseado na peça de mesmo nome de Victorien Sardou. Estreou no Teatro Costanzi de Roma, a 14 de janeiro de 1900.



O computador começou a mostrar mais dados e o profissional ficou sentado algum tempo engolindo o desapontamento, antes de ficar em pé para derramar um pouco do Veuve Cliquot¹² gelado em uma taça *Baccarat* e tirar os sapatos de couro feitos sob medida no James & Sons, um sapateiro inglês. Isto deve demorar algum tempo.

O *Veuve Cliquot* era seco e caiu como um sonho. A luz do lustre de cristal de *Murano* atravessava o vidro da taça e refletia milhares pequenos arco íris. Bebendo um gole, o profissional observou o baile do arco íris contra a luz.

Era fácil, tão fácil, acostumar-se às coisas boas da vida... Roupas finas, móveis requintados, uma suíte luxuosa...

Foi um longo, longo caminho que percorreu desde que vivia no estacionamento de trailers esperando que o velho pai chegasse, bêbado, como na maioria das vezes. Tudo aquilo acabou para sempre. Não havia mais surras de cinto, nem professoras amáveis perguntando delicadamente o porquê do olho roxo e nem vales-refeições.

Não mais. Nunca mais.

*dnjsierhjkqarngdea,mfignñtrhklagfha,dmghñtkhrñ
fikropeqhggtjenras,nwkehtjmikofijeqqkklanrrikenake
ejrkhowrejfhpeqigtkrfqnrehtoqlakngfdla'ljtrkoeqjifkr
Decodificação 60%... 70%... 80%... 90%...
Decodificação completa.*

O computador voltou a emitir um som e, depois de alguns segundos o qual parecia estar pensando, a tela se encheu de letras.

Arquivo: 248

Testemunha do Programa de Amparo às Testemunhas: Sydney L. Davidson

Data e local de Nascimento: 27 de julho de 1956, Frederick, Virginia.

Último domicílio: 308 South Hampton Drive, Apt. 3B, Frederick, VA.

Caso: Químico do Sunshine Pharmaceuticals. Todos os principais executivos da empresa acusados de fornecer drogas artesanais¹³ aos amigos e parceiros de negócio. Davidson se ofereceu a comparecer perante o Estado em troca de uma redução ou omissão de sua sentença. Deverá prestar declaração contra os diretores em: 23 de novembro de 2005.

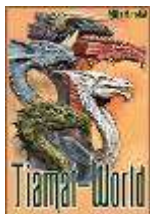
Data de ingresso no Programa de Amparo às testemunhas: 25 de agosto de 2004

Sydney Davidson, transladado como: Grant Patterson.

Área 248, Código 7gj668jx4r

¹² Veuve Cliquot: É a marca criadora do champanhe rosé.

¹³ Drogas artesanais: São drogas fabricadas em laboratório, exigindo para isso técnicas especiais, diferentes das naturais que são obtidas através de algumas plantas e minerais.



Domicílio atual: 90 Juniper Street, Eilis, Idaho.

O profissional perdeu o interesse imediatamente.

Ninguém disse que aquilo seria fácil.

Na verdade, aquilo estava tomando bastante o seu tempo. Tempo para pegar seu pote de caviar iraniano contrabandeado e para escutar o segundo ato de *Tosca*. O Veuve Cliquot estava já estava pela metade. *Tosca introduziu ruidosamente a faca no traiçoeiro peito de Scarpia* e a orquestra se intensificou enquanto o computador trabalhava. A espera estava ficando cansativa, mas, ainda assim havia um lado positivo, parecia que os tolos do Departamento de Justiça tinham realmente organizado o arquivo contendo os dados de Julia Devaux em ordem alfabética¹⁴. Desta forma, o caso de Julia Devaux deveria aparecer em breve. O profissional contemplou outra garrafa de champanhe que abriu. Alguns triunfos eram para ser saboreados com a mente desobstruída. O computador emitiu um som.

O profissional se esticou na cadeira e entrecerrou os olhos.

*dnjsierhjkqarngdea,mftgnñtrbklagfha, dmghñtkhrñ
fjkropeqghtjenras,nwkehtjmikofljeqgkianrrikenake
ejrkhowrejfhpqigtkrfqnrehtoqlakngfdla'ljtrkoeqjfkir
Decodificação 60%... 70%... 80%... 90%...
Decodificação completa.*

Arquivo: 248

Testemunha do Programa de Amparo às Testemunhas: Julia Devaux

Data e Local de Nascimento: 06 de março de 1977, Londres, Inglaterra.

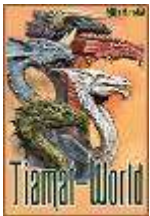
Vamos lá, vamos lá. O profissional se inclinou para frente com os olhos fixos na tela. “Tudo isso eu já sei. Diga-me algo que eu ainda não saiba.”

Último domicílio: 4677 Larchmont Street, Boston, MA.

Ah... A emoção da caçada não era nada em comparação com a emoção intelectual de saber que é o mais preparado que todos os outros.

Agora, o restante. O profissional aproveitou enquanto esperava, para escutar a música e afundar um pedaço de pão italiano no que restava do caviar. A tela se encheu de letras novamente.

¹⁴ A ordem alfabética citada refere-se ao sobrenome das testemunhas: ABT, Richard - DAVIDSON, Sydney L. - DEVAUX, Julia.



Caso: Homicídio, Joel Capruzzo, 30 de setembro de 2004.

Última direção conhecida: Hotel Sitwell, Boston, MA.

Causa da Morte: Hemorragia maciça causada por um tiro de arma do calibre 38 no lóbulo anterior esquerdo do cérebro.

Acusado: Dominic Santana.

Domicílio atual: Centro de Correccional de Warwick. Warwick, Massachussets.

Data de ingresso no Programa de Amparo às testemunhas: 03 de outubro de 2005

Julia Devaux, transladada como:

Sim, era isso.

O cursor parou de piscar, como se aguardasse pacientemente algum sinal das profundezas da máquina. *Tosca lutava com o policial e amaldiçoava o nome de Scarpia* enquanto lentamente, muito lentamente, as letras começaram a apagar-se, uma atrás da outra, até que a tela ficou vazia.

O profissional ficou sentado atônito. Estava claro o que tinha acontecido. Os arquivos tinham um tempo como uma bomba programada. Se um código não fosse inserido em um intervalo pré-determinado, — o profissional olhou o *Rolex Oyster* de ouro lembrança do primeiro pagamento à vista de seu primeiro trabalho — provavelmente a cada meia hora, os arquivos se autodestruiriam.

A taça de cristal se fez pedacinhos contra a parede que estava na frente dele e o champanhe se derramou pela parede como se fossem lágrimas efervescentes. O caviar seguiu o mesmo caminho e as ovas deixaram um rastro cinzento e gorduroso atrás delas.

Esteve tão perto. Tão fodidamente perto.

Após cinco minutos de caminhada para aplacar sua ira, o profissional se tranquilizou. Um mês de trabalho foi pelo ralo. O Departamento de Justiça trocava todos os códigos e isso poderia lhe custar outro mês até que conseguisse as informações.

“Respire fundo. Controle-se. Lembre-se que o controle é o que te tirou do estacionamento de trailers. O controle.”

Arquivo 248. A informação de Julia Devaux estava em um arquivo chamado 248. Ninguém dos que estavam querendo a cabeça da Julia Devaux, sabia tanto quanto ele. Levaria duas semanas no máximo para conseguir o código de três dígitos. E com S. T. Akers no caso, de qualquer maneira, Santana não iria a julgamento antes do próximo ano.

Ainda tinha tempo. Arquivo 248... Não era muito, mas pelo menos era algo.

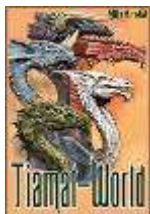
Ainda havia esperança, o profissional meditou enquanto *Tosca se jogava pelo precipício.*

Ainda havia esperança.

* * *

O caminho do colégio até a casa de Julia era curto.

O caminho para qualquer lugar em Simpson era curto. Na verdade Julia nem sequer precisava do velho Ford Fairlane verde limão que Davis havia arrumado para ela. Ele fazia muito



barulho, devorava gasolina e tinha idade suficiente para votar.

Sentia falta de seu Fiat novo.

Sentia falta de sua vida chique.

O que estaria acontecendo em Boston? Dora estava a algum tempo pensando em tornar-se autônoma, inclusive tinha sugerido que Julia fizesse o mesmo. Teria ela feito isso? Andrew e Paul, seus vizinhos gays, tinham brigado. Julia esperava que eles estivessem juntos quando... se... voltasse algum dia. Ninguém fazia lasanha como Paul e sempre podia contar com Andrew para acompanhá-la a qualquer evento de arte.

Alguém enviaria para eles um cartão postal de Halloween estranhamente alegre da Florida, recordando o baile do Halloween que os três foram ano anterior. Se soubessem... Julia sorriu pelo pensamento da imagem de Andrew e Paul indo a resgatá-la.

E Federico Fellini, o gato mais bonito e mais temperamental do mundo. Será que seus novos donos teriam percebido que ele gostava da carne partida ao meio para que ela esfriasse mais rápido?

Ela desejava que sua vida fosse um filme e que pudesse retroceder a um mês atrás e assim, decidiu não fazer seu safári fotográfico na selva da zona industrial do porto. Qualquer coisa teria sido melhor do que isso. Uma endodontia¹⁵, uma operação de coração aberto ou até finalmente ler o seu exemplar antigo e lacrado de *Guerra e Paz*, de capa a capa, inclusive as notas no rodapé.

Qualquer coisa teria sido muito melhor do que na verdade fez: Ir ao porto com o objetivo de obter fotografias realistas por que quando teve a ideia de fotografar cenas românticas, só conseguira desperdiçar um filme inteiro com asas de borboletas imprecisas e *flor de dente de leão* desfocada.

Bem, no final conseguiu obter sua dose de realismo.

Julia caminhou pela rua deserta, observando as vitrines das lojas à medida que avançava. Embora estivesse quase anoitecendo, ninguém tinha acendido ainda as luzes o que fazia com que o local parecesse um povoado fantasma. A rua era assustadora. O povo era assustador. Sua vida também era.

Tentou repassar a cena em sua cabeça como se fora um filme; um velho truque que usava quando tinha medo, estava sozinha ou deprimida. Naquele momento ela sentia tudo isso, então, parou de pensar para observar seu próprio filme.

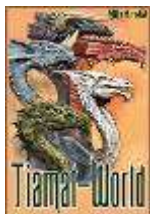
Um filme dos anos 40 — pensou. — Rodado em preto e branco. Isso. O céu cinzento filtra todas as cores. O cara malvado é... Ah! *Humphrey Bogart*. Ou talvez... *Jimmy Cagney*.

E eu sou a bela herdeira que investiga uma pista sobre a misteriosa morte do... do meu tio, aqui neste povoado fantasma... E a única pista que tenho é esta estátua de falcão... O detetive particular que contratei, é bonito e desconfiado...

Julia se distraiu com sua fantasia, que tirava de um montão de filmes clássicos, até que chegou a porta castigada pelo tempo da pequena casa de madeira a-frame¹⁶ que Herbert Davis

¹⁵ Endodontia: É uma das especialidades odontológicas que previne e cura as enfermidades na polpa dental.

¹⁶ A-Frame: É um estilo de telhado com lado-angular acentuado (teto), que geralmente começam perto da linha de base e se encontram no topo na forma da letra A.



encontrou para ela. Então, sua fantasia desapareceu. Nenhuma heroína de filme dos anos quarenta digna de chamar-se assim, teria uma casa que deixasse passar rajadas de vento gelado e cujo sistema de calefação estivesse sempre quebrado.

Julia viu-se obrigada a voltar de repente para a fria e dura realidade.

Subiu os degraus da varanda, que precisavam urgentemente de um conserto e enfiou a chave na fechadura. Parou ao ouvir alguns arranhões e suspirou profundamente. Ela passou dois dias tentando afugentar um cão de rua magro e sarnento que havia virado sua lata de lixo duas vezes naquela semana. E não adiantava gritar com ele, pois ele sempre voltava.

Não era à toa que ela preferia os gatos; eles tinham muita dignidade para se comportar como delinquentes juvenis.

Ela viu uma sombra poeirenta de um marrom amarelado em um canto da varanda.

— Xô! — Disse com aborrecimento; mas o cão não saiu correndo como normalmente fazia. Ela suspirou e decidiu entrar sem tentar atirar nada nele porque do jeito que sua sorte estava hoje, ela provavelmente erraria e acertaria no prefeito.

Virou a chave e ao entrar em casa ouviu um gemido baixo na varanda.

Um gemido.

Ela jogou o casaco sobre a cadeira e bateu com as mãos nos bolsos da saia tentando tirar o som da cabeça. Mas a criatura gemeu novamente.

Bem, não era da sua conta. Merda, ela nem sequer gostava de cães. Julia entrou na cozinha para fazer uma tranquilizadora xícara de chá, mas parou, fechando os olhos e batendo com o pé no chão.

“Estou louca” pensou virando-se para caminhar de volta para fora da casa.

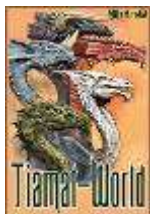
O cão estava encolhido em um canto da varanda. Julia aproximou-se cautelosamente. Ela não sabia merda nenhuma sobre cães. A única coisa que sabia era que esse animal podia ter uma doença horrível, chamada raiva ou algo assim, e que poderia saltar em seu pescoço com um rosnado. Tentou lembrar-se de tudo o que sabia a respeito da raiva e o pouco que sabia não era nada agradável. Tudo o que lembrava era que o tratamento era realmente dolorido, pois se baseava em injeções no estômago.

— Bom cãozinho — disse pouco convincente enquanto se aproximava da amarelada massa de pelo. Na penumbra, ela sequer era capaz de distinguir que parte era a cabeça e qual era a cauda. O cão resolveu sua dúvida levantando o focinho e golpeando a madeira do chão com a cauda.

Julia se aproximou um pouco mais, perguntando-se que tipo de vocabulário compreenderiam os cães. Federico Fellini seu gato, era um intelectual e com ele conversava sobre livros e filmes, desde que antes o tivesse alimentado com bastante comida; embora tivesse o pressentimento de que os cães preferiam falar de política e de futebol.

“Esta é uma má ideia Julia — disse para si. — Já não basta estar em Simpson, Idaho ameaçada de morte... Será que você tem também que tentar ajudar um cão raivoso e se arriscar a ser mordida por ele?” Virou-se para entrar.

O cão deu outro um gemido alto.



Merda.

Julia deu um passo para trás e se agachou para observar o animal sob a pouca luz que vinha da rua. Pelo menos o cão respirava e ela não teria que fazer respiração boca a boca nele. Não fora aprovada no curso de primeiros socorros.

O cão balançou a cauda fracamente contra o chão ao ver que Julia se aproximava com cautela para acariciá-lo. Sentiu algo úmido e retirou a mão, antes de dar-se conta de que o animal estava lambendo sua mão. O cão levantou o focinho para a mão dela e Julia podia jurar que ele enxergava sua alma. O pobre vira-lata parecia perdido e sozinho.

— Você também, hein? — Murmurou e suspirando, estalou os dedos para que entrasse.

O cão tremeu e tentou levantar-se, mas voltou a cair e gritou com força.

— Qual o problema? Está ferido?

Julia o acariciou gentilmente, tentando de não pensar em pulgas e carrapatos, e parou quando percebeu o movimento dele na pata dianteira direita.

— Está quebrada? — Perguntou ao cão; que se limitou a olhá-la e a mover a cauda. — Talvez esteja só torcida. Não sei. Se houver veterinário em Simpson... Enfim... — Respirou fundo e olhou para ele com cara feia. — Esta noite te deixo entrar só porque está frio e você está ferido. Mas amanhã te ponho para fora... Entendeu?

Voltou a sacudir a cauda e lambeu sua mão.

— Ok, estamos combinados então. — Julia agarrou ao cão nos braços e ficou um pouco surpresa ao perceber que ele pesava mais do que ela imaginava. Lembrou-se do acordo que tinha com o Federico sobre a comida. — Não vou te dar comida caseira; só um pouco de pão e leite. — O cão gemeu novamente quando cruzaram a soleira. Julia suspirou. — Está bem, se você se comportar bem, talvez te deixe comer os restos da minha salada de atum.

Colocou alguns cobertores velhos no chão em um canto da sala e deu um passo para trás. Era um cachorro grande e estava morrendo de fome. Dava para ver tão claramente as costelas através da pele dele que poderia contá-las se quisesse.

Julia foi para a cozinha, derramou um pouco de leite em uma vasilha plástica e colocou as sobras de sua salada de atum em um prato de plástico. Sabia que no dia seguinte passaria no supermercado para comprar comida para cães e perguntar por um veterinário.

“Você está louca Julia.” Voltou a dizer, enquanto deixava a comida na frente do cachorro. Mas alegrou-se ao ver que ele engolia a comida e bebia o leite com avidez, sem deixar de olhá-la com os olhos entreabertos.

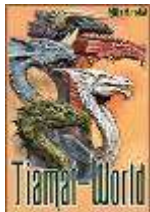
— Tem passado por maus momentos não é companheiro? — Julia perguntou suavemente.

O cão bocejou com força, mostrando a boca cheia de dentes amarelados, apoiou o focinho nas patas dianteiras e apagou como uma luz.

Julia sentiu inveja dele. Não tinha dormido bem uma única noite em quatro semanas. Era preciso algo mais que um cobertor e um pouco de salada de atum para consertar sua desastrosa vida.

Julia estremeceu. Falando em conserto...

Relutante, foi para a despensa, que não era mais que um armário pequeno na cozinha, onde



um cara com um estranho senso de humor havia instalado algo que deveria esquentar a água e em teoria, deveria esquentar a casa também. Mas a única coisa que o trambolho fazia era suavizar um pouco do frio que fazia na casa e proporcionar, depois de muitos gemidos e suspiros, um pouquinho de água morna.

Pelo menos tinha feito isso até aquela manhã, quando a água da ducha saiu gelada e ela percebeu um vazamento que havia na parede. Algo estava quebrado em algum lugar.

A parede era uma metáfora¹⁷ em sua vida.

O vazamento se espalhou a ponto de ter água no chão e se ouvir um alarmante borbulhar. Julia tinha certeza que os encanadores faziam algo além de observar e esfregar as mãos, mas o que?

A capinha tocou.

Ela deu uma última olhada ao emaranhado de tubos entrecruzados antes de dirigir-se à porta e a abri-la com um puxão.

Uma rajada de ar frio entrou e Julia estremeceu. A temperatura devia ter caído mais dez graus.

Sam Cooper estava na porta, alto, ameaçador e com uma espantosa expressão sombria no rosto. Seus olhos escuros brilhavam. Julia olhou para ele por um longo momento, antes de criar coragem suficiente para falar. A presença dele ali só podia significar uma coisa. E não era nada bom.

— Vai apresentar queixa contra mim? — Perguntou, levantando o queixo.

Sam piscou e algo, uma estranha e indecifrável expressão, atravessou seu rosto.

— Não. — Até sua voz era misteriosa, baixa e profunda.

— Ah. — Conseguiu livrar-se de parte da tensão. — Isso é bom.

— Vim aqui por que...

Ouviu-se um barulho forte e o som de água caindo no chão.

— Oh, não! — Julia suspirou e correu para a despensa. A água caía pela parede de onde estava o vazamento. Alguma coisa quebrou e começou a esguichar água com pedaços de reboco da parede.

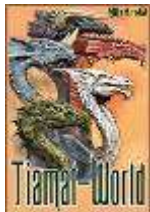
— Onde está a válvula da tubulação principal?

Julia virou-se para ouvir a voz profunda atrás dela e ficou olhando para Sam Cooper sem compreender. Sam suspirou, apalpou onde estava saindo a água até que encontrou algo e virou o pulso para a direita. Como se fora uma mágica, a água parou de jorrar.

Depois, ajoelhou-se e começou a arrancar partes do reboco da parede. Colocou as mãos no interior da parede até acabar de lado e com a cabeça lá dentro. Julia o ouviu grunhir antes de tirar a cabeça.

— Inglesa — disse.

¹⁷ Metáfora: É a figura de palavra em que um termo substitui outro em vista de uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo comparativo não está expresso, mas subentendido. Neste caso subentende-se que tem algo em sua vida quebrado (como na parede).



Julia o olhou sem entender. Do que ele estava falando? Inglesa?

— O que você disse? — perguntou sem entender.

Um ligeiro sorriso iluminou seu rosto sombrio.

— Preciso de uma chave inglesa. — Tirou as chaves do bolso dos jeans. — Pegue as chaves da minha caminhonete. Minha caixa de ferramentas está no assento dianteiro.

Julia agarrou as chaves que ele estendia e ao fazê-lo, roçou em sua mão. Era muito mais dura que qualquer outra mão que houvesse tocado. Dura, áspera e morna.

Ele hesitou por um momento com as chaves na mão, como se elas fossem uma espécie de talismã. Ela olhou para seu rosto fixamente, inspecionando as sombrias feições e os brilhantes olhos negros que a observavam. Não conseguia imaginar o que ele estava pensando. Abriu a boca para dizer algo, mas voltou a fechá-la e dirigiu-se à porta onde observou com desânimo através da janela, a neve que caía. Procurou e, de fato, encontrou a maltratada caminhonete estacionada lá fora.

Era negra.

E como não seria?

Saiu tremendo e em disparada até a caminhonete. Através da janela do passageiro, Julia viu a caixa de ferramentas de aço, dessas que os homens práticos costumam levar no carro. Abriu a porta com a terceira chave que testou e tirou a caixa de ferramentas. Ela pesava uma tonelada. Bufou e levou-a para dentro, onde se sacudiu da mistura de água e gelo.

— Aqui. — Se ele ia ser lacônico como *John Wayne*, por Deus que ela também seria.

Ele procurou na caixa de ferramentas perfeitamente ordenada e tirou uma ferramenta de aspecto espantoso a qual *Vlad o Empalador* ficaria orgulhoso.

— Isto. — Ao ver que ela o observava com perplexidade, suspirou: — Chave inglesa.

— Oh — Julia disse e sorriu.

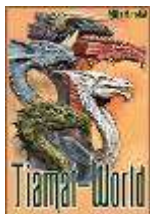
* * *

Se Cooper não estivesse no chão, aquele sorriso o teria derrubado. Fazia com que o rosto de Sally Anderson passasse de belo a deslumbrante. No espaço de uma hora a tinha visto aterrorizada, zangada, confusa, perplexa e agora, divertida; cada sentimento fora tão visível como se tivesse escrito em sua testa. Uma habilidade que faltava a ele. Melissa havia dito tantas vezes que o rosto dele era como uma pedra, que ele acreditava não ser capaz de mostrar nenhuma emoção por mais que tentasse.

O sorriso de Sally Anderson desapareceu e Cooper percebeu de que ficou olhando fixamente para ela. Tentou então sorrir e sentiu ranger suas desacostumadas bochechas; não conseguiu manter o sorriso por muito tempo, por isso voltou a se concentrar em consertar o encanamento.

Ainda teria muita coisa a fazer, pois parecia que ninguém havia trocado os canos daquela casa em quarenta anos. Os canos estavam enferrujados e as juntas pareciam estar a ponto de arrebentar.

Mas isso não era problema, pois, em sua caixa de ferramentas ele tinha de tudo. E como



sempre quebrava algo em *Double C* ele acabou tornando-se um perito em trabalhos manuais desde que voltou para tomar conta da fazenda.

Resolveu concentrar-se em seu trabalho para não ficar olhando a maravilhosa senhorita Sally Anderson. Ela era capaz de deixar qualquer homem nocauteado, inclusive em uma grande cidade e ali em Simpson, a presença dela era um fodido milagre, como uma rosa no inverno. Teve que reunir toda a sua concentração para não ficar olhando para ela.

Ela era uma beleza, uma linda pequena mulher. A pele de marfim cremosa de uma ruiva, olhos cor do céu sobre o *Double C* no verão e um sorriso que poderia fazer um homem ter um ataque cardíaco à 50 metros de distância.

Embora parecesse, ela não era ruiva. Ele nunca fora capaz de resistir às ruivas. Se o cabelo ao invés de marrom fosse vermelho, provavelmente ela já a teria agarrado, jogado sobre a cama e pulado em cima dela. Ainda assim, reconhecia que apesar de seus cabelos castanhos, estava tendo bastante dificuldade em resistir aos seus encantos.

Ela era aquele tipo de mulher que pega a luz e a devolve com o dobro de brilho. Era impossível não olhá-la quando estava por perto. Pelo menos, para Cooper parecia impossível... e por este motivo, estava tentando se concentrar nas tubulações enferrujadas e juntas quebradas. Se ele estivesse sozinho, provavelmente já teria parado o conserto e se dedicado a observá-la para sempre. Claro que provavelmente a teria assustado.

E havia outro motivo para não querer mover-se da posição em que estava no chão. Curvado e em direção à parede.

Ele tinha uma ereção.

Que sorte a dele! Seu pau havia escolhido aquele exato momento, entre todos, para despertar.

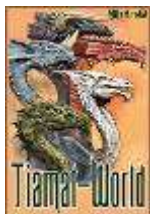
Desde que Melissa o deixou, há um ano, seu pau tinha sido basicamente um pedaço de carne morta entre suas pernas. E na maioria dos dias do ano anterior a esse também, enquanto seu casamento se desfazia lenta e dolorosamente.

Ele não tinha tido qualquer desejo sexual, nenhum, zero, rien¹⁸, há séculos. Era como se aquela parte de sua vida tivesse se desligado. Quase tinha se resignado a uma existência sem sexo e agora, ali estava seu pau, se erguendo de volta à vida, clamando o que lhe fora negado durante todo este tempo, exatamente no momento errado. Aquele, definitivamente, não era o melhor momento para uma ereção.

Ele nunca pensou que algum dia teria falta de apetite sexual. Sempre gostou muito do sexo e teve muitos em seus melhores tempos. Por isso a falta de apetite sexual o deixou completamente surpreso.

Ele sabia que em parte se devia ao exaustivo e mortal trabalho para colocar *Double C* em funcionamento depois da negligência de seu pai durante seus últimos anos de vida. Cooper trabalhava dezoito horas por dia; um trabalho físico duro e tão intenso como o que tinha realizado diariamente quando era um SEAL, embora sem desprender a adrenalina prévia dos combates.

¹⁸ Rien: Significa "nada" em francês.



Além disso, quando chegava à cama, caía em um sono tão profundo no instante que sua cabeça tocava o travesseiro, que poderia comparar-se ao coma.

Outra parte era devido ao inferno que viveu durante seu casamento com uma mulher de coração frio. Só em se lembrar disso, sentia-se doente. Seu casamento fora como viver um descarrilamento de um trem em câmara lenta.

No ano anterior colocou seu pau entre as pernas da Melissa tantas vezes quanto na boca de uma cascavel. Claro que com certeza teria sido muito melhor recebido pela cascavel.

Mas a parte mais importante era que na verdade, não existiam mulheres atraentes e solteiras Simpson. Ou em Rupert e Dead Horse. Fazia muito, muito tempo que não via uma mulher tão bonita como aquela. Se é que alguma vez viu alguma.

A verdade era que ele desejou Sally Anderson desde que a viu e agora não tinha ideia do que fazer. Tinha perdido completamente o jeito de lidar com as fêmeas. Com as humanas, pelo menos.

Se isso tivesse acontecido enquanto estava com os SEALs e ela fosse uma garota que ele encontrasse em algum bar próximo à base, ele a teria convidado para uma bebida sem ter que preocupar-se em persuadi-la, cortejá-la ou mesmo tentar qualquer conversa. A música nos bares era sempre muito alta e, de qualquer maneira, ninguém ia ali para conversar; iam procurar alguém com quem fazer um bom sexo. Durante seus anos nas forças armadas, o sexo não fora nenhum problema, especialmente no Colorado, onde existiam muitas fãs loucas pelos SEALs.

Então, Melissa colocou seus olhos nele e praticamente o arrastou ao altar sem que pudesse dizer algo a respeito. Para seu desgosto, ela acabou descobrindo que ser a esposa de um oficial não era tão divertido como pensou que seria. E ser a esposa de um fazendeiro não tinha nenhum tipo de encanto. Melissa não gostava de viver no campo e garantiu que Cooper se inteirasse muito bem disso, dia e noite.

No exército ensinaram todas as técnicas de evasão e fuga e ele tinha feito uso desse conhecimento, muitas vezes em seu casamento. Limitou-se a manter seu pau adormecido e, agora que ele voltava à vida, não havia nada em sua caixa de ferramentas que ele pudesse usar para ter aquela dama em sua cama.

Porque estava claro que Sally Anderson era uma dama. Uma espetacular dama muito bem educada e encantadora. E seu charme não conseguiria convencê-la à ir para cama com ele porque simplesmente não o tinha. Ele não era um homem de palavras bonitas ou movimentos suaves.

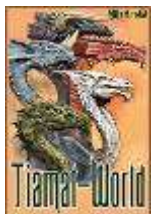
Talvez, ajeitando o encanamento, ele conseguisse algo com ela.

* * *

Enquanto Sam Cooper trabalhava em silêncio, Julia limpava toda aquela bagunça.

Em mais de uma vez ela teve que passar em torno de suas longas pernas, pois ele estava deitado no chão. “Bonitas pernas — pensou — muito, muito bonitas.” Embora depois se sentisse envergonhada por comer com os olhos as pernas do homem que a estava ajudando. Claro que elas seriam perfeitamente comestíveis.

Julia parou por um momento para examinar bem as pernas dele.



Eram longas e musculosas, com coxas excepcionalmente fortes. As calças apertadas que ele vestia marcava a linha do músculo da coxa, duro como o aço e sólido, que se inchava e aumentava com cada um de seus movimentos de uma forma que deixou Julia verdadeiramente fascinada. Não conseguia tirar os olhos daqueles músculos; nunca tinha visto uma força masculina tão de perto. Teve que cravar as unhas na palma da mão para evitar se aproximar e tocar toda aquela força masculina. Só por um segundo. Para ver como era.

Julia sempre tinha escolhido seus parceiros baseada em sua conversa e charme. E, claro, precisavam ser bons leitores e amantes dos filmes antigos; além de dar-se bem com o Federico, algo que não era fácil, pois o gato era muito melindroso quanto aos seus amigos.

A verdade era que os músculos das coxas nunca fizeram parte destas escolhas.

Nunca teria pensado que pudesse se excitar só observando a metade inferior de um homem da mesma forma que os homens se excitavam olhando seios siliconados. Ela não era assim; normalmente levava muito em consideração a conversa e valorizava a cultura e o charme. Estava horrorizada por se sentir atraída pelos atributos físicos de um homem. E que o estresse e o medo a tivesse transformado neste... neste tipo de pessoa.

Estava completamente segura de que o homem que estava consertando o encanamento naquele momento não era de muita conversa e também não era charmoso; mas aparentemente naquele momento, os músculos das coxas eram melhores que o charme a julgar pelas ondas de excitação que percorriam sua pele.

O medo e o estresse a estavam deixando louca. Era a única explicação possível.

Cooper se colou mais contra a parede, movendo a chave inglesa e, ao virar-se meio de lado, Julia viu perfeitamente bem que Sam Cooper tinha outra coisa enorme além das coxas.

Ou esse cara tinha uma ereção gigantesca ou estava no *Guinness Book*. — pensou Julia — E sentiu sua temperatura interior transformar-se em um fogo abrasador que começou à minar as forças de seus músculos.

Oh, Deus. O que estava acontecendo com ela? Suas pernas ficaram trêmulas e ela não conseguia tirar os olhos das calças de Sam Cooper, do jeans velho e desgastado na parte da virilha, que se estendia em contato com os músculos de suas coxas e seu...

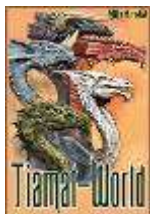
“Oh! Isso não é bom!”

Antes que os joelhos fraquejassem, Julia foi à cozinha esfregar gelo nos pulsos já que não tinha água. Então começou a se acalmar. Quando finalmente conseguiu se controlar, voltou para onde Cooper estava trabalhando.

Ele estava se afastando da parede e com um gigantesco “boom!” o aquecedor voltou a funcionar. Como no colégio, depois que ela jogou a abóbora na cabeça dele, Cooper ficou de pé com um único e ágil movimento. E baixou os olhos para olhá-la. Seu rosto, ameaçador e duro estava completamente inexpressivo. Ele levantou as mãos cheias de graxa e viu com espanto que tinha se cortado. Tinha dois dedos cobertos de sangue.

— Posso lavar minhas mãos? — Sua voz era profunda e rouca, como se não estivesse acostumado a falar com frequência.

— Claro que sim. Muito obrigada. — A casa já estava começando a se aquecer e Julia sentiu-



se enormemente agradecida. Ok, ele não falava muito e ela não podia deixar de pensar em suas coxas e no que havia entre elas, mas, ele havia arrumado a calefação e ela estava eternamente agradecida. — O banheiro fica na segunda porta à direita. As toalhas estão limpas.

Ele concordou com a cabeça e se virou. E ela, em um autocontrole que considerou heroico, não olhou o traseiro dele. Já tinha se distraído bastante com sua parte dianteira, então voltou para a cozinha.

Faria uma xícara de chá... Não, talvez os fazendeiros preferissem café. Estava enchendo a cafeteira quando ouviu que batiam em sua porta.

Aquilo começava a parecer-se com o *Grand Central Station*. No mês em que esteve ali, ninguém veio visitá-la. Mas naquela noite, sua casa estava parecendo um circo: Primeiro o cão, depois Cooper e agora alguém mais.

Julia abriu a porta e seu pior pesadelo apareceu entre a escuridão

Uma pistola. E apontava diretamente para sua cabeça.

Capítulo 3

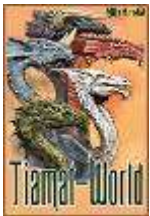
Julia gritou e seu coração quase saiu pela boca. Moveu freneticamente a mão com a intenção de procurar algo que pudesse usar como arma, embora soubesse que já era muito tarde. Loucamente, tentou de se proteger do disparo.

— *Gostosuras ou travessuras*. — As vozes das crianças vieram de algum ponto perto de seus joelhos e ela ficou gelada. Uma bruxa, uma loira de Harry Potter com falsos óculos redondos de plástico e um cowboy a olhavam assustados pelo seu grito. O pequeno cowboy deixou cair a pistola e a bruxa começou a chorar.

Eles não eram assassinos, eram as crianças da escola em busca de doces. A porta da entrada se fechou. E vagamente, como se estivesse a milhares de quilômetros de distância, Julia ouviu uma profunda voz masculina e os gritinhos animados das crianças na varanda. Em seguida, alguns minutos depois, a porta voltou a abrir e entrou uma gélida rajada de vento. Ela cambaleou para a sala e cravou com força as unhas no encosto do sofá estofado com flores escandalosas. Fingiu não perceber os fortes golpes que seu coração dava dentro do peito e tentou controlar o tremor das mãos. Por um momento, luzes coloridas dançavam diante de seus olhos e viu algo impreciso, como uma fotografia amarelada. Viu uma lágrima quente cair sobre suas mãos.

O terror, a solidão e o desespero formaram redemoinhos com força dentro de seu peito como facas que lutavam para sair e pelo caminho, iam fazendo migalhas do seu coração. Sentiu aparecer outra lágrima entre as pestanas e se deixou levar por outro soluço. Um calafrio a sacudiu. Justamente antes que os joelhos falhassem, sentiu que a obrigavam se virar e se encontrou abraçada contra um grande peito.

Para seu horror, Julia se viu sacudida por soluços curtos e constantes. Balançou e notou que a sustentavam. Uns braços musculosos a abraçavam com força e ela se deixou levar.



Fazia séculos que ninguém a abraçava e confortava. Na verdade, desde a morte de seus pais ninguém o tinha feito. E neste momento ela se encontrou chorando todos os seus medos, raiva e solidão com grandes e incontroláveis soluços que não conseguia reprimir, embora tivesse feito isso por toda a vida toda. Chorou, chorou e chorou plenamente consciente de que acabaria arrependendo-se depois. Depois. Agora não. Agora precisava desabafar tanto como precisava de ar para respirar.

Quando os soluços e choro chegaram ao final, apoiou-se esgotada, contra o peito de Cooper. Seu pulôver estava úmido da água dos canos oxidados e das lágrimas dela.

Respirou profundamente, consciente de repente da pessoa que a apoiava e abraçava. Uma mão enorme cobria sua cabeça e um braço forte segurava sua cintura firmemente contra ele.

E uma ereção. Uma ereção muito grande e, por mais surpreendente que pudesse parecer, continuava crescendo, pulsando e estendendo-se contra seu estômago. Ela podia sentir o calor de seu pênis através do jeans e de seu vestido, e se perguntou se ele poderia sentir o repentino calor que a abrasava por dentro.

Julia passou imediatamente do frio desespero para uma quente explosão de luxúria. Em um instante, tinha deixado de ser uma mulher aflita consolada por um desconhecido para ser uma mulher firmemente abraçada a um homem excitado. Isso era o suficiente para deixá-la louca.

Deveria se afastar. Aquilo era completamente inadequado. Ela não sabia nada sobre aquele homem, a não ser que ele não falava muito e sabia consertar encanamentos.

Bem, isso não era verdade.

Ela sabia que seu pau era grande.

Enorme.

Julia se afastou imediatamente e cambaleou para o horrível sofá, onde caiu fechando os olhos com força.

“Não posso lidar com isto” pensou. Com nada disso.

Ser o prêmio de uma caçada, estar exilada em Simpson, ser aterrorizada por crianças da escola com a brincadeira “gostosas ou travessuras” e desejar um homem excitado, que falava pouco e tinha umas coxas de enfartar uma mulher. Era demais.

Suas lágrimas secaram, mas ainda sentia uma pontada no peito.

Sentiu a presença de Cooper ao seu lado.

— Tome. — Ele colocou um copo meio cheio de algum líquido nas mãos de Julia que, agradecida, bebeu em um só gole e gritou ao sentir que queimava seu estômago.

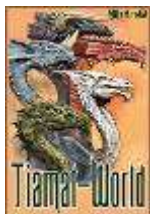
— O que era isso? — Suspirou, levantando os olhos para vê-lo. Seus olhos se encheram novamente de lágrimas, mas de forma diferente.

— Whisky — disse Cooper, retirando o copo de sua mão dormente. Todo seu corpo ficou insensível, exceto as partes que estavam quentes.

— Onde você conseguiu whisky? — Julia tossiu mais uma vez e levou uma das mãos ao estômago, onde havia uma bola de calor agora. — Eu não tenho whisky aqui.

— Mas eu sim.

— Na caixa de ferramentas? — Julia olhou espantada.



— Não. — Cooper torceu a boca e ela interpretou como um sinal de diversão na linguagem corporal do fazendeiro. — Na caminhonete. Para emergências.

Por um momento Julia ficou tentada à perguntar que tipo de emergências ele se referia, mas ao olhar aquele rosto anguloso e fechado resolveu não dizer nada.

Ah, claro! Nos filmes, sempre que os cowboys recebiam um tiro, derramavam whisky na ferida antes de tirar a bala com uma navalha, à luz de uma fogueira.

O whisky já estava subindo à sua cabeça; ou isso, ou a adrenalina estava desaparecendo de repente de seu corpo. Qualquer que fosse a causa, Julia estava completamente esgotada. Cooper sentou-se no outro sofá que estava ao lado da cadeira e fazia conjunto com o sofá que ela estava sentada. Apoiou as mãos sobre os joelhos e a observou atentamente.

Quem quer que tenha decorado a casa entendia de tapeçaria tanto quanto de encanamento: Nada. Os sofás eram cobertos por gigantescas rosas em tons vermelho e um tom de rosa inexplicável, pensou Julia. Quando Cooper sentou-se, com sua camisa negra e o cabelo escuro, pareceu absorver toda a luz como um eclipse solar. Seu sofá tinha um buraco negro com a forma de um homem e rodeado de um montão de flores de cores vivas.

O silêncio caiu sobre a sala, quebrado apenas pelo som do granizo batendo contra a janela. Julia odiava o silêncio e estava acostumada a tagarelar para preenchê-lo. Sempre havia algo para falar com alguém. Frequentemente esteve em lugares em que os temas sobre política e religião eram tabus, falar sobre o tempo sempre havia sido um terreno neutro perfeito.

Salvo na Arábia Saudita, onde assuntos sobre política e a religião eram completamente proibidos e onde não havia como falar sobre o tempo. Ali, estava acostumada a falar sobre filmes americanos. Todos na Arábia Saudita, dos condutores de camelo até os de mais alto cargo, tinham um aparelho de DVD e eram completamente viciados no cinema Hollywoodiense.

Mas naquele momento, não tinha a mais remota ideia do que falar com Sam Cooper. Ela o tinha atacado e ele impediu que ela morresse congelada, ela havia molhado o pulôver dele com suas lágrimas, tinha provocado uma ereção nele, e por sua vez, havia sentido um intenso desejo por ele e, mesmo assim, continuava sem saber sobre o que conversar.

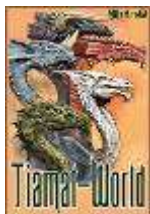
Não tinha força suficiente para mentir e a verdade era muito perigosa. Havia uma razão para que ela estivesse naquela confusão e se assustasse com qualquer mínima mudança; uma razão para estar com os nervos à flor da pele; uma razão para estar tão louca para sentir-se atraída por um homem que não conhecia. Mas não podia falar nada disso para ele, Davis tinha deixado muito claro: Sua vida dependia de que ninguém soubesse que ela estava no Programa de Amparo às Testemunhas.

Silêncio. Cooper a olhava com seu misterioso rosto inexpressivo. Ela não imaginava o que ele poderia estar pensando; mas não poderia ser nada de bom.

— Não posso falar sobre isso — ela falou quando o silêncio começou a ficar desconfortável. E ergueu o queixo.

Cooper concordou com a cabeça, como se isso fosse a coisa mais razoável do mundo e ela suspirou aliviada. Levou um susto ao sentir algo frio e úmido contra sua mão.

— Oh! — Julia se inclinou no encosto do sofá e observou os comovedores olhos castanhos.



Estava louca, provavelmente se devesse ao álcool e ao estresse, mas tinha a estranha sensação de que o cão compreendia perfeitamente bem o que estava se passando com ela. Ele olhou-a com adoração e lambeu sua mão. Não havia um só ser humano na face da terra que mostrasse a mesma gratidão por ter ganhado restos de uma salada de atum e um velho cobertor.

— Cuida dos animais com a mesma facilidade que de encanamento senhor... ehh... Cooper?

— Só Cooper, senhora.

Levantou-se do sofá com facilidade, algo que não era tão simples; Julia sabia que esse sofá tinha as molas quebradas. Ela mesma as tinha sentido e desejado em mais de uma ocasião consertá-lo. Se não estivesse tão descontrolada, o teria avisado de que estava sentando-se em um sofá devorador de pessoas. Mas Cooper se levantou com tanta facilidade que parecia que o sofá o tinha expulsado, o que só podia significar uma coisa: Ele tinha abdominais fantásticos combinando com os assombrosos músculos de suas coxas. “De fato — pensou Julia distraída ao ver que Cooper se inclinava sobre o cão — tudo nele é fantástico.”

Movia-se com uma graça incrivelmente ágil e poderosa. Os músculos bem definidos se destacavam através do pulôver negro. As mãos, que movia brandamente sobre o cão, eram grandes, com dedos largos e elegantes. Agachou-se para murmurar algo para o cão e Julia se viu novamente hipnotizada por suas coxas. Como podia alguém ter músculos como aqueles? Ele se dedicava à criação de cavalos, então provavelmente os montasse frequentemente.

Julia teve uma repentina e sensual visão de Cooper montando sobre ela e essas incríveis coxas flexionadas firmemente enquanto o...

Cooper levantou os olhos para olhá-la e Julia ficou vermelha de repente. Oh, Meu Deus, confiava que ele não pudesse ler sua mente.

Ele acariciava a cabeça do cão de rua com sua mão enorme e Julia aproveitou para concentrar-se em algo que não fossem as coxas dele. Ou o que era pior... O que havia entre elas.

— O cão não é meu... Faz dias que ronda por aqui, buscando comida em minha lata de lixo e sempre o mando embora. Esta tarde, quando cheguei em casa depois de... “atacar você com uma abóbora na cabeça...”.

Julia piscou e sentiu que voltava a ficar vermelha.

Cooper não pareceu reparar nisso. Suas enormes e maravilhosas mãos masculinas acariciavam o corpo inteiro do cão, detendo-se junto à pata dianteira direita.

— Também me dei conta disso, está quebrada? — Julia olhou por cima do encosto do sofá.

— Não.

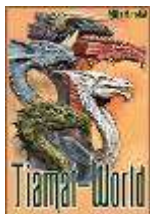
— Então?

— Torcida. E alguém esteve tratando-o muito mal. — Cooper emitiu uns sons com sua voz profunda e rouca para tranquilizar ao cão que fizeram com que Julia se acalmasse também, e voltou a levantar os olhos. — Ele tem um nome?

— Não. Já te disse... O encontrei esta tarde.

— Precisa de um nome. — Cooper acariciou brandamente o cabelo que havia entre as orelhas do animal.

— Ehh... — Aquele cão sarnento de pelo amarelado não tinha nada que ver com Federico



Fellini, seu elegante gato siamês. Ainda assim... O vira-lata tinha quatro patas, cabeça e cauda, como Federico. Resolveu levar isso em consideração. — Fred. O chamarei Fred.

— Olá, Fred. — Cooper deixou que o cão virasse para cheirar seus dedos. — Em alguns dias estará perfeito se não se apoiar sobre essa pata. A única coisa que você precisa no momento é de uma boa comida e um bom lugar para dormir. — Cooper fez um ruído com a boca e ficou de pé rapidamente. Julia esticou o pescoço para observar.

— Você já vai? — Sentiu-se inexplicavelmente invadida pelo pânico.

— Não. — Ele olhou para ela por um momento sem nenhuma expressão no rosto e Julia se encontrou desejando poder decifrar o que ele estaria pensando; embora provavelmente não fosse gostar. Estava convencida de que seus pensamentos deviam seguir a linha de “como sair educadamente da casa de uma louca”.

Ele abriu a porta e desapareceu. Já era noite e Julia vislumbrou a escuridão através da luz do poste, uma rajada de agulhas de granizo caía em vertical. E antes que o frio entrasse pela porta aberta ele já estava de volta com um kit de primeiros socorros na mão.

— Isso também veio da sua caminhonete mágica?

Mais uma vez, teve a impressão de ver um sorriso no rosto dele.

— Sim.

Cooper se ajoelhou junto a Fred e começou a murmurar novamente, com sons tranquilizadores e sem sentido. Julia ficou surpresa ao ver que o cão não protestava, nem sequer quando Cooper começou a examinar com cuidado a pata dianteira, para depois envolvê-la firmemente com uma atadura elástica. O cão tinha um arranhão profundo na coxa direita, mas não se moveu, embora gemesse enquanto era examinado. Cooper limpou a ferida, mas não a enfaixou.

Julia inclinou-se no encosto do sofá e observou Cooper com interesse. Ele trabalhava rápido, em silêncio e de maneira competente.

— O que você acha que aconteceu com ele?

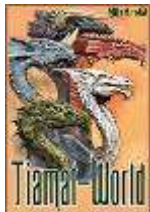
Cooper sentou-se sobre os calcanhares, esticando com isso os jeans. Julia se concentrou para não afastar o olhar do rosto dele; a repentina fascinação que provocava a parte inferior de seu corpo era esmagadora. Já estava bastante deprimida com sua situação e... se horrorizava ao pensar que estava se transformando naquele tipo de mulheres que sentia tesão por qualquer coisa e saíam pelos bares em busca de homens.

— O mais provável é que tenha sido um acidente de carro — disse. — Com duas opções, ou foi atropelado ou o jogaram para fora de um carro em movimento.

Julia suspirou com força, indignada.

— Jogado para fora? Você acredita mesmo que existe gente capaz de jogar um pobre animal de um carro em movimento? De propósito?

— Sim; e não seria a primeira vez que alguém pensa querer um animal de estimação e assim que se cansa dele, o abandona. Vê-se claramente que Fred é um cão de alguém. Ou o era. Tem bons músculos; provavelmente seja um bom caçador. — Cooper acariciou a cabeça de Fred e coçou atrás das orelhas. O cão moveu a cauda com energia.



— Se você está dizendo... — Julia olhou Fred com dúvidas. Se ele realmente tinha bons músculos, deveriam estar escondidos debaixo da sujeira do pelo. — Não sou muito fã de cães e não tenho nenhuma intenção em mantê-lo. Só fiquei com pena dele hoje. Cooper ficou em pé e colocou as mãos nos bolsos traseiros da calça.

— Talvez queira ficar com ele por um tempo. Pode lhe fazer companhia quando... — deteve-se de repente.

— Quando eu desmoronar? — perguntou Julia secamente. — Garanto-lhe senhor Cooper, que normalmente não faço isso. Não estou acostumada a chorar todas as tardes.

— Não quis dizer isso, senhora. — Passou o peso de uma bota para a outra com agilidade, e pareceu constrangido. — E meu nome é Cooper.

Julia inclinou a cabeça enquanto o examinava.

— Ninguém o chama por seu nome de batismo? Qual é? Sam?

— Sim. Mas quase todo mundo me chama de Coop.

— Mesmo quando era criança? Como sua mãe o chamava?

— Não sei. Ela morreu quando tinha três anos; mal me lembro dela.

— Como te chamavam no colégio?

— Coop.

— E sua esposa?

— A maioria das vezes me chamava de filho de puta, senhora. — Olhou-a fixamente com seus olhos escuros. — Especialmente antes de me abandonar.

Ok, com isso a conversa estava encerrada.

— Oh. Eu, ah... Sinto muito. Não queria me intrometer em sua vida, só que... — Julia afundou a cabeça e encolheu os ombros, envergonhada, antes de ver com curiosidade o papel que Cooper tirava do bolso dos jeans e a entregava.

Com surpresa, desdobrou-o e viu que era um dos bilhetes que tinha escrito aos pais de Rafael e havia colocado na lancheira dele. Pouco importava qual dos bilhetes fosse, pois todos diziam mais ou menos a mesma coisa:

Rafael está tendo sérios problemas no colégio e eu gostaria de poder conversar com vocês.

Olhou para o homem alto que estava em silêncio diante dela, em seguida voltou a olhar o bilhete.

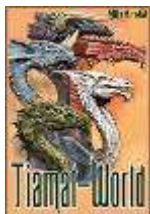
— Eu realmente não vejo... — Então, de repente, entendeu.

Obviamente, Sam Cooper era o pai do pequeno Rafael. Julia uniu os fatos e compreendeu tudo. A mulher de Cooper, a mesma que o chamava filho de puta quase sempre, devia tê-lo abandonado há pouco tempo e por isso Rafael estava tendo tantos problemas.

Não, isso não se encaixava.

O sobrenome de Rafael era Martínez e não Cooper, então não podia ser sua esposa... mas ele disse que sua mulher o tinha abandonado, então, talvez Rafael fosse filho de um casamento anterior dela (o filho da ex-mulher de Cooper). Estava tendo trabalho para compreender com aqueles penetrantes olhos negros fixos nela.

Como não conseguiu entender nada, Julia começou a falar.



— Olha, peço desculpas por ter me intrometido; acredite, normalmente não faço isso, mas Rafael está realmente tendo problemas no colégio. Esta manhã mesmo ele começou a chorar por que Missy...

— Amanhã — interrompeu Cooper. — Você pode ir?

Ela estava começando a se transformar uma especialista em decifrar o que ele dizia. Traduzindo para a linguagem dos humanos, Cooper estava perguntando se ela poderia ir à fazenda amanhã para conversar sobre os problemas de Rafael.

Fred enterrou o focinho na mão de Cooper, que acariciou seu lombo e, aparentemente, ele sabia perfeitamente onde o cão preferia que o acariciassem. Pelo visto Sam Cooper se comunicava mil vezes melhor com os animais do que com os seres humanos.

Julia não tinha grande coisa para fazer no dia seguinte, além de atormentar-se com sua situação atual e cuidar de Fred. Qualquer coisa era melhor que isso; inclusive falar sobre os problemas de um menino pequeno.

— Sim, claro — disse e Fred virou a cabeça para ela sem se afastar de Cooper. — Onde fica sua casa... Ehh... A fazenda?

— Dirija por cerca de oito quilômetros para o oeste pela velha estrada McMurphy, em direção a interestadual, gire à direita na intercessão e siga uns três quilômetros para o nordeste. Pegue a bifurcação à direita e siga uns trezentos metros...

Julia escutava com pânico crescendo; viu-se de repente virando para a direita onde devia ter ido para a esquerda e dirigindo pelas curvas intermináveis do extenso e deserto terreno até que ficasse sem gasolina e os lobos a comessem.

Seu rosto devia ser um autêntico retrato de pânico, pois Cooper parou de falar.

— Amanhã pela manhã estarei na cidade — ele disse e Julia acreditou tê-lo ouvido suspirar levemente. — Podemos nos encontrar no Carly's Diner por volta das dez?

— Carly's Diner — disse Julia totalmente aliviada e feliz de não ter que dirigir sozinha por aqueles lugares selvagens, solitários e infestados de lobos. Oito quilômetros ao oeste... Bifurcação para o sul... Trezentos metros... Ele parecia estar falando grego. — Dez horas. Estarei lá.

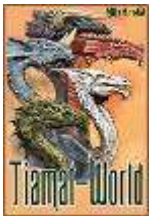
— Ótimo. — Inclinou a cabeça com gesto solene. — Obrigado.

— Não há de que — disse Julia suavemente. — É o mínimo que posso fazer depois de... — Moveu a mão desajeitadamente, lutando por evitar gesticular o momento em que tinha jogado a grande abóbora na cabeça dele.

Cooper já estava junto à porta aberta. Continuava nevando e a temperatura tinha caído. O bafo de sua respiração passava por cima de sua cabeça, o que o fazia parecer um pouco fantasmagórico. Suas fortes, características e marcadas feições pareciam esculpidas em pedra, como se ao invés de um ser humano, fosse uma estátua. Apenas seus olhos brilhavam.

Por alguma estranha razão, Julia se encontrou olhando fixamente nos profundos olhos dele. Já não tinha medo nenhum, por mais ameaçador que ele parecesse. Parecia tão distante, tão intocável... e ainda assim, comportou-se — com ela e com Fred — com total amabilidade. Essa amabilidade não se encaixava em um homem que poderia fazer seu filho tão infeliz.

Estavam tão perto e ele era tão alto, que seu pescoço começou a doer de tanto olhar para



cima. Fred não parava de mover a cabeça de um lado ao outro, olhando seus dois novos amigos.

Era como se ele a mantivesse sob algum tipo de feitiço. Quando Julia percebeu de que começava a inclinar-se para frente, como se os olhos de Cooper a chamasse, deu um passo para trás e tentou de pôr as ideias em ordem.

— Rafael — disse sem fôlego. Não conseguia afastar os olhos dos dele. — É um menino maravilhoso. Tenho certeza que, com um pouquinho de ajuda, as coisas se resolverão por si só.

Ele ficou no meio da porta e o precioso calor começou a escapar na noite gelada. Cooper virou e andou pela varanda desgastada. No segundo passo uma tábua solta rangeu. Ela ficou olhando enquanto ele se afastava pelo jardim. Na metade de caminho ele parou e virou.

— Senhorita Anderson...

— Sally — ela disse.

— Sally, o Rafael... — Cooper hesitou.

— Sim, Cooper? — Sua voz era suave na fria noite. — O que tem Rafael?

— Não é meu filho — disse Cooper. Virou, subiu em sua caminhonete e partiu na escura noite de neve.

* * *

Cooper poderia dirigir os 50 quilômetros de Simpson até *Double C* com os olhos vendados, algemado e usando só os dedos dos pés; o que era uma coisa danada de boa, porque a única coisa que via em sua frente, era o rosto de Sally Anderson; e tudo o que conseguia pensar era em sua ereção que estava lhe causando uma maldita dor.

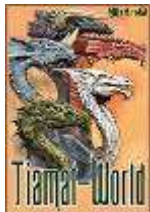
Ele continuava ereto. Cooper estava preocupado por seu pau ter se centrado em Sally Anderson e só desejasse a ela, a ela e mais ninguém, isso poderia significar que, levando em consideração a forma como se comportou, provavelmente não voltasse a fazer sexo novamente em sua vida. Ele fora incapaz de dizer mais de dez palavras e tinha esfregado seu pau contra ela quando a sustentou em seus braços, depois do susto que levou com a brincadeira das crianças.

Ela provavelmente estaria pensando que ele era algum tipo anormal que não falava direito com as mulheres, mas, se excitava esfregando-se nelas.

Ainda assim, não podia culpar seu pau por ter um gosto excelente. Havia algo em Sally Anderson. Algo na qualidade de sua pele pálida e tão luminosa que parecia brilhar como se tivesse luz própria. Ou talvez fosse os olhos azul turquesa, da cor do mar em Coronado ao anoitecer. Fosse o que fosse ele não conseguia afastar os olhos dela.

Quando sorria, aparecia uma covinha em sua bochecha esquerda e de repente, desejou ter arrancado outro sorriso dela, só para vê-la. Mas já não sabia fazer uma mulher sorrir, se é que alguma vez soube. Ele podia descer de rapel de um helicóptero suspenso no ar, mergulhar a sessenta metros de profundidade, disparar a uma distância de mil e oitocentos metros e domar um cavalo selvagem, mas fazer um mulher sorrir... Era algo completamente diferente.

Cooper sabia tudo o que precisava saber sobre treinamento militar e cavalos. Mas não tinha uma maldita ideia de como fazer para levar uma mulher bonita para cama.



* * *

“Ele não é meu filho”, naquela mesma noite em sua cama, Julia pensou nestas palavras enquanto relia pela terceira vez consecutiva o mesmo parágrafo.

Que diabos significava isso? Que Rafael era filho de sua esposa? Se fosse isso, “ele não é meu filho” parecia uma forma muito cruel e fria de falar do menino. E Sam Cooper não parecia cruel.

Ok, ele não era o tipo mais falante do mundo; embora Julia pressentisse que o motivo era por não ter habilidade para comunicar-se e não porque não fosse o suficientemente inteligente para fazê-lo. Tinha lido em algum lugar que os comandos, ou forças especiais, como eram chamados, precisavam ter uma inteligência superior à média, embora fosse muito provável que o encanto e a capacidade de tagarelar não estivessem entre as qualidades requeridas para o trabalho.

Era verdade que Sam Cooper parecia ameaçador, mas, por alguma razão, ela era incapaz de acreditar que ele pudesse ser cruel.

Deu uma olhada em Fred, que estava encolhido no velho cobertor em um canto da sala e a olhava com seus olhos castanhos. Cooper fora amável até com o vira-lata sarnento que ela havia adotado. Um homem que tratava com amabilidade os cães e mulheres abandonadas não poderia ser cruel com um pequeno menino tão encantador, poderia?

Claro que ela não poderia ter certeza. Já não tinha certeza de nada. No último mês, seu mundo inteiro virou de cabeça para baixo.

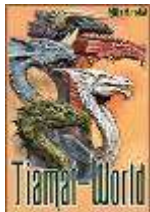
Levava uma vida perfeitamente normal e satisfatória até que... boom! Sua vida inteira tornou-se de repente uma daquelas canções de estilo sertanejo; uma daquelas cheias de lástima e choro. Julia começou a inventar algumas estrofes, marcando o ritmo com o pé debaixo do lençol.

“Perdi meu emprego, perdi minha casa e perdi meu carro...”, Fred levantou a cabeça de repente e começou a morder o ombro com raiva. “... E meu cachorro tem pulgas” concluiu com desânimo.

Para finalizar o assunto, pela primeira vez na vida foi incapaz de afugentar a tristeza com a leitura. Não dispunha do melhor remédio do mundo: Afogar-se em um bom livro. A única coisa que se podia ler em Simpson era o *The Rupert Pioneer* e algumas páginas de escândalos das fofocas semanais, disponíveis na mercearia de Loren Jensen. Dessa forma, Julia tinha que se contentar com os poucos livros que trouxe com ela.

Não teve mais que dez escassos minutos na livraria do aeroporto em uma das muitas escalas que fez para chegar à Boise; sendo assim, comprou rapidamente todos os livros que estava na primeira prateleira que encontrou. Para seu desgosto, o que rendeu de suas compras foram quatro livros que já havia lido, um livro sobre a história do comércio com o Japão no século XX, um dicionário espanhol-inglês e alguns romances que ela já havia lido várias vezes durante o mês.

Julia concentrou-se pela quinta vez no livro que estava lendo. Talvez por isso não conseguisse concentrar-se no mistério do assassinato. Desta vez estava lendo-o com seu olhar



crítico de editora. Teria sido um bom livro para uma boa editora. Teria sido um bom livro para ela. Ela era uma boa editora.

Antes.

Quem a teria substituído na Turner & Lowe? Na época em que pediu afastamento, um gigantesco conglomerado editorial alemão havia acabado de comprar a empresa. A poeira ainda não tinha baixado e já se falava de corte de pessoal; por isso não ficou surpresa quando aceitaram com tanto entusiasmo seu pedido de licença não remunerada por tempo indeterminado. Dora a teria substituído? Não, Dora tinha um bom olho editorial para os livros de não ficção. E os empresários sem rosto que ficavam do outro lado do Atlântico preferiam que seus editores trabalhassem em sua própria área de especialização, era economicamente lógico.

Talvez Donny tenha ficado com seu cargo. Donny Mouro trabalhou durante um tempo como seu assistente pessoal, e Julia tinha visto mais de uma vez um brilho invejoso em seu olhar. Se houvesse a mínima possibilidade, ficaria com seu cargo. Julia quase podia ouvir o descarado ajudante falando: “Que pena que Julia tivesse que partir justamente agora quando temos tanto trabalho. Será que ela não pensou nisso? Enfim, será um prazer substituí-la.”

Quem sabia o que encontraria quando voltasse?

Se voltasse.

Seus olhos se encheram de lágrimas, embora estivesse totalmente consciente que as lágrimas não mudariam sua situação. Nem um milímetro. Deveria saber. Naquele último mês tinha chorado mais do que em toda a sua vida. Chorou pelo seu medo e raiva pelo que estava acontecendo com ela. Mas seus problemas continuavam lá.

Julia esfregou os olhos e bocejou. Teve emoções suficientes por um dia. A ligação para Davis; o ataque com Dom Grande na cabeça de um SEAL, o encanamento de sua casa arrebatando e ameaçando inundar toda a casa, o terror que sentiu quando pensou que um dos homens de Santana a havia encontrado e a inconveniente onda de desejo por um ex-SEAL fazendeiro de poucas palavras. Tinha sido um dia mais que cheio. Fechou as pálpebras. Hora de dormir.

Estendeu a mão automaticamente para o despertador na mesinha de cabeceira, em seguida parou. Amanhã era sábado, então não precisava ajustar o alarme.

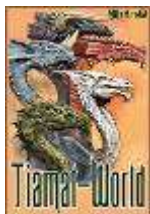
Além disso, já tinha tido bastantes sobressaltos.

Capítulo 4

— Quer outro café?

Julia levantou os olhos do *The Rupert Pioneer* para ver o rosto sorridente e ansioso da jovem e bonita garçonete da idade dela que segurava uma jarra de café.

Será que ela deveria beber mais café? Talvez não, considerando que o hospital mais próximo provavelmente ficava a vários quilômetros de distância. Afinal, o líquido que ela oferecia era quase mortal.



— Não, obrigado. Uma xícara é o suficiente para mim — disse sorrindo.

Julia tentava continuar com sua rotina normal na medida do possível, o que a fazia sentir que ainda possuía algum tipo de controle sobre sua vida. Uma de suas rotinas favoritas era uma boa xícara de café em sua lanchonete preferida depois do trabalho, de preferência com uma amiga ou duas. E aos sábados, tomar o café da manhã fora de casa, enquanto lia o jornal.

Em condições normais, agora estaria tomando um café no *The Bookworm* da *State Street*, com uma nova pilha de livros aos seus pés e fofocando tranquilamente sobre seus colegas de escritório com Jean e Dora, enquanto tomava um capuccino. Mas, ao invés disso, estava lendo *The Rupert Pioneer*, bebendo um lama quente em uma xícara lascada.

Mas enfim, gostasse ou não, esta era sua vida agora, se viu arrastada para a vida de Simpson quase contra sua vontade. O *The Pioneer* foi lido de cabo a rabo, incluindo a reportagem que falava com os mínimos detalhes sobre a derrota da equipe local no jogo de basquete semana passada e os obituários de pessoas as quais ela nunca havia ouvido falar em sua vida. “Uma verdadeira Devaux” pensou Julia com ironia.

Estava em seu sangue a qualidade de fazer, dos lugares mais inesperados, seu lar. Sua mãe era filha de um diplomata e seu pai garoto do exército¹⁹. O trabalho de seu pai os tinha obrigado a mudarem-se a cada dois ou três anos para um país diferente e Julia tinha aprendido a lição: Mude-se e aprenda a viver com o que tem.

E ali estava ela, em Simpson, contra sua vontade e ameaçada de morte, mas, gostasse ou não, aquele era seu lar agora.

— Tem certeza que não quer mais? — Voltou a perguntar a jovem garçonete ansiosamente. Julia podia ver por que a jovem parecia querer agradá-la; ela era a única cliente da lanchonete no momento.

— Não, de verdade. De qualquer forma, muito obrigada.

A jovem fez uma careta, deixou a jarra na velha mesa de fórmica rachada e sentou-se de frente para ela.

— Não te culpo por não querer mais, sinceramente — disse suspirando. — Está horrível, não é?

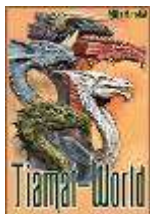
O sorriso de Julia desapareceu. Era absolutamente impossível dizer qualquer coisa agradável sobre o café, sem mentir descaradamente.

— Humm, bem... — disse tentando não ter que responder.

— Está tudo bem — disse a jovem alegremente. — Sei que meu café é horrível. Acho que é uma tradição familiar; o café de minha mãe também era horrível. Minha mãe era a Carly. A do *Carly's Diner*. — Sua expressão era franca e seus olhos de um azul pálido, “cor que Julia começava a chamar de azul de Simpson” brilhavam com interesse. Apoiou o queixo na mão e se inclinou para frente. — Você é Sally Anderson, não é? A nova professora do primário?

— Sim — disse Julia suspirando. Odiava mentir para uma mulher de rosto tão doce. —

¹⁹ Garoto do exército: Em inglês: Army brat = Como são chamados os filhos de militares em serviço que são criados dentro de uma base militar.



Mudei-me para cá faz um mês.

— Eu sei — respondeu, afastando uma mecha do brilhante cabelo cor caramelo. — Vi você por aqui algumas vezes. Queria ter me apresentado antes, mas... não sei... — Encolheu os ombros, envergonhada. — Acho que faz tanto tempo que não conheço alguém a qual tenha conhecido por toda a vida, que não sei como começar uma conversa. Como quase todo mundo por aqui. Às vezes penso que somos dinossauros extintos e não nos demos conta disso porque vivemos em um lugar afastado do mundo.

Essa parecia tanto com a ideia que Julia tinha de Simpson que ela se sentiu envergonhada.

— Bem... — Começou Julia. Já havia mentido tantas vezes a respeito do povoado que quase parecia verdade o que falava... — Eu acho que Simpson não é tão ruim, quero dizer, em comparação com outros lugares, eh...

— Alice — disse a jovem ansiosamente. Estendeu uma das mãos com tanta rapidez que quase jogou o café dela no chão. Julia agarrou a xícara de café com a mão esquerda enquanto com a direita apertava a de Alice. — Alice Pedersen. Prazer em conhecê-la. Não estou acostumada a ter oportunidade de conhecer pessoas novas, principalmente alguém de minha idade. Isto é ótimo, simplesmente fantástico. Estou realmente feliz por você ter vindo morar aqui. Você é casada?

Julia estava fazendo um esforço para dar outro gole no café e quase se engasgou.

— O que?

— Não deveria ter perguntado tão diretamente, certo? — disse Alice desanimada. —

Tinha me esquecido. Como disse antes, não estou acostumada a lidar com estranhos e, além disso, ultimamente passei muito tempo com meu irmão mais novo. Ele tem dezessete anos e dá bastante trabalho. Eu o amo. E ele ficou muito mal com a morte de mamãe, por isso o perdoo por ser às vezes tão chato. Ele não tem sido uma boa companhia, acredite em mim. Já foi casada alguma vez?

O rosto de Alice era como um livro aberto e Julia não conseguiu ver nada além de uma curiosidade amigável em seus azuis olhos. Ela abafou um suspiro.

— Não, Alice. Não sou e nunca fui casada. Não estou sequer comprometida. “E a última coisa que penso no momento é em um romance”, pensou. Uma imagem de Sam Cooper e suas fabulosas coxas atravessou sua cabeça. “Embora a luxúria pode-se dizer que sim”, corrigiu-se.

— Que estranho. — Alice piscou. — Como é possível? Você é fabulooosa. E parece... não sei... uma garota da cidade grande.

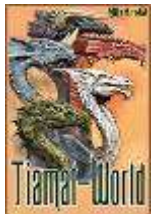
Julia deixou a xícara sobre a mesa.

— Ehh... Obrigada. — Tentou de mudar de assunto — Alice Pedersen. — Você tem algum parentesco com o xerife?

— Sim. É meu pai. Ouvi que você e o velho Coop participaram de uma boa comédia ontem. Ele ainda estava rindo quando chegou em casa. Devo-te uma por isso, de verdade, há muito tempo não ouço meu pai sorrir.

Julia rangeu os dentes.

— Bem, fico feliz em saber que proporcionei a ele algum divertimento; embora estivesse realmente assustada no momento.



— Com Coop? — Os olhos azuis da Alice se arregalaram. — Coop é o cara mais legal do mundo. O conheço desde que nasci e ele não mataria nem uma mosca. — Parou e pensou por alguns minutos. — Bom, pelo menos não a uma americana e muito menos a uma mulher sozinha. Nem mesmo quando Melissa... — Alice se interrompeu e levantou os olhos, sorrindo: — Olá, Coop — disse ela.

Julia virou a cabeça de repente para descobrir que, de fato, ali estava Sam Cooper, alto e grande como a própria vida. Ele ainda estava vestido de preto e continuava parecendo misterioso e ameaçador. Há quanto tempo estaria ali? Ela esperava que ele não pensasse que ela havia ido perguntar sobre ele, tentando conseguir mais informações.

— Alice — disse ele e em seguida acenou a cabeça para a Julia: — Sally.

Julia levou uma das mãos ao estômago; a voz de Sam Cooper era tão misteriosa e profunda que parecia ecoar em seu diafragma.

Ou era isso ou o café estava lhe fazendo mal.

Cooper estendeu a mão e apertou suavemente o ombro de Alice.

— Como vão as coisas, Alice? — Julia ficou surpresa de como sua voz pareceu suave. — Como vai a lanchonete? — Cooper sentou-se junto à Julia, que deslizou se afastando um pouco para perto da janela. Os ombros largos do fazendeiro ocupavam dois terços do banco.

As lágrimas brilharam nos olhos de Alice.

— Não sei Coop. Não consigo me entender com a lanchonete. — Levantou-se para pegar uma xícara e servir um pouco de café, enxugando os olhos disfarçadamente. Julia viu que a xícara de Coop também estava lascada, só que a dele estava do lado direito e a sua do esquerdo. “Que bonitinho, — pensou — nossas xícaras formam um par”.

Alice sentou-se novamente e deu um grande suspiro.

— Vivo me perguntando se estou fazendo a coisa certa. — Moveu uma das mãos pela lanchonete, rodeando as imundas e lúgubres paredes e o mostrador de fórmica rachado. Além deles três não havia ninguém mais na lanchonete. — Talvez devesse vendê-la, embora duvide muito que alguém a comprasse.

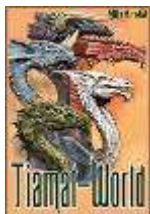
Cooper bebeu um gole de café e fez uma careta.

— Bem, pelo menos você mantém vivas as tradições. Carly fazia um café horrível e você também faz. É bom saber que algumas coisas não mudam; além disso, sua companhia continua sendo boa... Isso compensa o café. — Torceu a boca em um sorriso.

Julia ficou perplexa. Sam Cooper? Fazendo piada? E sorrindo? E, além disso, pensou distraidamente, tinha um sorriso encantador. Felizmente não o mostrava tão frequentemente. Seu sorriso suavizava seus traços duros e o fazia parecer muito mais humano, mais acessível. À luz do dia viu que seus olhos não eram negros como o azeviche²⁰, mas sim de um marrom muito escuro. Sorriu para ela também e Julia conteve o fôlego. “Oh-oh”, pensou.

Cooper se virou para Alice e Julia pôde voltar a respirar. Inspira. Expira. Inspira. Expira. Não

²⁰Azeviche: Variedade de carvão fóssil muito negra e luzidia.



era tão difícil quando se pegava o jeito.

— Como está Matt? — perguntou.

Alice olhou pela janela e mordeu o lábio.

— Não está bem, Coop — confessou. — Não está se concentrando nos estudos e tem respondido ao papai constantemente. Responde a mim também, mas comigo é diferente. Passa muito tempo em seu quarto, escutando rap e teclando no computador. Está começando a matar aulas. Ele está muito diferente.

— Dê a ele alguma responsabilidade.

— O que? — Ela virou a cabeça e ficou olhando para ele fixamente.

Cooper girou a xícara com as mãos.

— Dê a ele algumas tarefas aqui na lanchonete. E pague-lhe se for necessário, mas o mantenha ocupado e peça sua opinião de vez em quando. Envolve-o no que está fazendo.

— Oh, Coop — Alice lamentou. — Não sei o que estou fazendo. Ou no que estava pensando quando resolvi tocar o negócio. Como vou mantê-lo ocupado aqui? Você sabe como mamãe era popular. As pessoas apareciam para tomar uma xícara de café e comer um pedaço de bolo só para saudá-la. Mas agora ninguém passa por aqui. E como posso culpá-los? Quero dizer, basta que olhe este lugar. Alice moveu a mão e Julia e Cooper olharam ao seu redor obedientemente.

“Não era de se admirar que não houvesse uma viva alma no *Carly's Diner*”, pensou Julia. Apesar de ser o único lugar em um raio de quarenta quilômetros onde se podia tomar um café e comer algo. A pessoa precisava estar morta de fome ou completamente desesperada para se arriscar a comer algo ali, tendo em vista o café que faziam. Provavelmente seria melhor comprar uma barra de chocolate e algumas maçãs na mercearia dos Jensen. As paredes estavam sujas e a única decoração bastante fora de moda, era um retrato de família com uma versão mais jovem, feliz e magra do xerife, uma adorável mulher de meia idade e com o sorriso de Alice; uma Alice adolescente e um menino sem um dente na frente com rostinho doce.

No mostrador havia um bolo de maçã com aparência de passado, sob um prato de vidro salpicado de água. O cartaz que havia na parede oposta anunciava hambúrgueres a quatro dólares e um menu especial para montar um prato a doze dólares. Julia tremia só de pensar nisso.

O lugar inteiro implorava por um decorador e isso não a surpreendia. O povoado inteiro precisava um decorador.

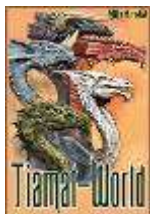
Algo precisava ser feito. E Julia fez o que qualquer mulher madura e compreensiva teria feito em seu lugar; inclinou-se e olhou em volta com gesto furtivo.

— Oh, não sei — ela riu com sua melhor imitação de Igor²¹. — Não é tão ruim assim. Um pouco de tinta, algumas almofadas... — ela riu novamente e esperou que rissem, mas não obteve mais que um grande e embaraçoso silêncio.

Alice a olhou como se ela estivesse completamente louca. Cooper a olhava como sempre, impassível.

— Isso é do *Jovem Frankenstein*, não é? — Ele perguntou finalmente e virou-se para Alice —

²¹ Igor: Personagem do filme *Jovem Frankenstein*.



Você é muito jovem para se lembrar. É um filme antigo de *Gene Wilder*. Virou-se para a Julia com um olhar de espanto — Mas você é muito jovem para se lembrar deste filme.

— Não — Julia respondeu suspirando. — Normalmente só vejo filmes que tenham pelo menos vinte anos. Sei que não vou perder meu tempo vendo-os, pois, se depois de vinte anos ele continua sendo considerado bom, é porque é realmente muito bom. Embora as roupas e os penteados pareçam um pouco engraçados. E você veja pessoas falando em celulares do tamanho de um tijolo.

Cooper estava olhando sua xícara e ela fez o mesmo, confiando em encontrar ali a resposta para os problemas de Alice. Mas na xícara não havia nada mais que um líquido turvo e nocivo. Cravou os olhos no fundo da xícara e de repente uma ideia apareceu.

— Chá. — Julia se surpreendeu ouvindo-se falar.

Alice levantou a cabeça.

— Chá?

— Chá — disse Julia com convencimento. — Você poderia oferecer chá aos clientes. Chá preto e... chá de ervas.

— Chá de ervas? — Alice parecia perdida.

— Sim. — Julia olhou para Cooper e viu que ele a olhava fixamente com seus olhos marrons. Era impossível saber o que ele pensava. — Muita gente bebe chá não é, Cooper? — Sentiu-se ousada e deu um golpezinho por debaixo da mesa no tornozelo dele com o pé.

— Claro. — O rosto de Cooper não transparecia nada, mas, novamente, a Julia teve a sensação de que ele sorria. Brevemente. — Bebem sim.

Estava mentindo, claro, mas Julia queria beijá-lo por isso. Esquentou-se pensando em beijar Cooper.

— Coop? Você está falando sério? — Alice não parecia muito convencida.

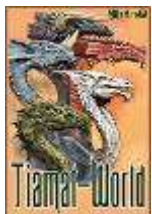
Cooper concordou com a cabeça e Alice deixou de franzir a testa. Estava claro que, para a Alice, o que Cooper dizia era sagrado.

— Vi que têm uma plantação de hortelã lá fora. — Julia de repente reviveu os calorosos dias do verão em Marrocos e o chá de hortelã fresca. — Deixe secar as folhas e faça um chá com elas. Pode fazer chás aromáticos praticamente de qualquer coisa... alecrim, rosa mosqueta²², verbena, sassafrás, salvia... A lista é interminável. E você pode acrescentar outros ingredientes como canela ou casca de limão ao chá preto. Tenho uma receita maravilhosa de chá de baunilha; você ficaria surpresa com o sabor.

— Espera. — Alice tirou um bloco de notas e um lápis do bolso do avental e começou a escrever como louca. — Canela, casca de limão, baunilha. — Balançou a cabeça. — Ei, quem sabe? Pode funcionar. Além disso, o que tenho a perder? — Viu que Cooper ficava em pé. — O que você acha Coop?

— Pode ser que funcione — respondeu, deixando umas moedas em cima da mesa. — Por

²² Chá de rosa mosqueta: É um poderoso antioxidante, ajuda a prevenir gripes e resfriados. Laxante leve, normalizador das funções do intestino.



que não experimenta? — E estendeu uma mão para ajudar Julia a se levantar. — Temos que ir — disse.

Alice olhou primeiro para Cooper boquiaberta, depois para Julia e novamente para Cooper. Seus pensamentos pareciam estar tatuados na testa.

— Oh — disse, com uma longa respiração. — Oh!

Julia estava quase a ponto de negar qualquer coisa que ela estivesse pensando, quando Cooper agarrou fortemente seu cotovelo e começou a caminhar em direção à porta. Julia só tinha duas opções: ou ia com ele, ou dava a ele seu braço de presente.

— Te passo as receitas depois — apressou-se em dizer para Alice por cima do ombro.

Então a porta se abriu e apareceu um adolescente. Tinha a parte inferior da cabeça rapada com máquina zero e a parte superior recolhida em um rabo de cavalo loiro na altura dos ombros. Usava um brinco em uma das orelhas, um piercing no nariz e outro na sobrancelha. Estava com uma surrada jaqueta jeans, sem nada por baixo apesar do frio gelado, calças jeans rasgadas nos joelhos e botas negras com suficientes pregos e tachinhas para arrumar um telhado inteiro de um estádio de futebol.

O jovem parou e observou Julia passar com Cooper.

— Ei, irmãzinha — disse o suficientemente alto como para que eles ouvissem — quem é essa beleza?

Julia fez uma careta. Matt Pedersen era uma autêntica dor de cabeça.

Do lado de fora, Julia sentiu um vento gelado. Parou no meio da rua deserta e se abraçou com força, esfregando os braços. O dia estava muito mais frio do que pensou ao acordar e a jaqueta que usava não era páreo para o vento. Sentiu-se perdida e morta de frio.

“O que estou fazendo aqui?”, perguntou-se de repente.

A ansiedade e a depressão a deixaram quase paralisada. Ali estava ela, prestes a ir a uma fazenda isolada com um homem que mal conhecia... “Mas o achava muito sexy... e havia ficado atraída por suas coxas.” Para conversar sobre os problemas emocionais de um menino, algo que ela nunca havia feito. E tudo isso com o estômago vazio. O que estava fazendo?

“Fugindo de um assassino, é isso o que estou fazendo”.

Julia voltou a tremer e quase morreu de susto quando alguém colocou um casaco pesado e quente sobre os ombros. Era a jaqueta de couro negra de Cooper que chegava até seus joelhos. Deixou a pasta que levava no chão e colocou as mãos nas mangas, saboreando por um momento o calor que ainda estava lá. Olhou para cima. Ele era muito, muito alto.

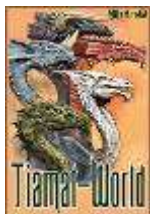
— Obrigada. — Tentou sorrir, mas seus dentes batiam. — Não pensei que fosse fazer tanto frio. Mas, e você? — Acenou desajeitadamente com a manga da jaqueta. Apenas mostrava as pontas dos seus dedos.

— Não me importo com o frio — falou. Provavelmente estivesse mentindo, mas Julia não pensava renunciar aquela jaqueta quentinha. — Onde está seu carro?

Julia ficou paralisada e tentou sufocar a onda de pânico que começava a sentir.

— Meu... meu carro?

Ele queria que ela o seguisse até a fazenda? Sua mente se viu invadida pelas lembranças de



sua acidentada viagem a Rupert. Nunca fora uma motorista muito boa e o mero pensamento de ficar atrás do volante e dirigir por aqueles lugares desertos a colocava de cabelos em pé, embora soubesse que ele iria dirigindo na frente.

Além disso, quando terminassem de falar sobre Rafael, teria que dirigir de volta para casa. Sozinha.

Claro que não podia demonstrar que ela se horrorizava com a ideia, pois ele a consideraria uma extraterrestre. Em Simpson, as crianças aprendiam a dirigir quase antes que a andar. Tampouco havia outra opção nesta terra enorme e deserta. Julia desejou mais uma vez voltar para a cidade. Para qualquer cidade. Com trens, metrô, ônibus, táxis e gente. E não estas intermináveis extensões de vazio.

Julia tentou sorrir e lambeu os lábios ressecados.

— Ehh... Deixei meu carro atrás da minha casa. Se me esperar um minuto vou buscá-lo... — Parou subitamente ao sentir que ele agarrava seu braço.

— Eu só queria saber onde estava — disse Cooper. — Tenho que voltar para a cidade depois — comentou, embora Julia tivesse certeza que ele estava mentindo, — então posso trazê-la de volta. — Abaixou-se para pegar a pasta que ela havia colocado no chão e começou a andar.

Julia ficou olhando por um momento antes de correr para alcançá-lo, cheia de alívio.

* * *

— Ehh, como está Rafael? — Julia perguntou muito mais para poder ouvir o som de uma voz humana do que para saber realmente a resposta.

— Bem — respondeu Cooper. Era a terceira palavra que ele dizia em vinte minutos. As outras duas tinham sido “sim” e “não”, como resposta a duas perguntas diretas. Julia se deu por vencida e ficou a contemplar a paisagem. Ou fazia isso, ou ficava olhando Cooper e para seu assombro, encontrou-se bastante inquieta enquanto o olhava, por isso tentou afastar os olhos dele.

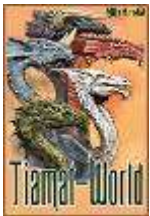
Ele era um excelente motorista.

Julia admirava realmente quem dirigia bem, principalmente porque ela era uma péssima motorista. Não importavam os esforços que fizesse para se concentrar, depois de cinco minutos, ela sempre encontrava algo muito mais interessante para pensar, e não tinha nada que ver com as luzes verde e vermelha dos semáforos. Mas Cooper estava concentrado e relaxado, passava as marchas como se tocasse um instrumento musical. “O Beethoven das Caminhonetes” pensou com ironia.

Ele não era de falar muito, mas era um verdadeiro ás no volante.

Não era normal Julia perceber se um cara dirigia bem ou não, ou que tivesse mãos fortes e pernas longas. Mesmo que ele fosse bonito. No entanto, ela estava totalmente consciente do homem alto, ameaçador e silencioso; sentado ao seu lado e, por mais que tentasse, não conseguia entender por que.

Certamente não era por que sua conversa era maravilhosa, o que normalmente a atraía nos



homens. No momento ela poderia jurar que tinha todos os hormônios sexuais em sua cabeça. Os três envolvimento que teve, começaram porque ela descobriu que compartilhava os mesmos gostos literários de um dos homens em questão ou porque tinha motivos interessantes para não fazê-lo; porque o homem era um conversador espirituoso ou porque a fazia rir.

Definitivamente, não porque suas mãos grandes, fortes e que tinham uma ligeira camada de pelos negros no dorso e que descansassem com facilidade e elegância no volante; nem porque os músculos de seu antebraço se movessem de maneira fascinante cada vez que ele mudava de marcha ou porque quando pisava na embreagem marcassem os músculos que iam do joelho até a virilha... Julia afastou a cabeça rapidamente e ficou olhando sem ver pela janela.

Decididamente, acontecia algo com ela. O estresse a estava deixando louca; ou isso, ou era o silêncio que a estava deixando assim. Não estava acostumada ao silêncio. Talvez se conversasse com ele rompesse o estranho feitiço que estava sobre ela.

— Ainda demora muito para chegarmos?

Cooper a olhou brevemente.

— Já chegamos.

Julia o olhou intensamente.

— Ah, chegamos? — Observou ao seu redor. Não via nada que já não estivesse vendo há meia hora: árvores, mato, árvores, mato e mais árvores.

— Faz uns dez minutos que estamos dentro de *Double C* — disse Cooper. É verdade, agora que ele mencionou, ela reparou as cercas perfeitamente ordenadas, paralelas à estrada e que, ao longe, faziam limite com uma cadeia de colinas. As cercas delimitavam um terreno exatamente igual ao que estava a meia hora atravessando. Julia era incapaz de ver a diferença entre a parte cercada e a parte sem cercas.

— Ei! — disse de repente apertando o nariz com emoção contra a janela da caminhonete. — Cavalos! — Virou-se para Cooper com imagens românticas rondando sua cabeça. — Será que são mustangs²³?

— Não — disse Cooper, reduzindo a marcha do veículo. — Eles são meus.

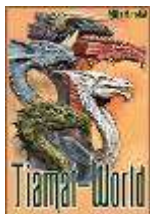
— Ah. — Julia observou os maravilhosos animais. Havia pelo menos quarenta deles trotando graciosamente em um prado e sentiu uma estranha pontada de decepção. — Suponho que os mustangs só existem nos filmes.

— Na verdade... — disse Cooper, entrando em uma enorme garagem, — eles existem, principalmente em Nevada e no Novo México. Chegamos.

Havia tanta coisa para ver e tudo isso era tão estranho para ela que Julia demorou alguns minutos em decidir o que pensava. A cerca agora era branca e rodeava algumas construções grandes e recém-pintadas, assim como áreas circulares cheias de areia. Julia tinha lido romances suficientes de *Dick Francis* para reconhecer os estábulos e os piquetes. Ou será que no Oeste se chamavam currais?

Havia dez ou doze homens trabalhando duro; alguns roçavam o chão, vários deles puxavam

²³ Mustangs: Raça de cavalo selvagem.



os cavalos com o que parecia rédea comprida e outros montavam os cavalos. Dava a impressão de ser um negócio próspero e movimentado.

Cooper diminuiu a velocidade da caminhonete ao se aproximar do que Julia a princípio pensou ser uma formação geológica. Até que voltou a olhar. Não conhecia nenhuma formação geológica retangular e feita de madeira.

— O que é isso? — perguntou, agitando a mão para a... coisa a qual estavam se aproximando.

— Minha casa. — Cooper virou e parou a caminhonete em um estacionamento tão grande quanto a casa. A casa deveria ter sido projetada pela NASA. Julia se perguntou se seria uma dessas construções que tinham um clima próprio.

— E quem construiu esta casa? — Afastou os olhos da gigantesca construção e olhou para Cooper. — Deus?

— Meu tataravô. — Rodeou a caminhonete e se aproximou para abrir a porta para ela, agarrou-a pelo cotovelo até que estivesse a salvo no chão de cimento do estacionamento.

Julia lhe sorriu.

— Deve ter desmatado uma floresta inteira para construí-la.

— O meu avô gostava de ter espaço suficiente para andar. — Seus olhos eram escuros e indecifráveis.

— Pode apostar que sim. Garanto que dá para se ver do espaço como *A Grande Muralha da China*.

Julia saiu do estacionamento por um segundo e olhou ao seu redor. De onde estava precisava mover a cabeça para abranger a casa inteira com os olhos, pois era maior que seu campo de visão.

— Menos mal que a construiu antes que a Agência de Proteção Ambiental fosse criada, porque o teriam detido por destruir um ecossistema inteiro. Para que ele precisava tanto espaço?

Cooper deu de ombros.

— Quando meu tataravô emigrou da Irlanda ainda menino e era muito pobre. Então, jurou que fundaria uma dinastia quando fizesse sua fortuna. Era o último de doze irmãos e queria ter doze filhos que, por sua vez, tivessem doze filhos cada um. E queria que todos eles vivessem sob o mesmo teto.

— Isso faria 144 pessoas da geração de seu avô — disse Julia, tentando fazer os cálculos mentalmente. — E da sua seriam, seriam...

— Vinte mil setecentos e trinta e seis.

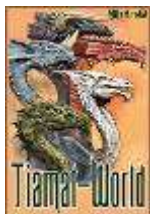
— Bom... — Julia observou a casa apreciando-a. — Talvez alguns de seus primos distantes tivessem que se alojar em um hotel. Menos mal que o controle de natalidade foi inventado antes disso. Então, quantos Coopers vivem aqui no momento?

— Só eu — disse Cooper.

— Só você?

Percebeu que ele abafou um suspiro.

— Sim.



— Nem sequer há um primo ou dois perdidos em algum lugar da casa?

— Não. — Cooper trocou o peso de um pé ao outro. Devia ser a linguagem corporal do povo de Simpson para expressar constrangimento. — Meu tataravô teve um único filho varão, meu bisavô teve um único filho varão, meu avô teve um único filho varão e meu pai...

— Espera — disse Julia. — Deixe-me adivinhar: Teve um só filho varão. Você.

— Bingo. — Colocou a mão no cotovelo dela. — Vamos.

Eles entraram por uma cozinha que era exatamente igual ao enorme salão de baile da versão de *Errol Flynn* de *Robin Hood*.

Era o exemplo perfeito do ditado “se tem algo a ser feito que valha a pena, então é melhor que seja feito em dobro”. Havia duas lareiras o suficientemente grandes para assar dois bois inteiros e dois fornos nos quais se podiam assar crianças inteiras. Uma mesa de cavalete grande o suficiente para se patinar sobre ela, atravessava a cozinha inteira. Julia mal teve tempo de reparar direito, pois Cooper voltou a agarrar o braço dela com força e parecia querer levar-lhe por toda a casa, por corredores intermináveis, mofados e escuros os quais viu várias salas grandes, mofadas e escuras. Depois de alguns quilômetros, Cooper parou por fim para abrir uma enorme porta de carvalho e colocou uma das mãos em suas costas.

Julia deu uma olhada à porta e entrou com passo hesitante sem saber muito bem o que haveria lá dentro.

Como o *Carly's Diner*, não seria nada mal ter alguns conselhos de um decorador de interiores para aquela casa. Os móveis eram gigantescos e escuros, e estavam arrumados contra as paredes, de forma que no centro ficava um espaço vazio sem nada. Talvez nas noites de verão Cooper realizasse algum show ali ou algo assim.

Quando os olhos de Julia se acostumaram à penumbra e ela sentiu-se relaxar.

Cooper era um leitor.

Nesse instante, ela perdoou todos os seus problemas de comunicação e suas coxas e braços que a faziam perder a sanidade.

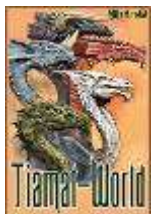
Cooper pertencia à sua tribo. A tribo dos leitores.

Havia livros por toda parte, em todas as superfícies disponíveis, inclusive alinhados nas estantes. Livros de verdade, para ler, não de decoração. As mãos de Julia coçavam de vontade de se aproximar para pegá-los e olhar suas capas, talvez inclusive, esfregar o rosto contra alguns para sentir seu cheiro. Tinha certeza que se fizesse isso, começaria a chorar e molharia todos os livros de Cooper, sendo assim, ficou quieta onde estava.

A única fonte de calor era o fogo aceso na enorme lareira, em volta dela estavam agrupadas algumas cadeiras maciças de carvalho. Julia distinguiu a silhueta de um homem e um menino pequeno. O homem tinha o cabelo escuro e estava vestido de negro, como Cooper. Julia perguntou-se se ela teria perdido a moda dos fazendeiros ninja.

— Senhorita Anderson! — Rafael pulou da cadeira e correu para ela. Levantou o rosto ansioso. — Por que está aqui, senhorita Anderson? Não fiz nada errado, não é?

— Não, querido — disse Julia suavemente despenteando seu cabelo. — Claro que não fez nada errado. Só vim te visitar e a dizer ao seu pai que você é um aluno muito bom. — Parte da



ansiedade de Rafael desapareceu, embora Julia ainda percebesse tensão em seu rosto.

Cooper voltou a pegá-la pelo braço e se aproximaram da lareira.

— Sally Anderson, permita-me te apresentar Bernaldo Martínez, pai de Rafael e meu capataz.

O homem, que não deu nenhum sinal de ter ouvido, continuou sentado na cadeira com a cabeça entre as mãos.

— Bernie... — A profunda voz de Cooper se transformou em um grunhido ameaçador.

Lentamente, Bernaldo Martínez levantou a cabeça e ficou em pé como se tivesse mil anos.

Julia estremeceu ao ver que seus olhos, estavam da cor dos muitos semáforos que ela avançou em suas desorientações ao volante. Ela se perguntou se doeria ver tudo através de olhos tão vermelhos.

Ele estava abatido e uma barba de vários dias aparecia em seu magro e atraente rosto. Não era uma típica barba cuidada e conseguida com a dedicação de uma lâmina de barbear, e sim uma autêntica barba de vários dias, daquelas que só se consegue não se barbeando durante vários dias. Provavelmente o mesmo número de dias que ele não teria dormido.

— Bernie... — O tom de voz de Cooper era mais baixo e ameaçador que antes, como se fora possível.

Martínez passou a mão pelos cabelos escuros e acenou com a cabeça para a Julia.

— Senhorita Anderson. — Tinha a voz rouca e áspera.

— Senhor Martínez. — Julia inclinou a cabeça.

— Hey, guri. — Cooper se agachou até ficar na altura de Rafael. Sua voz voltou a ser amável. — Estrela do Sul deu a luz ontem de noite. Por que não pede a Sandy que te leve para ver o potro?

— Um potro? — O rosto de Rafael se iluminou de alegria e a tensão desapareceu em um instante. — Yupiiiiiii! — Gritou, dando um murro no ar. Recordando suas maneiras, murmurou um rápido adeus em direção a Julia e saiu correndo pela porta.

Bernie Martínez virou devagar a cabeça para Cooper; era como se doesse o movimento que estava fazendo.

— O que foi? Uma potranca?

Cooper ficou em pé de novo e olhou fixamente para Martínez.

— Potro.

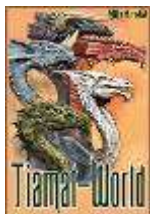
— Um potro — disse Martínez soltando uma amarga gargalhada, — Deveria ter imaginado; nem sequer as éguas querem estar aqui. *A Maldição dos Cooper* volta com carga total...

— Já chega Bernie. — A voz de Cooper era fria e profunda. Julia estremeceu; não gostaria que ele usasse esse tom de voz com ela. Manter-se-ia calada durante um século inteiro pelo menos.

Mas Martínez não pareceu muito impressionado.

— Aposto que se não tivéssemos mudado para cá, minha Carmelita não teria ido embora. Aposto que...

— Eu disse que basta! — A voz de Cooper estava mais profunda e fria. Aproximou-se de Martínez com as mãos apertadas em punhos. Martínez levantou o queixo de forma desafiante,



esperando Cooper acertá-lo.

Havia um cheiro almiscarado e pesado no ar. Julia se perguntou se seriam de todos aqueles livros ou da testosterona que aqueles dois homens estavam soltando. Precisava fazer alguma coisa e rápido. Martínez não parecia ser capaz de sobreviver à ressaca do dia seguinte, quanto mais a uma briga com Cooper. Julia voltou a olhar as enormes mãos de Cooper, que agora formavam dois punhos. Provavelmente poucos homens sobreviveriam a alguns socos de Cooper.

— Bem — disse Julia esfregando as mãos. — Bem, aqui estamos nós. — Nenhum dos dois mostrava nenhuma reação, então tentou sorrir mostrando alguns dentes.

Nada.

Ficaram ali, de pé, olhando um ao outro com a testa franzida e um olhar ameaçador como se Julia não existisse.

Deu-se por vencida. Talvez, se sentissem melhor depois de alguns socos.

— Ehh, Cooper? — Julia reprimiu o impulso de pegá-lo pela manga da camisa para que prestasse um pouco de atenção nela. Mas não foi necessário; aqueles escuros e ferozes olhos voltaram a focar nela. Julia estremeceu de novo, embora desta vez não fosse de medo. — Eu... — Julia lambeu os lábios ressecados — Deixei minha pasta na caminhonete e tem alguns trabalhos de Rafael lá que eu gostaria de mostrar para o senhor Martínez. Não... — Levantou uma das mãos ao ver que Cooper se movia para ela. — Vou buscá-la, só preciso que você me diga como faço para voltar para a cozinha. Ou me desenhe um mapa.

O tom de voz de Cooper voltou a ser amável.

— Ao sair, vire à direita e depois da sétima porta, vire à esquerda e siga pelo corredor até o final. Chegará à despensa e então à cozinha.

Julia estava tendo dificuldade de concentração com seu olhar penetrante. O campo de força havia recomeçado.

— Sete portas, esquerda, despensa, cozinha — disse. — Ok.

Virou-se e olhou pela porta com horror para o interminável e gigantesco corredor.

Talvez devesse deixar uma trilha de migalhas de pão.

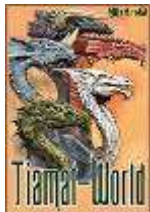
* * *

Assim que a porta se fechou atrás da Julia, Bernie caiu exausto sobre a cadeira e esfregou o rosto entre as mãos. Ficou olhando fixamente para o fogo durante um bom tempo, enquanto Cooper se limitava a observá-lo.

— Ela se foi, Coop — disse finalmente. — E para sempre.

— Sim — Cooper se sentia incomodado; aquele não era seu campo, não sabia como consolar um homem o qual sua esposa o havia enganado.

Bernie parecia estar passando por um inferno. Cooper sentiu uma pontada de pena por seu melhor amigo. A partida de Carmelita tinha deixado um vazio real na vida de Bernie. Por um momento, Cooper quase sentiu inveja da intensidade dos sentimentos de Bernie. Quando Melissa finalmente partiu, Cooper havia se sentido aliviado.



Bernie estava verdadeiramente ferido; embora isso não fosse desculpa para comportar-se como se comportou na presença de Sally Anderson.

— Ouça Bernie — disse Cooper. — Sei como está se sentindo, mas você tem que se recompor. Afinal, a senhorita Anderson...

— Esqueça isso — disse Bernie. — Você não tem a menor chance com ela. Acabará perdendo-a de qualquer maneira. Todas as mulheres que vem aqui acabam partindo. — Ele ergueu os avermelhados olhos para Cooper. — Você deveria ter me falado sobre a maldição, Coop. Como eu ia saber que nenhuma mulher fica muito tempo nas terras dos Cooper?

— Isso é apenas uma lenda estúpida. — Cooper apertou os dentes. — Surpreende-me que você tenha sequer pensado em considerar esta possibilidade.

— Considerar a possibilidade? Que lhe fodam, perdi a minha mulher por culpa disso! — Bernie gritou antes de fazer uma careta de dor e levantar a cabeça.

— Você não perdeu sua esposa porque estavam nas terras dos Cooper — disse Cooper razoavelmente. — Perdeu por que... por que... — Cooper parou. Não sabia por que Carmelita fora embora. Quem sabia por que as mulheres faziam essas coisas?

— Porque estávamos nas terras dos Cooper — concluiu Bernie.

— Claro que não, porra!

— Ok! Então porque Melissa foi embora? — A voz de Bernie era hostil. — Responda-me isso, então.

— Por que... por que...

— Porque vocês estavam morando aqui. — Bernie concordou com gesto de sabedoria, como se acabasse de resolver algum problema de matemática impossível.

— Não! Ela foi embora porque não queria continuar vivendo comigo! — Cooper levantou as mãos em desespero. — E isso é o suficiente. Não tem nada que ver com a fazenda.

— E por que sua mãe foi embora? — perguntou Bernie.

— Ela não foi embora. — Bernie estava ferido e Cooper perdoava o que estava dizendo. Mas tudo tinha um limite. — Minha mãe morreu Bernie.

— Dá no mesmo. — Bernie apertou a mandíbula com teimosia. — E sua bisavó? Não fugiu com uma cara da máquina de costura Singer? E sua avó? Teve um filho e foi embora.

— Bernie... — grunhiu Cooper.

— E as éguas que trazem para nossos cavalos cobri-las? Hein? O que me diz disso? Tem uma proporção de 70 cavalos para 30 éguas. É algo estatisticamente impossível.

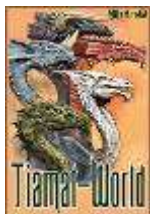
— Coincidência.

— Coincidência? Ok, então o que você me diz da cadela collie que teve seis cachorrinhos, todos eles machos? O que me diz? Isso também foi coincidência? Não é de se admirar que Carmelita e Melissa tenham ido embora. Este lugar é um veneno para as mulheres.

“Especialmente para as putas” pensou Cooper, mas preferiu permanecer em silêncio.

Bernie passou as mãos pelo áspero cabelo negro.

— Eu deveria ter ido procurar trabalho em um banco ou em uma loja; assim continuaríamos a ser uma família e eu não estaria nesta complicação. — Deixou cair à cabeça. — E Rafael



tampouco.

— Bernie — disse Cooper pacientemente, — você não poderia conseguir um trabalho em um banco ou em uma loja porque não tem formação necessária para estes empregos. Você foi feito para trabalhar com animais. É o que sabe fazer e o que faz muito bem. Quando não está enlouquecido.

— Claro que estou ficando louco — gritou Bernie. — Acabo de perder a minha esposa por causa da sua fodida maldição!

— Cala esta porra desta boca! — Gritou Cooper de volta. Sally Anderson provavelmente tinha sido a única mulher e com certeza, a única mulher atraente em um raio de duzentos quilômetros que nunca tinha ouvido falar da *Maldição dos Cooper* e sem dúvida alguma, Cooper queria que continuasse sem saber. — A senhorita Anderson estará de volta a qualquer momento, arranjou um espaço em sua ocupada agenda conversar com você sobre seu filho, sendo assim você vai se arrumar de uma puta vez e vai se comportar como uma pessoa normal com ela.

Cooper não sabia se Sally Anderson tinha uma agenda ocupada ou não; a maioria das pessoas de Simpson não tinha muitas coisas que fazer, mas Bernie não precisava saber disso.

Bernie tentou concentrar-se em Cooper, mas sua cabeça dava voltas. Quando por fim conseguiu vê-lo, seus olhos vermelhos brilhavam.

— Me obrigue — grunhiu.

Bernie estava pedindo uma briga urgentemente, mas a última coisa que Cooper queria era que Sally Anderson voltasse e os encontrasse brigando.

— Deixe de falar merda, Bernie.

— Não. — Bernie ficou em pé, balançou-se e ficou em guarda em uma postura bastante ridícula, pois mal podia manter-se em pé.

— Então foda-se! — Cooper levantou os olhos para o céu. — Nós dois sabemos que você não pode me enfrentar em uma luta corpo a corpo. Eu sou treinado e você não. Sou mais alto que você quinze centímetros e peso dezoito quilos a mais, portanto vamos acabar com isso agora.

Bernie começou a fazer círculos lentamente ao redor dele.

— Me obrigue.

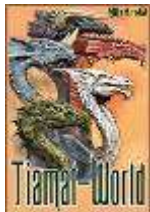
— Bernie — disse Cooper com os dentes apertados. — Você está de ressaca. Provavelmente ainda esteja vendo tudo dobrado. Eu não vou brigar com você e pronto. Acabaria contigo num piscar de olhos, seria tão fácil como *um vento quebra a mula*.

Cooper esperava que Bernie sorrisse ao ouvir um dos velhos ditados de seu pai, mas Bernie apenas apertou a mandíbula e balançou violentamente.

Cooper se esquivou do golpe sem se mover do lugar. Aquilo ia ser pior do que pensava. Bernie voltou a se mover, tão devagar que Cooper poderia ter terminado de ler a *Biografia de Eisenhower* e ainda teria bastante tempo para segurar o punho de Bernie. Cooper deixou que Bernie se livrasse de sua mão e disse:

— Não seja bobo, Bernie, você não pode me derrubar e sabe disso.

— Ah, é? — Bernie respirava com dificuldade. Tentou dar uma rasteira em Cooper, mas não funcionou. Cooper acabou recebendo um forte chute na canela.



— Porra, Bernie! Isso doeu, caralho!

Bernie mostrou os dentes.

— Esse era o plano. — Agachou-se e começou a rodear Cooper, que recuou.

— Bernie, se você não parar com esta merda agora... — Bernie investiu. Cooper se moveu, e Bernie golpeou primeiro os punhos e depois a cabeça contra a lareira de pedra maciça. Cooper fez um gesto de dor ao ouvir o golpe. Bernie se virou; sangrava por uma ferida que fez na sobrelanceira, mas levantou os punhos. Os nódulos de uma das mãos sangravam também. Cooper suspirou e finalmente levantou seus punhos.

A porta se abriu.

Sally Anderson parou na soleira, com os olhos totalmente abertos e a pasta na mão. Os dois homens, um sangrando e o outro seriamente zangado, olharam para ela com a expressão carrancuda.

— Suponho que isso seja uma estúpida infantilidade, não? — perguntou.

Capítulo 5

— Ai! — Bernaldo Martínez tentou afastar o rosto.

— Não seja covarde. — Julia o agarrou pelo queixo e o obrigou a virar a cabeça para trás para continuar limpando o corte na sobrelanceira. Já estava quase parando de sangrar. — Pensei que os fazendeiros eram uns caras durões.

— Não sou um fazendeiro — se queixou enquanto Julia terminava de limpar a ferida. — Não sou mais que um pobre *mestiço* da vizinhança que fez alguns cursos sobre criação de animais porque davam créditos para a universidade. — Mas estava sorrindo sentado na enorme mesa da cozinha deixando que Julia o curasse. Cooper estava sorrindo também... Pelo menos parecia que sim.

“Homens!”, pensou Julia desesperadamente. Há quinze minutos atrás estavam tentando da melhor maneira possível se matar, iguaizinhos a qualquer aluno seu mais indisciplinado de sete anos, e agora, olhe para eles.

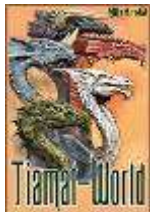
Julia pegou a mão de Martínez e examinou os dedos. Encontrou-se com os olhos escuros de Cooper.

— Quando foi a última vez que limparam aquela sala?

— Está limpa. — Cooper franziu a testa, ofendido. — Meus homens fazem turnos para limpar escrupulosamente tudo. Limpam os estábulos e depois a casa. Esse arranhão de Bernie não vai infectar, eu garanto isso. E, de qualquer forma, ele é imune a tudo, inclusive ao bom senso.

— Se você está dizendo. — Julia observou os cortes sem estar muito convencida. — Mesmo assim, ficaria mais tranquila se o desinfetasse. Seu kit de primeiros socorros continua na caminhonete?

Cooper apertou os lábios.



— É melhor que você passe uma pomada com antibiótico que usamos para os cavalos, está em uma vasilha na geladeira.

Julia ficou olhando para Cooper por um momento, sem saber se ele estava brincando ou não, ela não sabia se ele era capaz de fazer piada, mesmo assim se dirigiu para a gigantesca geladeira industrial, abriu as enormes portas de aço e ficou olhando o que havia dentro.

Tinha amigas em Boston que moravam em apartamentos menores que o interior daquela geladeira.

— Quem cozinha aqui? — perguntou lhes olhando por cima do ombro. — *Paul Bunyan?*

— Os homens fazem...

— Turnos, ok. — Julia voltou a concentrar-se na geladeira e examinou o que havia dentro. — Onde está a pomada para cavalos?

— Em uma vasilha.

— Tem duas vasilhas aqui, Cooper.

— Na verde.

Julia deu uma olhada na vermelha e arregalou os olhos.

— E o que há na vermelha?

Cooper deu de ombros.

— Talvez comida?

— Nem de brincadeira — disse Julia com firmeza. Retirou-se da geladeira com a vasilha verde na mão e fechou a pesada porta com o quadril, pensando que deveriam pôr um adesivo de perigo biológico na porta. — Aquilo não pode ser comida, de jeito nenhum. Uma forma de vida mutante, talvez, ou um experimento estragado; mas decididamente não era comida. — Respirou fundo e tossiu. Das duas uma, ou o que havia na vasilha verde curava o pai de Rafael, ou o matava.

— Espero que esteja preparado para isto, senhor Martínez.

— Bernie.

— Ok, Bernie. É hora de separar os homens das crianças. Preparado ou não, aqui vai. — Cobriu-lhe a sobrelha e os dedos com a pestilenta pomada. — Não posso acreditar que vocês estavam se golpeando de verdade. Como meninos de sete anos. Ninguém ensinou a vocês que para resolver as coisas não é preciso usar a violência? É um comportamento completamente inaceitável para dois adultos. — Julia estava se esquentando com esse assunto. O uso da violência era um assunto que a afetava especialmente naquela ocasião. Levantou a voz: — A violência é para os bárbaros. Que diabos pretendiam conseguir? Deveriam se envergonhar.

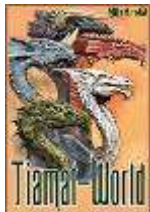
— Sim, senhora — Os dois homens responderam juntos.

Julia começou a rir ao dar-se conta de que tinha levantado o dedo em tom desafiante, como fazia com suas crianças do primário quando se zangava com elas.

— Parece-me que isso soou muito como uma professora de primário, não é? Falando nisso...

— Julia tentou não pensar no pouquíssimo preparada que estava para dizer o que precisava dizer:

— Ehh, falando nisso, senhor... Bernie, eu trouxe alguns dos trabalhos de Rafael que gostaria de te mostrar. Ele é um aluno excepcional, de verdade, sempre tirou muito boas notas, mas nestas duas últimas semanas seu desempenho não foi o mesmo. Está desatento na sala de aula e



sinceramente, peguei-o chorando mais de uma vez.

Bernie suspirou.

— Tem razão, senhorita Anderson...

— Sally — disse Julia, odiando o nome com todas suas forças. Embora na verdade, agora que pensava nisso, uma Sally Anderson qualquer provavelmente se encontrasse tão tranquila em uma fazenda isolada do mundo, cuidando dos ferimentos de um capataz ferido. Julia Devaux não poderia fazê-lo.

— Ok, Sally. A história é a seguinte: Minha esposa e eu estamos... estávamos... — Bernie começou a respirar pesadamente. — Não... Nós... — Bernie parou, incapaz de prosseguir.

— Ela foi embora? — Sugeriu Julia suavemente.

Bernie concordou com pesar.

— Imaginei isso. E Rafael está sofrendo muito, não é?

Bernie voltou a concordar e Julia sentiu seu coração partir ao vê-lo assim.

Não tinha qualquer experiência pessoal com o divórcio, mas imaginava que devia ser muito doloroso.

Virou-se para olhar Cooper. Sua mulher também o havia abandonado. Teria sofrido dessa forma? Não parecia; parecia não ter muitos sentimentos. Seu rosto anguloso e duro poderia ser esculpido em pedra, pois o único sinal de vida eram os olhos escuros e brilhantes; e mesmo assim Julia pedia a Deus para ajudá-la a afastar os olhos de seu rosto.

— Bernie — Julia voltou a olhar o pai de seu aluno que era precisamente a quem precisava olhar e não a um fazendeiro com uma notável semelhança com uma pedra. — Acho que alguém deveria supervisionar os deveres de Rafael, talvez, alguém que pudesse passar algumas tardes com ele, para ter certeza de que ele voltou a fazer os deveres de casa e volte a assumir a prática disso. Não acho que seja muito difícil, ele é um menino brilhante.

Bernie levantou os olhos confuso e de repente seu rosto se iluminou.

— Tem razão — exclamou. Estendeu a mão e balançou a de Julia agradecido. — Tem toda a razão.

Ficou balançando a mão de Julia com entusiasmo até que viu a testa franzida de Cooper e soltou sua mão.

— Como não pensei nisso antes? É uma ideia maravilhosa. Obrigado, Sally. Muitíssimo obrigado.

— Oh, não... — Julia disse com consternação. — Não quis dizer que...

— É justamente o que Rafael precisa. — Bernie passou a mão pelo cabelo despenteado e soltou um suspiro de alívio. — Um tutor.

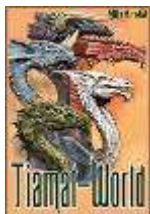
— Professora particular — corrigiu sem pensar.

— Professora particular. Isso! Ótima, ótima ideia!

— Não, na verdade... — Começou a dizer Julia.

— Um toque feminino — ponderou Bernie. — Suavidade, amabilidade e disciplina. É claro! Mão de ferro em um punho de veludo...

— Luva de veludo — disse Julia.



— Isso — Concordou Bernie. É isso o que Rafael precisa.

— Ehh, Bernie, eu realmente não acho que...

— Alguém que se importe. De fato... — Bernie fez uma careta — Carmelita não era muito boa nisso. Ninguém teria dado a ela o prêmio de Melhor Mãe do Ano, garanto. Mas você, Sally, é justamente o que Rafael precisa. Ele te adora. Está sempre falando de você; “a senhorita Anderson isto”, “a senhorita Anderson aquilo”.

— Escute...

Bernie olhou Julia com gratidão.

— Não posso expressar o quanto isso significa para mim e para Rafael, claro...

— Olha Bernie...

— Você é um anjo — disse simplesmente. — Obrigado.

— Tudo bem. — Julia levantou as mãos e sacudindo a cabeça deu-se por vencida. — Se é isso o que você quer...

Pensando bem, não era uma má ideia. O que ela fazia todas as tardes além de quase enlouquecer? Melhor assim, teria menos tempo para pensar em seus problemas.

Bernie levou a mão ao bolso traseiro da calça.

— Bem, quanto quer pelas aulas?

— Não quero dinheiro. — Julia entrecerrou os olhos levou um dedo aos lábios, pensando. Virou-se para Cooper: — Como Rafael lida com os animais?

— Muito bem — respondeu Cooper. — Quer ser veterinário quando crescer.

— Pois bem. — Julia virou-se para Bernie. Esse é o meu preço. Quero que Rafael me ajude a limpar o meu cão, Fred. — “Meu cão”, pensou surpresa. Soava tão estranho. — Quero vê-lo limpo e escovado... — Pensou na bola de pelo suja e emaranhada — e sem pulgas. Em troca, Rafael pode passar algumas tardes durante a semana em minha casa e o ajudarei a ficar de novo em dia com os deveres. — De repente uma ideia veio à cabeça que fez com que ela olhasse para Cooper com horror. — Mas alguém tem que buscar o Rafael em minha casa para trazê-lo para cá. Eu não posso... não... é impossível...

— Olha, eu poderia... — Começou a dizer Bernie.

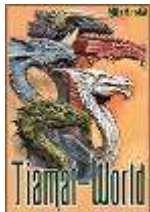
— Eu irei — interrompeu a voz profunda de Cooper.

* * *

Sally Anderson e Bernie ficaram olhando para ele como se de repente ele tivesse duas cabeças.

Provavelmente Sally Anderson o olhasse assim porque não ia querer se encontrar algumas tardes com um cara que se excitava cada vez que a olhava e Bernie porque sabia muito bem que Cooper não tinha tempo para ir à Simpson todas as tardes durante a semana. E era verdade. Mas não foi ele quem decidiu isso, foi seu pau quem tomou a decisão por ele.

— Vou buscá-lo — disse Cooper. Bernie abriu a boca, olhou para Cooper e voltou a fechá-la. — E você ainda não estabeleceu o preço total que cobrará.



Sally curvou a boca. E Coop olhava para sua boca, fascinado. Seus lábios eram suaves e de um rosa natural, os cantos eram ligeiramente levantados em um sorriso perpétuo. Lábios quentes e acolhedores...

Julia inclinou a cabeça e observou Cooper.

— Ah, não? — perguntou Julia

— O que? — Cooper tentou se concentrar. — Não.

— E qual é o restante do preço que tenho que cobrar?

— Seu aquecedor precisa de alguns consertos, tem que arrumar o segundo degrau da varanda e isso apenas para começar.

— Tem razão. — Julia dedicou um sorriso deslumbrante que fez com que Cooper ficasse sem respiração. — Diga-me, Rafael é habilidoso?

— É muito mais habilidoso do que seu pai, isso eu garanto. — Cooper sorriu e então ficou surpreso. Ele estava *flertando* com ela. Era uma sensação tão nova que ele perdeu a noção do que estavam dizendo.

Ele estava flertando com uma mulher maravilhosa. Na cozinha dos Cooper.

Impossível.

Desde que podia lembrar, aquela cozinha tinha sido um lugar frio e impessoal onde os homens reabasteciam suas forças rapidamente e voltavam ao trabalho o mais rápido possível. E isso incluía sem dúvida, o sombrio período que durou seu casamento.

Mas agora, com Sally sentada ali brincando amavelmente com ele e Bernie, a cozinha parecia quase... aconchegante.

— Coop? — Bernie olhava. — Quer que eu arrume o encanamento?

— Não — respondeu Cooper. A ideia de ver Bernie com um martelo entre as mãos devolveu-o de repente à realidade. — Eu farei isso. Você é um desastre com as ferramentas ou com algo que não se mova ou coma feno. Eu...

— Papai! Papai! — Rafael entrou correndo como um louco na cozinha e antes que a porta de entrada se fechasse já tinha se jogado nos braços de seu pai. — Papai, Estrela do Sul teve um potro e ele é maravilhoso! Tem uma estrela no nariz, como sua mãe e tem que ver como se move. Vai ser um campeão, você verá. Espere até que Coop o treine... Vai ganhar todos os prêmios do mundo!

O menino pulava excitado.

— É mesmo? — Bernie sorriu para seu filho e o abraçou. — Bem, me parece então que você será um menino muito ocupado nos próximos dias, terá que cuidar do novo potro e ir a algumas aulas à tarde com a senhorita Anderson.

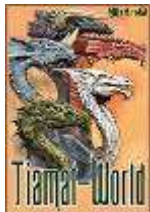
Rafael virou a cabeça de repente e os olhos se arregalaram

— É mesmo?

— Sim — sorriu Sally. — Se estiver tudo bem para você. Claro que em troca, você terá que me ajudar a cuidar do meu cachorro.

— Um cachorro? — O rosto de Rafael se iluminou. — Que legal! Qual a raça dele?

Sally olhou para Cooper.



— Cooper? Qual a raça do Fred?

— Mestiço.

— Mestiço. Sim, suponho que isso engloba um pouco tudo. Bem. — esfregou as mãos. —

Acho que eu deveria...

— Papai? O que tem para comer? — Rafael esfregou o estômago. — Estou morrendo de fome.

Bernie acariciou o queixo dele com o dedo e olhou para Cooper sem saber muito bem.

— Não fiz compras estes dias, Coop. Quem está no turno da cozinha hoje?

— Deveria ser Larry — respondeu Cooper — mas ele teve que ir à Rupert comprar arame para fazer os fardos.

— Então quem vai cozinhar? — perguntou Rafael com tom choroso.

Julia se encontrou de repente com três rostos masculinos e seis pares de olhos escuros olhando-a com uma expressão tão suplicante, parecida com a de Fred na tarde anterior, que teve que morder as bochechas para não rir.

— Será que vocês três querem que eu prepare alguma coisa para o almoço?

Os dois adultos hesitaram educadamente, mas Rafael era muito pequeno para se preocupar com algo tão comum como as boas maneiras.

— Genial! Aposto que faz uma comida deliciosa, senhorita Anderson.

— Bem... — disse Julia. — Na verdade não me saio muito mal na cozinha se tiver alguns alimentos que eu possa usar. — Olhou para Cooper. — Embora não pense em tocar no que havia naquela vasilha vermelha. E dei uma olhada na gaveta de verduras e ela está asquerosa.

— Deu uma olhada onde? — perguntou Cooper e Julia suspirou.

— Deixa pra lá — Ficou em pé, inexplicavelmente feliz com a ideia de almoçar com Bernie e Rafael. Bem, é claro que com Cooper também. A ideia de voltar para sua fria e solitária casa era totalmente desagradável. — Tenho certeza que vocês têm um freezer bem abastecido. Ninguém pode viver no meio do nada sem um freezer. Onde ele está?

— Não há muito dentro dele — respondeu Cooper.

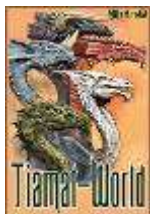
— Não? — Isso a fez parar. Ela tentou imaginar como transformar em comida algo, ou qualquer coisa que tinha visto dentro da geladeira, mas foi incapaz.

— Não. — Cooper se aproximou e ao levantar os olhos, Julia encontrou seus escuros olhos marrons. Havia um leve sorriso escondido nas profundezas dele. — Mas temos uma despensa.

* * *

A informação era poder e ultimamente, a informação também era dinheiro. Quanto mais secreta fosse a informação, mais poder dava à quem a tinha e mais dinheiro custava. Era a regra principal da economia moderna, cortesia de Stanford.

Então — pensou o profissional. — Não sei onde Julia Devaux está. Ainda. Mas tenho os endereços e as novas identidades de duas pessoas que estão no Programa de Amparo às Testemunhas. Estas informações não interessam a Dominic Santana mas tenho certeza de que



existe alguém, em algum lugar, disposto a pagar bem por elas.

De repente, ocorreu ao profissional um breve pensamento; uma ideia brilhante.

Já era hora de deixar aquele negócio. O profissional já não tinha a menor dúvida sobre isso. Com um crédito de bons golpes baixos, o profissional ganhou uma reputação brilhante, mas o tempo estava do lado da polícia. Cedo ou tarde, apesar de preparar tudo meticulosamente, cometeria algum deslize. Era matematicamente inevitável. E decididamente, hora de abandonar o trabalho.

A cabeça da Julia Devaux proporcionaria a ele um milhão de dólares para aposentar-se em uma praia paradisíaca de clima quente. Mas um milhão de dólares já não valiam o que valia antes. Tudo bem, ele já havia investido um milhão e meio em um fundo de investimento honesto; foram investidos em títulos de baixo risco. Com o dinheiro não se brinca; já tinha corrido muitos riscos na vida.

Mas a mudança e a compra de uma luxuosa casa de praia levariam uma boa parte de suas economias, com isso ele se veria obrigado a cortar outros custos.

Ele precisava de mais dinheiro.

No mercado atual, o preço de um golpe era de 200 mil dólares para cima, mas havia um limite de números de golpes por ano e, de qualquer maneira, era hora de parar.

Embora a informação necessária para dar o golpe como, por exemplo, o endereço de um antigo empregado que agora era testemunha do Estado, poderia valer muito dinheiro. Dinheiro vivo. Com um bom computador e um modem, poderia obter informações de qualquer lugar do mundo, até nas ilhas do Caribe, e poderia também enviar para qualquer parte do mundo sem nenhum perigo. Não havia limite para o número de golpes por informações.

Não importavam quantos firewalls tinham instalados no Departamento de Justiça para proteger seus arquivos, o profissional conseguiria pegar uma cópia dos arquivos sem problemas.

É o negócio perfeito, — pensou o profissional. — Golpes virtuais à 50 mil dólares cada. Para sempre. Sem risco. Stanford estaria orgulhoso dele.

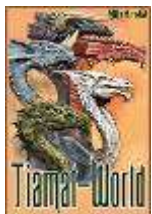
* * *

— Estava delicioso — disse Rafael, limpando o prato com a última bolacha. — Muito obrigado, senhorita Anderson.

— Bem, crianças, são fáceis de agradar — disse sorrindo. — Faça alguns pedaços de carne na churrasqueira, esquente algumas batatas e sente-se para desfrutar uma chuva de elogios.

“Foi um pouco mais complicado que isso” pensou Cooper. Sally tinha andado pela despensa maravilhada, brincando sobre o tamanho dela e realizando um inventário do que havia ali. Logo, ela havia temperado os pedaços de carne, preparado um pouco de manteiga de alho para as batatas e fez um molho de presunto e ervilha como guarnição em muito pouco tempo. Fez até biscoitos.

Ela era uma cozinheira maravilhosa. Tudo o que preparou estava delicioso, mas acima de tudo, ela tratava todos bem. Enquanto se movia à vontade pela cozinha, tinha mantido uma alegre



conversa em tom suave e agradável.

Bernie já não tinha o olhar perdido de ultimamente e Rafael ria e brincava como um menino de sete anos que era ao invés de andar por aí abatido como se carregasse o peso do mundo sobre os ombros.

Estavam comendo uma comida deliciosa em um ambiente agradável e relaxado.

Na cozinha dos Cooper.

Com uma mulher.

Impossível.

A *Maldição dos Cooper* desapareceu durante algumas horas. As refeições feitas com Melissa tinham sido qualquer coisa, menos alegres. E Cooper, graças a Deus, não tinha nem ideia de como tinham sido as refeições com Carmelita, pois a tinha evitado com o mesmo cuidado e pelas mesmas razões as quais se evitava uma tarântula.

Enquanto Sally estava ocupada devolvendo à cozinha a aparência de um lugar agradável, Cooper fazia o que podia para não pensar em suas curvas.

Esforçou-se muito para não ficar olhando os seios e a bunda de Sally, e fez um esforço ainda maior para não imaginá-la debaixo dele, com suas elegantes coxas apertando seus quadris. Tentava não pensar em como se sentiria dentro dela; tinha certeza de que ela seria pequena e apertada. E, acima de tudo, tentou não pensar em fodê-la tão forte como gostaria, pois, da forma que se sentia naquele momento, provavelmente a mataria.

A carapaça de gelo que o cobria desde que tinha uso de razão estava começando a derreter; o que era bom, claro, a longo prazo. Mas agora, significava que precisava apertar os punhos para não deitar Sally no chão da cozinha, tirar sua roupa e fodê-la sem descanso durante horas.

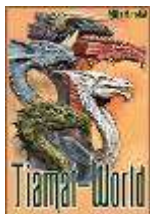
Sabia que não devia pensar nesse tipo de coisa enquanto uma professora de primário linda e gentil; estava fazendo o que podia para ajudar o filho de seu melhor amigo e estava inclusive, fazendo com que sua cozinha se transformasse em um lugar aconchegante e agradável pela primeira vez nas quatro gerações dos Cooper.

Então Cooper sentou-se e ficou observando e escutando o que ela dizia, sorrindo quando os outros riam, comendo aquela comida deliciosa, desfrutando com os sorrisos de Rafael e franzindo a testa quando Bernie flertava com ela.

Tudo isso sem deixar de pensar em ter a Sally nua debaixo dele ou, meu Deus, sobre ele. Não podia tirar essa imagem da cabeça; Sally montando-o, sorrindo enquanto ele a penetrava. Seu pau cresceu dolorosamente sob as calças com este pensamento e ele se mexeu na cadeira, agradecido de que a mesa ocultasse sua ereção.

Se estivesse sobre ele, poderia observar esse lindo rosto enquanto a fodia. Assim descobriria qual a preferência dela. Se forte e rápido ou suave e lentamente. Embora pouco importasse como gostasse porque, naquele momento, não conseguia parar de imaginar que gostaria de fodê-la mais do que freneticamente e durante uma semana inteira sem parar.

Ele normalmente tinha muito autocontrole durante o sexo e era capaz de penetrar uma mulher da forma que ela quisesse. Ele não era bom em se comunicar com palavras, mas, dominava a linguagem corporal. A mulher não precisava dizer o que queria, ele podia saber pela



forma que ela movia os quadris quando a penetrava, de como suas mãos o apertavam e na forma que ela respirava.

A Sally Anderson provavelmente gostaria de fazer sexo devagar, suavemente e com romantismo. Ela parecia ser este tipo de pessoa. Tudo nela era tão delicado. Gostaria de cortejá-la, dar-lhe um montão de beijos, despi-la lentamente e proporcionar-lhe um montão de preliminares. Provavelmente ela gostaria que ele a penetrasse devagar e lentamente. Ele sabia que era muito grande e teria que ser cuidadoso. E, uma vez dentro dela, provavelmente ela preferisse as penetrações longas e lentas. Provavelmente ela esperasse que ele fosse um cavalheiro e que não colocasse seu pau até o fundo, mantendo assim uma penetração pouco profunda.

Não. Isso não seria uma opção. Ele não conseguiria aceitar.

Sentia-se exatamente igual à Grayhawk, seu garanhão negro, quando montou Leyla, a maravilhosa potranca árabe. Os cavalos copulavam com violência; assim os tinha desenhado a natureza. Cooper normalmente impedia que os proprietários vissem, porque todos tinham uma visão romântica de seus garanhões e atribuíam uma nobreza e cavalheirismo que simplesmente, os garanhões não tinham. Grayhawk era um garanhão de 600 quilos de pura masculinidade, um dos animais mais fortes sobre a face da terra. Quando cobriu Leyla, Grayhawk tinha mordido seu pescoço com tanta força que tinha tirado sangue e seus negros cascos tinham feito arranhões nos flancos dela.

Se Cooper não tomasse cuidado, seria exatamente assim que montaria Sally Anderson. Por trás, utilizando toda sua força para penetrá-la até o fundo, obrigando-a com as mãos a se agachar e morderia seu pescoço.

A ideia o espantou e ele tentou direcionar seus pensamentos para longe desta imagem. Tentou ignorar a excitação que a imagem provocava nele. Tentou lembrar que, ao invés de Grayhawk, ele deveria se comportar como uma pessoa civilizada.

Cooper fez o que pôde por não ficar reparando que os seios de Sally eram pequenos, redondos e firmes. Sua mão em concha provavelmente seria maior que seus seios. Ele sempre pensou em si mesmo como um homem adorador de seios, quanto maiores, melhor, mas na verdade era um verdadeiro idiota. De repente compreendia o velho ditado, “o seio de uma mulher deve caber em uma taça de champanhe”, isso era absolutamente certo. Em pensar que até então ele só havia saído com mulheres cujos seios caberiam em um balde de gelo.

Ela vestia um suéter e ele olhou cuidadosamente tentando disfarçar o que estava fazendo. E conseguiu ver o suave contorno dos mamilos, pequenos e delicados, que provavelmente teriam sabor de cereja.

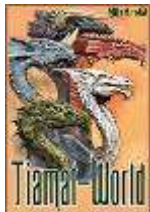
E quanto a sua bunda... Jesus, não conseguia afastar os olhos dali quando ela se inclinava para ver os biscoitos que estavam no forno. Era pequena e redonda. Perfeita.

Tinha certeza que suas grandes mãos se encaixariam perfeitamente a cada uma de suas bandas para segurá-la com força enquanto a penetrava até o fundo com seu...

— O que você acha Coop? — perguntou a voz infantil de Rafael.

“Acho que foder com Sally Anderson foi a melhor ideia que já tive”.

Cooper piscou os olhos, horrorizado.



Será que falei isso em voz alta? Se fiz isso terei que sair e me matar. Então olhou ao seu redor freneticamente.

Talvez não tivesse falado alto, porque ninguém o olhava chocado ou com cara de nojo. Todos olhavam para ele com expectativa. De que merda eles estavam falando? Parecia uma pergunta de sim ou não, então Cooper tentou responder; tinha cinquenta por cento de chance de acertar.

— Sim — disse.

Rafael ergueu o punho no ar.

— Simmm!

Bernie parecia satisfeito e Sally sorridente. Cooper se perguntou se acabara de aceitar algo irrevogável, como disponibilizar *Double C* para algum tipo de culto.

De qualquer forma, não podia ser nada muito importante porque todos continuavam sentados à mesa, comendo e sorrindo. A comida estava deliciosa e comeram até a última migalha. Não restava nada quando Sally ficou em pé.

— Deixe isso — disse Cooper de repente ao ver que ela estava se preparando para recolher os pratos. — Você Já fez mais do que suficiente. Os homens se ocuparão disso.

— Tudo bem. — balançou as mãos. — Estou feliz em ver que as coisas ficaram resolvidas entre vocês.

Coisas resolvidas? Cooper e Bernie se olharam sem compreender.

— Resolvidas entre nós? — perguntou Cooper.

Sally revirou os olhos, exasperada.

— Bem, longe de mim reabrir velhas feridas, mas há algumas horas atrás vocês estavam querendo arrancar um a jugular do outro.

— Ah, isso — disse Cooper encolhendo-se de ombros. — Não era nada.

— Só estávamos nos desestressando um pouco — concordou Bernie.

— Homens. — Sally balançou a cabeça. — Quando quero desestressar faço algo relaxante, como fazer uma caminhada ou ler um bom livro. Não me dedico a golpear ninguém na cabeça. Ah, falando disso... — virou-se para Cooper — Tenho que te fazer uma pergunta.

— Sobre golpear alguém na cabeça? — Cooper perguntou assustado. Ele não a imaginava como uma mulher violenta.

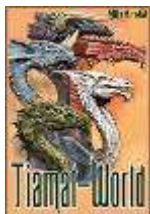
— Não, sobre leitura. — Levou a mão ao queixo e o olhou com aqueles enormes olhos turquesa. — Eu queria te pedir algo.

— O que você quiser — disse Cooper imediatamente e então percebeu que Bernie sorria de orelha a orelha e movia a cabeça de um lado para o outro. Infelizmente, Bernie não estava o suficientemente perto para levar um chute por debaixo da mesa. — Devemos isso a você — acrescentou, olhando Bernie deliberadamente.

— Seus livros — disse Sally.

— Meus o que? — perguntou Cooper, surpreso.

— Livros — suspirou. — Não há nenhum lugar em Simpson onde eu possa comprar livros e vi que você tem um montão. Onde os comprou?



— Em Rupert — disse e viu que ela fez uma careta. — Algo errado? Já estive em Rupert?

— Bem... — Sally suspirou. — Sim e não. No meu primeiro final de semana aqui pensei que seria bom sair para... explorar um pouco. — Fechou os olhos e estremeceu. — E alguém me disse que Rupert era um povoado agradável e que ficava aqui perto, indicaram-me que seguisse uma estrada interminável e dirigi sem saber muito bem se estava indo na direção certa... — Abriu os olhos e olhou para Cooper. — Sabia que não há placas que indiquem como chegar a Rupert?

— Provavelmente não — replicou Cooper com calma. — Qualquer pessoa que tenha nascido em Simpson sabe chegar à Rupert com os olhos fechados.

— Bem, como não nasci aqui, não sabia. — Sally engoliu saliva. — Então, como ia dizendo, continuei seguindo em frente pela estrada deserta e sinceramente, era como se eu estivesse indo para China; além disso, havia um cruzamento e eu não tinha nem ideia de onde eu estava. E estava tudo tão... vazio. Meu carro é velho e eu não parava de pensar que se ele quebrasse eu ficaria ali esquecida para sempre na neve, morreria congelada e não encontrariam meu corpo até a primavera seguinte. Quando vi algumas casas e vi a placa de “Bem-vindos a Rupert” já era noite e eu estava tão encharcada de suor que fiz a volta e dirigi até chegar em casa. — Olhou para Cooper com pesar. — A livraria é boa?

— Muito boa. — Cooper bebeu o café. — Bob tem uma boa seleção de livros e se procuramos um livro que ele não tenha, ele pode pedir para você. Chega em uma semana mais ou menos. — Cooper ficou em pé. — Está ficando tarde e já ocupamos muito o seu tempo. Vou te levar de volta para casa. Ehh... Por acaso quer ir comigo a Rupert sábado que vem? Tenho algumas coisas para fazer lá.

— De verdade? — ela animou-se imediatamente. Oh, Deus, só em pensar posso passar pelo menos uma hora em uma livraria...

— Sério? — perguntou Bernie. — Pensei que íamos à... — Logo viu o olhar de Cooper e deu um golpe na cabeça; algo que Cooper gostaria de fazer, só que com mais força. — Ah, é verdade. Você tem aquele negócio importante para cuidar, ceeeerto. Vá a Rupert no sábado e fique todo o tempo que queira. — Bernie piscou um olho. — A noite inteira se for necessário.

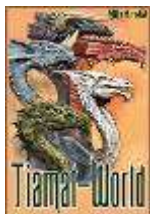
Cooper pegou Sally pelo cotovelo e pensou que quando voltasse tinha que se lembrar de dar a Bernie algumas lições sobre discrição.

Com uma frigideira na cabeça.

* * *

“Algo estava faltando” pensou Julia enquanto olhava pela janela para não ter que olhar Cooper.

Mas ela não precisava olhar. Ele exercia sobre ela tal força gravitacional que ela era plenamente consciente de sua presença em todos os momentos. A mesma coisa havia acontecido na cozinha. Ele sentou-se calmamente na cadeira sem falar e mesmo assim, todos pareciam girar em torno dele, como se Bernie, Rafael e ela fossem pequenos planetas em torno do sol. Bernie dava atenção ao que ele dizia; Rafael o adorava abertamente e ela... bem, teve um trabalho



enorme para afastar os olhos dele durante a refeição.

E ela havia se sentido... diferente toda a tarde. O que seria? Era tão difícil determinar o que sentia; era algo que já havia sentido antes, disso tinha certeza, mas fazia muito tempo. Antes de seus pais morrerem, com certeza.

Era isso.

A última vez que sentiu aquilo fora há quatro anos, durante as férias que passou em Paris com seus pais. A família Devaux tinha vivido em Paris dos dez aos quinze anos de Julia e todos guardavam muito boas lembranças de sua estadia ali. Visitavam a cidade sempre que podiam. Hospedaram-se em uma pensão maravilhosa no *Rue du Cherche-Midi* e visitaram alguns velhos amigos. Sua mãe cortou o cabelo na elegante barbearia do Jean-David como nos velhos tempos. Riram muito e compraram coisas para seu novo apartamento de Boston; havia se sentido feliz, sem problemas e... a salvo.

Então, seus pais morreram em um acidente de carro e ela já não se sentia segura. Estava contente em Boston, mas havia momentos em que se sentia sozinha e intranquila; à deriva depois da morte de seus pais.

E durante aquele último mês, a única coisa que havia sentido era terror e uma solidão enorme. Naquela tarde, pela primeira vez em muito tempo, o peso do medo e da solidão em sua alma se aliviou. Tinha desfrutado uma tarde agradável e feliz, preocupando-se somente em ver Rafael feliz, estranhando aquela gigantesca cozinha e como, de alguma forma, ela parecia ter sido feita para Cooper.

Naquela tarde, Rafael tinha rido e brincado. “Feliz como um porco na lama”, havia dito Bernie. Tentou preparar uma comida que os três homens gostassem, nada muito elaborado, embora os três praticamente babaram quando ela colocou a comida sobre a mesa. Felizes por comer algo que não fosse serragem.

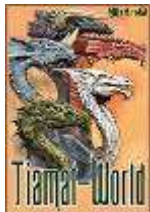
Divertiu-se brincando com Rafael e com Bernie, que tinha escondido sua agressão anterior. Inclusive o silêncio de Cooper fora um... interessante tipo de silêncio. Aquela tarde havia sentido muitas coisas; alívio de que Rafael estivesse bem, diversão ante as patéticas amostras de agradecimento dos homens pela comida que tinha preparado, excitação pela ideia de ir a uma livraria e aquela louca atração por Cooper. Mas não havia se sentido sozinha e acima de tudo, não havia sentido medo; seu companheiro constante durante aquele último mês.

E isso ela devia a Cooper; não tinha a menor dúvida. Era impossível ter medo quando ele estava por perto. Sentou-se na cozinha, observando-a em silêncio com seus olhos escuros. Ele era uma presença grande e quieta que a tranquilizava enormemente. Era como ter um gigantesco cão guardião cuidando dela.

Olhou-o de esguelha. Ele entrecerrava os olhos pelo sol e suas mãos descansavam sobre o volante, a pele morena que tinha ao redor dos olhos estava enrugada e amassada pelo tempo e de perfil, a linha de sua angulosa bochecha parecia estranhamente elegante. O sol do entardecer se refletia em seu cabelo negro como o azeviche.

Ok! Talvez não parecesse um cão guardião e sim um lobo marcado pela luta.

Mas ele estava ali e ela se sentia protegida com sua simples presença.



Ele sentiu que ela o olhava e moveu a cabeça para observá-la. Ela brindou-lhe com um deslumbrante sorriso. E a caminhonete negra fez uma ligeira inclinação.

— O que foi? — perguntou.

— Nada. Eu só estava sorrindo — disse Julia, alucinada por se sentir tão segura e livre com ele, como se pudesse fazer ou dizer algo. — Por nada em especial. Suponho que você não sorri muito, não é?

— Não. — Mas tinha curvado os lábios em um meio sorriso.

— Também não fala muito.

— Não.

— Não tem problema — disse animadamente. — Posso falar e sorrir por nós dois, então acho que fica equilibrado.

Julia voltou a olhar pela janela e pela primeira vez, se permitiu observar a paisagem de verdade. A viagem a Rupert tinha sido um pesadelo tão grande que não havia visto quase nada. Limitou-se a se encolher com ansiedade sobre o volante, dolorosamente consciente do fato de que as vastas pradarias eram perfeitas para que um atirador a matasse sem problemas. As longas e solitárias estradas através das florestas de pinheiro pareciam desenhadas de propósito para as emboscadas.

Não havia sido difícil imaginar um assassino escondido atrás de cada árvore. E quando por fim chegou a Rupert, estava encharcada de suor.

Agora que não via a paisagem com olhos aterrorizados, observou que havia uma espécie de esplendor selvagem e grosseiro. O forte vento movia as leves e macias nuvens no céu azul. A paisagem era tão extensa que podia seguir as sombras das nuvens correndo pela grama.

— O que é isso? — Julia apontou uma fileira de árvores especialmente bonitas.

— Cinza espinhosa²⁴. — Cooper reduziu a velocidade ao entrar nos limites do povoado. — Embora conhecida usualmente como árvore de dente.

—Árvore de dente. — Julia repetiu pensando sobre o nome. — Por que você acha que colocaram este nome?

— Não sei — murmurou Cooper. — Nunca parei para pensar nisto. Talvez a pessoa que catalogou a espécie estivesse com dor de dente aquele dia e resolveu colocar este nome.

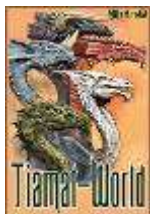
— Ou talvez algum caçador morto de fome tentou fazer uma sopa com a casca e quebrou um dente. — Julia imaginava muito bem a brutalidade com que viviam os primeiros colonos. — Ou... ou alguém da equipe de pesquisa que descobriu a árvore, tinha dor de dente aquele dia. Espera, tenho uma ideia melhor... quem descobriu esta árvore estava de ressaca e ao catalogar imaginou que ela parecia com um dente.

Cooper dirigiu até a casa de Julia e parou diante da porta.

— Acho que nunca saberemos com certeza. Aqui estamos nós.

— Bem — Julia começou a dizer, — obrigado pela companhia...

²⁴ Cinza espinhosa: Também chamada de árvore de dente, é uma árvore nativa da porção central e leste dos EUA e Canadá. Pode crescer até 10 metros de altura. A madeira não tem valor comercial, mas o óleo da casca tem sido utilizado na medicina alternativa e tem sido estudado para as propriedades antifúngicas e citotóxico.



Mas Cooper já estava descendo da caminhonete e a rodeava. Um segundo depois, abriu a porta e estendeu a mão para que ela descesse. O degrau para descer da caminhonete era alto, e ela se alegrou de estar usando jeans o que a ajudava a descer. Uma vez no chão, levantou os olhos para vê-lo, sentiu que se inclinava para ele. Estar com Cooper envolvia segurança, desejo e um montão de outros sentimentos que ela não conseguia decifrar. Exceto o medo. Ela não tinha medo de estar junto a ele.

Julia se deu conta que ele ainda segurava a mão dela. Retirou-a quase com pesar.

— Será que você, ehh... — de repente ficou com a garganta seca. — Gostaria de entrar para beber um café? Ou provar uma das receitas de chá que vou dar para Alice?

— Sim. — A profunda voz era suave. Respondeu imediatamente, o que a fez pensar que ele queria realmente entrar, embora sua expressão não mostrasse nada. Era incapaz de saber o que ele pensava.

O segundo degrau das escadas da varanda rangeu e Julia lembrou-se que Cooper se comprometeu arrumá-lo. O simples fato de saber que voltaria a vê-lo logo a fazia sentir-se melhor.

Fred os esperava no alto das escadas e quando Julia abriu a porta, meteu-se dentro balançando o rabo de prazer ao vê-los.

Em sua simples e pequena sala, Julia tirou o casaco e se virou para Cooper. Ele estava de pé junto à porta, observando-a. Não se movia nem dizia nada, mas seu coração disparou. Era como se ela se afogasse naqueles olhos escuros.

Algo úmido tocou sua mão e a fez voltar para a realidade.

— Oh! — Olhou para baixo e viu que Fred lambia sua mão.

Cooper se agachou e, ao fazê-lo, os jeans marcaram suas coxas. Estendeu uma das mãos.

— Ei, menino — murmurou e Fred se aproximou, apoiou o focinho na coxa de Cooper enquanto ele acariciava sua cabeça. Quando Julia se encontrou invejando Fred por poder apoiar a cabeça naquelas incríveis coxas, decidiu que era hora de preparar o chá.

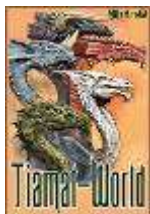
Suas mãos tremiam ao jogar Earl Grey²⁵ no bule e acrescentar uns grãos de baunilha. Colocou o bule, duas xícaras, o açúcar e duas colherinhas em uma bandeja de chá. A familiar rotina e o aroma que desprendia a acalmou um pouco. Quando voltou para a sala, Cooper estava sentado à pequena mesa que havia ali.

Ele havia tirado o casaco e Julia pode distinguir os maciços músculos do peito e dos braços através do pulôver. Ficou de pé assim que ela entrou na sala, um gesto de educação que tinha desaparecido no leste, mas que, aparentemente, continuava se utilizando por ali. Não voltou a sentar-se até que Julia sentou-se.

Precisou se concentrar tanto para que suas mãos não tremessem enquanto servia o chá, que não disse nada. Beberam o chá em silêncio, olhando o um ao outro. Não conseguia falar de trivialidades, na verdade, não conseguia falar nada.

Julia nunca esteve tão consciente de tudo em torno dela naquele momento. Tinha todos os

²⁵ Earl Grey: É o nome dado a qualquer tipo de chá aromatizado com óleo de bergamota. O tipo mais frequente de Earl Grey é à base de chá preto, mas a designação também se aplica a infusões aromatizadas de chá verde e chá branco.



sentidos perfeitamente apurados. Voltava a chover granizo e as muito finas agulhas de gelo faziam um som rítmico ao se chocar contra a janela. Fred já estava completamente adormecido e devia estar sonhando com alguma presa, porque movia as patas e gemia brandamente em sonhos. O chá era forte; percebia-se o sabor da bergamota que se misturava com a baunilha. Ouvia a respiração de Cooper e a sua própria.

Podia ouvir as batidas do seu coração, que batia três vezes mais que a velocidade normal.

Não conseguia falar; um enorme nó na garganta a impedia de pronunciar qualquer palavra. As emoções tinham formado uma bola de fogo emaranhada em seu peito; o medo, a solidão, o desespero. Um desejo tão intenso que ardia com força em seu corpo. Sentia tudo isso. E tudo doía.

Cooper acabou o chá e ficou em pé. Ia embora. Julia entrou o pânico.

De repente, deu-se conta de que não podia passar a noite sozinha, tremendo de medo e sentindo-se perdida, encolhida contra ela mesma na escuridão, procurando um pouco de consolo. Precisava de Cooper como precisava de ar e da luz solar. Não tinha nem ideia se precisava dele pelo sexo para manter-se fora da profunda e solitária escuridão da noite ou por ambas as coisas. Tudo o que sabia era que não podia ficar sozinha naquela noite e que Cooper era a única pessoa que gostaria de ter perto dela, ninguém mais.

Cooper, de pé, olhava-a sem se mover e com a enorme mão apoiada em cima da mesa.

Julia colocou uma das mãos em cima da dele, que se flexionou uma vez, com força, debaixo da dela, antes de ficar parada. Sua mão era quente, forte e poderosa. Seus olhos se encontraram com os dele; o céu e a noite.

— Por favor, fique — ela sussurrou.

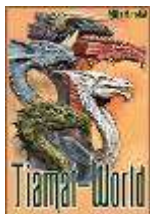
Capítulo 6

Há um homem na Noruega. O profissional gostava de imaginá-lo como um homenzinho cinza em uma pequena sala cinza e inclinado sobre um laptop cinza; mas a verdade era que o profissional não tinha nem ideia de como era aquele cara. Ninguém sabia como ele era.

Bastava saber, como sabiam alguns poucos escolhidos espalhados pelo mundo, que o homem da Noruega tinha um serviço para oferecer. Por um preço razoável, o norueguês enviava qualquer mensagem a qualquer parte do mundo garantindo o anonimato. Ninguém seria capaz, jamais, de rastrear a mensagem, de forma alguma.

O profissional pegou a folha impressa do arquivo que tinha pirateado do Departamento de Polícia dos Estados Unidos e observou o primeiro nome que aparecia: Richard M. Abt. Rapidamente, o profissional olhou os poucos fatos do caso e reconstruiu a história com facilidade.

Richard M. Abt foi contador da Duncan & Terrance, um exclusivo grupo de advogados que lavava dinheiro para a máfia com transações ilícitas e outras ilegalidades. Os rastros de Richard Abt estavam por toda parte. A investigação do FBI e a detenção. Estava tudo ali. O profissional



compreendia muito bem o que tinha acontecido. Estava claro que tinham utilizado Richard Abt como bode expiatório e ele pegaria de dez a vinte anos da prisão sem liberdade condicional. Então, em julho do ano passado, Richard Abt se transformou em um canário e cantou uma melodia encantadora, linda, um canto de sereia que iria colocar os sócios principais de Ledbetter, Duncan & Terrance atrás das grades por toda a vida. Ledbetter, Duncan e Terrance estariam mais do que dispostos a pagar uma boa quantia em dinheiro para impedir que o canário cantasse no dia do julgamento.

Eram duas horas da manhã na Noruega, mas o profissional sabia que o norueguês nunca dormia.

O profissional teclou a mensagem para o norueguês:

MENSAGEM PARA SIMON LEDBETTER.

INFORMAÇÃO SOBRE LUGAR E NOVA IDENTIDADE DE RICHARD ABT. DISPONÍVEL APÓS RECEBIMENTO DE NOTIFICAÇÃO DE DEPÓSITO DE VINTE MIL DÓLARES AMERICANOS NA CONTA Nº GHQ 115 - BANCO SUÍÇO SEDE GENEVRA.

O GOLPE DEVE PARECER ACIDENTE.

Ele se reclinou na cadeira, pronto para desfrutar o seu peito de faisão defumado e do *CD La Bohème*.

O personagem *Rodolfo de Luciano Pavarotti* era maravilhoso.

* * *

Fique.

Cooper tinha mãos grandes e fortes. Mãos que podiam desmontar um M16²⁶ em sete segundos, mãos que podiam dominar facilmente um garanhão, mãos que podiam levantar um fardo de feno de 136 quilos. A pálida e delicada mão de Sally Anderson era quase a metade da sua; era impossível que sua mão igualasse com a força da dele.

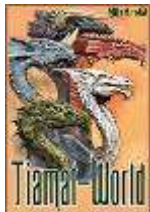
E, no entanto, quando ela colocou a mão dela sobre a sua, foi como se lhe tivesse enfiado uma estaca que o impedisse de mover-se. Não conseguiria se mexer mesmo que sua vida dependesse disso.

Como no dia anterior, sua mão estava gelada e tremia fracamente.

Ele entendia que ela tremesse, porque ele também se sentia trêmulo, mas não de frio. E sim de ebulição.

Todo o desejo sexual que não sentira naqueles dois anos brotava agora como uma grande de onda de desejo e sexo. Cada célula de seu corpo estava cheia de luxúria quente e pegajosa. Sua ereção era dez vezes maior do que nunca e palpitava dolorosamente contra seu jeans.

²⁶ M16: É a designação das forças armadas norte-americanas para uma família de fuzis de assalto derivados do AR-15. Este fuzil de assalto tem sido o principal fuzil de infantaria das forças armadas dos Estados Unidos desde 1967.



Ela o olhava com ansiedade, pensando obviamente se teria sido muito audaciosa e se ele a rejeitaria.

Não. Ele não iria rejeitá-la.

Não havia nenhum poder na terra suficientemente forte para separá-lo dela agora.

Lentamente, consciente da incrível ereção que o impedia de se movimentar normalmente, Cooper se abaixou até que esteve à altura dos olhos de Sally. Tinha uns olhos surpreendentes. De perto, a íris era de uma mistura de azul e verde que, de longe, os fazia parecer turquesa. Eles estavam cheios de uma ansiedade que o espantou.

Ela retirou a mão da dele, mas Cooper não se atreveu a tocá-la. Ainda não, não até que conseguisse se controlar. Agarrou a cadeira de Julia com uma das mãos e a borda da mesa com a outra. Ela ficou presa entre a mesa e ele, entre seus braços, embora ele não a tocasse.

Eles se olharam em silêncio e Cooper tentou manter a respiração sob controle. Ele não sabia como se mover, o que poderia fazer ou que palavras deveria dizer, então permaneceu imóvel e em silêncio. O olhar de Sally se dirigiu às mãos fechadas de Cooper e arregalou os olhos ao ver a força com que ele agarrava a cadeira, o esforço que estava fazendo para não tocá-la. Olhou para cima e parou em sua boca. Um sinal. Finalmente.

Cooper avançou lentamente, muito lentamente e tocou-lhe a boca com a sua. Os dois respiraram trêmulos.

A boca de Sally era exatamente como imaginava. Suave, delicada e excitante como o inferno. Seus músculos do pescoço doíam pelo esforço que ele estava fazendo para não se jogar para frente e comê-la.

Ele queria morder sua boca devagar. Enfiar sua língua suavemente dentro dela. Gostaria também de colocar seu pau lá dentro, mas, agora não era o momento de pensar nisso. Já estava suficientemente excitado desse jeito.

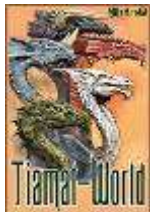
Cooper abriu a boca, só um pouco e seu coração disparou quando ela abriu a dela também. Inclinou a cabeça para chegar mais perto, lambendo o interior de seu lábio inferior e virou a cabeça novamente para saboreá-la melhor e profundamente. Quase gozou nas calças quando a língua de Sally roçou a sua timidamente.

Isso não ia acabar bem. Ele mal conseguia respirar de tão excitado que estava e só estavam dando um simples beijo... Agarrou a cadeira com mais força enquanto a cobria com sua boca, explorando-a com a língua. O sabor dela era tão maravilhoso como imaginou; era um sabor ligeiramente doce, não sabia se pelo chá que tomaram ou por alguma qualidade inata dela.

Cooper soltou a borda da mesa lentamente, como se lutasse com a mão contra uma forte correnteza e levou-a ao pescoço de Sally. Sem deixar de beijá-la, acariciou a suave pele do pescoço com o dorso do dedo indicador e seguiu pela delicada linha da clavícula.

A boca de Sally suavizou-se com o seu toque e Cooper esteve a ponto de gozar, ali mesmo. Ela era tão receptiva que ele podia sentir a reação ao seu toque em sua boca.

Tocá-la em dois pontos era o máximo que ele poderia suportar naquele momento. Afastou a boca e Sally demorou alguns segundos até perceber que ele havia parado de beijá-la. Tinha os olhos ainda fechados, a boca úmida e entreaberta. Os tons de sua pele, nata e marfim, tinham um



ligeiro toque rosado. Piscou e abriu os olhos, procurando algo no rosto de Cooper. Algo que ele não sabia como dar.

— Cooper? — Ela sussurrou.

Ele não soube o que responder; as palavras não saíam, ficaram presas na garganta. Emitiu então um som que veio do fundo do seu peito que nem ele mesmo sabia o que significava. Todos e cada um dos músculos de seu corpo estavam tensos de desejo. Sentia como Grayhawk deveria ter sentido através das paredes de madeira do seu estábulo, o cheiro de Leyla e todos os seus instintos gritaram para possuí-la.

A parede de madeira representava a violência que havia em seu desejo. Cooper precisava tomar cuidado se não quisesse ferir aquela preciosidade. Jamais quis ser tão cuidadoso com ninguém como naquele momento com Sally Anderson. Nunca em sua vida sentiu esta sede de sangue, uma luxúria quente e fora de controle. Se ele a ferisse, não importa de que forma, nunca se perdoaria.

Com muito cuidado, Cooper abriu a mão para rodear seu pescoço. A pele dela era macia, muito mais suave que a seda mais fina. Suas mãos eram ásperas e calejadas e ele chegou a esperar que sua pele suave ficasse arranhada por suas mãos, como aconteceria com um tecido delicado. Acariciou-lhe para cima até que chegou ao curto cabelo castanho e sentiu a delicada estrutura de seu crânio.

Em parte se alegrava que Sally não fosse ruiva. Ele amava cabelos ruivos e sempre ficou excitado com eles. Tudo nela o agradava tanto que, se fosse ruiva, provavelmente já teria gozado dentro de seu jeans.

Sem afastar os olhos dos dela, Cooper baixou a palma da mão para os frágeis ossos dos ombros de Sally, para depois seguir para os botões de sua blusa. Teve que reunir toda sua força de vontade para não rasgar sua blusa no corpo.

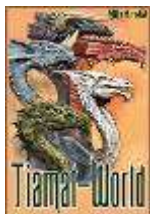
Embora pudesse fazê-lo; Sally teria deixado, ele podia ver em seus olhos. Estava um pouco hesitante e parecia um pouco tímida, mas ela definitivamente o desejava.

Podia até ser que ela achasse excitante vê-lo rasgando sua roupa. Mas se ele fizesse isso, abriria um buraco enorme entre o seu frágil autocontrole e a luxúria sairia com força, como a água através de uma represa rachada.

Ele só pararia depois de ter rasgado o sutiã, as calças e as calcinhas. Enfim, toda a sua roupa. Não, se fosse por esse caminho escorregadio e deixasse que seus instintos se libertassem da prisão em que estavam, acabaria deitando-a no chão, abriria suas pernas com as mãos e colocaria seu pau até o fundo, estivesse preparada ou não. Manteria suas pernas afastadas o máximo de forma que ela não conseguisse se mover e a foderia com força ali mesmo, no chão...

Ela não estava preparada para que ele a fodesse com fúria e força, talvez não estivesse nunca. Cooper aceitaria o que Sally estivesse disposta a dar e ela daria quando estivesse pronta.

Então, ao invés de arrancar suas roupas, transformá-las em farrapos, jogá-las no chão e fodê-la, Cooper acariciou o pescoço da blusa com o dedo indicador e brincou com o botão superior, sem deixar de olhar para Sally. A expressão dela não mudou. Então, muito devagar, desabotoou o botão com sua mão grande e desajeitada.



Quando abriu e revelou um pedaço de pele cremosa, o rosto de Sally relaxou. Se não tivesse estado tão consciente de suas reações, talvez não tivesse notado. Não era um sorriso, era algo mais sutil. A tensão desapareceu um pouco, apenas o suficiente para Cooper saber que ia pelo caminho que Sally conhecia. E queria.

Sally tinha notado a violência do desejo de Cooper em um nível animal. Percebia a tensão em seus músculos e a força com que ele se agarrava na cadeira. Era como uma égua que se movia incomodamente ao ver que o garanhão se aproximava. As éguas sabiam que o emparelhamento seria selvagem, furioso e brutal; de alguma forma, Sally sabia que sua relação sexual com Cooper também poderia tornar-se brutal.

Os primeiros passos para o sexo, seu beijo contido e a forma como ele tinha desabotoado o botão da sua blusa, demonstravam que ela podia confiar que ele se controlasse.

Cooper esperava estar certo.

Outro botão. Outro e outro. A mão trêmula de Cooper começou a se atrapalhar. Por sorte, só havia seis botões na blusa e a expressão de Sally foi ficando cada vez mais acolhedora com cada botão que ele desabotoava. Quando finalmente ele conseguiu abrir toda a blusa e a deslizou com cuidado pelos seus ombros, soltou um suspiro.

O sutiã branco que ela usava se fechava na frente, algo que Cooper agradeceu; se tivesse que colocar as mãos em suas costas para desabotoar o sutiã, talvez tivesse perdido o controle. Sally deixou cair os braços e o sutiã ficou entre a cintura e o encosto da cadeira, em cima da blusa. Estava nua de cintura para cima.

Sally sorriu com um sorriso trêmulo que ele não conseguiu devolver. O que ele estava sentindo era forte demais para sorrir. Mesmo assim, ficou feliz em vê-la sorrir, pois significava que ele estava fazendo tudo direito. Pelo menos até agora.

Cooper deixou escapar um suspiro trêmulo. Já não precisava se concentrar tanto na expressão do rosto dela; agora poderia dar uma boa olhada no que se esforçou tanto para deixar exposto.

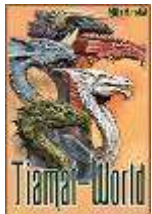
Quando finalmente baixou os olhos se sentiu meio atordoado. Ela era pequena, delicada e absolutamente perfeita. Estava quase com medo de tocá-la; medo de machucar a pálida pele leitosa tão delicada. Ele respirou com dificuldade.

Passeou seu longo dedo indicador ao redor do seio direito, para logo agarrá-lo entre suas mãos. Ele estava certo; cabia perfeitamente bem em sua mão fechada. Era como tocar um quente cetim. Abaixou a cabeça e levou sua boca ao seio, lambendo o pequeno mamilo rosado e chupando-o. Seu gosto era exatamente como tinha imaginado. Como uma cereja. Seus dois mamilos tinham sabor de cereja. Quando levantou a cabeça, eles estavam duros, rosa escuro e úmidos por terem estado em sua boca.

A respiração dela estava acelerada e ele podia ver o batimento do coração a toda velocidade em seu seio esquerdo. Desejo? Medo?

Cooper voltou a inclinar-se para frente, roçando sua boca na dela.

— Não tenha medo de mim — ele sussurrou, — não vou te machucar — E rogou a Deus para que isso fosse verdade.



— Não — sussurrou Sally. Mas sua voz era suave e insegura.

Este era o momento de passar confiança para ela com palavras, de fazê-la se esquentar e amolecer. Sally Anderson era uma professora, uma leitora. As palavras a ajudariam relaxar com ele. Se ele usasse as palavras certas, ela poderia até se excitar. E Cooper precisava excitá-la, precisava deixá-la úmida para que dessa forma estivesse preparada para recebê-lo. Caso contrário, a coisa não funcionaria.

Mas a sua maldita sorte quis que Cooper não encontrasse nada para falar que pudesse seduzi-la e tranquiliza-la; absolutamente nada. Não seria capaz disso nem em seus melhores tempos, muito menos agora que seu cérebro estava cheio de luxúria. Foi um milagre ele ainda ter conseguido dizer que ela não tivesse medo dele.

Cooper soltou a cadeira. Ele precisava vê-la nua, neste momento e para isso, precisava de ambas as mãos livres. Desabotoou-lhe as calças, baixou o zíper e os abriu; deu um gemido quando sua mão roçou na pele suave de sua barriga lisa. Cooper passou uma das mãos pelas costas dela e a levantou sem esforço, tirando suas calças e as calcinhas em um só movimento com a outra mão e depois tirou suas meias e os sapatos. Por fim ela estava nua.

“Ah, Merda”.

Cooper colocou Sally de volta na cadeira, sem tirar a mão entre sua coxa, e ficou olhando firmemente os brilhantes cachos vermelhos que estavam em sua mão. Levantou os olhos para olhá-la no fundo dos seus olhos.

— Você é ruiva — disse sem fôlego.

Sally Anderson era ruiva e ele era, oficialmente, um homem morto. Qualquer esperança quem ele tinha de se manter um pouco afastado dela e não cair rendido aos seus pés foi por água abaixo. Ela era incrivelmente bonita, inteligente, amável, quente e ruiva. E ele era um caso perdido.

— Sim... sim, sou ruiva. — Ela respirou fundo e o olhou diretamente nos olhos. — Isto... é algum problema para você? — Por mais estranho que pudesse parecer, Sally ficou gelada, sem saber muito bem o que fazer e inclusive com um pouco de medo. — Você não gosta de mulheres ruivas?

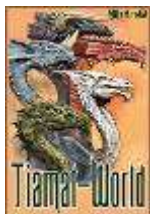
— Não. — Cooper pigarreou. — Amo mulheres ruivas.

— Ah. — Mais do que uma palavra, como uma suave exalação de ar... Que bom então.

— Mmm. — Ele não soube o que responder. Havia um ruído muito alto em sua cabeça. Ele estava muito concentrado estudando o contraste da sua mão e as coxas dela; sua pele escura e áspera contra a dela, suave e pálida. Suas mãos se levantaram como se não pertencessem a ele, como se tivessem vida própria e cobriram a área onde queria colocar seu pau tão logo fosse possível, sem parecer um animal.

Sally abriu as pernas um pouco mais, apenas o suficiente para recebê-lo. O cabelo que cobria seu ventre era suave. Cooper deslizou os dedos pelas dobras de seu sexo. E os dois tremeram quando começou a exploração. Como ele suspeitava, ela era pequena e apertada. Mas estava úmida.

Isso era bom. Um pouco mais e finalmente poderia afundar seu pau latejante dentro dela.



Não agora, ainda não. Mas muito em breve ou então ele morreria.

Explorou-a cuidadosamente, espalhando sua umidade através da pequena abertura e em volta do clitóris.

Uma vez ele ficou muito surpreso quando uma garçonne disse que gostava de ser tocada lá por ele. Aparentemente, a maioria dos homens pressionava, apertava e manipulava com força o clitóris como se ele fosse um pênis. Era incrível como os homens podiam ser tão idiotas.

Ele, por instinto, sempre teve muito cuidado ao tocar o clitóris de uma mulher. Ele era tão suave e tão pequeno... Se fosse desajeitado e não prestasse atenção, perdia os pequenos sinais que o corpo da mulher emitia.

A vagina de uma mulher era como a boca de um cavalo. Antes de contratar um cavaleiro, Cooper reparava em como ele prendia os freios em sua boca. Os cavalos podiam ser animais grandes e fortes, mas tinham uma boca muito delicada. Se os tratava mal podia feri-los, mas se os tratava bem, os ganhava completamente.

A força não servia de nada neste caso. Tinha visto cavaleiros fortes e grandes maltratar a boca cavalos. E a homens fortes e grandes maltratar as mulheres.

Os cavalos precisavam de uma carícia de vez em quando; o mesmo acontecia com as mulheres. Como podiam machucar uma carne tão macia e suave? Sally abriu mais as pernas e Cooper percebeu que ela estava ficando mais úmida. Ele continuou a exploração com seu dedo olhando para ela com atenção. Viu que se ruborizava, abria ligeiramente a boca em busca de ar e que sua respiração se acelerava.

Cooper pressionou o dedo dentro dela, sentindo que sua suave carne se abria para ele. Moveu o dedo com cuidado. A maioria das mulheres tinha um ponto débil, exatamente ali dentro...

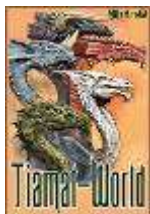
Ela gemeu e abriu as pernas ainda mais e seus músculos do estômago se apertaram. Cooper ficou paralisado por alguns instantes e sem mover a mão. Dentro do seu jeans podia sentir o esperma escorrendo de seu pau. Ele estremeceu, estava a ponto de gozar.

Sally colocou a mão trêmula em seu rosto; já não tinha as mãos frias, mas em sentido inverso, parecia um ferro quente contra sua pele.

— Cooper? — Olhou-o nos olhos. — Você não quer ir para à cama?

— É o que mais quero. Mais do que qualquer coisa neste mundo — conseguiu articular. Tinha a garganta seca e áspera; as palavras saíam de sua garganta como pedras, lenta e dolorosamente. — Mas assim que estejamos na cama e eu tenha tirado minhas calças, estarei dentro de ti em menos de meio segundo. E não haverá nada que possa me deter. Então, as únicas preliminares que você terá serão estas aqui e agora. Nesta cadeira.

— Oh. — Sally falou um *Oh* perfeito com sua boca preciosa. Quase podia ver como ela processava em sua cabeça o que ele acabava de dizer. Ela abriu a boca para dizer algo, mas Cooper acariciou seu clitóris com o dedo, fazendo círculos e os pulmões da Sally se esvaziaram de ar com um som estridente. Sentia sua excitação pela forma que seus músculos internos apertavam seu dedo e pelo aumento dos batimentos cardíacos que marcavam em seu peito e pescoço. Apertou os dentes. Se seu pau inchasse um pouco mais estouraria suas calças.



Ele estava respirando com dificuldade pelo esforço de tentar se controlar.

— Há mais. — Avisou Cooper. Ele tinha que falar enquanto ainda restava um pouco de sangue em sua cabeça. — Só tenho uma camisinha na carteira. Por razões sentimentais, eu acho, porque faz mais de dois anos que não tenho relações sexuais. Provavelmente está com a data de validade vencida. E uma camisinha não será o suficiente. Pela forma que estou me sentindo neste momento, não seriam suficientes nem dez. Não sei como vamos resolver este problema.

Ela ficou vermelha como um tomate, indo de um rosa claro à um vermelho brilhante em meio minuto. Sorriu um pouco trêmula e puxou os dedos que estavam dentro dela. Cooper deixou que ela puxasse sua mão e ficou alucinado ao ver que ela levava seus dedos à boca e os esfregava contra os lábios. Tinha os dedos e a palma molhados com seus sucos.

— Está tudo bem — ela sussurrou. Seus olhos eram duas piscinas cor turquesa tão brilhante e profunda que podia se afogar neles. — Minha menstruação estava irregular e a minha ginecologista me receitou pílulas. Não há necessidade...

O que quer que ela fosse dizer se abafou na boca de Cooper; que levantou-se com ela em seus braços e a levou para o quarto.

Capítulo 7

Era como voar.

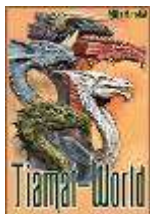
Julia não tinha nenhuma sensação de gravidade. Cooper a levava com facilidade, como se ela fosse uma pluma. O que a mantinha presa era a sensação de seus músculos fortes a agarrando e sua boca presa à dela.

Ele não hesitou nem se atrapalhou ao procurar o quarto; era como se ele tivesse vivido toda a sua vida naquela casa, Cooper foi direto para o seu quarto. Abriu a porta, que estava meio fechada com um chute tão forte que ricocheteou contra a parede. Fez um som parecido ao de um tiro em uma noite silenciosa.

Era o primeiro indício de que ele estava perdendo o controle, a indicação de que o punho de aço com que ele manteve a calma estava se quebrando. Se ela não estivesse totalmente quente por ele, teria ficado gelada. Apesar de todos seus músculos fortes estarem tensos enquanto a beijava, isso a excitava intensamente. Seus beijos na verdade, eram suaves e doces. Muito mais suaves que muitos dos que ela havia experimentado.

Qualquer outro homem teria ido direto ao ponto uma vez que ela havia aceitado deitar-se com ele. Mas Cooper não; ele a beijou e tocou com cuidado. Ficou aguardando enquanto a olhava atentamente. Se não tivesse visto e sentido, a forma feroz como ele tentava se controlar, teria pensado que ele era um tipo de homem que se excitava lentamente.

Mas os músculos de seu rosto estavam rígidos e suas narinas como as de um garanhão. E embora ela não tivesse se atrevido a olhar fixamente, teve um vislumbre de sua enorme ereção dentro da sua calça.



Seu controle sobre suas emoções era tão forte que ela chegou a pensar que talvez conseguissem fazer amor suavemente e depois poderia se abraçar a ele. Essa era a parte que ela mais gostava no sexo: a de sentir-se protegida. Mas agora, ao ver Cooper abrir a porta com um chute forte, pensou que a coisa seria mais dura do que ela havia imaginado.

Cooper foi diretamente à cama, onde a deitou sem deixar de beijá-la em nenhum momento. Quando esteve completamente deitada, afastou-se.

A perda de seu intenso calor em seu corpo a deixou gelada. Ali, deitada na cama, Julia percebeu de repente de que estava completamente nua. Tentou puxar a colcha para se cobrir.

— Não — ele rosnou, balançando a cabeça com força. — Não se cubra.

— Estou com frio — sussurrou Julia. E era verdade; embora estivesse também um pouco assustada. Claro que não podia dizer isso a ele, afinal, ela havia começado aquilo. Não podia mudar de ideia agora; tinha convidado Sam Cooper para sua cama e não havia como voltar atrás.

Mas havia algo na forma que Cooper se despiu, com movimentos rápidos, sem a graça masculina que ela havia admirado há alguns minutos atrás, que lhe dava um pouco de medo. Seus grossos e marcados músculos se flexionavam e se esticavam à medida que se despiu, o faziam parecer ainda maior e mais poderoso que nunca. A luz da sala que entrava pela porta entreaberta permitia ver como Cooper tirava o pulôver e a camiseta e os jogava no chão. Despiu-se com alguns movimentos das mãos e seu enorme pênis se sobressaiu de entre os densos e negros pelos pubianos.

Julia estremeceu de repente ao ver o que a roupa havia escondido.

Ela já tinha visto corpos musculosos antes, é claro, em sua academia e em fotografias. Mas não tinham nada que ver com o ser poderoso e nu que estava ao lado de sua cama. O corpo de Cooper não tinha nada que ver com o típico corpo de modelo de capas de revista. Era muito mais forte e resistente. Tinha o peito coberto com um arbusto de grosso cabelo negro, assim como nos braços e pernas. Os músculos não foram esculpidos por horas em uma academia, e sim pela vida, pelas batalhas. Seu corpo era grande, forte e tinha cicatrizes. Era o corpo de um guerreiro.

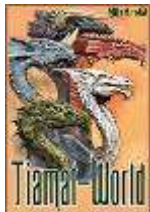
Ela era um guerreiro.

Julia tinha esquecido completamente disso, esqueceu que não era um simples fazendeiro gentil que não tinha muita habilidade para conversar. Ele era, basicamente, um assassino treinado. Provavelmente igual aos assassinos que estavam atrás dela.

Preso repentinamente pelo pânico, Julia percebeu que em sua dor e solidão tinha quebrado uma das regras principais de Herbert Davis: não se envolver com as pessoas do povoado. Em teoria, não devia deixar que ninguém se aproximasse muito dela; ele havia dito que era muito perigoso. Não podia dizer a ninguém que estava no Programa de Amparo às Testemunhas. Santana tinha uma influência de longo alcance e uma recompensa de um milhão de dólares era o suficiente para seduzir alguém. E ao convidar Cooper para sua cama, Julia poderia estar assinando sua sentença de morte.

Em mais de um sentido. Era o homem mais poderoso que havia visto; podia quebrar seu pescoço com um movimento de sua mão.

Cooper se virou um pouco para ela. Seu pênis era enorme, longo, grosso e estava com a



ponta úmida.

O perigo podia vir por distintos caminhos e este era um deles.

O coração de Julia pulsava com tanta força que pensou que a casa inteira tremeria. O pânico, o medo e a excitação se fundiram em um sentimento grande demais para que seu corpo o contivesse.

Cooper colocou seu joelho na cama e o colchão se afundou com o peso de seu corpo. Julia teve que apertar seus músculos para não virar e cair no vale que ele criou no colchão.

Quando se inclinou sobre ela, Cooper não parecia um amante a ponto de fazer sexo com ela e sim um guerreiro pronto para matar. Os músculos do seu peito e braços estavam tensos, os bíceps flexionados se sobressaíram quando ele a rodeou com um forte e longo braço para montá-la enquanto com a outra mão, abria suas coxas. Ele não estava sorrindo. Não havia nenhuma suavidade em seu rosto quando baixou os olhos para olhá-la; a pele que cobria suas angulosas bochechas estava completamente tensa e sua boca se torceu em uma expressão indecifrável.

Até seu pênis parecia mais uma arma do que um instrumento de prazer. Era grosso, duro como um porrete e muito maior do que qualquer outro pênis que ela havia visto. Ele era o perigo personificado e ela não tinha como escapar. Seu corpo se fechou em pânico, mas já era tarde demais.

Cooper já estava por cima dela. Ele era pesado e inflexível. Por um segundo ela foi incapaz de respirar. Ele colocou sua mão enorme entre eles procurando a entrada de sua vagina. E ela sentiu como ele ajustava a larga e dura cabeça de seu pênis contra ela. E, antes que tivesse tempo para relaxar os músculos da vagina para facilitar seu acesso, ele empurrou com toda a força de sua pélvis penetrando-a profundamente.

Doeu.

O pênis de Cooper era muito grande e ela ainda não estava preparada. Ele entrou queimando-a por dentro e abrindo-a sem piedade.

Julia piscou pelas lágrimas repentinas e choramingou mordendo o lábio. Foi ela quem quis isso, ela o havia procurado e ela tinha pedido que ficasse. Se agora ele era muito para ela, era sua fodida culpa.

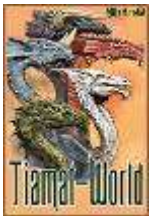
Cooper levantou a cabeça e a jogou para trás, ofegante, como se surfasse em uma onda. Uma grossa mecha de cabelo negro caía pela sua testa; ele esticou a mandíbula e os tendões de seu pescoço se destacaram como cordas.

— Porra — ele disse entre dentes, agarrando-a com força nos quadris. — Você ainda não estava preparada. — Ele estava suando; uma gota de suor rolou em sua bochecha. — Não posso parar. Não é possível. Sinto muito. — Sua profunda voz estava tensa. — Perdão.

— Está tudo bem — sussurrou.

Com um gemido, Cooper baixou o peito até deitar-se pesadamente sobre ela, com o rosto afundado no travesseiro que estava ao seu lado. Com as coxas flexionadas poderosamente, começou a investir com trancos rápidos e duros, com toda a força de seu corpo.

Era como se ela tivesse sido pega em uma tempestade castigada pela força do vento. Julia se agarrou nos ombros de Cooper não como se agarra um amante e sim com se agarraria a uma



árvore em uma tempestade furiosa.

O ritmo das estocadas de Cooper aumentaram, fazendo com que a cama batesse fortemente contra a parede e as molas rangessem alto em sinal de protesto. Julia perdeu a noção do tempo. Sentia como se tivesse passado toda uma vida com o pênis de Cooper dentro dela bombeando para frente e para trás.

De repente, sem nenhum aviso, Julia chegou ao orgasmo. E gritou quando uma grande onda a golpeou com a força de um trem em movimento e todo seu corpo se convulsionou.

Normalmente ela demorava muito para chegar ao orgasmo. Estava acostumada a começar sentindo redemoinhos de prazer, como se viessem de muito longe; depois, as coxas começavam a tremer e sentia uma onda de calor na parte inferior do ventre. De fato, seu corpo estava acostumado a avisar com muita antecipação tudo o que estava para acontecer.

Mas desta vez não avisou. Desta vez foi como se acendessem de repente um poderoso interruptor, provocando o orgasmo mais potente que ela já havia experimentado e fazendo com que sua vagina prendesse com força o pênis de Cooper.

Cooper gritou contra o travesseiro; Julia sentiu a vibração de sua profunda voz contra os braços e o peito. Ele gemeu, grunhiu, inchou ainda mais dentro dela e gozou também. Suas estocadas pararam enquanto ele pressionava profundamente dentro dela, tudo o que podia, liberando ondas de esperma em seu interior.

O orgasmo de Julia chegou ao fim. Ela estava agarrada firmemente nos ombros de Cooper; seus músculos estavam duros como pedra pela tensão e as costas molhadas de suor. Ela também estava molhada, do suor de Cooper, do seu e do esperma que escorregava pelas suas coxas. Julia percebeu de repente como era educada a forma que ela tinha feito sexo até então. Teve sessões de sexo educado e sem suor. Era como se tomasse um chá com um cara, só que era mais divertido porque estavam nus.

Mas com Cooper tinha sido rudimentar, brutal, animal. Nada de amabilidade e suavidade. Até o prazer tinha sido um... prazer animal, idêntico à forma que copulavam as águias ou os pumas.

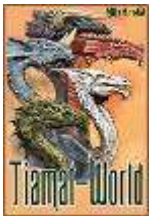
E ele continuava duro como o aço dentro dela. Não estava brincando quando disse que uma só vez não seria suficiente.

E ela havia tido mais do que suficiente com esta única vez.

Julia estava esgotada, afligida pela forma áspera e interminável a qual ele tinha feito amor com ela e pelo explosivo orgasmo que teve. Sentia-se incapaz de mover os músculos. Cooper pesava tanto que ela não tinha como encher os pulmões de ar para conseguir respirar. Suas coxas estavam totalmente abertas, completamente abertas para ele. Julia estava começando a pensar em como seria bom empurrar os ombros de Cooper para que saísse de cima dela, quando os quadris dele começaram a mover-se novamente.

“Oh, Deus, de novo não”. Já tinha tido o sexo mais longo de sua vida. E o mais emocionante também. Na verdade, continuava sendo emocionante. Embora sua mente lhe dissesse que era o suficiente, a parte inferior de seu corpo não estava ouvindo nada.

As estocadas profundas e pesadas de Cooper foram mais excitantes que as anteriores agora



ela estava completamente molhada devido ao seu orgasmo e à quantidade de esperma que ele bombeou dentro dela. Cooper se movia com habilidade dentro e fora dela, e ela estava queimando de prazer.

Cooper levantou a cabeça e ela ficou olhando para ele; seu rosto era duro e inexpressivo. Estavam unidos no ato mais íntimo entre dois seres humanos e, mesmo assim, era incapaz de saber o que ele estava pensando e o que sentia.

Ele empurrou mais fortemente agora; seus fortes e profundos trancos a enchiam de um calor brutal. E levantou as mãos para rodear o rosto dela, apoiando os polegares em sua bochecha. Julia estava completamente imobilizada; não podia mover o corpo em nenhuma direção, pois estava presa sob seu pesado corpo. Tampouco podia mover o rosto e seu olhar era tão intenso que nem sequer podia fechar os olhos.

Lentamente, Cooper foi baixando a cabeça até que cobrir sua boca com a dele. Para sua surpresa, seu beijo não foi rude e possessivo. Ele tocou sua boca suavemente e com cuidado, uma e outra vez. Ele cobriu suas bochechas e suas pálpebras com beijos leves, suaves e delicados como as asas de uma borboleta. A boca de Cooper passeou pelo rosto de Julia, roçando ligeiramente a orelha e a linha de sua mandíbula. Sua boca era quente e macia. Dolorosamente tenra.

O contraste entre seus beijos, doces e suaves, e a forma rude e quase violenta, com que fazia amor era elétrico, como se ela estivesse fazendo o amor dois homens diferentes de uma só vez. Pela primeira vez em sua vida, Julia ficou sem palavras e mesmo se ela soubesse o que dizer, não poderia falar, sua boca estava delicadamente ocupada.

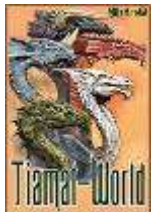
Passeou a mão pelas fortes costas de Cooper e se agarrou seus ombros, deleitando-se com a sensação de seus músculos. Era tão incrível; como o aço, só que quente. Apesar de seus beijos serem lentos e lânguidos, como se ele tivesse todo o tempo do mundo, como se fossem dois jovens beijando-se pela primeira vez em um campo, os golpes em seus quadris foram ficando mais fortes e cada vez mais rápidos.

Cooper abriu a boca de Julia suavemente. O contato da língua de Cooper contra a sua foi suficiente para que ela chegasse ao orgasmo novamente. Seu grito ficou abafado na boca de Cooper; Julia gozou novamente, mais forte que antes, as imensas ondas de ardente prazer a sacudiram, sua vagina se fechava com força e voltava a relaxar no ritmo das investidas de Cooper. O orgasmo foi tão intenso que ela sentiu vontade de gritar e chorar; parecia que o coração ia sair do peito. Agarrou-se a Cooper com os olhos cheios de lágrimas que rolaram por suas bochechas até cair no travesseiro.

Cooper murmurou algo que ela não conseguiu decifrar. Era incapaz de ouvir e de pensar, só conseguia sentir.

E ele continuava duro dentro dela — parecia poder ficar assim, duro dentro dela, o resto de sua vida, — mas seus movimentos tinham ficado mais lentos. O sexo tinha parado, mas continuava fazendo o amor, enchendo seu rosto e o pescoço de suaves e carinhosos beijos.

Julia estreitou seu abraço e escondeu o rosto no peito de Cooper. Não tinha nada para lhe dizer, absolutamente nada. Ele havia quebrado todas as suas defesas e se abrisse a boca, todos os seus segredos viriam à tona.



Então, agarrou-se a ele e escondeu o rosto, com os olhos firmemente fechados, esmagada pelas emoções, com o peito dolorido e aguardando que seu coração se tranquilizasse. Agarrada firmemente à Cooper, a única coisa estável em seu mundo desmantelado, Julia adormeceu.

* * *

Havia muito sangue.

O homem magro e pálido estava caído no asfalto sobre um rio de sangue que saía de sua própria cabeça e que formava uma mancha grossa e pegajosa no chão. Recuou horrorizada, deslizando pelo chão pegajoso. O homem com a arma se virou lentamente, tinha a boca aberta e curvada em um sorriso cruel e seus lábios estavam vermelhos de sangue.

— Mulher bonita — grunhiu, mostrando o sorriso vermelho e levantando lentamente a pistola. — Morra.

— Não! — gritou, mas nenhum som saiu de sua boca. A palavra ecoou em seu peito, mas o mundo se manteve em um silêncio gélido. Ela estava de joelhos agora, lutando por algo, sentia as batidas do seu coração na base da sua garganta e se perguntou se sentiria o momento em que ele deixasse de bater.

— Tarde demais — grunhiu o homem, apertou o gatilho e ela começou a morrer ali, no chão de cascalho e ajoelhada sobre o sangue de outra pessoa.

* * *

Julia suspirou e abriu os olhos, tremendo desorientada, perdida. Estava paralisada de medo e suando. Onde estava? O que...?

Havia uma figura alta e mais escura que a noite junto a sua cama. O grito não saiu de sua garganta; saiu em forma de sussurro abafado enquanto se segurava na cabeceira da cama, tentando se esconder e esperando não sentir o tiro...

A ampla silhueta se agachou ao seu lado e tomou sua mão entre as suas.

— Sally — disse uma voz profunda.

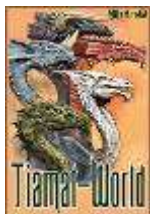
— Quem? — Julia balançou a cabeça, esforçando-se para passar do pesadelo à realidade. — Quem é Sa...? — Os alarmes ressonaram em sua cabeça. Mordeu os lábios com tanta força que saiu sangue e os olhos se encheram de lágrimas.

Cooper segurava suas mãos firmemente unidas entre as dele. Suas mãos eram quentes, duras e seguras.

— Sally, doçura, me escute.

Julia piscou, tentando pensar claramente, mas sem conseguir. A única coisa que a mantinha inteira era a mão de Cooper. Agarrou-se a ele e ele se inclinou sobre ela. Podia sentir o calor de seu corpo na escura e fria noite.

— Tenho que ir doçura. — Cooper estava completamente vestido e já havia colocado até seu pesado casaco negro de inverno. Seu rosto ficava meio oculto pelas sombras, mas pôde ver que



flexionava com força os músculos da mandíbula. — Eu e cinco dos meus homens sairemos às 4h30min desta manhã à cavalo para verificar a linha das barracas nas colinas. Vai demorar pelo menos trinta e seis horas, talvez mais, e teremos que acampar durante a noite em uma das barracas. Não poderei te ligar porque lá em cima não tem sinal.

— Tu... Tudo bem. — Seus dentes rangiam e era quase incapaz de falar. As terríveis imagens do pesadelo continuavam girando em sua mente como a fumaça após um incêndio. Apenas sabia que ele estava falando, mas nem sequer sabia a que barracas ele estava se referindo. Tudo o que sabia era que Cooper ia embora e a deixaria sozinha, no escuro, lutando contra seus fantasmas.

Ele estava com a testa franzida. Olhou para ela fixamente por alguns segundos.

— Você está bem? — perguntou finalmente com sua voz profunda e calma.

Julia sabia a que ele estava se referindo. Ela sentiu todos os seus músculos protestarem quando se levantou. Suas coxas doíam, estavam ardidias e pegajosas. O sexo tinha sido incrivelmente duro. Muito mais forte profundo e prolongado do que qualquer sexo que ela já teve. Cooper não tinha sido capaz de se controlar. Ela pressentia isso de alguma forma. Que ele estava arrependido por isso.

Por este motivo estava perguntando se a tinha machucado.

Não, realmente não. Estava dolorida, mas em grande parte se devido a intensidade dos seus orgasmos.

“Você está bem?”.

Não, na verdade, ela não estava bem. Estava se sentindo perdida, solitária e assustada. Queria desesperadamente que Cooper ficasse com ela. Queria agarrar-se a ele e sentir sua força em torno dela. Queria que ele mantivesse o medo e a solidão afastados.

— Ótima — respondeu com firmeza. Abriu a boca para mostrar um enorme e falso sorriso, consciente de que na escuridão ele não perceberia a falta de naturalidade em sua expressão, só os dentes brancos. — Estou bem.

Ele agarrou-a mais forte e voltou a apertar os músculos da mandíbula. Ele sabia que ela estava mentindo.

Cooper abriu a boca e voltou a fechá-la novamente. Estava claro que ele não podia dizer o que queria.

— Tenho que ir — repetiu.

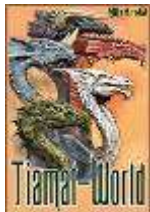
Julia concordou com cuidado, movendo a cabeça lentamente como se estivesse debaixo da água, ocultando suas emoções debaixo de uma camada muito fina. Apertou a mandíbula com força. Se abrisse a boca, começaria a chorar e imploraria para Cooper ficar com ela.

Mas não podia.

Ninguém podia ficar com ela. Estava completamente sozinha.

Cooper a observou por alguns instantes. Julia estava nua e morrendo de frio. A única parte quente de seu corpo, em sua vida, era a mão que Cooper segurava. Quando a soltou, concentrou todos os seus esforços em não voltar a tremer. Estava gelada até os ossos.

Ele estava ali de pé, alto e grande, a meio metro da cama. Era difícil acreditar que há pouco tempo atrás ele estava nu e dentro dela. Durante todo o tempo em que eles estavam fazendo



amor, Julia não pensou em nada que não fora o corpo dele sobre o dela e na sua explosão de prazer assustadora que ele lhe proporcionou. Enquanto faziam amor ela se sentiu mais unida a ele do que a qualquer outro ser humano. Não havia se sentido perdida nem sozinha.

E agora ele iria embora e ela ficaria sozinha na fria escuridão da noite.

A luz de seu relógio digital indicava que eram 4h da manhã. Se ele quisesse chegar a tempo em sua fazenda deveria ir embora logo.

Cooper deu um passo e parou. Julia podia ouvi-lo respirar profundamente, quase podia sentir a vibração da frustração que o embargava. Passou o peso de um pé ao outro; estava claro que ele não queria partir.

— Vá — disse baixinho.

Cooper suspirou e concordou. Um segundo depois, sem dizer mais nada, partiu. Julia escutou o som da porta principal abrindo e fechando e, um segundo depois, o ruído do motor de seu carro.

O silêncio a embargou, tão escuro e frio como a noite. Julia escondeu o rosto nos joelhos e deixou as lágrimas caírem.

Capítulo 8

O CD *La Bohème* de Luciano Pavarotti continuava tocando na sala quando o sinal do correio eletrônico tocou.

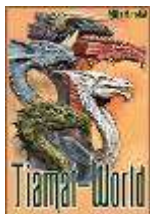
VINTE MIL DÓLARES AMERICANOS DEPOSITADOS EM CONTA NA SUIÇA. ACIDENTE DE CARRO OK?

O profissional comprovou o depósito em sua conta “uma das dez que tinha na Suíça”, e elogiou as autoridades dos bancos suíços por permitir que se fizessem transferências vinte e quatro horas por dia. Ali estavam os 20 mil dólares.

*Mimi*²⁷ estava deitada no colo de Rodolfo e ele estava dizendo que esquentaria suas mãos. Ela estava morrendo. Os dedos do profissional se separaram do teclado do computador para saborear aquele doloroso e colossal momento. Essa parte era tão comovente, tão trágica. O profissional cantarolou baixinho, a parte em que Rodolfo pega o corpo sem vida de Mimi em suas mãos, cantando sua dor. Quando a música acabou, ele demorou alguns momentos para recuperar a compostura antes de escrever a resposta para o norueguês.

RICHARD M. ABT: TRANSLADADO A ROCKVILLE, IDAHO. DIREÇÃO 120 CRESCENT DRIVE, SOB O PSEUDÔNIMO DE ROBERT LITTLEWOOD. OK ACIDENTE DE CARRO. BOA SORTE.

²⁷ Mimi e Rodolfo: Personagens da ópera *La Bohème*



Estimulado pela curiosidade, o profissional procurou no arquivo roubado o segundo nome de Richard Abt. Sentia-se quase como se remexesse em uma casa velha. O processo era rápido. Ali estava: Marion. O nome do meio de Richard Abt era Marion. Que classe de nome era esse para um cara? Não era a toa que usasse só a inicial.

Não importa, o homem agora seria história.

O profissional sorriu. Richard Marion Abt. Destruído através do computador.

* * *

— Ei, não!

Na tarde de segunda-feira Julia sorriu e limpou o sabão dos olhos. Gostava tanto de ter outro ser humano em sua casa. Ela passou o domingo andando pela casa vazia, sentindo-se encurralada entre as quatro paredes, perdida e sozinha, conversando com Fred, que só lhe respondia ladrando. Agradeceu a Deus quando chegou segunda-feira e encontrou sua sala de aula cheia de crianças.

Rafael a tinha acompanhado depois da aula e tinham repassado seus deveres, mas a Guerra Civil e os verbos foram relegados imediatamente a um segundo plano ao ver Fred. Rafael tinha se apressado para terminar os deveres e a aprender os verbos de cor antes de sair correndo para ajudar na fascinante tarefa de dar banho em Fred.

Para isso precisaria de uma banheira, meio pote de sabão com essência de rosa e praticamente todas as toalhas que havia na casa. Depois de alguns dias de comida, descanso e carinho, Fred parecia outro. Quase não mancava mais e estava prestes a se apaixonar por Rafael; e o sentimento era claramente recíproco, pois Fred e Rafael sorriam com a mesma cara de bobos.

— Você está cheiroso, companheiro — disse Julia a Fred enquanto o esfregava com força. — Pelo menos agora cheira um pouco a rosas.

O cão gemeu em resposta.

Bateram com força na porta. Julia ficou em pé com o coração acelerado.

— Cooper. — A porta abafou sua voz, mas ela não tinha dúvida de que era ele. Não tinha ouvido falar dele desde que a deixou no domingo, antes mesmo de amanhecer.

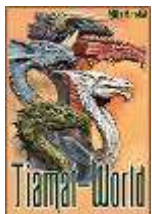
Secando as mãos na única toalha que restava limpa e tentando se acalmar, foi abrir a porta. Lá estava ele, alto e forte, vestido de negro e sustentando um pacote embrulhado em um papel marrom. Ela passou o dia anterior inteiro pensando nele e mesmo que não tivesse pensado, seu corpo inteiro teria lembrado, pois, seus músculos estavam doloridos e a dor que sentia entre as coxas era como se ele ainda estivesse dentro dela.

Assim que a viu ele tirou o chapéu de cowboy que usava.

— Sally.

“Oh, Deus”. Aquela voz. Ele havia sussurrado coisas em seu ouvido enquanto fazia amor com ela com essa voz profunda. Ao ouvi-la agora, teve um flashback momentâneo do quarto escuro e de Cooper profundamente dentro dela, movendo-se com rapidez e força. Seus joelhos tremeram.

— Cooper. — Sua voz quase não saiu. Foi para um lado da porta e ele entrou, passando tão perto dela que podia sentir seu cheiro. Couro, chuva, homem.



Do banheiro, Rafael gritou de prazer e Fred latiu. Cooper levantou a cabeça um momento e quando baixou para olhar em seus olhos, Julia quase pôde imaginar no que ele estava pensando. Rafael estava ocupado no banheiro com Fred. E no momento estavam sozinhos.

Julia tinha ensaiado diferentes posturas que poderia adotar quando ele voltasse a vê-la: simpática, mas distante; não, fria, mas divertida; não, carinhosa, mas sem ser pegajosa; não, simpática, mas irônica...

Só que não deu tempo de colocar nenhuma delas em prática porque Cooper deu um passo à frente e a beijou. Profunda e apaixonadamente. O beijo foi equivalente ao sexo que tinham feito, quando seu pênis a possuiu completamente.

Sem parar de beijá-la, levantou-a em seus braços e levou-a para o quarto. Fechou a porta e trancou-a ainda beijando-a. Colocou uma de suas mãos enormes debaixo de sua saia para acariciar seu quadril. Oh, Deus, como gostava sentir novamente suas mãos em seu corpo. Com os olhos fechados e na ponta dos pés, Julia abriu mais a boca e mordiscou a língua dele.

Cooper estremeceu. Inclinou-se um pouco para trás e a levantou contra a parede, segurando-a com uma das mãos enquanto com a outra tirava suas calcinhas, meias e sapatos. Agarrou-a pelas pernas e as colocou em volta de seus quadris; com uma das mãos acariciava seu sexo enquanto desabotoava o zíper dele e estremeceu novamente. Podia sentir o quanto ela estava úmida.

Era surpreendente. Julia sempre demorou um tempo para esquentar-se sexualmente. Gostava de preliminares longas e gentis. Gostava que lhe dissessem palavras carinhosas e a acariciassem suavemente. Cooper não tinha feito nada disso e mesmo assim, ela estava mais que pronta para ele. Só em vê-lo ficou tão excitada como um hamster que sabe que se pressionar a barra consegue bolinhas de comida. Mas Cooper combinava com sexo duro e excitante.

Ele abriu as calças e seu pau se liberou imediatamente. Guiou-o com sua mão para ela. Abriu-a com dois dedos, colocou a ponta do pau e empurrou com força.

Julia foi completamente possuída por ele. Ele a comia com a boca e com o peso de seu corpo, mantinha-a ancorada contra a parede enquanto abria suas pernas com as mãos. O áspero tecido de seu jeans roçava suas pernas.

Apoiou-se pesadamente contra ela e afastando-se de sua boca, olhou-a com os olhos apertados. Seu rosto era tão forte quanto inflexível.

— Passei um dia e meio pensando neste momento — sussurrou com os olhos brilhando.

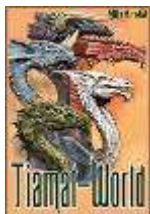
Então, de repente, Julia começou a ter um orgasmo, com algumas fortes contrações que fizeram com que os olhos de Cooper se abrissem e as narinas se inflassem. Ele respirou fundo e retirou quase todo o pau de dentro dela para recomeçar as estocadas.

— Senhorita Anderson? Senhorita Anderson? Onde está? Fred precisa um secador. Senhorita Anderson?

— Porra — sussurrou Cooper.

Os dois ficaram paralisados; Julia olhou fixamente para os olhos negros de Cooper. Seu orgasmo não parava e seu corpo seguia seu caminho embora sua mente gritasse: “Pare!”

A força do orgasmo fez com que ela se estremecesse e perdesse completamente o controle



de seu corpo. A respiração profunda de Cooper soou alta no quarto. Ele ainda continuou duro dentro dela mas, parou de se movimentar e ficou quieto.

— Senhorita Anderson? — A voz de Rafael foi desaparecendo. Ele estava indo para a cozinha procurá-la, onde obviamente não a encontraria. Não havia mais um quarto na casa então, em seguida ouviram seus passos atravessando a pequena sala de estar.

Graças a Deus, as contrações começaram a desaparecer. Trêmula, Julia empurrou os ombros de Cooper, que fechou os olhos como se estivesse sentindo dor e se retirou dela. Ela baixou as pernas confiando que não falhariam, pois estava tremendo.

— Senhorita Anderson? Ei, onde você está? — O trinco da porta se moveu.

— Um... — Sua voz não saía. Julia pigarreou e tentou novamente: — Um momento. Estou indo Rafael, sairei em um minuto.

— Tudo bem. Precisamos um secador de cabelo. — Rafael assobiava alegremente enquanto voltava para o banheiro com Fred.

Julia só pôde olhar para baixo. O pênis de Cooper estava escuro, enormemente inchado e pegajoso com seu orgasmo. Cooper estava tentando colocar aquela enorme ereção de volta em suas calças, mas o zíper emperrou. Julia estremeceu quando encontrou seu olhar.

— Isso deve doer.

— Você não tem ideia... — murmurou.

— E você não... ehh...

— Não. — respondeu com seus negros olhos presos ao dela. — Embora eu tenha a intenção de fazê-lo. Assim que deixar Rafael em casa, pretendo voltar e passar a noite toda dentro de você. E então sim, gozarei. Muito.

Ela não tinha ar nos pulmões, apenas calor. Por tudo o que tinha visto, e sentido, sabia que Cooper era capaz de fazer exatamente o que dizia.

— Oh — disse fracamente. — Oh, humm... Tudo bem.

Ele rodeou seu pescoço com uma das mãos e a beijou. Quando levantou a cabeça, continuou acariciando seu pescoço com o polegar.

— É melhor você ir ver Rafael. Vou sair em um minuto.

Julia concordou e caminhou lentamente para a porta.

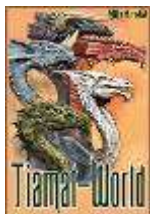
— Doçura? — Julia virou e olhou para ele interrogativamente. — Você não vai colocar os sapatos e alguma roupa íntima antes de sair?

— Sim — disse Julia, ainda confusa. Quase não entendeu suas palavras. Ainda sentia os efeitos posteriores ao orgasmo e as úmidas paredes de seu sexo que se roçavam quando se movia. — Roupa íntima.

Roupa íntima, roupa íntima. Onde está...? Ah. As meias, calcinha e sapatos estavam em um canto. Quando finalmente ela se arrumou, Cooper parecia menos selvagem e mais decente também. Ela notou que ele manteve seu casaco, que chegava até as coxas e cobria a ereção.

Julia tirou o secador da gaveta e se dirigia para a porta quando o sentiu atrás dela; sentiu o calor de seu corpo e da enorme presença de Cooper.

— Senhorita Anderson? — A voz de Rafael chegava fracamente do banheiro.



—Já vou! — Gritou Julia e quase pulou quando sentiu a áspera e enorme mão de Cooper em seu pescoço. Ele se inclinou e a beijou na nuca, um beijo ligeiro que acabou quase antes de ter começado.

— Espero... — murmurou junto à orelha da Julia. — Que quando eu voltar você também goze a noite toda.

Julia parou com a mão na maçaneta, uma grande de onda de calor quase a fez cair de joelhos. Cooper não deveria dizer coisas deste tipo; principalmente quando estava prestes a encontrar com uma criança. Ela tinha certeza que seu rosto estava vermelho. Estava confusa e seu coração batia acelerado. Para conseguir abrir a porta, teve que tentar duas vezes. Não podia virar-se; se fizesse isso, veria Cooper e então trancaria a porta e se jogaria em volta do pescoço dele. Então, olhou para frente com decisão, abriu a porta e saiu com o passo vacilante em direção ao banheiro.

O banheiro parecia um incrível desastre. A banheira estava cheia até a borda de água e espuma, que escorria para o chão cada vez que Fred se movia.

Julia entregou o secador para Rafael, que mal olhou para cima.

— Ah, ótimo! Obrigado senhorita Anderson. Tenho que secar Fred, senão ele se resfriará. Venha, Fred, saia. — Rafael estalou os dedos e Fred saltou fora da banheira, junto com metade da água.

— Espere! — Tarde demais. Fred se sacudiu e molhou todo o banheiro. Julia levantou as mãos para proteger-se, mas Rafael estava pingando. O banheiro estava tão molhado que era muito perigoso utilizar um secador lá. Com um suspiro, Julia tirou o secador da mão do Rafael, pegou uma toalha velha do armário e a estendeu no chão da despensa.

— Aqui, Rafael — disse, ligando o secador na tomada.

Rafael e Fred foram tranquilamente para a despensa, espalhando água pelo caminho. Quando o menino ligou o secador, Julia saiu.

Cooper a estava esperando na sala, com uma enorme caixa nas mãos. Estendeu para ela.

— É para você — disse simplesmente.

Um presente. Julia piscou. A caixa estava embrulhada em papel pardo e tinha uma corda. Em Boston, um pacote com papel pardo e barbante era considerado chique; claro que o papel tinha que ser feito a mão, não estar tingido e ser tosco, e a corda precisava ser de cânhamo²⁸ e geralmente envolviam presentes muito caros.

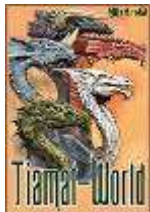
O papel desta caixa irregular tinha um selo que dizia “Empório de Lojas de ferragens Kellogg”.

Julia pegou a caixa. Ela era surpreendentemente pesada. Levantou os olhos para Cooper com o coração acelerado.

— Ob... obrigada.

Ele concordou sério.

²⁸ Cânhamo: Planta de folhas palmadas, cultivada pelo seu caule, que fornece uma excelente fibra têxtil, e pelas suas sementes, que dão um óleo.



Julia balançou a caixa e algo grande mexeu em seu interior. Não tinha nem ideia do que podia ser. O rosto de Cooper não mostrava expressão alguma. Julia cortou a corda, rasgou o papel, abriu a caixa e... encontrou uma engenhoca de aço e metal; olhou confusa para Cooper.

— Ferrolho — ele disse.

— Ah — respondeu com um fio de voz. — Um ferrolho. Ehh, obrigada. Sempre quis ter um.

— A fechadura da porta está muito enferrujada. — Cooper tinha a testa franzida, como se a fechadura de casa da Julia fosse seu desafio pessoal.

— Sabe como... colocá-lo? — Era assim que falava? O que se fazia com os ferrolhos? Montava? Embora já estivesse montado; era uma só e reluzente peça. Mesmo assim, Cooper parecia ter entendido sua pergunta. Jogou a cabeça para trás, surpreso, e franziu ainda mais a testa.

— Claro — disse como se ela estivesse perguntado se ele sabia andar ou ler.

Tinha-lhe ofendido? Não havia forma de saber, pois sua expressão era exatamente igual sempre: impenetrável. Poucos minutos depois, Cooper pegou sua caixa de ferramentas e foi fazer algo viril e competente com a porta e o ferrolho.

Julia pensou então em fazer algo feminino e competente na cozinha. Por isso, quando um Fred quase seco cheirando a rosas e um sorridente Rafael entraram na cozinha, ela já havia arrumado uma mesa com chá e um bolo de limão, que tinha feito no domingo para distrair seu aborrecimento.

Cooper apareceu um minuto depois. Através da porta da cozinha pôde ver o ferrolho na porta, enorme, brilhante e capaz de proteger segredos nucleares.

Era tão doce que ele tivesse pensado nisso. Julia sorriu para Cooper, que estava de pé na porta.

— Obrigada, Cooper. — Seu sorriso o deixou paralisado, mas Julia começava a reconhecer já os distintos graus de sua impassibilidade. Aumentou o sorriso. — Venha comer um pedaço de bolo e beber um chá.

Rafael já comeu três pedaços e o peguei dando sorrateiramente um pedaço para Fred. Julia cortou uma fatia enorme para Cooper e outra muito menor para ela. Tinha posto algumas cascas de laranja e uns pedaços de canela no chá, para dar mais sabor. Cooper o cheirou antes de beber por precaução a princípio e depois com evidente prazer. Sorriu ao ver como ele mastigava com entusiasmo depois da primeira mordida em seu bolo de limão.

— Está bom — balbuciou. — E o chá também.

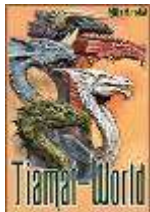
“Bom?”. Por um momento, Julia se indignou. Estava dizendo que seu bolo de limão estava bom? A receita era de sua mãe, e era famosa em três continentes. Não era boa, era fabulosa. Estava a ponto de dar uma bronca quando viu que ele entrecerrava os olhos de prazer, tal qual como fez Fred. Então ela relaxou-se.

Estava claro que quando ele disse “bom”, quis dizer “fabuloso”.

Julia envolveu o resto do bolo de limão em papel alumínio.

— Para Bernie — disse, embora suspeitasse que Rafael comeria a maior parte do bolo.

Cooper ficou em pé e Rafael o imitou.



— Para a caminhonete, Rafael — disse Cooper, sem afastar os olhos dela. — Mas primeiro agradeça à senhorita Anderson.

— Sim senhor. Obrigado, senhorita — disse Rafael obedientemente, depois se inclinou para abraçar Fred e saiu correndo.

Cooper ficou quieto, observando-a. Seus olhos negros baixaram até a boca de Julia.

— Não posso te dar um beijo agora — disse erguendo os olhos escuros cheios de desejo. — Seria incapaz de parar.

Julia concordou. A intensidade de seu olhar a deixou sem fôlego. O ar estava carregado de hormônios sexuais.

Cooper pegou o chapéu do cabide, passou a mão pelo cabelo e o colocou.

— Volto logo. O mais rápido possível — disse e saiu.

Julia começava a se acostumar com suas abruptas despedidas. Quem diria? Talvez as despedidas elaboradas fossem algo decadente, próprio somente das grandes cidades. Mesmo assim, e sem querer admitir, queria voltar a vê-lo, abriu as cortinas da janela e viu como Cooper ajudava Rafael a subir no banco do carona. Como sempre, os movimentos de Cooper eram precisos, ágeis e poderosos.

O pulôver e os jeans que usava pareciam perfeitamente limpos, mas pareciam também exatamente iguais aos que tinha usado no sábado. O que ela ainda não havia visto era o furgão negro que ele estava subindo.

Julia ficou pensando naquele homem que parecia ter mais carros do que roupa.

* * *

“Preliminares, preliminares, preliminares”.

Cooper repetia as palavras como se fosse um mantra enquanto dirigia de volta a Simpson para encontrar Sally depois de deixar Rafael na fazenda. Talvez se ele golpeasse sua testa contra o volante, o sangue voltasse para sua cabeça e assim ele poderia lembrar-se das preliminares quando chegasse na casa de Sally.

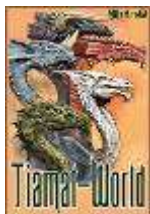
“Preliminares, preliminares, preliminares”.

Não iria chegar, agarrar Sally, despi-la, colocá-la contra a parede e enfiar seu pau profundamente nela.

Não, não e não.

la ter preliminares. Sim. Tentou gravar a ideia na mente, enquanto seu cérebro ainda funcionava.

Ele havia ficado excitado durante dois dias seguidos, o que fez render um montão de olhares engraçados por parte de seus homens enquanto faziam a ronda pelas barracas nas colinas. Quando seu pau se tranquilizava por alguns segundos, bastava qualquer lembrança... como por exemplo o mamilo de Sally e o seu sabor ou então aquele instante elétrico em que tinha metido seu pau entre em sua apertada vagina, abrindo-a... para que ele voltasse a ficar mais duro do que antes.



Não tinha dormido na noite passada, nem mesmo por alguns minutos. Não conseguira tirar nem uma soneca. Estava treinado para isso, claro; parte do treinamento dos SEAL incluía estarem acordados vários dias seguidos, em águas pouco profundas, depois de uma longa caminhada. Era um teste de resistência o qual se mesclava com o cansaço, o desconforto extremo e a falta de sono. Tinha superado as sessões de treinamento graças a sua força de vontade.

Mas esta falta de sono não tinha nada a ver com isso, era exclusivamente voluntário. Não que não quisesse dormir, simplesmente, cada vez que se deitava na cama podia ver — e quase podia sentir — o suave corpo de Sally. Suas pernas rodeando seus quadris, os pequenos seios contra seu peito, sua suave boca roçando sua orelha. Quando fechava os olhos em uma doce ilusão afastá-los, era capaz sentir o cheiro de sua pele, com um ligeiro toque de rosas, o feminino e único aroma de Sally.

Então, ficou sem pregar o olho por duas noites, mas ele não estava cansado, estava cheio de testosterona.

E não houve nada que pudesse fazer sobre isso, nenhum jogo mental para controlar sua ereção. Em sua vida normal A.M. (antes de Melissa), só tinha sofrido noites de insatisfação durante seu segundo ano do ensino médio, então, se meteu dentro das calcinhas de Lory Kendall. Depois disso, sempre que estava excitado, havia sempre alguma mulher perto, em algum lugar. Só precisava saber onde procurar. As únicas vezes em que as mulheres não estiveram disponíveis foi porque estava completamente concentrado com os treinamentos ou metido até o pescoço em alguma missão perigosa, muito ocupado lutando para manter seu pau a salvo que não podia pensar em nada que implicasse em realmente usá-lo. E, é óbvio que durante o tempo em que durou seu casamento, e um ano depois de acabado, seu pau permaneceu tranquilamente entre suas pernas e dentro das calças.

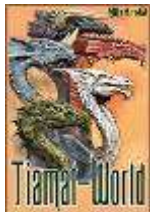
Agora ficava ereto com qualquer pensamento, especialmente às noites. Na noite anterior estava deitado acordado em seu saco de dormir, suando apesar do chão frio e pensando uma e outra vez em gozar dentro de Sally, como se estivesse passando um filme em sua cabeça. Quase se masturbou, só não o fez porque seus homens ficariam sabendo.

Normalmente não haveria nada errado por isso. As cabanas eram muito parecidas com as do quartel e ficavam longe dos civis; então, se masturbar no quartel era a coisa mais normal do mundo. Ser um soldado era um trabalho perigoso e solitário, se um homem conseguia encontrar algum alívio com sua mão, ninguém tinha nada contra.

Mas ele e seus homens não estavam em um campo de batalha, a milhares de quilômetros de qualquer mulher disponível. Havia várias mulheres disponíveis, se estivesse disposto a dirigir até Rupert, Dead Horse ou Boise. Ele não tinha nenhuma justificativa para masturbar-se só porque seu pau desejava Sally e ninguém mais. Ela não estava ali e seu pau queria saber por quê.

Foder Sally uma vez havia aguçado seu apetite. Ter tido seu pau dentro dela por alguns minutos à uma hora atrás, não contava. Na verdade só o colocava mais excitado ainda. Tinha feito muitas coisas difíceis ao longo de sua vida, mas tirar o pau de dentro de Sally quando tinha acabado de penetrá-la, tinha sido a mais difícil. Ainda mais enquanto ela ainda estava gozando.

Ele merecia uma fodida medalha.



O coração de Cooper ficou a mil por hora quando se aproximou e viu a desmantelada casinha da Sally. Queria estacionar logo em frente e ir diretamente para a porta, mas resolveu seguir mais à frente e estacionar o carro a uma quadra da casa dela. Ia deixar a caminhonete ali todas as noites, embora tivesse que sair na alvorada para chegar a tempo para as sessões de treinamento na primeira hora da manhã.

Era uma vã tentativa de proteger a reputação da Sally, embora a maioria dos habitantes de Simpson soubesse sempre tudo da vida um do outro.

Tinha ouvido dizer que os professores tinham uma cláusula em seus contratos a respeito da “imoralidade”. Se fizessem algo que fosse contra a moral e os bons costumes da comunidade, poderiam ser despedidos.

Claro que a única pessoa que podia demiti-la era o diretor do colégio, Larry Janssen, seu primo em segundo grau. E tinha certeza que Larry não a despediria por deitar-se com ele; ficaria sim, feliz em saber que Cooper tinha finalmente voltado a fazer sexo.

Mesmo assim, o que Sally e ele faziam juntos não era da conta de ninguém a não ser deles.

Cooper subiu as escadas da varanda com o sangue fervendo nas veias e fez uma careta ao ouvir o rangido. Esse degrau era o seguinte item em sua lista de consertos. A porta se abriu antes que ele batesse e uma Sally sorridente apareceu na porta. Tão preciosa como ele lembrava, tão frágil e preciosa. E abriu a porta sem saber quem estava ao outro lado.

Isso o deixou gelado.

— Você abriu a porta antes de me ouvir bater — disse, franzindo a testa com gesto de desaprovação.

Seu sorriso apagou do rosto. Ela olhou para ele, olhou para a porta e voltou a olhar para ele.

—Humm... Sim, abri.

— Mas eu ainda não tinha me identificado.

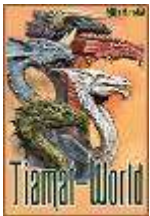
Sally revirou os olhos.

— Cooper, ouvi você passar com a caminhonete e estava te esperando; quem mais poderia ser, senão você?

Ladrões, drogados, estupradores, assassinos em série... Qualquer coisa! Cooper teve uma repentina e espantosa visão de Sally ferida, talvez morta; de repente sentiu um pânico atroz pelo que perderia se acontecesse algo a Sally.

Cooper teve vários flashes de intuição em sua vida, agudas impressões sensoriais de perigo. Uma vez teve uma visão de si mesmo no fundo de um penhasco com um quadril esmagado e fêmur quebrado. Ele se viu com a perna dobrada num ângulo não natural, sentiu a dor lancinante dos ossos quebrados enquanto observava como saía o sangue bombeando de uma artéria cortada. Deixou-se levar pela escuridão enquanto sangrava. Ficou tão nervoso com esta visão que resolveu verificar novamente junto com sua equipe e descobriu uma corda desfiada que, de alguma forma, não haviam reparado antes.

Em outra ocasião, teve uma súbita visão de si mesmo e os seus homens andando em uma emboscada na selva densa quente de uma ilha da Indonésia. Ele havia erguido a mão em sinal para parar, sua equipe se deteve e ficou completamente quieta em seu lugar. Permaneceram ocultos



mais de quatro horas, sem mover-se, sem respirar apenas e com o dedo no gatilho. Exatamente quando Cooper havia começado a pensar que sua famosa intuição podia haver falhado, ouviu-se um sinal e vinte islamitas saíram de seus buracos camuflados. Sua equipe os massacrou. Se não tivesse detido seus homens, teriam ido direito à emboscada.

Cooper havia aprendido da maneira mais difícil a confiar em seus instintos. Não se tratava de nenhum tipo de magia e ele não era nenhum vidente. Tinha os sentidos muito agudos e o treinaram para ser muito bom observador. Ele alcançava sutis sinais de perigo que seu subconsciente percebia e mandava um sinal de alarme em forma de visão.

E isso era precisamente o que ele acabara de ter. Uma súbita e dolorosa visão de Sally deitada em uma poça de seu próprio sangue, sem vida, longe dele para sempre. Algo em seu subconsciente dizia que Sally estava em perigo. Que alguém podia machucá-la. Que ela podia morrer.

Não enquanto ele vivesse.

Cooper entrou na casa, tirou o chapéu e se aproximou tanto de Sally que ela teve que jogar a cabeça para trás para olhar para ele. Estava interferindo em seu espaço pessoal e sabia disso, mas queria que ela gravasse bem na mente o que ele tinha a dizer.

— Não volte a abrir essa porta sem saber antes quem está ao outro lado, entendeu? — Seu tom de sua voz era brusco e duro, era o tom que usava com seus homens. O ser humano recorda o que aprende da maneira mais difícil, especialmente no que se refere à dor. Assim é como nos programaram. Sally precisava se lembrar do que ele estava dizendo, então usou seu tom mais áspero para ter certeza que ela lembraria.

O sorriso de Sally desapareceu e ele lamentou, mas não o suficiente para deixar de chegar onde queria.

— Sim, Cooper — sussurrou, procurando seu olhar. — Você tem razão, foi uma estupidez da minha parte.

— Amanhã colocarei um olho mágico na porta da frente e outra trava na porta de atrás. Colocarei também alarmes nas janelas.

— Sim, Cooper.

— Quero que você esteja segura. — As palavras saíram direto das profundezas de seu peito, provavelmente em algum lugar próximo de onde seu coração estaria localizado, se ele tivesse um.

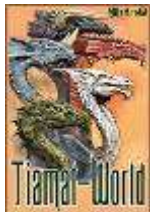
Sally estremeceu e perdeu a cor. Merda, ele a estava assustando. “Ela vai deixá-lo, Cooper”. A mulher mais bonita e desejável do mundo queria deitar-se com ele e ele se preocupava em assustá-la.

Mas não podia evitar.

— Prometa-me que nunca mais fará isso novamente.

— Prometo. — Foi um sussurro trêmulo, seus assombrosos olhos turquesa se alargaram. Levantou uma das mãos e a apoiou no peito de Cooper, sobre seu coração. — Acredite em mim, prometo.

As palavras se amontoaram na cabeça de Cooper; havia tantas que não conseguia dizer nenhuma. Não conseguia separar de sua cabeça a imagem de Sally ferida.



A imagem fez com que seu sangue fervesse e percebeu que mataria a quem quer que fosse para mantê-la segura.

Cooper colocou as mãos entre o cabelo da Sally e se inclinou para beijá-la. Sua boca era suave, acolhedora, tal e como ele sabia que era sua vagina. Ela estava pronta para ele. Seu corpo inteiro dizia isso. A forma como recebeu a língua de Cooper, abrindo a boca ainda mais para saboreá-lo melhor. A forma em que se retorceu contra ele para permitir que ele tocasse onde quisesse. A maneira que suas mãos agarravam seu ombro.

Sua pequena vagina estaria úmida e quente, como esteve há uma hora. Ele sabia disso com tanta certeza como sabia qual era o seu nome.

E o pensamento de saber que ela já estava úmida e macia esperando por ele o deixava louco.

Cooper a pegou no colo e a levou ao quarto. O simples feito de chegar à cama exigia um ato insano de autocontrole, porque o que ele realmente gostaria de fazer naquele momento era deitá-la no chão ali onde estavam, abrir sua roupa o suficiente para enfiar seu pau dentro dela e começar a mover-se com força e rápido.

Mas o chão estava frio, era duro e ele era muito pesado. Precisavam uma cama. Levou-a ao quarto, tirando seu pulôver e sutiã antes de cair na cama sem deixar de beijá-la. Ele movia-se freneticamente agora, confiando em não feri-la com as mãos. Graças à Deus ela estava usando uma saia. Ele a levantou arrancou suas meias e calcinhas, enquanto descia o zíper de sua calça. Cooper explorou as profundidades de sua boca enquanto percorria as coxas rapidamente com uma das mãos e com a outra, abria-lhe as pernas.

Ela estava úmida e ele gemeu em sua boca quando tocou sua vagina. Suave, quente e acolhedora, tal qual sua boca.

Cooper gemeu enquanto a mantinha aberta com dois dedos e sentiu que todo seu corpo estremecia quando empurrou com força para penetrá-la.

“Merda!”.

Manteve-se profundamente dentro dela e se apoiou nos antebraços. Seus olhares se encontraram. As pupilas dela tinham aumentado de excitação e talvez do susto, de modo que agora não ficava mais que um contorno turquesa ao seu redor. Tinha a boca úmida e inchada.

— Preliminares — ele suspirou. Havia esquecido completamente.

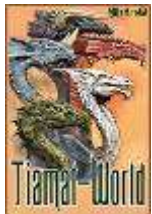
Sally puxou os músculos do pescoço de Cooper até que sua boca estivesse colada à sua.

— Mais tarde — sussurrou e o beijou.

Capítulo 9

— Aqui querida — disse no dia seguinte Loren Jensen, o dono da mercearia para sua esposa, — pode começar a colocar nas bolsas. — Passou os produtos muito devagar, mas Julia não se impacientou.

Para falar a verdade, quase começava a... bem... a gostar do ritmo lento de Simpson. Na



verdade os Jensen deviam ser os lojistas mais tranquilos de todo os Estados Unidos.

Se estivesse em Boston já teria começado a tamborilar os dedos no balcão e a olhar constantemente o relógio se a caixa do supermercado se movesse com a lentidão de Loren.

Parecia que havia passado uma eternidade desde a última vez que ela tamborilou os dedos sobre o volante de um carro aguardando que o semáforo ficasse verde; ou desde que aguardasse impientemente sua vez na fila do banco. Em Simpson não havia razão para fazer isso, até porque não conseguiria que ninguém fizesse nada mais rápido e de qualquer maneira, para que a pressa? Nem ela nem eles tinham outra coisa para fazer.

Julia se lembrou de alguns lugares que viveu com seus pais enquanto era uma menina. Antes que o trabalho de seu pai os transferisse para Paris ou Londres, tinham vivido em uma aldeia nos subúrbios do Dublin e em um povoado perto de Amsterdam. Tinha vivido a maior parte de sua infância no ritmo das aldeias e quase tinha se esquecido disso. Até que chegou a Simpson.

“Sou uma verdadeira Devaux”, pensou com ironia. Entrincheirava-se, tentando amoldar-se o quanto pudesse, antes de voltar a mudar.

Fazer compras na mercearia dos Jensen estava se transformando em um agradável ritual. Loren e Beth eram encantadores e parecia o típico casal de avós. Loren era alto e magro, enquanto que Beth era baixa e rechonchuda. Lembrava um pouco à mulher do fazendeiro do *Babe, o porquinho atrapalhado*.

Cada vez que Julia pedia algo que não tinham na mercearia, como algum pão integral especial, iogurtes gregos ou farinha de trigo grossa, anotavam e pediam para algum atacadista em Rupert.

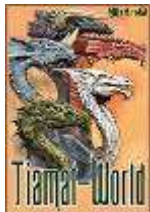
— Iogurte, leite, ovos, pão; sabe que desde que começou a pedir este pão de cereais, cada vez mais as pessoas começaram a comprar também? — Loren sorriu e se virou para sua mulher: — Não é verdade, querida?

— Pode apostar que sim. Semana que vem, vamos pedir mais pão de cereais. E também os iogurtes gregos. Vendemos todos os que você pediu. Você não é nossa melhor cliente, porque come menos que um passarinho, Sally, mas é a mais esperta de todos. — Beth Jensen sorriu. — Tem certeza que tudo o que precisa está aqui? — Entrecerrou os olhos e mordeu o lábio enquanto dava uma olhada nas prateleiras da loja.

Julia se pegou vendo a mercearia pelo que realmente era pela primeira vez, até então não havia reparado em nada lá dentro, exatamente como as mulheres incapazes de ver o que tem em sua sala; o tecido do sofá desgastado, os móveis arranhados e o tapete destruído de uma casa em que uma jovem esposa via seus filhos crescer sem se dar conta de que sua casa também envelhecia com o passar dos anos.

A mercearia era pequena por fora, mas por dentro era grande em profundidade. Sua frente voltada para rua tinha uma vitrine com os vidros desbotados pelo sol que Julia imaginou não ter sido trocado desde a sua inauguração. Para falar a verdade, Julia não viu nada mudar em Simpson desde que chegou. A mercearia inteira parecia não haver mudado muito desde que *Eisenhower* era presidente.

Ouviram-se um tilintar e Julia se virou. O prefeito e dono da Loja de Ferragens Kellogg entrou.



Glenn Kellogg era um homem barrigudo de meia idade. Estava acostumado a abrir um enorme sorriso e saudava efusivamente à todos o povoado. O dia em que conheceu Julia mostrou-se bastante espalhafatoso. Segundo Beth, era porque ela era a primeira pessoa em cinco anos que se mudava para viver em Simpson e Glenn gostava de pensar que seria primeira de muitas que estavam por vir. Julia se divertia com sua barulhenta simpatia. Era inofensivo se não levava em conta a enxurrada sem fim de piadas verdadeiramente sem graça que ele contava. Preparou-se para escutar uma delas, mas reparou que ele estava pálido e parecia abatido.

— Olá, Glenn — disse Julia.

Glenn balançou a cabeça com os lábios apertados. Julia teve a sensação que ele não a havia reconhecido.

Loren estava anotando um novo pedido de Julia: Pão italiano e tomates. E levantou os olhos com um sorriso.

— Oi, Glenn.

— Oi, Loren. — Glenn esboçou um sorriso em troca, mas o tom de sua voz era apagado, sem seu entusiasmo habitual.

— Você está bem? — perguntou Loren.

— Sim, sim. Estou bem. — Mas Glenn não parecia estar bem. Julia pôde ver que sua mão tremeu ao tirar uma folha de papel do bolso da camisa e desdobrá-la pouco a pouco. Mesmo quando abriu a folha, continuou com um olhar sem expressão, como se não estivesse lendo nada.

— Como vão os negócios? — Loren o olhava com curiosidade.

— Bem. — Glenn deixou cair a folha na bancada e olhou ao seu redor, como se surpreendesse de estar onde estava.

— E os meninos? Estão indo bem na faculdade?

— Sim, sim — disse Glenn com voz apagada. — Estão muito bem.

— Eles estão na capital, não é?

— Mmm. — Ele tocou o estômago distraidamente.

— E sua úlcera?

— Bem — Glenn passou a mão pela cabeça, despenteando-se completamente. — Estou bem.

Loren pareceu confuso e mordeu o lábio.

— Bem então... Você quer me mostrar sua lista?

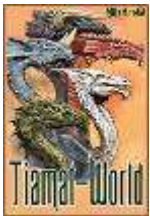
— Que lista? — Glenn baixou os olhos, surpreso, para o papel que tinha sobre a bancada de fórmica. — Ah, sim. Toma. — Entregou a lista para Loren.

— Como está Maisie, Glenn? — perguntou Beth com voz amável.

— Ah... bem — respondeu ele — Ela está... — Olhou para Beth com pesar. — Não, ela não está bem. Não está nada bem. Ela não pode... ela não quer... inferno! — Glenn soltou o ar com força, frustrado e os olhos se umedeceram.

— Está tudo bem, Glenn. Acalme-se. — Beth se aproximou e colocou uma mão nos ombros. — O que é o que ela não pode?

— Qualquer coisa. — Glenn virou-se para Beth com um olhar miserável. — Já não pode fazer



nada. Ou não quer fazer nada. Tudo que sei é que passa o dia todo na cama. Nem sequer se levanta pela manhã como sempre fez, e quando o faz, nem se preocupa em tirar a roupa de dormir. Está assim desde setembro, quando nosso filho mais novo entrou para a faculdade. Tudo que faz é olhar para as paredes e dizer que nada mais importa para ela.

— Eu fiquei um tempo deprimida quando nossa Karen se casou. — Beth colocou uma de suas mãos no ombro dele. — Foi horrível. Era como se minha vida se tivesse... acabado. Então me receitaram alguns remédios antidepressivos e comecei a me sentir melhor, mas só porque estava todo o tempo grogue. A verdade é que não me importava se estava triste ou não.

— Deprimida? — Glenn olhou para Beth com inquietação e depois para Loren pedindo ajuda. Será que é isso que ela tem? Depressão? Mas por que ela estaria deprimida? — Incluiu Julia no olhar que lançou com os olhos azul de Simpson úmidos e tristes. — Por quê? — Estendeu as mãos como se quisesse entender. — Nosso casamento é maravilhoso. Amo Maisie, sempre a amei. Temos dois filhos maravilhosos. Temos saúde e nossos filhos também. O que mais ela quer? Que outra coisa poderia querer? — Virou-se para o Loren, depois para Beth e finalmente para Julia. — O quê?

Loren deu de ombros e evitou o olhar de Glenn, claramente incomodado com as perguntas e com as emoções que Glenn não estava preocupado em esconder.

Beth e Julia se olharam com uma mensagem no olhar de: “Homens... eles não têm nem ideia!”.

Julia deu um passo para trás para que Beth se encarregasse de ajudá-lo. Glenn parecia completamente perdido.

Julia tinha encontrado algumas vezes com Maisie Kellogg. E agora que ele falou é que pensou que ela não via Maisie pelo povoado a pelo menos duas semanas.

— Bem, Glenn. — Beth franziu os lábios. — Não estou muito certa que tudo na vida funcione dessa forma.

— Como assim? — perguntou Glenn.

— Sim. — Loren olhou a sua mulher com curiosidade. — Como assim?

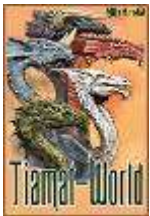
— Tome querido. Se encarregue disto, ok? Acho que Glenn precisa conversar com alguém. — Beth empurrou as coisas de Julia para seu marido. — Olhe Glenn, o fato de que vocês e seus filhos estejam bem de saúde não significa que Maisie também tenha que estar bem.

— Mas... mas não aconteceu nada. — Glenn levantou as mãos, confuso.

— Glenn. — Beth suspirou com força e o soltou o ar pouco a pouco. Você se lembra de 1979, quando sua loja pegou fogo e Maisie estava grávida de Rosie?

— Claro que sim — disse Glenn, sorrindo fracamente. — Maisie era como uma rocha. Montou uma cozinha no meio da confusão para dar de comer aos que lutavam por apagar as chamas e depois aos que ajudaram na reconstrução da loja. Negou-se a dar a luz até que a loja estivesse terminada. — Balançou a cabeça com admiração. — Rosie nasceu doze horas depois de que martelaram o último prego.

— E aquela vez que você pensou que estava enfartando e os médicos descobriram que seu problema era uma hérnia hiatal?



— Sim, claro. — Glenn franziu a testa. — Maisie me levou até Boise apesar da neve que estava caindo e não me deixou sozinho até que os médicos nos disseram que estava tudo bem. — Suspirou frustrado. — E é sobre isso que estou me referindo Beth. Maisie e eu passamos por muita coisa juntos. Conseguimos superar alguns momentos terríveis e sempre seguimos em frente. O que está acontecendo agora?

— Acho que... — disse Beth suavemente— Acho que o problema é que ela pensa que ninguém mais precisa dela. Seus filhos estão criados e dizem por aí que você está pensando em vender seu negócio... — Ela o olhou com curiosidade.

— É verdade. — Glenn olhou para Beth com uma expressão culpada e depois para Loren. Se a única loja de ferragens que havia no povoado fechasse, as coisas ficariam complicadas para os habitantes do Simpson. — O povoado parece encolher a cada ano e nossa receita também. Além disso, nosso Lee não tem nenhuma intenção de continuar com o nosso negócio. Quer ser professor de história, você acredita nisso? É uma verdadeira lástima. A Loja de Ferragens Kellogg está aberta desde 1938; meu avô fundou-a. Tentarei mantê-la aberta mais um ano, mas se as coisas não melhorarem, serei obrigado a fechá-la. — Encolheu os ombros. — Acho que assim é a vida.

— Mas enquanto isso você tem seu negócio. O Rotary²⁹. A caça no outono. — Beth olhou com desaprovação para Glenn e Loren. — As partidas de pôquer da sexta-feira de noite.

Os dois homens se olharam incômodos.

— E Maisie... — continuou. — Até então ela cuidava de você porque você tinha a loja. E cuidava dos filhos. Mas agora...

— Mas eu preciso dela — protestou Glenn. — Continuo precisando dela.

— Não, não é verdade. — A voz de Beth era suave. — Você e os meninos já precisaram dela, agora não precisam mais. Agora ela precisa fazer algo por ela mesma.

— Mas o quê? Você disse que passou por isso. O que você fez?

— Comecei a ajudar Loren na mercearia. — Beth olhou para seu marido de forma aborrecida. — Embora ninguém quisesse que uma mulher trabalhasse aqui.

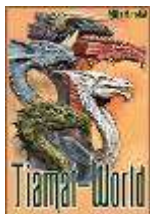
— Trabalhar na loja? — Glenn tamborilou um dedo sobre o queixo, pensando, antes de sacudir a cabeça. — Não. Maisie odeia as ferramentas.

— Bem, ela não tem que mexer com as ferramentas — disse Beth. — Pode ser outra coisa. O que Maisie gosta de fazer?

— Sinceramente não sei. Nunca... — Glenn começou a dizer e de repente seu rosto se iluminou. — Cozinhar. Ela gosta de cozinhar. É uma cozinheira maravilhosa. Sabe tudo a respeito de comida e essas coisas. Que tal se Loren e você...?

— Sinto muito, Glenn. — Loren tinha acabado de encher uma bolsa de plástico com as coisas que havia na lista. — Lutamos para sobreviver com este nosso negócio. Você sabe como a economia local está há alguns anos. Pode ser até que nós também acabemos com o nosso negócio; não atraindo nenhum de nossos filhos a ideia de continuar com o negócio. — Suspirou. —

²⁹ Rotary Club: É um clube de serviços à comunidade local sem fins lucrativos



Nem sequer querem ficar em Simpson. Nenhum jovem quer. Daqui a dez anos Simpson será um povoado fantasma, você verá. Será melhor que Maisie procure trabalho em outro lugar.

— Sim, com certeza. — Glenn afundou os ombros. — Como se houvesse algum por aqui. — Pagou o que tinha comprado e agarrou sua bolsa. — Muito obrigado por me escutar. Beth. Loren. — Acenou em direção a Julia. — Senhorita Anderson.

Beth o acompanhou até a porta e deu uns tapinhas em seu ombro.

— Dê um beijo em Maisie por mim; diga que me ligue se precisar conversar com alguém. — Observou enquanto se afastava, deu de ombros e se virou com gesto de ter feito o que precisava fazer.

— Obrigado por ser tão paciente — disse para Julia. — Vou telefonar agora mesmo e pedir suas coisas.

— Tudo bem — disse Julia suavemente. — Minha mãe teve uma depressão muito forte quando eu tinha quinze anos. Fiquei muito assustada e triste na época. — Julia nem pensou que estava falando até que se deu conta que falava de sua vida pessoal.

— É mesmo? — Beth a olhou com simpatia. — Meus filhos também se assustaram quando estive deprimida, mas eu não tinha como evitar. E como sua mãe conseguiu superá-la?

— Ela... — Julia tinha quinze anos. Seu pai fora subitamente transferido de Paris para Riad. Sua mãe adorava Paris e odiava a Arábia Saudita; odiava as humilhantes restrições que eles impunham às mulheres, a sociedade sisuda, sem cultura e dominada pelos homens. Então, um sábado, seu pai a encontrou com as esposas do embaixador, do adido cultural e de um agente que dizia ser um oficial da CIA, dirigindo pelo gigantesco recinto da embaixada, já que não era permitido dirigir em nenhum outro lugar. Ela estava embriagada por ter bebido muito vinho do porto que a mulher do embaixador tinha introduzido no país em um malote diplomático e cantava em plenos pulmões: *Não há nada como ser uma Dama*.

Depois daquilo, Alexandra Devaux se acalmou e tentou se dedicar a levar a melhor vida possível junto com sua família em Riad, tal como conseguira fazer em cada lugar que tinham vivido.

Julia piscou para desfazer-se das lágrimas. Gostaria de poder contar a história a Beth; tinha certeza que ela teria gostado. Mas Beth acreditava que ela era Sally Anderson, quem nunca tinha saído do país e cuja mãe estava viva e morando em Bend.

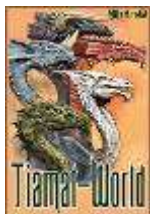
— Sally? — Beth a observava com a cabeça inclinada. — O que aconteceu com sua mãe?

Julia limpou os olhos furtivamente e pensou em algo a toda velocidade.

— Oh... Inscreveu-se como voluntária para ajudar os filhos dos trabalhadores imigrantes a aprender a ler inglês. Então acabou virando professora todas às tardes. Faz isso até hoje. — Isso não era uma mentira tão ruim, Até porque, se sua mãe fosse Laverne Anderson, ao invés de Alexandra Devaux, com certeza teria feito isso.

Beth suspirou.

— Isso é o que Maisie precisa fazer. Sabe o que eu penso? Que ela é uma grande cozinheira, mas quem iria contratar uma cozinheira em Simpson? — Beth balançou a cabeça com pesar e ficou atrás da bancada. Começou a apontar as coisas de Julia. — Pacote de arroz, lata de molho de



tomate, macarrão... não, já não chamam assim: massa... café descafeinado. Ok, acredito que está tudo aqui. Ah! — Estendeu uma das mãos e colocou um pacote de seis cervejas sobre o resto das coisas da Julia. — Quase me esqueci.

— Mas... mas... não pedi cerveja — Protestou Julia. Preferia vinho, embora ainda tivesse um buraco no estômago pela última vez que provou o vinho de Loren. Depois disso não voltou a bebê-lo. — Eu particularmente não gosto de cerveja.

— Não é para você, querida — disse Beth com simplicidade, — É para Coop. É sua marca preferida.

— Eu... — Julia sentiu que ficava vermelha. — Ah, é... ehh... — As palavras não conseguiam sair de sua boca. Sua língua se desconectou completamente do cérebro e se agitava sem sentido por sua boca. — Tudo bem, ehh... coloque então em minha conta.

— Não — disse Loren. — Estou em dívida com o Coop; ele me emprestou uma de suas caminhonetes quando a nossa quebrou. Diga-lhe que é uma cortesia nossa.

— Tudo bem... obrigada, então.

— Foi um prazer. — Loren entregou duas bolsas de mantimentos para ela e passou o braço pelos largos ombros de sua esposa.

Beth sorriu e suas redondas bochechas rosadas brilharam.

— Estamos muito contentes que Coop finalmente esteja dormindo com alguém — disse.

Capítulo 10

— Então? — Alice olhava para Julia com gesto espectador e sem piscar no sábado pela manhã.

Julia deu outra mordida no bolo de limão para ter certeza de que não tinha cometido nenhum engano.

— O que me diz? — perguntou Alice com impaciência.

“Maravilhoso — pensou Julia — Se você quiser ficar diabética”.

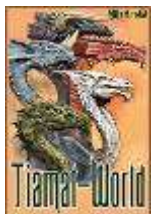
— Humm, Alice... — Julia começou a dizer, pois não queria ferir os sentimentos da moça — Você seguiu minha receita ao pé da letra?

— Claro. — Alice franziu a testa. — Quer dizer, achei que era pouco açúcar então acrescentei um pouco mais.

— Talvez seja melhor que siga à receita original — disse Julia com diplomacia.

— Está bem. — Alice sorriu. — A partir de agora, vou seguir sua receita ponto por ponto. Três clientes voltaram para tomar chá e Karen Lindberger me disse que tentou convencer algumas de suas amigas da Associação de Mulheres de Rupert para organizar algumas reuniões aqui. Imagina? Karen me disse que a presidente da Associação de Mulheres disse quealaria com a gerente daqui a respeito. Referia-se a mim. — Alice colocou a mão no peito e sorriu. — A gerente.

Julia fez uma careta, tentando não olhar ao seu redor para não ver as paredes sujas e o chão



rajado. Gerente. Talvez devesse chamá-la de atendente.

— Que bom — disse tentando parecer entusiasmada para o bem de Alice. — Semana que vem te darei algumas outras receitas de bolos.

— Obrigada. — Alice serviu um pouco mais de chá a Julia e observou sua reação. — O que te parece o chá?

— Excelente — disse Julia entre um gole e outro. E estava mesmo. — Parabéns.

Alice se reclinou no assento, encantada. Estavam sozinhas na lanchonete. Contra as expectativas de Alice, estava vazia num sábado pela manhã. Julia estava ali porque era sábado e sábado era o dia de tomar café da manhã fora. Também estava esperando Cooper, que havia combinado de levá-la a Rupert com ele.

Mas isso fora semana passada e não voltaram a tocar no assunto depois. Na verdade, realmente não falaram muito... desde então. As tardes e as noites viraram uma rotina: Cooper chegava ao final da tarde e enquanto ela colocava Rafael em dia com os deveres, Cooper arrumava sua casa em silêncio. A caldeira funcionava como um sonho, não havia goteiras por nenhum lado da casa, o bendito degrau da varanda não rangia mais e principalmente, aparentemente a casa tinha todas as medidas de segurança inventadas por um ser humano.

De repente Cooper havia se tornado obcecado pela sua segurança, de forma que todas as portas tinham agora fechaduras novas e brilhantes correntes de segurança. As portas e janelas tinham alarmes e estavam conectados ao escritório do xerife, havia olho mágico na porta principal e na da cozinha, e havia também o que Cooper chamava de “luzes de segurança” do lado de fora, que eram holofotes excessivamente potentes para que pudesse ver quem estava lá fora.

Era um pouco excessivo para Simpson, mas Julia precisava de amparo e tinha que admitir que tudo isso a fazia sentir-se segura.

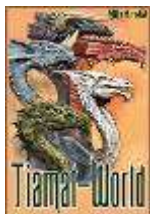
Isso sem mencionar o fato de que todas as noites ela levava para a cama a melhor e maior medida de segurança de todas: Sam Cooper.

Depois de trabalhar na casa e levar Rafael de volta ao rancho, Cooper voltava, levava-a para o quarto, tirava a roupa dela e a dele, deitava-a sobre a cama e se deixava cair sobre ela. Um segundo depois, estavam fazendo amor. Forte e rápido.

Não era uma história de amor que se encontra em revistas românticas, mas era fodidamente excitante. Naquelas últimas noites, Julia tinha experimentado dez vezes mais orgasmos que em toda sua vida. Não conversavam, não paravam para comer e nem sequer para dormir. Antes de conhecer Cooper, não tinha a mais remota ideia de que era fisicamente possível fazer amor durante horas, noite após noite.

Às vezes, quando Cooper se retirava de dentro dela antes do amanhecer, ainda estava ereto. Vestia-se, dava-lhe um beijo e ia embora. Julia caía adormecida como uma morta até às sete e meia. Ela decididamente estava com um atraso de sono de umas cinquenta e duas horas, estava totalmente acelerada, mas nada cansada. O colégio, Rafael, Fred e Cooper, mantinham-na ocupada durante todo o dia; não sobrava tempo para pensar em nada. Nem para ter pesadelos. Como ia tê-los? Suas noites estavam cheias de sexo e prazer.

Talvez devesse dizer aos responsáveis pelo Programa de Amparo às Testemunhas que o sexo



era a melhor forma de manter os seus protegidos a salvo.

— Então — disse Alice com tom casual, — vai a Rupert com Coop?

Julia ficou olhando para ela.

— Como diabos sabe...? — E pensou: Era a fofoca do povo. — Não sei — respondeu Julia sinceramente. — Cooper me disse isso no sábado passado, de maneira informal, mas não voltou a mencionar depois disso — deu de ombros. — Então... não sei. Talvez ele tenha esquecido ou pode ser que esteja ocupado.

— Oh, se Coop disser que fará algo, pode ter certeza de que ele fará — garantiu Alice com franqueza. — Cooper é um homem de palavra.

— Quando ele resolve falar algo — disse Julia. Depois sentiu que ficava vermelha. Cooper fazia outras coisas melhor que falar.

— Bem, sim. — Alice estava estudando o rosto dela e Julia se perguntou o que ela estaria vendo. — Cooper não é de falar muito mas é um bom homem, sabe?

— Sim. — Julia corou levemente.

— Quero dizer que ele é... é... tranquilo, e isso em parte, faz com que seja mais fácil... bem... subestimá-lo. E foi isso o que sua ex-mulher fez, tenho certeza.

Julia foi incapaz de reprimir a curiosidade. E nem sequer tentou. “Não estou fofocando”, disse a si mesma. É simplesmente um interesse por outro ser humano. Por um ser humano que se transformou em meu amante. Inclinou-se para frente e tentou que sua voz não a delatasse:

— E sua ex-mulher? Como era?

— Quem, Melissa? — Alice fez ameaça de servir mais chá, mas Julia balançou a cabeça e colocou uma mão sobre a xícara. — Melissa trabalhava para os corretores de Coop em Seattle. Sei que não dá para imaginar pela vida que ele leva, mas Coop é um homem muito rico e Melissa sabia o quanto ele valia. O amarrou em Seattle e um dia ele apareceu com esta mulher aqui, com a qual havia se casado. — Alice franziu o nariz. — Todos fizeram um esforço para aceitá-la, pelo bem de Cooper, mas ela nunca se encaixou muito bem no povoado.

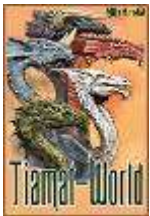
— Que vergonha. Tsc, tsc, tsc. — Julia não conseguiu evitar a reprovação.

— E outra coisa — continuou Alice — Melissa andava sempre se queixando por ter sacrificado sua incrível carreira profissional para vir enterrar-se aqui em vida e como estava desperdiçando seu MBA entre os pinheiros de Idaho. — De repente, o doce rosto de Alice se iluminou com um sorriso endiabrado, olhando para Julia. — Até que Matt, meu irmão...

— Já me encontrei com ele — murmurou Julia.

— Ah, já? — Alice revirou os olhos. — Então sabe a maldição que ele é. Na verdade, naquela época era só um principiante. Mas ele ficou doente de tanto ouvir seus prantos e lamentos como todos nós aqui de Simpson, então, resolveu investigar entre os arquivos da Universidade de Washington e descobriu que nossa querida Melissa tecnicamente nunca se formou. Então, mexendo nos arquivos dos corretores da bolsa, descobriu que Melissa era apenas uma secretária. E em todo este tempo, Coop foi um cavalheiro e nunca nos falou nada sobre isso.

Julia sabia disso. Percebia que seus silêncios não eram somente de sua natureza, mas também parte de seu cavalheirismo.



— Depois de um tempo, Melissa começou a queixar-se com todo o mundo do quão aborrecido era Cooper. — De repente, Alice olhou intensamente para Julia com seu olhar azul claro. — Você não acha que Coop seja aborrecido, não é?

Julia ficou surpresa. Cooper? Aborrecido? Acomodou-se em seu assento e pensou. Normalmente até o meio amanhã não conseguia desfazer-se da rigidez de suas coxas.

— Não — respondeu com sinceridade. — Acredito que ele é misterioso e fascinante, às vezes um pouco frustrante, mas aborrecido? Nunca.

— Ok! — Alice piscou com um ligeiro e precioso sorriso. — Que bom! Isso é maravilhoso! Sabia que você...

— Ehh, Alice, olhe... — Julia mexeu-se inquieta. Será que todo o povoado só pensava em casá-los? Essa... coisa, ou seja lá o que fosse o que ela estava tendo com Cooper era algo temporário. Julia voltaria para Boston assim que o assunto do Santana estivesse acabado. — Se estiver pensando no que acredito que está pensando...

Alice ficou de pé sem escutá-la e recolheu a mesa.

— Eu sabia, simplesmente sabia. Isto é genial. Já era hora de Cooper se envolver com alguém. E você é muito inteligente para fazer caso dessa estúpida maldição.

Julia ficou paralisada. Maldição? Será que ela havia perdido algo? Alguma conversa aparentemente importante?

— Alice? Que maldição?

Mas Alice tinha desaparecido na cozinha.

— Alice? Alice? — Julia levantou a voz, quase gritando. — De que maldição você está falando?

Alice colocou a cabeça na porta da cozinha.

— Da *Maldição dos Cooper*, claro. — Abriu muito os olhos ao olhar atrás de Julia. — Como vai Coop? Você está fantástico. Está vestido assim para se casar ou para ir a um enterro?

* * *

— Ele aumentou mais um milhão no prêmio. — Aaron Barclay jogou uma fita cassete para seu chefe.

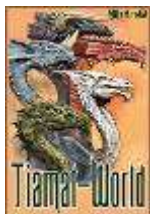
Herbert Davis não se incomodou em levantar os olhos do arquivo que estava lendo; estendeu a mão e pegou a fita no ar. Davis levantou os olhos a tempo de ver a expressão surpresa de seu ajudante e tentou não rir. Podia estar meio barrigudo, mas sua coordenação motora continuava sendo a mesma.

— Quem — perguntou — subiu o quê?

— Santana. — Aaron Barclay fez uma careta de desgosto. — Está tudo aí na fita. — Seu porta-voz acaba de proclamar aos quatro ventos que o preço pela cabeça da Julia Devaux se incrementou em mais hum milhão de dólares.

Davis deixou de tamborilar os dedos sobre o cinto e ficou olhando.

— Merda — disse sem fôlego. — Santana está oferecendo... — Davis parou um segundo,



sem poder acreditar o que dizia — dois milhões de dólares por... por...

— Pela cabeça da Julia Devaux — disse Barclay com voz sombria. — Essa parte não mudou.

— Mas isso é loucura. — Davis disse para si mesmo. — Que homem... louco. Mas o que significa esta palavra quando estamos falando de um psicopata como Santana? E o que importa para ele quanto gaste? Com Devaux morta, estará livre e terá outros 348 milhões no banco. Mesmo assim isto vai... vai contra as regras. Teremos todos os aspirantes à assassinos do país, desejando achá-la para fazerem fortuna. Isto vai virar uma selva. O que aconteceu? Pensei que S. T. Akers estava fazendo bem seu trabalho.

Barclay apoiou o quadril na mesa de Davis.

— E está, mas o juiz Bromfield decidiu que, enquanto aguarda o julgamento, Santana fique preso no Furrow Island. O juiz Bromfield tem suas teorias a respeito dos gangsteres e tomou essa decisão, talvez em benefício do próprio Akers. Se seu homem quer se livrar da cadeia, terá que pagar caro por isso. — Barclay estremeceu. — Sinceramente chefe, se eu tivesse dois milhões os usaria para me manter afastado de Furrow Island.

— Furrow Island — Davis esteve ali em uma ocasião para fazer uma entrega. Era uma experiência que não gostaria de repetir. Um montão de lúgubres edifícios de cor cinza em uma ilha lúgubre e açoitada pelo vento. Lá dentro poderia ser chamado o inferno na terra, uma espécie de terra de ninguém, onde se enviavam os prisioneiros mais violentos e doentes. Os guardas prendiam os detentos e jogavam a chave fora, de forma que cada um se arrumasse como pudesse. Era, basicamente, um contentor para loucos.

Davis sabia que Santana era um cara duro, com um caráter violento inato e um criminoso. Mas Santana continuava sendo muito rico, e os ricos se fazem cada vez mais brandos com o tempo. Acabam se acostumando a pagar para que outras pessoas façam o trabalho sujo por eles e depois de tudo, a violência é um trabalho sujo.

Davis se perguntou quando teria sido a última vez que Santana teria manchado as mãos... ou tivesse sujado os dedos de sangue. Perguntou-se se ele se lembraria de como fazia. Bom, se o mandaram para Furrow, tinha certeza que ele acabaria lembrando.

Enquanto isso, o Departamento de Justiça continuava tendo um problema.

— Agora sim vamos ver nos pressionados — meditou Barclay.

— Sim. — Davis virou a cabeça; de repente tinha os músculos dos ombros carregados. — Poucos vão querer desperdiçar a possibilidade de ganhar dois milhões de dólares... Merda!

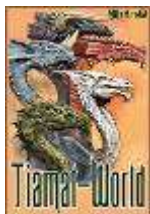
Com frustração, golpeou a mesa com a mão e recolheu os papéis que voaram com o golpe. Ordenou-os e voltou a ordená-los, mais para manter as mãos ocupadas do que por qualquer outro motivo. Depois, ficou olhando fixamente para Barclay que o olhava também fixamente. Estavam pensando a mesma coisa.

Barclay falou primeiro:

— Poderíamos tirá-la de lá.

— Poderíamos — concordou Davis. — Mas para onde a levaríamos? Onde ela estaria a salvo?

— Não podemos tirá-la do país, seria ilegal — disse Barclay com pesar. Cruzou os braços e



olhou para o teto pensando no que fazer. — Tampouco seria agradável colocá-la entre as grades; apesar de ser o único lugar onde ela estaria verdadeiramente a salvo.

Davis pensou seriamente em colocar Julia Devaux em uma dessas instalações federais com saunas e quadras de tênis, mas a lei o impedia de fazê-lo. Uma autêntica lástima. Não se podia encarcerar um cidadão cujo único delito era ter estado no lugar errado na hora errada. Então, que outra opção tinha?

— Quantas pessoas temos em Boise? — Davis começou a repassar mentalmente as opções que ficavam.

— Oito.

— Isso é ridículo! — disse Davis com indignação. — Merda, qualquer posto de gasolina tem mais funcionários do que isso.

— Cortes orçamentais — respondeu Barclay laconicamente. — Cada vez cortam mais e mais...

Davis tamborilou os dedos.

— Que recursos temos em Boise?

— Tome. — Barclay entregou a documentação do escritório de Boise e Davis deu uma olhada rápida. Ali não sobrava ninguém; para falar a verdade, não tinha nem ideia de como conseguiam manter aberto o escritório em Boise. Olhou para Barclay. — Poderíamos tirar o Grizzard e Martínez do caso Krohn?

Barclay balançou a cabeça.

— O senador Fillmore se interessou pessoalmente neste caso. Quer que lhe dê prioridade máxima. Pedido feito por escrito. Ele já sabe o interesse político que despertou esse caso. Santana não é mais que um criminoso; tudo bem, um peixe gordo entre os criminosos, mas seu caso não é nada em comparação com o caso Krohn, onde a condenação pode valer dez mil votos. As eleições estão chegando. Então... nem pense. Neste lugar a política sempre ganha do crime, em especial desde que... — Barclay levantou o dedo para cima. — assumiu o cargo.

Davis concordou com cansaço.

— Não posso colocar estagiários em um caso como este, com certeza. Quem sobra? — Tirou os óculos e se beliscou a ponta do nariz. — Pacini?

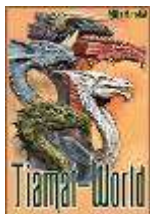
Barclay cruzou os braços com um pequeno sorriso no rosto. Isto ia ser divertido.

— Pacini está... de licença paternidade — disse.

— O quê?! — Davis se levantou da cadeira como um foguete e voltou a sentar-se. Tomou ar com força e foi soltando pouco a pouco até que conseguiu controlar seu tom de voz. Revirou os olhos. — Licença paternidade. Deus... Era exatamente o que precisávamos. Não posso acreditar nisso. Licença paternidade. E o que virá depois? Pedirá licença quando morrer o padrasto? Ou quando morrer seu cão?

— Ora Herb... Estou cansado de escutar o Lamento dos Velhos Tempos... De como vocês foram fortes e quando nada os detinha...

— E isso é uma puta verdade — concordou Davis. — Se atirassem em nós, tomávamos duas aspirinas e ao dia seguinte estávamos de volta ao trabalho. Em meu tempo, quando tínhamos um



filho, nos davam a tarde livre e um cigarro. Só isso e sem exceções. — Davis sabia que soava como um dinossauro. Merda, às vezes se sentia como um deles. Velho, escamoso e a beira da extinção. — Eu perdi o parto de dois de meus filhos.

— E eu fiquei sem ver meu filho recém-nascido por um mês. — Barclay baixou a voz com pesar. — Talvez, por este motivo minha esposa me abandonou.

Davis observou a mão esquerda de seu ajudante e se fixou na linha branca que rodeava o dedo anelar. O homem estava passando um mal bocado com o divórcio. A fofoca do escritório dizia que a mulher estava tentando deixá-lo sem nenhum dinheiro.

Houve um silêncio incômodo.

— Bem... já é suficiente. — Davis mudou de assunto e voltou para arquivo de Boise. — Aparentemente não teremos nenhum homem extra disponível até dentro de... o que? Dois ou três meses? Até lá Julia Devaux estará já sendo testemunha no tribunal ou estará... — hesitou.

— Frita — disse Barclay.

Capítulo 11

Julia estava sentando-se no cômodo assento dianteiro da caminhonete quando, de repente, ficou petrificada.

— C-Cooper?

A caminhonete se inclinou para o lado de Cooper quando ele subiu e fechou a porta do condutor sem fazer ruído.

— Humm?

— Cooper. — Baixou a voz até ser apenas um sussurro e se inclinou para ele. — Há uma pistola... aqui dentro.

Cooper deu uma olhada com indiferença por cima do ombro antes de pôr a caminhonete em marcha.

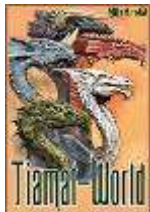
— Não — disse.

— Ah, não? — perguntou ela, confusa. A caminhonete arrancou com um salto para diante e ela teve que se agarrar ao cinto de segurança.

— Não é uma pistola.

Julia tinha ficado surpresa quando o viu vestido com um traje de negócios de corte elegante. O traje não o fazia parecer descontraído, isso seria impossível, mas decididamente o fazia parecer... imponente... sério.

Ele havia chegado à pequena e maltratada lanchonete de Alice, vestido neste traje elegante e ficou ali de pé, alto, grande e poderoso, com expressão fria, dura e remota. Por uma fração de segundo, Julia sentiu um momento de pânico ao pensar que ia entrar em um carro e se meter no deserto sozinha com aquele homem que parecia ser tão perigoso. Foi uma sensação momentânea que desapareceu em seguida.



Cooper não representava nenhum perigo para ela. Tinha certeza disso. Afinal, esteve dormindo com ele na última semana. E era muito fácil separar o homem que esquentava sua cama todas as noites deste homem poderoso e com pinta de perigoso.

Então, Alice cortou uma fatia daquele bolo terrível — o pesadelo de qualquer diabético — e a deu para Cooper. Ele pegou com valentia e comeu corajosamente, sob o atento olhar de Julia que, quando o olhou nos olhos, estava convencida de que os dois pensavam o mesmo: “Que horrível, não é?”. Mas ele elogiou o bolo com uma voz suave e amável e sorriu levemente, embora quando Alice cortou uma segunda fatia dizendo ser “cortesia da casa”, o sorriso se apagou imediatamente dos lábios dele. Mas ele comeu a segunda fatia também.

Julia era capaz de imaginar um monte de coisas, esse era um de seus maiores defeitos, mas era incapaz de imaginar que um cara violento comesse uma segunda fatia daquele bolo pelo amor de sua amizade a alguém. Quando o olhou, seus olhos escuros estavam cheios de amabilidade e talvez um pouco de solidão. Um pouco como Fred.

E ali estava ela, aventurando-se naqueles caminhos infinitos com um homem que tinha uma pistola na parte dianteira da caminhonete, bem à mão, e sua imaginação começou a aquecer novamente. Logo Cooper começou a fazer aquele movimento sexy que fazia com suas coxas e algo mais começou a aquecer. Julia afastou os olhos um momento antes de voltar a olhar para seu rosto com determinação.

— Quer me fazer acreditar que isso... — Assinalou-a com o queixo, pois não queria tocá-la — não é uma pistola?

— Não — disse Cooper. — É uma Springfield. Um rifle de caça muito bom.

— Ah — Julia emudeceu por alguns segundos e se mexeu no assento.

Mas ainda estava lá, quieta, grande, brilhante e mortal. Nunca esteve em um espaço fechado com uma pistola — um rifle, — jamais. Nunca teria imaginado que pudesse estar junto a um homem capaz de ter uma pistola. Ou rifle.

— Está pensando em matar alguém em Rupert hoje?

Cooper pareceu pensar — Bem, agora que você falou, não estou de fato muito satisfeito com a qualidade da ração que Davis Walker me vendeu semana passada... — Ele se virou e viu que ela respirava horrorizada. — Isso foi só uma brincadeira Sally.

— Ah. — Deixou de sentir pânico, mas continuava preocupada. — Ok. Isso é bom, é muito bom, então para que precisa... — Voltou a assinalar a parte de atrás com isso queixo.

— Na verdade não é minha. Bernie é quem normalmente usa esta caminhonete e a Springfield é dele. Eu prefiro as escopetas.

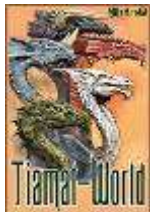
— E para que Bernie usa... um rifle?

— Para matar feras.

Julia nunca tinha escutado ninguém usar essa palavra na vida real, só nas reprises da série Bonanza e nos vários de filmes de oeste.

— Feras? Como o que? Ladrões de gado?

Cooper continuava movendo ritmicamente a embreagem e o pedal do freio, além do câmbio de marchas e Julia tentava não ficar lhe olhando fascinada, então não viu a expressão de seu



rosto, embora tenha quase certeza que ouviu uma risada abafada... de Cooper?!?

— O que? — Eles estavam se movendo para a estrada principal, de modo que Julia parou de mover as pernas e relaxou. Olhou-o novamente e imaginou detectar um sorriso.

— Já não existem muitos ladrões de gado. Além disso, nós não temos gado. De qualquer maneira, Bernie a usa para matar ratos e lebres. Durante a época de caça pode caçar um ou dois alces; todos têm debilidade pelos alces. — Olhou-a e franziu a testa. — A pistola te incomoda, Sally? Posso guardá-la na parte de atrás, embora seja mais seguro levá-la onde está. Te prometo que está descarregada; a munição está no porta-luvas.

Julia se lembrou de repente de todas as razões pelas quais vivia na cidade. Ali ia a restaurantes onde garçons encantadores serviam no prato coisas que aqueles que viviam no campo precisavam caçar e esfolar.

— N-não, não tudo bem. — Não queria que pensasse que ela era uma débil mental. Afinal, estavam no Oeste. E ali provavelmente os meninos aprendiam a disparar uma arma antes mesmo que a andar. — Só fiquei surpresa. E é claro que... — disse, tentando se tranquilizar— você deve saber muito bem como utilizá-la.

— Claro que sim — disse Cooper, pisando no acelerador ao ver que chegavam a uma estrada aberta. Lançou um olhar de relance para ela. — Mas utilizo muito melhor as facas.

* * *

“Dois milhões de dólares pela cabeça da Julia Devaux”.

O profissional respirou com desprezo ao ver a mensagem na tela. Decididamente, Santana estava fora de controle.

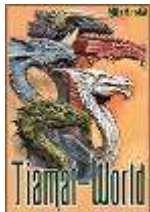
O mundo inteiro estava fora de controle.

Já não era como nos velhos tempos, quando o mundo estava dividido com doze, ou talvez quinze homens duros. Homens que governavam com mãos de ferro, homens desumanos e decididos; que nunca, jamais, perdiam o controle. Homens com os quais se podia contar que manteriam o controle e que nunca enviariam este tipo de mensagem lamentável como aquele que estava preso e dava clara amostra de debilidade.

Pagar um milhão de dólares por um assassinato já era algo escandaloso, algo que ia contra as regras.

Assassinatos custavam de cem a duzentos mil no máximo. Oferecer mais, não significava necessariamente que obteria um trabalho melhor; tudo o que faria seria chamar a atenção até dos mendigos que viviam embaixo de uma ponte, para sair pelo mundo tentando a sorte, interferindo no caminho dos profissionais e atravancando o território. Oferecer dois milhões de dólares era uma loucura. Os homens de antigamente não teriam tolerado isso nem por um momento, estivessem ou não em Furrow's Island. Mas, aparentemente, esses tempos tinham acabado e as tranquilas e mortais normas que governavam o mundo estavam destruídas.

Era um sinal muito claro de que já era hora de parar; sem dúvida alguma. Investiria muito bem os dois milhões da recompensa de Santana. De qualquer maneira, os valentões como Santana



gostavam de desperdiçar dinheiro. Não tinham a menor ideia para que servia o dinheiro. Os homens de antigamente sabiam muito bem que o dinheiro era uma ferramenta de precisão: um bisturi, não um porrete.

O profissional ficou olhando fixamente as janelas do apartamento de cobertura, que iam do chão ao teto, observando como se formavam redemoinhos com as nuvens de tempestade. A vista era maravilhosa, tal qual a agente imobiliária informou. A mulher ficou encantada com a venda, convencida de que a vista fora decisiva para fechar o trato. A bela e jovem agente jamais imaginaria que a venda aconteceu porque o apartamento de cobertura estava fora do campo de qualquer mira, a não ser que aparecesse um franco-atirador em um helicóptero.

A chuva começou a golpear o vidro blindado das janelas. O inverno chegou cedo este ano; era hora de desfazer-se da Julia Devaux e desaparecer no Caribe.

O profissional exercia uma disciplina mental severa quando se focava em uma missão, mas por alguns segundos, enquanto o céu ficava cinza e a chuva se convertia em granizo, foi fácil sonhar acordado com sua casinha na praia. Ao longe, os edifícios de escritórios começavam a acender as luzes mais cedo. Dez andares mais abaixo, as pessoas corriam para fugir da chuva e do vento que golpeava suas capas de chuva e casacos.

Ele lembrou-se da casa em St. Luzia, que ficava no alto de uma falésia³⁰, com uma vista para uma extensão sem limites da praia de areia fina como o pó. A água era da mesma cor que o céu e se via o fundo até mesmo estando distante.

O profissional não se iludia com respeito aos habitantes da ilha. O Caribe estava infestado de personagens estranhos, sonegadores de impostos em sua grande maioria, alguns daqueles homens de negócios tinham caminhado muito perto da corda frouxa. Gente que provavelmente pagaria muito bem por qualquer conselho sobre como mover divisas, sem fazer perguntas. Seria muito agradável e lucrativo lhes proporcionar alguns conselhos. Ia ser divertido tratar com gente cujo dinheiro não viesse em malas cheias de pequenos bilhetes.

Podia ouvir o vento através dos grossos vidros, por isso lá fora deveria estar um autêntico vendaval. Os raios iluminavam o céu e as nuvens moviam-se cada vez mais cinzas.

O profissional serviu dois dedos de Calvados³¹ e contemplou seu futuro com praia, areia, entardecer eterno e uma vida de criminoso muito melhor.

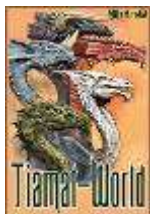
* * *

Cooper se lembrava de ter lido em algum lugar que os cientistas tinham descoberto por que algumas pessoas eram consideradas bonitas. Era um truque da mente, relacionado com a geometria. A beleza era simetria e era tão simples como isso. Se a mulher tinha os dois lados de sua face idênticos: Bingo! Seria uma estrela de cinema ou uma garota de capa de revista.

Cooper arriscou um olhar para a mulher sentada ao seu lado. Tinha um dente da frente

³⁰ Falésia: Costa com rochas escarpadas batidas pelo mar.

³¹ Calvados: É uma bebida alcoólica destilada, originária da Baixa-Normandia, França, feita à base de maçã da qual é extraída a sidra que depois é fermentada e destilada.



ligeiramente torto e o arco de sua sobrancelha direita era um pouco mais alto que o da esquerda. E mesmo assim, ela era impressionante. Seu sorriso era único. Ele não conseguia afastar os olhos dela. O que demonstrava que os cientistas não sabiam merda nenhuma sobre este assunto.

Onde Sally estivesse o ar vibrava ao seu redor como um beija-flor. Tinha um brilho especial, como se tivesse luz própria.

Menos mal que ele sabia o caminho até Rupert com os olhos fechados, porque se distraía facilmente com as emoções que via em seu expressivo rosto, tão sincero e a tão cheio de vida. Ela era deliciosa, tinha a perfeição de uma pérola; com sua pele de cor pêssego, seus profundos olhos azul-turquesa e suas sobrancelhas, finalmente ruivas, perfeitamente arqueadas.

Quando tivesse coragem, pediria a ela para deixar seu cabelo com sua cor natural. De cabelo ruivo, Sally seria absolutamente irresistível.

Que idiota era ele. Não tinha sequer coragem o suficiente para pedir que ela não pintasse o cabelo novamente. Mesmo depois de ter fodido com Sally muito mais em uma semana do que fodeu com a esposa durante o tempo que durou seu casamento.

Bem, era verdade que ainda não tinha explorado todo o seu corpo. E não tinha também mostrado seus dotes com a língua; merda, eles nunca sequer fizeram uma posição diferente de papai-mamãe. Ele ainda não tinha se saciado o bastante dela para explorar novas posições. Mas sabia muito bem o que fazer para que ela gozasse e ainda desejava explorar, em algum momento no futuro — um futuro o qual ele não morreria de tédio se não a penetrasse imediatamente — novas formas de fazer amor. Ele já sabia qual era o sabor dos seus mamilos e como eram excitantes os gemidos que ela fazia quando a fodia com força — claro que ele também não a havia fodido de outra forma — suas fortes contrações e a forma que seu pau era agarrado por ela quando gozava...

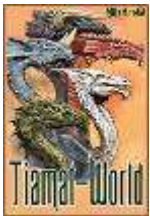
Merda. Já estava excitado outra vez. Ainda bem que estava de paletó. “Pense em outra coisa”, ordenou-se. Mas sua mente voltava uma e outra vez para Sally. Sentia-se muito próximo a ela... De uma forma que nunca se sentiu com outra mulher. Estava muito mais próximo a ela do que esteve com Melissa, com certeza.

Cooper se perguntou com profunda inquietação se ela acharia seu silêncio ofensivo ou estranho. Melissa sempre se queixava disso e o acusava de ignorá-la.

Sally falava muito. Pessoas que falavam muito normalmente o irritavam um pouco. Ele era um solitário por natureza e decisão própria, mas quando ela falava sobre o que havia feito durante a semana, sua adorável e suave voz o atraía de uma forma inexplicável. Escutá-la era uma delícia; ela era divertida e convincente.

E enquanto a ouvia falar, ficava cada vez mais surpreso com as coisas que contava sobre os habitantes de Simpson. Seria possível que houvesse duas cidades com o mesmo nome? Como podia ele ter estado nos mesmos lugares que ela e não saber de tudo o que acontecia ao seu redor? Ela contou-lhe tudo sobre a vida de pessoas que ele conhecia há anos. Como ela poderia saber de tudo aquilo? E por que ele não sabia?

Ele descobriu que havia algo chamado de “síndrome do ninho vazio” e que Maisie Kellogg estava sofrendo muito por isso e que Beth tinha passado por isso também há algum tempo; soube



também que Chuck Pedersen continuava deprimido pela morte de Carly. Escutá-la falar sobre as pessoas que haviam crescido com ele o deixou surpreso e um pouco triste. Por que nunca ninguém falou nada disso com ele?

Onde ele esteve enquanto tudo isso acontecia?

* * *

Por um momento, enquanto Cooper a levava pela da estrada deserta, Julia pensou que ele não conversava muito porque ela era uma mulher. Passou a viagem olhando rapidamente seu duro e marcado rosto e finalmente decidiu que ele provavelmente falava pouco também com os homens.

Julia pensou, e não era a primeira vez, que sabia muito mais sobre o corpo dele do que o que se passava em sua cabeça. Eles tiveram o sexo mais intenso que ela jamais teve em toda a vida e ela era incapaz de fazê-lo abrir a boca.

Normalmente ela não obrigava ninguém a conversar se a pessoa não quisesse. Era um direito dela. Julia preferia falar a ficar calada, mas, ainda assim respeitava as escolhas das pessoas. Embora fosse incapaz de compreendê-las.

Mas agora eles estavam fora, em um campo aberto. Ali não havia ninguém, só grandes extensões de mato. Estavam a uns poucos quilômetros de Simpson e a paisagem havia mudado. Atravessaram o coração de uma floresta onde árvores altas e assustadoramente escuras bloqueavam o sol.

A paisagem era tão vazia como sua alma; como sua vida.

Sua vida. Julia tentou não pensar no que iria acontecer com sua vida no futuro. Após o julgamento, se é que algum dia ele aconteceria. Senão ela realmente não teria uma vida para voltar.

Se voltasse.

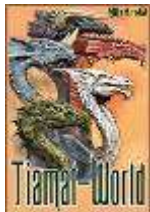
Sabia perfeitamente bem que seu trabalho não estaria esperando por ela quando voltasse. Oh, a Empresa poderia mantê-la se o governo fizesse um estardalhaço sobre o caso dela, talvez assim a companhia talvez não a demitisse, mas dariam a ela algum trabalho de baixo nível e não o cargo de editora que ela havia conseguido alcançar.

No mundo empresarial, ninguém deixa um buraco quando vai embora. As empresas eram como o oceano, as ondas cobriam os espaços vazios, de forma que ninguém ficava sabendo que alguém havia estado por ali.

Federico Fellini tinha outra família agora e enquanto dessem rações generosas e ninguém o incomodasse, estaria perfeitamente feliz. Jean e Dora se lembrariam dela nos sábados pela manhã e só. Não havia nenhum espaço vazio em Boston esperando que ela voltasse. Não tinha vivido ali tempo suficiente para criar raízes. Na verdade, ela nunca havia ficado em algum lugar tempo suficiente para criar raízes, pensou Julia com tristeza.

Para melhor ou para pior, a vida que levava em Simpson era agora sua vida.

Estremeceu e logo percebeu que Cooper se agachava para ligar o aquecedor do carro. Ela não estava no frio lá de fora, mas por dentro seu corpo estava gelado. Sentia-se fria, miserável e



sozinha.

Quem sabia quantos homens a perseguiram para matá-la? Herbert Davis sempre tentava tranquilizá-la quando ela telefonava, mas no fundo sabia que ele também estava preocupado. Preocupado com o caso, com o depoimento. Preocupado se ela conseguiria depor.

Bem, ela também estava.

Ainda assim, provavelmente enquanto ela estivesse em um veículo em movimento e com Cooper, estaria a salvo. Não precisava olhar para o volante para saber que tinha mãos grandes e competentes. Para saber que ele era alto e forte. Que parecia saber muito bem o que fazer em qualquer situação.

Se tivesse um pneu furado, com certeza seria capaz de levantar o carro com uma corda entre os dentes e trocar o pneu enquanto afugentava os assaltantes. Afinal, ele era um soldado treinado. E coincidentemente, havia uma arma na caminhonete e Cooper havia dito que sabia como usá-la.

Claro que também havia dito que preferia as facas.

Julia estremeceu ao dar-se conta da direção que tinham tomado seus pensamentos. Sentia-se completamente só, perdida e fora de rumo. O que ela estava fazendo ali? Em um lugar onde era uma estranha, no sentido mais literal da palavra. Queria se desfazer desses pensamentos sombrios e amargos, mas não sabia como fazê-lo; não tinha nenhum bom filme para ver, nem um bom livro para ler. Não tinha sequer Whisky.

Tudo o que tinha era Cooper; e ele era muito bom para fazê-la esquecer dos pensamentos amargos durante as noites. Mas agora, em plena luz do dia não podia fazer um bom sexo, pelo menos não enquanto ele estivesse dirigindo. Então precisava conversar. Ele tinha que conversar com ela.

— Cooper?

— Sim?

— Fale comigo. — Julia podia perceber uma nota de melancolia em sua voz.

— Falar com você? — Julia percebeu a tensão na voz de Cooper. — Sobre o que você quer que eu fale?

— Fale-me... Fale-me sobre a *Maldição dos Cooper* — disse.

— Merda!... Desculpe... — Cooper apertou as mãos no volante até que ficaram brancas e se virou. — Onde você ouviu isso?

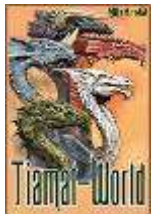
— Oh — disse com cautela — Ouvi por aí.

— Não é nada. — Cooper falava em voz baixa e tensa. — É só uma lenda estúpida.

— Sobre o que? — Quando ele ficou em silêncio por um longo tempo, repetiu a pergunta com uma voz suave: O que diz essa lenda estúpida, Cooper?

O silêncio se prolongou até que ficou claro que ele não ia responder. Tinha perguntado duas vezes; não seria educado fazê-lo uma terceira vez. Estava formulando um comentário sobre algo neutro, algo que Cooper não visse como uma ameaça, talvez algo inanimado, quando ouviu seu grunhido baixo:

— O que você quer saber?



Ela percebeu que não o agradava conversar sobre isso; mas ele estava falando com ela e isso era muito melhor do que o silêncio.

— Bem... o que significa? Quero dizer, obviamente, é uma maldição que afeta sua família, já que é a *Maldição dos Cooper* e não a dos Smith ou a dos Jones. Deve ser fascinante ter uma maldição familiar — disse com sinceridade. — Gozam de um pedigree literário impecável. Como *O Fantasma de Canterville*. — Virou-se para Cooper e sorriu. — Pense que você é parte de uma longa tradição literária.

Ela pensou ter ouvido um pequeno suspiro.

— Ehh — ele disse, e parou.

— Cooper? — disse depois de um minuto inteiro. — Você ainda está aí?

— Sim. — Já começavam a aparecer pequenos grupos de casas. Estavam chegando a Rupert. — Te falei sobre o meu tataravô, não é?

— O último de doze irmãos? — Julia concordou. — O homem que construiu a primeira biosfera.

— Exato. — Já estavam nos subúrbios de Rupert. Julia não chegou tão longe na vez que tentou chegar lá. Surpreendeu-se ao ver como era atraente. — Ele chegou ao oeste em 1899 e reivindicou cento e trinta hectares que foram concedidos a ele em regime legal. Assim que a reivindicação foi resolvida, conseguiu uma noiva pelo correio.

— Nossa, que estranho.

— Naquela época não. Era uma mera forma de sobrevivência. Devia haver uma mulher para cada cem homens, então, se alguém queria formar uma família, precisava importar a esposa como importavam o whisky e as armas.

— Só que com o whisky e as armas podia especificar a marca — disse com voz azeda.

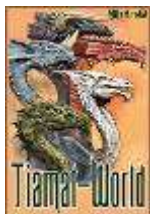
Cooper a olhou com gesto estranho.

— Sim. E ele acabou importando uma... marca equivocada.

— O que estava errado com ela? Estava com defeito? Prazo de validade curto? — Cooper fez uma careta de dor ao ouvir o sarcasmo de sua voz. — Não estava em dia com as inspeções? Embora suponha que naquela época devia ser difícil enviar algum item de volta à fábrica.

— Apaixonou-se por ela — disse Cooper categoricamente. — Era irlandesa, como ele. Seus pais levaram a família para a América durante A Grande Fome da Batata³² e morreram de gripe pouco tempo depois. Naquela época ainda não existiam os antibióticos. Ela ficou sozinha no mundo aos dezesseis anos e foi quando viu o anúncio no jornal. Deve ter pensado que, ou se casava com um homem que não conhecia, ou morria de fome. Então escreveu para o meu tataravô e enviou uma fotografia que meu tataravô queimou depois que ela o abandonou, mas diziam que ela era de uma autêntica beleza. Ele então enviou dinheiro e ela veio para o oeste. Os

³² A Grande Fome da Batata: Na segunda metade da década de 1840, as terras da ilha da Irlanda, então possessão da Grã-Bretanha, foram acometidas por um terrível fungo que atacou as plantações de tubérculos. Tratou-se da tristemente célebre praga da batata, que provocou um dos maiores surtos de fome da Europa moderna, matando milhares de irlandeses e obrigando outro tanto deles a emigrar para o além-mar. Poucas vezes na história a vida de um povo inteiro foi tão afetada por uma desgraça como aquela.



problemas começaram quase imediatamente; aparentemente, meu tataravô não era um homem fácil de lidar. Era um homem... que falava muito pouco.

“Não me diga!”, pensou Julia.

— Bem... — Julia disse gentilmente— Forma e facilidade de se expressar não são tudo na vida.

Cooper a olhou com cara de interrogação.

— Não, suponho que não. Mas mesmo assim, o povo de Simpson sabia que as coisas não iam bem.

— Simpson já existia naquela época? — Julia achava difícil imaginar que Simpson teria o quê? Mais de cem anos?

— Sim, embora não fosse mais que um ponto no meio do nada.

“E não como a gigantesca metrópole que existe hoje em dia”, pensou Julia. Depois de um minuto ou dois de silêncio, animou-o a continuar.

— Então... Temos seu tataravô, um homem pouco falador e sua preciosa esposa, que não se davam bem e tiveram um bebê. Um menino.

Cooper virou a cabeça de repente.

— Você já conhece a história — disse em tom acusador.

— Não. — Ela lhe deu um sorriso orgulhoso. — Isso você já havia me contado. Além disso, se não tivessem tido um menino que continuasse com o sobrenome Cooper, você não estaria aqui neste momento me contando isso não é?

— Não, acho que não. — O tráfego se fez mais intenso e Cooper começou a mover as coxas e os braços de novo. Se não tivesse estado tão interessada na história, Julia se teria distraído completamente. — Bom, para resumir a história, ela não ficou mais do que o tempo suficiente para desmamar Ethan...

— Seu bisavô.

Cooper concordou.

— Meu bisavô. Ela só ficou o tempo suficiente para desmamá-lo e ter certeza que ele sobreviveria. Quando ele fez dois anos, minha tataravó fugiu de casa. Desapareceu um dia, assim, sem mais nem menos e ninguém nunca soube para onde ela foi.

— Não tentaram localizá-la?

— Não. E dizem que meu tataravô nunca mais voltou a falar sobre ela.

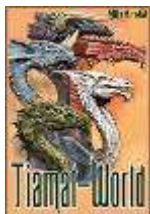
— Wow. — Julia estava ocupada tentando encaixar todos aqueles detalhes na imagem que tinha de Cooper. — Ele se casou novamente?

— Não. Limitou-se a continuar com a fazenda e a fazer um pouquinho mais de dinheiro a cada dia. Depois decidiu importar alguns garanhões e assim foi como começamos a trabalhar com os cavalos.

— Então você é a quinta geração de criadores. — E a quinta geração de homens que falam pouco. Talvez ele estivesse geneticamente incapacitado para comunicar-se. Julia pensou.

— Sim. — Cooper se permitiu um pequeno sorriso. — Somos bastante conhecidos.

Ele estava sendo modesto. Loren Jensen havia dito que os cavalos dos Cooper eram os



melhores do país.

— E o que aconteceu depois?

Cooper franziu a testa.

— A que você se refere?

— Cooper. — Julia olhou-o com um gesto de recriminação. — Não se tira uma maldição de um casamento fracassado. Qualquer maldição digna de chamar-se assim requer alguma coisa a mais. O que aconteceu? Sua tataravó morreu e seu fantasma não abandonou a propriedade, ou algo assim? Ou talvez... vamos ver...

Cooper balançou a cabeça.

— Não, nada disso. Ela nunca voltou; nem ela nem seu espírito.

— Então o que aconteceu?

Cooper suspirou.

— Meu bisavô cresceu, herdou a fazenda e os cavalos e importou mais alguns. Foi ele na verdade quem começou a criá-los; foi um dos primeiros do país a aplicar as *Leis Genéticas de Mendel* para a criação de cavalos. Em 1937 ele importou três cavalos árabes...

— Cooper — disse Julia exasperada — E a maldição?

— Ah. — Apertou os lábios. — Sim, bom. Minha bisavó teve meu avô e depois de cinco anos de casamento, fugiu com um homem das Máquinas de Costura Singer. — Ficou um momento, pensando. — E levou a máquina de costura com ela.

— E sua avó?

Cooper estacionou o carro.

— Fugiu com o capataz da fazenda.

— E sua mãe morreu quando você era pequeno — disse Julia devagar. — E... sua mulher te deixou. Tudo isso é muito triste; mas o que tem tudo isso a ver com a maldição?

Ele já estava na porta do carona.

— Bom... — Cooper parecia muito triste e ajudou Julia a descer da caminhonete. — Acho que as pessoas começaram então a somar dois e dois... A lenda diz que nenhuma mulher, ninguém do sexo feminino, consegue viver em *Double C*. Que o rancho é amaldiçoado. E por alguma coincidência, também temos mais potros do que potras. — Colocou uma das mãos nas costas dela e começaram a andar.

Julia atravessou a rua em silêncio. Quando chegou à outra calçada, olhou para ele decepcionada.

— É só isso? Essa é a maldição?

— Sim. Esta é a maldição.

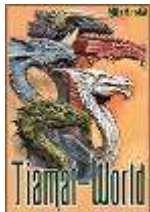
— Você não se esqueceu de dizer nada? Não há fantasmas lastimosos nem barulho de correntes?

— Não.

— Apenas as mulheres Cooper que fogem de homens Cooper?

Cooper fez uma careta de dor.

— Mais ou menos isso.



Julia repassou tudo o que ele falou mentalmente.

— Bom — disse considerando tudo e percebeu que Cooper ficou tenso — Acho que essa história de maldição é ridícula. Não consigo acreditar como as pessoas perdem tempo inventando coisas.

— Você o quê? — Cooper a olhou assustado.

— Eu esperava algo mais emocionante. Uma maldição de verdade. Pelo que entendi, a única coisa que aconteceu foram alguns casamentos fracassados em sua família. Mas e daí? O que isso tem a ver com uma maldição? Isso não é uma maldição. Isso é a vida!

Ele parou de repente bem no meio da calçada.

— Você está falando sério?

— Claro que sim. — Piscou e sorriu. — Uma maldição — disse ela, movendo a mão com gesto depreciativo. — Acredito que essa foi a coisa mais ridícula que ouvi em toda a minha vida.

— Eu também — disse Cooper e ela percebeu o alívio em sua voz. — Vamos lá então. Tenho certeza que você vai querer ficar algum tempo na livraria. Depois, conheço um lugar ótimo para almoçarmos.

* * *

Richard Abt, aliás, Robert Littlewood tropeçou no meio-fio em Rockville, Idaho. A verdade era que não estava prestando atenção onde pisava porque não precisava fazê-lo. Rockville era um povoado tranquilo e ele estava em uma zona residencial. Em Crescent Drive não havia muitos carros e a estrada era tranquila e arborizada.

Abt estava perdido em seus pensamentos. Deveria testemunhar dentro de cinco meses e depois poderia voltar para sua antiga vida, embora a ideia não o atraísse muito. Ele não era casado, portanto ninguém esperava que ele retornasse. Além disso, no local onde ele morava no momento, precisavam urgentemente de contadores. Então, poderia viver tranquilamente ali. Abt pensava que finalmente montaria seu próprio escritório quando de repente um carro subiu na calçada.

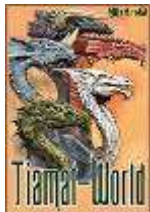
Ele não teve chance.

Quando seus espantados sentidos registraram o barulho do motor, ele já estava voando por cima do capô sem vida.

* * *

— É uma boa história, não é? — perguntou Cooper com tranquilidade. — Mostra perfeitamente bem o que o espírito humano pode suportar.

Julia olhou-o confusa. Precisava voltar a centrar-se no presente; havia mergulhado completamente na história de *Song Li*, transportada ao Vietnã no princípio dos anos sessenta. O livro a prendeu desde a primeira página. A contracapa prometia a história do conflito do Vietnã visto pelos olhos de uma jovem que cresce durante a guerra. Julia sabia que ia comprá-lo.



— Você já leu?

Cooper concordou.

Julia fechou o livro e tamborilou sobre a capa. *Sal da Terra*.

— É tão bom como dizem? — Julia tinha lido as críticas quando foi publicado e ficou curiosa, embora nunca se animasse a lê-lo.

— Melhor. — Cooper deixou a pilha de livros que levava e o agarrou. — O li quando saiu. Aquele lugar era um verdadeiro inferno. É surpreendente que a mulher tenha conseguido sobreviver de alguma maneira para escrever esta história. — Sua expressão era remota e séria, como se estivesse lembrando-se de algo horrível.

— Oh, Cooper — disse Julia sem fôlego. Não pensei que... vi um montão de documentários a respeito. Agora faziam sentido várias coisas a respeito de Cooper. Aproximou-se um pouco mais dele e colocou a mão em seu braço. Era como tocar ferro. Um ferro quente. — Foi... foi horrível não é?

Cooper olhou a mão de Julia em seu braço.

— O que?

— A guerra, claro. Mas o que pergunta mais estúpida, claro que foi horrível. Meu Deus, deve ter sido um inferno.

— Sally, você está falando sobre a guerra do Vietnã? — perguntou.

— Bem... claro — disse confusa.

— Tinha cinco anos quando Saigon caiu — disse com amabilidade. Ficou pensando um momento. — Também não estive na Guerra da Coréia ou na Segunda Guerra Mundial.

Julia somou e subtraiu e sentiu-se estúpida.

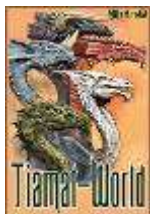
— Oh. Claro! — Balançou a cabeça e deixou a mão cair. — Acredito que vejo muitos filmes antigos. Sinto muito, Coop. Sempre confundo datas. Mas... — Julia inclinou a cabeça e olhou Cooper. Estava com o cabelo negro penteado para trás. Seu traje devia ser de um desenhista italiano ou de um alfaiate excelente. Tinha um corte maravilhoso. A gravata era de seda, combinando com o lenço de seda que levava no bolso do paletó. Hoje ele estava parecendo um... um próspero homem de negócios... a não ser por suas mãos, que não eram mãos suaves e mimadas como as de um homem de negócios e sim grandes e ásperas; mãos acostumadas a trabalhar. Mas mesmo assim, continuava parecendo um guerreiro apesar do traje elegante. — Chuck Pedersen me disse que você recebeu uma medalha. Por que foi então? Pela Tormenta do Deserto?

— Não. Uni-me às Forças Armadas em 1992 e tive que sair em 2002 porque meu pai tinha falecido, então, também não participei da Guerra do Iraque.

— Então... Em que guerra esteve? — Em alguma em algum ponto entre New York e Boston?

— Em nenhuma. — Cooper tomou ar com força. — Voo 101 — disse com gesto sombrio.

— Cooper! — Julia se paralisou como uma pedra. As guerras eram algo remoto que aconteciam em lugares longínquos. O Voo 101 foi sequestrado em solo americano; no aeroporto JFK, a menos de quinze quilômetros de Columbia, onde ela havia acabado de começar seus estudos. Tinha visto toda a tragédia do Voo 101 na CNN. O país inteiro havia permanecido quatro



dias e quatro noites agarrados a seus televisores, rezando pelos reféns. Todos tinham acompanhado o evento ao vivo; as petições dos terroristas, as negociações intermináveis e a horrorosa imagem dos sete reféns que foram mortos a sangue frio na cabine do piloto, que estava aberta, cujos corpos sem vida foram jogados no asfalto um por um.

— Esteve lá quando... quando...? — Não podia dizê-lo.

— Sim, estava. Chamaram-nos imediatamente. Tínhamos ordem de esperar até que as negociações fossem concluídas. Esperamos e esperamos. Quando a menina pequena foi... — Cooper olhou para outro lado e apertou a mandíbula — Então decidimos atuar.

Recordava os homens com uniformes e máscaras negras entrando furtivamente no avião. Dois deles morreram e ela lembrava bem disso.

— Por isso lhe deram a medalha — disse Julia.

— Sim — Cooper olhou ao seu redor. — Pronta para partir?

— Sim, acho que sim. — Julia ainda estava lutando para assimilar o que ele havia acabado de contar. Uma coisa era conhecer alguém que havia estado na guerra e outra, muito diferente, era tê-lo visto em tempo real na televisão. Claro que ele estava usando um uniforme e máscara. E, claro, naquele tempo ela não o conhecia.

Naquela época, lembrou Julia de repente, ela estava saindo com Henry Borsello, um apaixonado pela história. Ele era um cara encantador, conversador, superficial e pouco confiável. Ele era muito diferente de Cooper em tudo. Por alguns segundos, Julia tentou imaginar Henry com um uniforme, descendo de um avião por uma corda e tirando os terroristas de dentro do avião ou apontando uma arma para eles. Foi incapaz.

— Vamos comer algo Cooper — ela disse. — Afinal, não é todo o dia que uma garota consegue almoçar com um herói em carne e osso. — Mostrou-lhe um enorme sorriso e brincou: Eu pago.

A ideia pareceu chocar Cooper, que franziu a testa enquanto a pegava pelo braço.

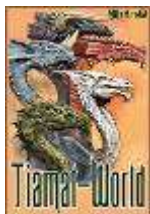
— Nem pensar.

Capítulo 12

— Fale comigo Cooper — disse Julia antes de morder outro pedaço de seu cheeseburger. Pensou em suspirar de prazer, mas não o fez por respeito à Alice.

— Ehh... — Cooper fez gestos para que trouxessem outra xícara de café, possivelmente para ganhar tempo enquanto pensava em algo que dizer. Julia ia ter que praticar isso com ele. Seus olhos se iluminaram quando ele pensou em algo para dizer: — Você gostou daqui?

Julia colocou sua xícara com cuidado em cima da mesa e olhou ao seu redor da lanchonete. O piso era de madeira; em uma das paredes havia uma lareira acesa cujos crepitantes troncos faziam o lugar acolhedor. Estava decorado harmoniosamente ao acaso com antigos potes de cobre utilizados como vasos e a roda de uma carroça como lustre. Uma mesa decorada com copos de



barro cheios de sementes de *algarroba*, *ajwain* e hortelã, A comida sobre umas bandejas de estanho. Uma cesta de vime bem grande continha folhas secas de cana dos Pampas e juncos. A porta da cozinha estava aberta, separada somente por uma bancada de mármore que servia como aparador. Voltou a prestar atenção em Cooper.

— Sim. É muito aconchegante — disse brandamente, olhando para ele com expectativa. — Sua vez agora.

Ele apertou as mandíbulas enquanto tentava pensar em outra coisa para dizer.

— Mmm... bonito dia, não?

Eles estavam sentados perto da janela e graças a isso tinham uma vista perfeita do céu que escurecia. Uma repentina rajada de vento fez ranger as venezianas com força. Julia começou a rir e um segundo depois, Cooper se uniu a ela.

— Suponho que você não tem muita prática para conversar — ela disse.

— Não. — Afastou-se da mesa para que a garçonete pudesse retirar os pratos sujos da mesa. Bebeu o restante de café e a olhou com cautela.

— Como tudo aqui pode ser tão agradável? — perguntou Julia.

Cooper a olhou atônito.

— Perdão? Agradável, onde?

— Aqui. Em Rupert. — Julia mostrou com um gesto de sua mão a agradável lanchonete e o povo que estava lá fora. — Este lugar é aconchegante. A comida é sensacional, a decoração é autêntica... É uma lanchonete verdadeiramente fantástica. A livraria de esquina do Bob também é maravilhosa; ele tem uma ótima seleção de livros e Bob é muito agradável. Tem uma livraria perfeita para o povoado. Percorremos duas ruas adoráveis para chegar aqui, com pinheiros e gerânios muito bem cuidados. E não vi nenhum buraco nas ruas. Rupert poderia estar em um guia: Pequenas Grandes Cidades do Oeste. — Apoiou o queixo sobre as mãos. — O que você pensa que está errado em Simpson?

Julia quase podia ver as rodas girando na cabeça de Cooper enquanto ele tentava arrumar uma forma de responder sua pergunta.

— Bem... Talvez as cidades sejam como seus habitantes. Alguns são resistentes e outros não. Alguns suportam as dificuldades melhor que outros. Os cavalos também são assim — acrescentou depois de um momento.

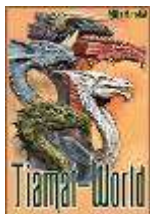
Era uma forma de pensar.

— Ok!... Então, quando Simpson começou a... — Julia tentou encontrar alguma palavra que não fosse muito forte mas não conseguiu — morrer? — Falou com delicadeza.

Cooper parou para pensar.

— Acho que o que fez os sinos fúnebres começarem a tocar foi quando fizeram com que a nova interestadual passasse a sessenta quilômetros a oeste de Simpson. Em 1984.

— Quer dizer que depois que foi desenhada uma linha no mapa representando uma estrada, o povo ficou desorientado... — Julia estalou os dedos — assim? — Era um conceito novo e ela percebeu pela primeira vez desde que chegou à Simpson, que estava vivendo em um lugar estranho, pitoresco e que não constava em nenhum guia. Era estranho viver em um lugar que em



alguns anos poderia já não estar nos mapas.

— Pois é, embora a maioria das cidades do oeste tenham sido fundadas dessa forma. Poderíamos chamar de justiça poética.

— O que você quer dizer com isso?

Cooper estava visivelmente relaxado. A história do oeste era um assunto que ele dominava, a julgar pela quantidade de livros de história que Julia tinha visto em sua biblioteca.

Cooper virou para um lado para que a garçonete depositasse na frente deles dois pratos de sobremesa e duas fumegantes xícaras de café.

— A maioria das cidades daqui foi fundada de qualquer maneira; onde um mineiro colocou uma tenda e em seguida outro se juntou a ele; ou então onde um colono foi enterrado ou onde havia água subterrânea. Em Montana e Wyoming foi ainda mais arbitrário. Os engenheiros ferroviários apenas pegavam um lápis e um compasso e marcavam ao redor das vias a cada oitenta quilômetros, por onde os trens de carga teriam que parar para se abastecer de água. Então ali, foram criadas cidades ferroviárias. E é claro, estas cidades receberam os nomes das mães, mulheres e filhas dos engenheiros. Por isso existem várias cidades com o nome de Clarissa ou Lorraine, que muitas vezes não eram mais que alguns poucos barracos com poucas pessoas morando. Algumas dessas cidades cresceram e outras não. Simpson teve mais sorte que algumas... pelo menos durante um tempo. Há muita água subterrânea em Simpson e em 1920 havia uma mina de ouro em funcionamento. Depois veio o gado e aquilo foi rentável até trocarem a trajetória das vias dos trens. Desde então, o povoado veio sofrendo um lento declínio. Não demorará em transformar-se em um povoado fantasma.

— Isso é muito triste. — Julia pensou em tudo; um povoado inteiro morrendo. Simpson varrida do mapa. Se é que alguma vez esteve em algum mapa.

— Você também cresceu perto de um povoado fantasma.

— Cresci? — Julia voltou surpreendida à realidade.

— Shanako. — Cooper a olhou com expectativa.

Julia piscou.

— Shana...quê?

Cooper cortou uma parte de bolo.

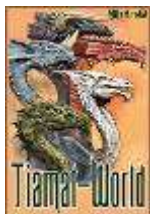
— Shanako. Foram os maiores importadores de ovelhas do mundo até que o mercado australiano abriu suas portas em 1860, então o povoado desapareceu do mapa. Em um ano passou de 40 mil habitantes para nenhum. Não acredito que nunca tenha ido lá; não fica a mais de cem quilômetros de Bend.

Julia sorriu com educação, como se Cooper tivesse começado a falar de repente e de forma inexplicável em urdu³³. Cooper franziu a testa.

— Você não disse à Chuck que veio de Bend, Oregon?

Onde tinha escutado aquele nome... Bend... claro! Seu disfarce. Julia estava tão absorta

³³ Urdu: É uma língua que se formou sob influência persa, turca e árabe. É o 19º idioma mais falado do mundo como idioma nativo, sendo o idioma nacional do Paquistão e um dos 24 idiomas nacionais da Índia.



ouvindo aquele tão intrigante e impenetrável homem falar que não prestou atenção em mais nada.

— Sally? — Cooper a olhou com uma expressão estranha.

— Quem? — disse então — Ah!

Balançou a cabeça e tentou repassar mentalmente os últimos momentos de conversação.

— Não, nun-nunca estive em... Shanako. Mudamos para Bend quando eu estava... — Sua mente trabalhava a mil por hora — terminando o ginásio, depois fui para a faculdade em... — A que universidade iria os que moravam em Oregon?

— Portland? — Cooper a olhava com a cabeça inclinada.

— Isso — disse Julia com alívio, — Portland. — A única Portland³⁴ que ela havia estado era a que se localizava em Maine.

Toda aquela mentira era um verdadeiro estresse. Herbert Davis poderia ter-lhe dado um manual sobre como se esconder.

— Então suponho que não explorei os arredores de Bend tanto como gostaria. — Cooper a olhava muito fixamente. Esses olhos negros tinham a habilidade de fazê-la derreter-se. Ela tentou mudar a conversa. — Então o que aconteceu com Simpson? Você disse que moveram a interestadual, então suponho que teria sentido dizer que isso causou um impacto em Simpson. Houve menos tráfico atravessando o povoado. Você acha que teve mais algum motivo?

— Sim. — Cooper colocou o resto do bolo na boca, mastigou devagar e engoliu. Cortou outra parte do macio bolo de queijo e concordou. — É possível que a falta de uma boa comida seja também uma das razões para o declínio de Simpson.

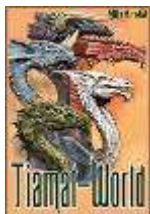
Julia suspirou.

— Você está falando sobre a comida da Alice? — Ela não estava surpresa. A comida da Alice era ruim o suficiente para fazer desaparecer um povoado inteiro.

— Sim. Mas não estou falando só da Alice, não há nem um lugar decente em todo o povoado onde se possa comer decentemente. Carly tampouco era boa cozinheira, mas as pessoas iam lá de qualquer maneira. Pela mesma razão que eu estava acostumado a comprar ração de Errol Newton embora ele me cobrasse 5 centavos a mais por quilo. Fiquei muito contente quando Errol por fim fechou, em 1994. Todo mundo estava acostumado a esforçar-se para comprar nas lojas locais. Mas a geração mais jovem não parece ter esse tipo de lealdade. Claro que também tem o motivo da faculdade local estar fechada; com isso os pais serem obrigado a enviar os jovens para Dead Horse. As crianças que nascem em Simpson já sabem que acabarão mudando de lá quando crescerem. Por isso ninguém quer assumir os negócios da família.

—Humm. — Julia bebeu um gole de seu café e não surpreendeu ao descobrir que era uma das melhores xícaras de café que tomou nestes últimos meses. A Lanchonete tinha um café verdadeiramente excepcional. Pobre Alice. — Lee Kellogg não quer assumir a loja de ferragens de Glenn; quer ser professor de história. Glenn está pensando em vendê-la daqui a alguns anos. De

³⁴ Portland : Portland que Julia se refere é a maior cidade localizada em Maine (e Maine por sua vez é um dos 50 estados dos Estados Unidos da América localizado na região da Nova Inglaterra, no extremo nordeste do país).



qualquer forma Maisie não parece interessada em ajudar na loja.

Cooper ficou com a boca aberta.

— De onde você tirou isso?

— Eu converso com as pessoas, Cooper. É assombroso o muito que se pode aprender quando fazemos isso. — Julia terminou seu bolo de cenoura. — Na verdade, o que Maisie gostaria de fazer de fato era cozinhar. Mas quem iria contratar uma cozinheira em Simpson?

— Alice com certeza não. — Cooper fez um gesto à garçonete para que lhes trouxesse a conta. — Ela está sempre tentando manter a cabeça para fora da água; igual a qualquer outro negociante em Simpson.

— É a *Teoria da Janela Quebrada* — disse Julia pensativamente.

— O que? — Cooper perguntou e ficou quieto.

— A *Teoria da Janela Quebrada*. Li uma vez em uma revista. — “Em outra vida”, pensou.

Ela lembrava-se perfeitamente onde estava quando leu essa teoria: tomando café em uma lanchonete tão encantadora como a que estava agora, afundando a cabeça nos problemas do mundo e sem ser consciente de que em pouco tempo seu mundo se desmoronaria aos seus pés.

— Fizeram um estudo sobre as favelas e conjuntos habitacionais; alguns são mantidos pelos moradores enquanto outros se transformam em terrenos baldios. Os pesquisadores queriam saber por que alguns se salvavam da desolação e outros não. E chegaram à conclusão de que todos que vivem em algum lugar têm que se preocupar com ele; tudo o que precisamos nestes casos é de uma janela quebrada para o lugar se degenerar. É como se fosse um símbolo de “ninguém se importa”; o sinal que precisam para que se transforme o lugar em um lixo.

— Sim — concordou pensativamente Cooper. — Suponho que Simpson é um pouco assim. Faz muito tempo que ninguém faz nada; várias lojas se fecharam nos últimos dez anos e ninguém investe no local. Se ninguém fizer nada, o povoado não vai durar muito. Os lugares precisam de atenção, assim como as pessoas.

“Os lugares precisam de atenção”, pensou Julia com uma repentina pontada de dor. As palavras de Cooper ressonaram em sua cabeça. Ela mesma era culpada de negligência. Estava morando em uma pequena casa e não tinha feito absolutamente nada para deixá-la mais bonita ou agradável. Isso era inédito para uma Devaux. Chegou a Simpson coagida, é verdade; mas sua mãe também havia chegado à Riad coagida e fez de sua casa seu triunfo pessoal em decoração.

“Não fiz absolutamente nada para que minha vida aqui seja um pouquinho melhor”, pensou. Sua mãe não estaria nada orgulhosa dela.

— Cooper, você acha que poderia...? — Julia interrompeu-se.

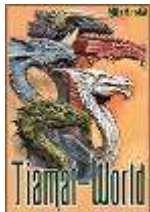
— Poderia o que?

— Nada... — Julia moveu uma mão. Ele já havia feito muitos favores a ela. — Deixa pra lá.

— Fale Sally.

— Esquece Cooper. — encolheu os ombros. — Foi apenas um pensamento bobo.

Cooper a olhava fixamente com seus profundos e impenetráveis olhos negros. A garçonete chegou com a conta, mas Cooper indicou com um gesto que partisse. Para surpresa de Julia, Cooper encostou-se à cadeira e cruzou os braços.



— Só sairemos daqui quando você terminar esta frase.

Julia mordeu o lábio e olhou para Cooper. Tinha o rosto sério e impenetrável. Quase podia sentir a força de sua vontade através da mesa, assim deu-se por vencida.

— Tudo bem! — disse baixinho. — Você sabe se tem alguma loja de decoração por aqui?

— Uma... loja de decoração? — disse com cuidado, descruzando os braços e inclinando-se para frente.

— Sim, decoração... Tinta, papel de parede, estampas, tecidos... O que normalmente se vende em uma loja de decoração.

— Tinta, papel de paredes, tecidos... — Cooper ficou pensando. — Acho que no Schwab's deve ter.

Julia se sentiu culpada. Ele já estava arrumando sua casa inteira; acompanhou-a até Rupert, levou-a a livraria e agora para almoçar.

— Você teria tempo de parar em mais uma loja, Cooper? Ou tem muita coisa para fazer hoje?

Cooper fez um gesto à garçonete para que trouxesse a conta e pagou. Quando a garçonete se foi, ele se inclinou sobre a mesa.

— Não estou muito certo se você está compreendendo bem nossa situação, Sally — disse em voz baixa e suave. — Não há nada que você não possa me pedir. Absolutamente nada. Faço qualquer coisa por você. — Olhou-a fixamente com seus olhos negros. — Mataria por você. Ter que parar em uma loja, não é nada.

* * *

Durante o caminho de volta, Cooper esperou que Sally virasse para ele e dissesse “fale comigo Cooper”, se ela falasse isso, conversaria com ela. Tinha algumas ideias em mente que praticou silenciosamente. Estava preparado. Tudo o que ela precisava fazer era pedir.

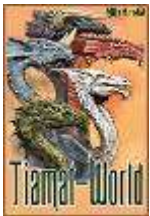
Mas Sally não pediu nada. Na verdade, ela não estava fazendo praticamente nada sentada ao seu lado além de olhar pela janela perdida em pensamentos.

O silêncio era o companheiro constante de Cooper, era algo que estava acostumado, algo que podia controlar. Mas por alguma razão, o silêncio e Sally Anderson era uma coisa que não se encaixava bem. Encontrou-se desejando a atenção dela. Sentia falta de que ela se virasse para ele, com seus enormes olhos turquesa bem abertos e centrados nele, pedindo que falasse com ela enquanto ela absorvia cada uma das palavras dele. Queria que ela parasse de olhar a paisagem por aquela condenada janela e prestasse atenção nele.

Era uma loucura. Sentia-se como um menino de doze anos plantando bananeira para impressionar a linda garota nova do colégio.

Mas ela não fez nada a não ser continuar olhando fixamente a paisagem através da janela. Merda, tudo o que ele queria saber era o que ela havia encontrado tão fascinante lá fora. Ainda mais na escuridão da noite.

Cooper deu-se conta do quanto estava interessado nela quando se encontrou desejando que



ela sorrisse. Quando ela sorria para ele, era como se ele fosse o homem mais fascinante sobre a face da terra, sentia que algo soltava de seu peito, algo que ele levava a muito, muito tempo firmemente trancado. Na verdade, toda sua vida.

Tinha ainda que pensar muito sobre isso. Sobre o que ela significava para ele e a forma que ele a estava tratando.

Sally Anderson era, sem dúvida alguma, a mulher mais importante que passou por sua vida e ele estava se dedicando somente a fodê-la como se não houvesse um amanhã. Como se ela estivesse ali só para sua liberação sexual depois de um longo período de seca.

Ele estremeceu ao pensar nisso. Depois que levava Rafael para casa todas as tardes, voltava diretamente para casa de Sally. E tão logo ela abria a porta, em menos de dois minutos, já a tinha nua e deitada na cama. A primeira vez que a fodia era sempre frenético. Bem... Na segunda e terceira vez também eram. Ele parecia não ter tempo para nada mais a não ser isso.

Quando chegava a primeira hora da manhã e se aproximava a hora dele partir, ele ainda estava desesperado por ela com pau duro. Então, agarrava-lhe os quadris com firmeza e continuava fodendo-a com força.

E ele até agora não havia dado nada a ela. Nenhuma palavra doce, nenhuma carícia suave. Nem sequer preliminares.

E em cada amanhecer, quando chegava a *Double C*, encontrava-se imediatamente imerso com as tarefas da fazenda, a maioria delas era ao ar livre e rodeado de seus homens. Era impossível sequer ligar para ela. Então, basicamente, o que ele vinha fazendo era fodê-la durante toda a noite e desaparecer ao amanhecer. Ele sabia bem o nome que recebia os caras que agiam desta forma.

Hoje foi a primeira vez que ele ofereceu algo para ela. Um almoço em uma lanchonete. Uma cerveja e um cheeseburger ao invés de levá-la para jantar em algum lugar agradável. E ela, ainda por cima, quis pagar a conta! O que o deixou muito impressionado.

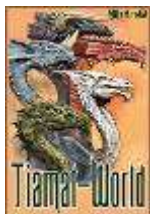
Sally merecia restaurantes caros e elegantes. Não que houvesse em Simpson restaurantes assim, mas, ele podia ter se oferecido para levá-la à Boise. Ele não tinha muito tempo para fazer isso, mas talvez pudesse se organizar melhor e tentar. Enquanto estava saindo com Melissa, ela insistia para que saíssem para jantar em lugares caros algumas vezes no mês, e quando se casaram ela queria sair para jantar fora todos os dias.

Merda tinha tratado Melissa muito melhor que Sally; e Melissa era uma verdadeira cadela.

Quando se encontra uma mulher que além de ser preciosa, tem um coração enorme e significa muito para você... tem que cortejá-la. Tem que tratá-la... como uma dama. Dar presentes bonitos “não, ferrolhos e sistemas de alarme nas janelas, por que isso não conta” e levá-la para sair à noite em lugares agradáveis.

Não se deve jogá-la na cama, fodê-la como se fosse morrer e desaparecer pela manhã. Dia após dia.

Era uma pena que o sexo tenha se colocado no caminho deles. Desejava-a tanto que chegava a ficar sem fôlego. Quando entrava em sua pequena casa, era como se o vento o levantasse e o levasse para longe. A luxúria enchia sua mente e era incapaz de pensar em qualquer coisa que não



fosse colocar o pau dentro dela o mais rápido possível e ficar lá todo o tempo que pudesse. Como passou muito tempo em abstinência de sexo, ficava dentro dela até primeira hora da manhã quando o tirava de lá e ia para a fazenda trabalhar.

“Isto não é bom”, pensou Cooper enquanto entrava na rua que Sally morava.

Essa noite ia ser diferente. Ele ia ser amável; ia fazer amor e não a fodê-la como se o mundo fosse acabar.

Na manhã seguinte, ele teria que partir muito cedo para chegar ao aeroporto de Boise. Teria que fazer baldeação em três aeroportos para chegar a Lexington, Kentucky, essa mesma noite. Seu compromisso era assistir a inauguração da reunião anual da Associação de Criadores de Cavalos, que era quando compraria alguns potros de seis meses e se dedicaria a fazer contatos como um louco com as pessoas. Essa viagem anual era o eixo central de seu negócio e ele normalmente gostava de estar presente.

Mas não este ano. E no entanto não tinha como deixar de ir. Ficaria pelo menos quatro ou talvez cinco dias distante dela apesar das pontadas de dor no peito que sentia quando ela não estava por perto. A palavra “sentir falta” ficava curta quando se tratava dela. A ideia de um fim de semana sem Sally provocava nele medo e solidão. Ele precisava dizer a Sally que não estava desaparecendo de sua vida. Que pegaria o primeiro avião de volta tão logo fosse possível.

Cooper dirigiu pela rua de Sally e estacionou duas quadras mais abaixo, embora a estas alturas todos os habitantes de Simpson, Dead Horse e a maioria dos habitantes de Rupert já deveriam saber que eles eram amantes.

Olhou para Sally. Ela estava calada há muito tempo e agora soube por que, estava apoiada contra a janela, profundamente adormecida.

— Sally — disse brandamente. Ao ver que não se movia, esticou a mão para tocar sua bochecha. Cada vez que a tocava se surpreendia de como sua pele era suave. — Acorda doçura.

As pálpebras dela se moveram; parecia que começava a despertar. Pela primeira vez, Cooper percebeu o quão esgotada ela deveria estar. Não a deixava dormir as noites e durante o dia ela trabalhava.

Talvez ele devesse se comportar como um cavalheiro. Deveria acompanhá-la até a porta e despedir-se dela com um beijo, prometendo vê-la na semana que vem.

Sally piscou e abriu os olhos de cor tão viva que embora fosse noite, eles eram como um pedaço de céu. Pareceu confusa por um momento, até que o reconheceu.

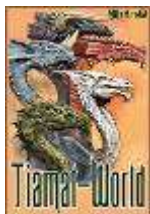
— Cooper — sussurrou e sorriu para ele.

Seu coração apertou.

Despedir-se na porta e partir já não era uma opção.

Cooper rodeou seu pescoço e a beijou. Como sempre, ela abriu sua macia e quente boca imediatamente o acolhendo. Sua primeira reação sempre o deixava excitado e em pânico de que ela pudesse desaparecer como a fumaça se ele não a mantivesse cravada ao chão com seu pau.

Desta vez sua reação foi igualmente intensa, mas diferente. Sua quente e sonolenta pele, a débil fragrância a rosas que emanava dela; a pequena e suave mão que acariciava sua bochecha o tranquilizava com um prazer indescritível, como se ele estivesse caindo em um mar de água



quente cheio de pétalas de rosa.

Viraram-se o um para o outro ao mesmo tempo. Sally esticou as mãos para rodear seu pescoço. Cooper abriu o casaco dela e colocou a mão debaixo do pulôver, enquanto desabotoava o sutiã.

Deus, como gostava dos seus seios. Quando rodeou o mamilo com o dedo, Sally gemeu em sua boca. Sentiu como arrepiavam seus mamilos, firmes e duros. Era exatamente o que estava acontecendo com seu pau.

Cooper estava decidido a fazer de forma diferente desta vez e afastou-se dela. Sally sempre levava alguns instantes para se recuperar de seus beijos. Piscou devagar para abrir os olhos e olhou inquisitivamente para ele.

— Eu quero fazer isso direito. — As palavras saíram atropeladamente de sua boca. — Preciso fazer isso direito.

Sally o buscou com o olhar. Era como se ela pudesse passear pelo interior da cabeça dele e ler tudo o que ele estava sentindo. Ele tinha certeza de que ela poderia compreender o que ele estava sentindo muito melhor que ele próprio. O rosto dela suavizou.

— Oh, Cooper. — Inclinou-se para diante e apertou os lábios contra os dele. Não era um beijo e sim um consolo. — Você está fazendo tudo certo. Você sempre faz muito bem.

Eles precisavam estar dentro da casa, na cama, nus. Agora mesmo. Cooper não podia esperar. Era como se seu coração e seu pau estivessem unidos por uma linha direta elétrica e alguém tivesse ligado o interruptor, fazendo com que voltassem à vida imediatamente.

Em meio minuto tinha recolhido as compras de Sally “bolsas cheias de material em cores que ele nunca tinha ouvido falar, embora aparentemente Harlan Schwab sim”, ajudou-a a descer da caminhonete e a levou correndo pela rua.

Uma vez dentro de sua casa, Cooper deixou cair todas as bolsas no chão e agarrou a Sally em seus braços.

Não era um gesto romântico, era simplesmente a maneira mais rápida de levá-la ao quarto. Parou junto à cama e deixou que ela escorregasse por ele até o chão. Queria que ela sentisse sua ereção que pulsava com tanta força que possivelmente o povo inteiro de Simpson poderia ouvir o seu tesão. Talvez interferisse até no sinal da rádio do povoado.

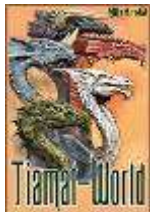
Cooper agarrou-a pela cabeça enquanto a beijava e com a outra mão começou a despi-la, tomando muito cuidado para não rasgar nada. Casaco, blusa, sutiã. Ahhh, aí estava de novo seu seio em sua mão. Ela era tão suave.

Cooper soltou seu seio única e exclusivamente porque era necessário despi-la da cintura para baixo também. Quando a deixou completamente nua, Julia se abraçou a ele com força e ele podia jurar que podia sentir sua pele nua através da jaqueta, a camisa e as calças. Agarrou-a pela bunda para subi-la até seu quadril, sobre sua ereção torturando-se com a sensação dela.

Afastou suas bocas.

— Tire minha roupa — Cooper disse sem fôlego. Alguém precisava fazer isso, pois suas mãos estavam ocupadas com ela.

— Ok! — Ela sorriu enquanto desabotoava a camisa dele. Tirou-a junto com o paletó e



deixou cair no chão enquanto ela beijava seu peito através da camiseta. — Levante os braços — Como ela não era o suficientemente alta para tirar a camiseta por eles, ele levantou os braços por cima da cabeça e assim Sally conseguiu tirá-la. Jogou-a por cima do ombro e se abraçou a ele, pele contra a pele. Abriu a boca para recebê-lo brincando com a língua. Ele moveu-se para levá-los para cama, mas parou quando Julia disse: — Espera.

Cooper parou e tentou não tremer com impaciência.

Levantando os olhos com um sorriso, Sally desabotoou suas calças e abriu o zíper lentamente, roçando os dedos em sua ereção. Baixou sua calça e cueca lentamente. Ficando de joelhos, Sally tirou seus sapatos e as meias, e Cooper levantou os pés obedientemente enquanto ela tirava sua roupa. Sally ficou em pé e sorriu ao ver seu pênis, completamente ereto só para ela. Agarrou-o levemente com um toque delicado.

A pressão dela não foi o suficiente. A única pressão que poderia satisfazê-lo no momento seria abrir sua vagina apertada e penetrá-la bem fundo.

— Cama — Grunhiu, pegou-a no braços e deitou-a suavemente sobre a cama. Deitou sobre ela e fechou os olhos momentaneamente apreciando o puro prazer de voltar a tê-la debaixo dele. E sabendo que estava a ponto de experimentar muito mais prazer ainda.

Deus, apenas o cheiro dela era suficiente para fazê-lo gozar. Cooper pressionou o rosto contra o pescoço de Sally e respirou profundamente, esperando não estar se comportando como Fred quando conhecia um novo ser humano.

A pele do pescoço da Sally era incrivelmente suave e delicada, cheirava ligeiramente a rosas. Seu olfato era muito afiado. Estava tão compenetrado em seu cheiro que poderia encontrá-la na escuridão guiando-se só pelo olfato. Cooper sentiu como sua pulsação batia rapidamente sob seus lábios e lambeu-a ali, onde o sangue estava palpitando, exatamente debaixo de sua pele. Sally estremeceu e se arqueou contra ele, esticando as mãos sobre as costas de Cooper.

Ela era tão receptiva... adorava sentir seu quente, macio e perfumado corpo se retorcendo contra ele. Cooper mordeu levemente o lóbulo de sua orelha e lambeu. Ela arqueou o pescoço para trás e levantou os quadris.

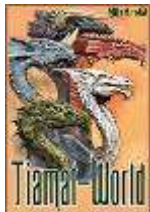
Cooper abriu suas coxas e a tocou. Como sempre, era suave, acolhedora e estava úmida. Ele passou o dedo indicador em torno dela, tendo muito cuidado com a suave e delicada pele. Era consciente de que seus dedos eram ásperos e com calos, e ele tinha ainda suficiente presença de espírito para saber que deveria acariciá-la com muito cuidado.

Ficou completamente sobre ela, percorrendo a parte posterior das coxas com as mãos. Abriu-lhe as pernas com cuidado e as levantou, grunhindo ao sentir como ela se abria para ele.

Algum dia precisava percorrer seu corpo com os lábios e as mãos. Embora agora não. Agora precisava estar dentro dela, tanto quanto precisava respirar.

Cooper deslizou dentro dela, sentindo como ela se abria para ele. Todo o seu corpo dizia o muito que ela o desejava; suas mãos o apertavam firmemente, suas pernas abraçavam seus quadris e sua vagina molhada e quente lhe dava boas vindas.

Empurrou contra ela, contra o calor escorregadio de seu interior, sentindo-se como se acabasse de chegar a casa depois de uma viagem muito longa em uma terra estranha e fria.



Cooper empurrou seu pau um pouco mais e saboreou como ela era apertada. Mexeu os quadris para introduzir-se ainda mais profundamente dentro dela e... tchan! Sally gozou. Sua vagina estremeceu forte várias vezes enquanto ela se retorcia, gemia e ofegava embaixo dele. Ela ia deixá-lo louco.

Cooper sentiu um formigamento percorrer sua espinha dorsal, sentiu que seus testículos se contraíam e gozou também. Todo seu corpo estremeceu enquanto gozava em seu interior com uma rajada de prazer repentina e elétrica.

Sally virou a cabeça um pouco e beijou sua orelha.

Agarrou-a com mais força e toda ideia de fazer amor com calma desapareceu de sua mente como uma fumaça quando voltou a investir dentro dela. Estava suave e molhada de seu esperma; ela era a coisa mais quente e suave do mundo e era toda dele.

Como todas as vezes que esteve dentro dela, perdeu a noção do tempo e de si mesmo. Parou um momento, ofegando e virou a cabeça para secar o suor de sua testa no lençol. Poderia ter usado a mão, mas isso significaria ter que soltar Sally.

Os olhos de Cooper pousaram sobre o relógio na cabeceira da cama de Sally. Era impossível decifrar a hora que marcavam os números do relógio digital. Duas e quinze, leu por fim. Duas e quinze? Como pode ser isso? Assombrado, Cooper comprovou em seu relógio de pulso. Duas e quinze.

“Porra.”

Precisava sair de *Double C* no mais tardar às 3h da madrugada e ainda tinha que fazer a mala e recolher vários documentos. Na verdade, sempre que tinha este tipo de evento, ele ia para Boise um dia antes para poder chegar sem problemas. Desta vez decidiu sair no mesmo dia do evento na primeira hora da manhã. Assim teria um pouco mais de tempo para ficar com Sally fora de seu apertado programa de trabalho.

Cooper Precisava ir embora agora. Não podia perder esse voo, porque do contrário não haveria jeito de chegar em Lexington à noite; onde ele estava indo para receber o prêmio de “Melhor Criador do Ano”. Simplesmente ele precisava estar lá.

Cooper soltou Sally e tentou se retirar dela, mas ela estava agarrada firmemente a ele com as mãos e pernas. Até sua vagina estava prendendo seu pau, dificultando sua saída.

Se seu pau soubesse, teria começado a chorar pela frieza que o assolou quando saiu de dentro dela totalmente molhado. Pela primeira vez em quatro horas houve uma distancia entre seu peito e os seios de Sally. Acostumou-se tanto a senti-la contra ele que agora parecia estranho, pouco natural, sentir o ar frio da noite contra seu peito, ao invés da pele suave e a fragrância dela. Sally continuava agarrada em seus ombros.

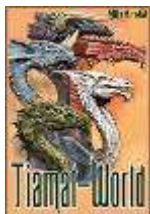
— Cooper?

Com pesar, Cooper levantou a mão para soltá-la delicadamente de seus ombros. As mãos da Sally caíram e ele perdeu seu calor.

Cooper se inclinou e beijou sua bochecha e boca.

— Tenho que ir doçura. Sinto muito. Tenho que chegar a...

— Amanhã é domingo — interrompeu em seguida com voz perdida e débil. — Não pode



ficar? Pelo menos esta noite?

Ficar.

Essa palavra mágica fora o detonante de tudo aquilo. Por um segundo Cooper se viu seriamente tentado a fazer isso: Ficar. Foda-se a reunião anual. Foda-se o prêmio. Afinal, não era nada mais que uma merda de placa. Uma placa de madeira e metal que não valia mais de vinte dólares. Não havia nada em Lexington que pudesse competir, nem remotamente, com as armas de Sally, estar dentro de seu calor e sua suavidade.

Inferno! Por que não vendia *Double C* e se mudava para morar com Sally? Passaria os dias arrumando sua casa e as noites fodendo-a sem descanso. Se vendesse a fazenda poderia viver confortavelmente o resto de sua vida com os rendimentos. Na verdade, ele já tinha um bom rendimento de seus investimentos os quais estava reinvestindo na fazenda. Então Coop não tinha por que trabalhar. Poderia se aposentar amanhã. Por que não?

Porque tinha responsabilidade e por isso não podia fazê-lo. Quarenta homens e suas famílias dependiam de *Double C*. O negócio da fazenda era o que mantinha Simpson vivo e era de vital importância para vários negócios em Rupert e Dead Horse.

Adorava as forças armadas, mas quando seu pai morreu, soube que tinha que voltar. Nos Estados Unidos havia vários jovens valentes com boa visão, mãos firmes, costas fortes e coragem. Mas só havia um Cooper que poderia assumir e manter vivo *Double C*.

Durante alguns instantes, o desejo e o dever lutaram com força em seu interior. Mas Cooper foi criado para cumprir seus deveres.

— Não posso ficar doçura. — Poderia ela ouvir o lamento em sua voz áspera? Por que diabos não disse à ela antes que teria que viajar esta madrugada? Porque seu cérebro todo fora atingido por luxúria, foi por isso. — Tenho que ir. Fora da cidade na verdade. Para Kentucky. Devo estar de volta na sexta-feira.

Levantou-se imediatamente, fazendo sacudir os lençóis.

— Você está saindo da cidade? — Olhou-o com os olhos arregalados. Mesmo estando na escuridão do quarto, iluminado apenas pelo poste na esquina da rua ele podia ver seu desespero. — Você tem... tem mesmo que ir?

Ele deu de ombros. Merda. Mas o tempo estava passando rápido e ele precisava ir embora logo.

— Sim, tenho que ir. Assunto de negócios, entende?

Sally concordou devagar, com os olhos ainda arregalados. Ele podia ouvi-la suspirar com força.

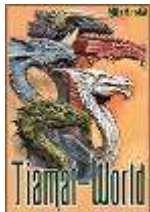
— Sim... Ehh... negócios. Ok.

Merda, merda, merda! Cooper odiava deixá-la assim. Inclinou-se e deu-lhe um suave beijo pensando que precisava dar outra má notícia...

— Doçura... não vou conseguir ligar para você. Vai ser uma semana muito intensa... realmente intensa.

Ela parecia cada vez mais perdida.

— Intensa — disse fracamente. — Está bem.



Cooper ficou em pé. Merda, como odiava isso. Ele queria poder ficar com ela, fazer amor um pouco mais e depois passar o resto da noite abraçando-a com força. Queria poder passar o domingo com ela na cama e talvez sair para passear à tarde.

Mas essa semana era decisiva para *Double C*. Ele ia trazê-la de volta a vida depois de anos de negligência. A cada ano suas linhagens eram melhores. Tudo dependeria dos potros que escolhesse nessa viagem anual que fazia a Kentucky e dos contatos que faria ali.

O dever o chamava.

E Cooper precisava responder.

Duas e trinta e cinco.

— Tenho que ir agora doçura. — Ele se afastou dela com relutância.

— Eu... sentirei sua falta, Cooper — disse Sally suavemente.

Não havia palavras para expressar o que ele sentia.

— Sim — disse e partiu.

Capítulo 13

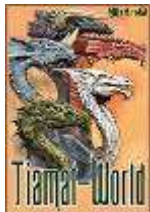
O arquivo que ele havia furtado continha três nomes, todos com um código de três dígitos. Duas das testemunhas tinham sido recolocadas em Idaho e era possível que Julia Devaux também. O profissional acessou a base de dados de uma empresa de estudos geológicos onde conseguiu um mapa de Idaho.

Havia um pouco mais de 2 mil pessoas no Programa de Amparo de Testemunhas, o que equivaleria a umas quarenta pessoas por cada estado. Elas deveriam estar o mais dispersas possível, de modo que as pessoas escondidas não se encontrassem uma com a outra. Mas fazia sentido que os arquivos fossem mantidos de maneira geográfica, de forma que um mesmo oficial pudesse se encarregar de dois ou três casos na mesma região. Abt estava no Rockville, Davidson no Ellis. O profissional consultou o mapa tão preciso quanto a tecnologia a laser permitia e passou o dedo por cima de alguns municípios. Algumas cidades eram tão pequenas que estavam em um arquivo de dados à parte. O profissional disse os antiquados nomes das cidades em voz alta, buscando-os pelo mapa com o dedo: Jefferson, Clearwater, Bute. Julia Devaux e dois milhões de dólares devia estar em algum desses.

O profissional agarrou o fone e reservou um avião de ida em primeira classe para Boise, Idaho.

* * *

Sangue, miolos, uma cabeça destroçada. Um corpo pequeno e pálido caído como um novelo sobre a gordurenta calçada. O aroma de sangue. O homem grande de olhar feroz que levantava a pistola. Girava a cabeça devagar, mecanicamente, como um robô, para ela.



Viu pela extremidade do olho que algo se movia: uma figura alta e escura, que prometia segurança e refúgio. Cooper! Tentou se levantar e mover-se para ele, mas estava rodeada de sangue pegajoso. Seus pés escorregavam em vão para sair dali.

Cooper ficou olhando vários minutos, com seus olhos escuros e indecifráveis, então se moveu em câmara lenta, girando seus largos ombros. Estava partindo! Podia ver seus ombros largos, as longas pernas que o levavam dali com passos gigantes, movendo-se tão rápido que ela mal teve tempo de gritar: “Cooper! Volte! Me ajude!”.

Gritou até que doeram os pulmões, mas não saiu nenhum som. Cooper continuou andando e pelo tempo que ela levou para estender a mão para ele, já havia ido embora. Ela ficou olhando para o espaço frio e vazio onde ele esteve.

Uma risada baixa cruel soou por trás dela e ela se virou morta de medo. O sorriso de Santana se alargou de maneira pouco natural e sua boca inteira se transformou em um vermelho sangue enquanto ele levantava a enorme arma negra. Vermelho e negro. O mundo se transformou com as cores do sangue e da morte.

Ele levantou a pistola e Julia se abraçou. “Morre puta” grunhiu e apertou o gatilho.

* * *

Julia deu um pulo na cama, tremendo e suando. Desta vez o sonho tinha sido diferente. Não sabia dizer por que, mas havia sentido algo estranho, uma urgência como se algo estivesse se aproximando dela.

Um relâmpago iluminou a casa e um trovão atravessou o céu. Soava como se estivesse exatamente em cima do telhado e Julia percebeu que o que a havia despertado fora o som do trovão e não uma bala em seu cérebro. Algo úmido tocou sua mão e ela gritou; levou uma das mãos ao pescoço enquanto com a outra procurava freneticamente algo para utilizar como arma.

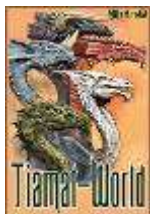
Fred sentou-se sobre suas patas traseiras e seus enormes olhos marrom olharam para ela com receio. Gemeu baixinho sem abrir seu focinho e Julia lembrou-se que ele havia sido bastante maltratado. Ela havia se debatido na agonia do seu pesadelo e isso deve tê-lo assustado.

Não era de surpreender, ela também estava assustada. Julia deu um tapinha na cama e Fred saltou imediatamente para junto dela, encolhendo-se em uma quente bola peluda e fazendo com que o colchão se inclinasse com seu peso. Pelo menos ele já não cheirava mal.

Julia inclinou a cabeça para trás, cansada, contra a cabeceira de imitação barata de latão e tentou lutar contra o desespero. Mas até o desespero era melhor do que o que estava à espreita atrás dela: O medo.

Uma pessoa ou possivelmente várias, a procuravam para matá-la e cada dia que passava ali estava “ou estavam” mais perto de encontrar seu esconderijo.

Davis tampouco era de grande ajuda para tranquilizá-la. As últimas vezes que ligou ele pareceu impaciente. As ligações a deprimiam tanto que ela passou a ligar com menos frequência. Ela tinha que ligar sempre de telefone públicos nunca do telefone de sua casa. De qualquer maneira a conversa era sempre a mesma:



- Alguma novidade?
- Não.
- Sabe o que vai acontecer?
- Não.
- Quanto tempo isso vai continuar assim?
- Não sei.

As variações eram mínimas e Davis começava a se irritar quando ela tentava prolongar a conversa. Julia nem sequer gostava muito de Davis, mas ele era tudo o que havia entre ela e o abismo. Ou Santana, que era a mesma coisa.

Fred apoiou o focinho em seu joelho e ela acariciou sua cabeça com mão trêmula. Encontrou o ponto que ele tinha atrás da orelha que o fazia entrecegar os olhos de prazer e se perguntou como era fácil para os cães esquecerem os medos. Nenhuma quantidade de carinho atrás da sua orelha faria com que o medo e a solidão fossem esquecidos.

Julia puxou o cobertor para cobrir os joelhos. Como a maioria das coisas que havia em sua casa, o cobertor era barato, surrado e estava desbotado depois de muitas lavagens. Não tinha nada que ver com o edredom de seda pura cor de gema que sua mãe mandou para ela de Paris como presente em seu vigésimo quarto aniversário.

O edredom chegou depois do funeral de seus pais.

Julia afundou a cabeça nos joelhos e lutou contra as lágrimas. Chorar não ajudaria em nada, teria que se controlar. Embora tentasse pensar desta forma, algumas gotas renegadas rolaram por suas bochechas. Julia passou a mão pelas bochechas frias e estremeceu ao ouvir uma rajada de chuva que sacudiu as janelas. Será que o aquecedor desligou? Ela estava muito cansada, deprimida e morta de medo para se levantar e comprovar.

Talvez Cooper... Julia parou. Não deveria se acostumar a depender tanto de Cooper. Cooper viajou.

Essa era a outra parte do seu pesadelo. Cooper partindo. Dando-lhe as costas e indo embora. Tanto na vida real como em seu pesadelo.

Bem, é claro que ele precisava viajar.

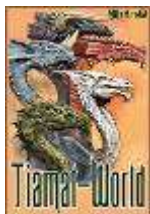
Ele era um empresário e tinha um negócio para se ocupar. Tinha coisas para cuidar e não podia se responsabilizar por uma desesperada mulher que teve o azar de estar no lugar errado na hora errada.

Cooper e ela eram amantes, isso estava claro. Mas quem sabia o que ele pensava ou o que sentia? O que ela significava para ele? Ele aparecia, faziam sexo como loucos durante horas e logo depois ele a deixava.

O ciclo se repetia.

Uma amiga de New York tinha um amante casado e Julia estava acostumada a chamá-lo o Morcego. Cooper parecia se importar com a situação, mas não falava nada. E agora a tinha abandonado por toda uma semana.

Julia mordeu o lábio. Parecia quase impossível imaginar uma semana inteira sem Cooper em sua cama. Quando ele estava perto, ela não tinha medo. Mas agora, todo esse medo atrasado



apareceu de repente. Queria ligar para ele e pedir que voltasse, dizer que ele precisava ficar com ela.

Claro que isso era estúpido. O que era ela para ele, além de um bom sexo?

O que ela era para alguém?

Pela primeira vez em sua vida, Julia contemplou as opções que tinha. Tinha viajado por todo mundo com seus pais e fora maravilhoso, mas nunca parou para olhar por cima do ombro para ver o que estava deixando para trás. Só tinha se importado com o que havia à frente, no futuro. Tinha sido tão excitante... cada vez que mudavam para um novo país, uma nova cidade, novas pessoas para conhecer.

Pela primeira vez em sua vida, Julia desejou ter pertencido a uma comunidade. Ter pessoas a quem pudesse pedir ajuda. Uma comunidade onde as pessoas vivessem bem e que gerações inteiras vivessem lá também e não ser uma expatriada que vivia em um lugar remoto.

Havia feito novos amigos em Simpson, claro. Alice e Beth por exemplo. Mas elas achavam que a mulher que conheciam era Sally Anderson, uma professora do primário perfeitamente normal.

E não Julia Devaux, uma mulher em fuga.

* * *

Nada, absolutamente nada, era tão satisfatório como navegar pela internet. Era como ser invisível e todo-poderoso. Não havia nada a salvo da inteligência que rondava pela rede. As pessoas se surpreenderiam com o quanto se pode aprender quando se sabe o que está fazendo. Na internet poderia se descobrir o tamanho de um homem de chapéu, seu livro preferido, o que ele compra para sua amante, se ele estava usando alguma medicação no momento e sobre sua hérnia; sem que ele soubesse que está sendo investigado.

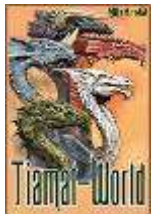
Obviamente, os arquivos do Departamento de Justiça eram mais difíceis de encontrar. Seus firewalls eram muito bons e estavam reforçados com barreiras de segurança. Mas, se a pessoa adequada se empenhava bastante, era tão útil como um muro feito de peças do *brinquedo Lego*. “E eu sou a pessoa adequada” pensou o profissional. A pergunta não era se encontraria o arquivo de Julia Devaux, e sim, quando encontraria.

Era hora de começar a procurar. Podia acessar o sistema do Departamento de Justiça de qualquer lugar do mundo com um notebook; essa era a parte mais fácil. O seguinte passo requeria inteligência.

O profissional se viu interrompido pelo boletim meteorológico na televisão, que anunciava um inverno frio, com previsão de tormentas de neve para o Dia de Ação de Graças.

“Quero passar o Dia de Ação de Graças em St. Luzia”, pensou o profissional. Preferia o sol e os caranguejos à neve e peru.

* * *



— Temos uma baixa.

Herbert Davis levantou os olhos inexpressivos da circular que haviam colocado no andar de cima, perto da nova vassoura que seria usada para uma limpeza geral. Esta circular só os fazia lembrar pela enésima vez que não se aceitavam comentários depreciativos contra as mulheres ou contra as minorias, sob nenhum conceito. E como ficava estabelecido pela ordem blá-blá-blá da lei blá-blá-blá.

Somos agentes da lei, malditos! — Pensou com aborrecimento. — “Não podemos fazer do mundo um lugar melhor, mas tentamos fazê-lo mais seguro”.

Mas como caralho podiam fazer isso com um orçamento cada vez menor e ainda precisavam medir cada uma de suas palavras? Barclay pigarreou e Davis lembrou que ele havia dito algo.

— O que você disse?

— Temos um homem a menos. — Barclay pegou uma cadeira próxima, girou por cima dela e sentou-se. Barclay parecia uma merda e cheirava mal, também. Ele parecia alarmantemente com um vagabundo. O divórcio estava acabando com ele.

Davis balançou a cabeça, mal-humorado. Verdadeiramente, o mundo estava indo de mal a pior.

— Quem?

— Uma testemunha chamada Richard Abt. Lembra-se dele? Mudamos seu nome para Robert Littlewood.

Davis olhou para o teto como se estivesse dando marcha ré mentalmente no calendário, mas era impossível lembrar-se dele. O Departamento de Polícia tinha mais de duas mil testemunhas no Programa de Amparo de Testemunhas e Davis descobriu que não podia manter o controle sobre todos eles. Bateu com o dedo no lábio.

— Ele era o... — Davis fez uma pausa.

— Contador — Barclay estava lendo a ficha dele.

— Contador — repetiu Davis. — Certo. É... humm... ia testemunhar no... no...

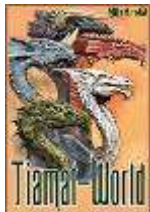
— Caso Ledbetter, Duncan e Terrance. — Davis concordou e calou para ouvir os detalhes que Barclay lia da ficha. — Abt ia testemunhar dia 14 de novembro. — Barclay tamborilou os dedos sobre a ficha e suspirou. — Parece que, depois de tudo, esses safados de Ledbetter, Duncan e Terrance vão sair ilesos. Abt era o único disposto a testemunhar. Todo o trabalho que tivemos não servirá para nada.

Davis pegou uma caneta e começou a tomar notas. Embora ele não se encarregasse desse caso, perder uma testemunha era algo que sacudia o departamento inteiro nos alicerces. Não acontecia frequentemente, mas quando ocorria, rolavam cabeças. Davis queria estar preparado para salvar seu traseiro se a merda chegasse ao seu redor.

— Sabemos quem acabou com ele? — Davis perguntou e riu sem alegria. — Além dos três, é óbvio.

— Esse é o problema, chefe. — Barclay se moveu incômodo. — Parece... parece ter sido um acidente.

— Como? Um acidente? E que idiota acreditou nisso? Os tiras locais? — Davis olhou Barclay



com cara de pena. — Onde realocamos o Abt?

— Em Idaho. Em um povoado chamado Rockville.

Davis suspirou com força.

— Os tiras dali não encontrariam seu traseiro nem com um mapa detalhado.

— Não, não foi a polícia local que encerrou o caso, fomos nós. — Barclay esfregou os olhos vermelhos. — Nossa gente informou que realmente parecia ter sido um acidente. O condutor fugiu.

— De verdade? — Davis franziu a testa.

— É o que parece. Mas pode ser também uma mensagem clara e real para qualquer pessoa que possa ter alguma ideia brilhante de testemunhar contra alguém. Como se fora um aviso. Para que as pessoas pensem duas vezes antes de serem testemunhas de algo.

É verdade. Mas mesmo assim... Davis balançou a cabeça com pesar.

— Não posso acreditar no azar desse pobre diabo. Abt estava bem próximo de ficar livre. — Davis voltou a olhar a ficha dele — Eles teriam sido condenados em três estados, pegariam de vinte e cinco à trinta anos, fácil. Então ele decidiu ser uma testemunha do Estado, recebeu uma nova identidade e um trabalho. — Davis deu uma olhada rápida à informação. — Pelo que vejo ele parecia estar vivendo muito bem com sua nova identidade. E de repente tudo se acaba numa merda por causa de um carro...

— Não é esse o caminho. — Barclay olhou sua unha suja e Davis percebeu que a mão dele tremia. — “Às vezes você é o para-brisas e às vezes você é o inseto”.

* * *

O profissional repassou os dados que tinha de Sydney Davidson, o segundo nome que havia no arquivo que furtou do Departamento de Justiça.

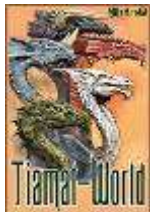
O doutor Davidson, um brilhante bioquímico, fora contratado após terminar a faculdade pela empresa Sunshine Pharmaceuticals, um laboratório farmacêutico com sede na Virginia. Mas os conhecimentos do bom doutor não se limitavam às aspirinas e os antibióticos.

O profissional lembrava-se perfeitamente do escândalo do Sunshine Pharmaceuticals, que fora descoberto em meio a uma acalorada campanha eleitoral para o Senado. Um determinado número de membros do conselho da companhia se envolveu em um negócio adicional extremamente lucrativo: Proporcionar drogas artesanais altamente sofisticadas para a elite profissional da costa sudeste.

O mais fraco candidato na época, um jovem advogado de distrito com aspirações, viu-se favorecido pela difusão das fotografias dos diretores do Sunshine levados a julgamento algemados, obtendo no final uma vitória esmagadora. Depois que foi emitida a ordem de prisão da quadrilha inteira, Sydney Davidson resolveu testemunhar para o Estado.

O profissional nunca se importou muito com as drogas de qualquer maneira, cada um que morresse pelo seu próprio veneno. Pessoalmente, ele preferia um *Veuve Clicquot*.

Ele verificou o organograma da empresa. Não adiantaria nada entrar em contato com o



diretor geral ou qualquer outro membro do conselho. O chefe de segurança era a única pessoa que o interessava.

O profissional teclou a mensagem para o norueguês:

MENSAGEM PARA RUM LASLETT, CHEFE DE SEGURANÇA DO SUNSHINE PHARMACEUTICALS.

INFORMAÇÃO SOBRE LUGAR E NOVA IDENTIDADE DE DR. SYDNEY DAVIDSON DISPONÍVEL APÓS RECEBIMENTO DE NOTIFICAÇÃO DE DEPÓSITO DE CEM MIL DÓLARES AMERICANOS NA CONTA Nº GHQ 115 - BANCO SUÍÇO SEDE GENEBRA.

O GOLPE DEVE PARECER ACIDENTE. NÃO PODE SER ACIDENTE DE CARRO.

Duas horas depois o computador emitiu finalmente um som; o profissional piscou e se levantou. Não havia muita coisa para fazer em Idaho a não ser cochilar.

CEM MIL DÓLARES AMERICANOS DEPOSITADOS EM SUA CONTA DE Nº GHQ 115 E C/C BANCO SUIÇO, SEDE GENEBRA. À ESPERA DE ACEITAÇÃO DE EXECUÇÃO. FORMA PREFERIDA: CHOQUE ELÉTRICO DURANTE BANHO.

POR FAVOR INDIQUE QUANTO ANTES SE ESTIVER DE ACORDO.

A resposta do profissional foi imediata:

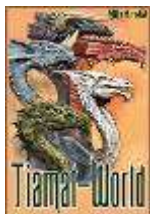
CHOQUE ELÉTRICO OK. TEM QUE PARECER ACIDENTE. PELO MENOS 56 HORAS APÓS ESTA MENSAGEM.

NOVA IDENTIDADE E RESIDÊNCIA DO DR. DAVIDSON: GRANT PATTERSON - 90 JUNIPER STREET, ELLIS, IDAHO. BOA SORTE.

* * *

—Hora de morfar! E então... então os Power Rangers se metamorfosearam em Megazords porque eles eram... poderosos! — Disse Rafael emocionado, golpeando o ar com seus pequenos punhos e cuspidos pedaços de bolo. — E então... então eles usaram seus poderes e se transformaram em... em mastodontes e tigres com dentes afiados, porque precisavam lutar contra o malvado Lorde Zedd, mas ele era muito forte para eles e ia dominar o mundo, então os Power Rangers usaram os poderes Ninjetti!— Gritou a última palavra, golpeando o ar novamente e sorrindo de orelha a orelha.

Era uma tarde de quarta-feira e Julia decidiu recompensar Rafael pelo seu renovado interesse nos estudos e por ter transformado Fred em um vira-lata adorável de pelo brilhante. Então o levou para tomar um chocolate quente e comer um pedaço de bolo no Carly's Diner; esperava com isso, animar um pouco Alice na hora do chá. Rafael estava contando o episódio dos *Power Rangers* com golpes e sinais, mas Julia não fazia mais do que perder o fio da meada e desistiu de tentar acompanhar o que ele contava. Resolveu pegar seu caderno de desenhos e se



distrair rabiscando.

— A senhorita sabia... que os *Powers Rangers* tiveram que ajudar à *Zordan*, um ser *interchocolate*...

— Intergaláctico. — Matt se aproximou com outro pedaço de bolo, o terceiro de Rafael e o colocou na frente do menino. — É um ser intergaláctico.

— Intergaláctico — repetiu Rafael obedientemente. Ficou calado, pensando, antes de perguntar para Matt: — O que significa “intergaláctico” Matt?

— Intergaláctico que dizer da galáxia... — Matt tentou parecer impaciente e superior, mas estava lutando para não sorrir. Alice tinha seguido os conselhos de Cooper com convicção e o tinha envolvido na lanchonete. Ele levou seu trabalho tão a sério que inclusive suas roupas haviam mudado: Agora ele usava sempre uma camiseta — ...do espaço.

— Ah — disse Rafael com gesto sério. — Espaço. — Estendeu a mão para aproximar o prato de bolo, sem deixar de pensar na palavra.

Julia olhou ao redor esperando que Bernie chegasse a qualquer momento para pegar Rafael. Nestes últimos dias, Bernie tinha substituído Cooper e vinha pegar Rafael todas as tardes; mas não era a mesma coisa.

A lanchonete estava cheia como ela nunca viu. Além dela e Rafael, Matt e Alice, havia três fazendeiros sentados em um canto discutindo tranquilamente os preços da ração. Uns caras toscos, de pele curtida e com camisas de flanela desbotadas, jeans e botas raspadas, bebendo chá. Era hora do rush, não tinha muita gente, mas já era um começo.

Rafael afundou com entusiasmado seu garfo em sua terceira fatia de bolo, sem deixar de contar as aventuras dos *Power Rangers*.

— *E então, os Power Rangers tiveram que lutar contra Ivan Ooze porque ele queria cobrir o mundo com uma baba púrpura e queria fazer com que todos os pais se suicidassem. Então, Ivan Ooze se transformou em um robô gigante e então os Power Rangers se transformaram em robôs gigantes e lutaram no espaço. E Ivan Ooze foi levado por um cometa!* — O rosto de Rafael brilhava. — É genial!

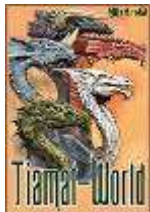
Julia teria de um pouco de trabalho para transformar Rafael em um contador de sinopses de seriados.

— Meninos. — Matt balançou a cabeça com gesto indulgente, da sabedoria de seus dezessete anos. Olhou para Julia com um gesto sério. — Quer algo mais, senhorita Anderson? Quer que eu lhe sirva um pouco mais de chá? — Tirou uma caneta de detrás da orelha e aguardou com expectativa. Julia tentou parecer tão séria como ele, mas estava tendo muito trabalho. Matt estava tentando ser adulto e profissional; tirou até o piercing da sobrancelha.

“Não cresça muito rápido, — Julia quis dizer à ele. — Lá fora é assustador.”

— Não. Obrigada Matt — disse Julia sacudindo a cabeça. — E me chamo Sally.

Precisava dar alguns pontos a Alice. O lugar continuava tão cheio de pó e lúgubre como sempre, mas com Matt e algumas poucas pessoas lá, parecia um pouco menos desolador. O chá estava excelente e a julgar pelo apetite de Rafael, o bolo de especiarias devia estar também. Claro que Rafael gostava de algo que levasse açúcar, amido e gordura em grandes quantidades.



Julia sorriu para Matt.

— Se não se importar, ficaremos aqui esperando o Bernie que virá buscar o Rafael.

— Claro senhorita Anderson.... quer dizer... Sally. — Matt sorriu abertamente. — Fique o tempo que quiser. Então... imagino que Coop não virá esta tarde.

— Cooper está viajando — Julia disse entre os dentes e observou a palmeira que saía do vaso de terracota que tinha desenhado na folha que tinha em sua frente. Tinha saído de seu subconsciente, mas não estava mau. Como estava inspirada, acrescentou um desenho de palmeiras na parede. — A negócios. — Baixou a cabeça, concentrada em seu desenho. — Ficará fora até sexta-feira — acrescentou.

— Ah, é verdade. Ele foi para Kentucky — concordou Matt. — A viagem anual. Coop planejou esta viagem durante meses. Papai me disse que Bernie havia dito, que Coop passou a tarde toda ao telefone, tentando cancelar a viagem, mas que não pôde. — Inclinou a cabeça com curiosidade, tentando ver o que ela desenhava. — Posso ver?

— Ele tentou fazer o que? — Julia levantou a cabeça de repente.

— Cancelar a viagem. — Matt se inclinou para frente tudo o que pôde. — Posso ver o que você está desenhando? — repetiu.

— O que estou o quê? — Julia olhou sem compreender, sem mover o lápis e pensando a toda velocidade. Cooper tinha tentado cancelar sua viagem? Não podia ser por... por ela, será? Não, claro que não. Sabia que poderiam voltar a fazer sexo quando ele voltasse. Pelo menos era este o seu pensamento sobre ele e se devia a uma mistura de medo e solidão. Provavelmente Cooper nunca se sentisse angustiado, morto de medo, ou...

— Sally?

— Quem? — Julia começou a dizer e com um esforço recuperou a compostura que parecia perder cada vez que pensava em Cooper. — Oh. Me perdoe Matt, o que você disse?

Ele olhou-a com curiosidade e puxou a folha de papel para tirar debaixo do braço de Julia.

— O que é isso, senhorita... Sally?

— Ah... não é nada. Apenas... — Julia respirou profundamente e tentou parar de pensar em Cooper. — É uma espécie de hobby. Eu gosto de decoração e estava pensando em algumas ideias para a lanchonete. — Esticou a mão para recolher a folha, morta de vergonha. — Não é nada, Matt.

— Não, ouça, é genial. — Matt observou as palmeiras, os mostradores de alumínio, o jukebox³⁵ e as letras em néon. Seus olhos azuis de Simpson, tão parecidos com os de sua irmã, brilharam de emoção. — Sério, ficou muito bom. — Olhou a lanchonete e logo voltou a se concentrar na folha. — Isso aqui iria ficar fenomenal.

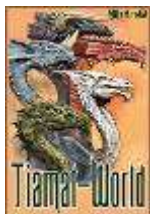
Julia se sentiu lisonjeada.

— Acredita mesmo? Sempre fui muito partidária da moda retro funk dos anos cinquenta.

— Seja o que for, ficou ótimo!

— O que ficou ótimo? — Alice limpou a mesa com uma esponja úmida, sentou-se ao lado de

³⁵ Jukebox: Máquina de tocar músicas, a qual colocamos uma ficha e escolhemos a música pelo número da mesma.



Julia e inclinou a cabeça exatamente igual a Matt. — O que é isso?

Julia percebeu repente o muito que pareciam os irmãos. Agora que os via de perto, Julia observou que Matt e Alice tinham a mesma tez, além de gestos e expressões muito parecidos.

Quando foi a última vez que teve tempo de observar uma família? Não fazia isso desde Singapura, o último destino de seus pais. Sua mãe tinha feito amizade com um clã inteiro de famílias inglesas inter-relacionadas que tinham três gerações de expatriados. Os Devaux tinham tentado localizar a genealogia deles pelos olhares e gestos.

Ao perder sua família, ela perdeu esta capacidade também. Tinha conhecido pessoas em New York e em Boston, mas sem ter nenhuma ideia de suas origens. Não tinha nem a mais remota ideia se seus colegas de escritório se pareciam com seus irmãos, nem sequer sabia se eles tinham irmãos. Fazia muito tempo que não participava em uma vida familiar, mesmo que não fosse a sua.

— Sally? — Alice puxou levemente o papel.

— Não é nada, Alice.

Julia tentava esconder seus rabiscos com o cotovelo, mas Alice continuava puxando o papel.

Julia amaldiçoou esse costume que tinha. Alice pensaria que era um insulto à sua lanchonete. Claro que a lanchonete era sem graça e empoeirada, mas isso não era de sua conta. Estava sempre tentando mudar o ambiente em sua volta, era algo inato nela, tinha começado a brincar com as ideias sem realmente perceber o que estava fazendo. Tinha herdado isso de sua mãe, que não podia deixar em paz um cômodo até que ele estivesse exatamente igual como ela havia imaginado. Julia passou a vida inteira redecorando lugares e aparentemente pequenos detalhes como ameaças de morte e fuga não eram suficientes para acabar com seus costumes.

— Não dê atenção a isso Alice. Eu só estava... ehh... imaginando como poderia ficar a lanchonete se ela fosse... “agradável” — Julia mordeu sua língua bem a tempo. — Quero dizer, se... — Ela suspirou e desistiu.

— Quer dizer, se alguém tivesse feito algo por ela nos últimos trinta anos? — disse Alice.

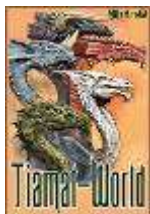
— Eu não quis dar a entender isso... — Começou Julia a dizer e observou Alice que a olhava fixamente com um meio sorriso nos lábios. Julia começava a conhecer Alice o suficiente para saber que ela ia sempre direto ao ponto. Portanto não fazia sentido que ela fizesse rodeios com ela. — Bem... a lanchonete poderia receber uma pintura.

— Ou então ser totalmente reformada. — Alice balançou a cabeça ao ver o protesto automático da Julia. — Sim, sei que o que estou falando é verdade. Mamãe nunca fez nada para arrumar este local. A lanchonete nunca deu muito dinheiro e depois, quando provavelmente as coisas melhoraram, mamãe ficou doente. Na verdade, há muito tempo penso em redecorá-la, mas... — Alice mordeu o lábio inferior com nervosismo. — Não sei nada sobre decoração. Não sou boa nisso; assim como não sou boa uma boa cozinheira.

— Bem, não sei — protestou Julia. — Rafael parece estar gostando do seu bolo. É sua terceira fatia.

— Não fui eu quem fez — respondeu Alice abatida. — Tentei fazer a receita que você me deu, a do bolo Sacher. Sabe qual estou falando? Aquele de chocolate...

— Sim. E...? — Julia tentou animá-la



— E ficou terrível. — Alice suspirou profundamente. — Sem sabor e grudento. Então, dei a receita para Maisie fazer e ficou maravilhoso. O bolo até acabou. Foi ela também quem fez o bolo de especiarias. Talvez se a lanchonete estivesse redecorada, as pessoas não ligariam tanto para a comida que faço.

— Talvez — disse Julia sem muita convicção.

— Então, Sally... — Alice se inclinou para frente para dar uma olhada no papel que ela ocultava com o braço. — O que você pensou e desenhou?

Julia ficou quieta durante um segundo pensando e resolveu estender a folha para Alice.

— Bom, para falar a verdade, estava pensando em algo tipo retro funk dos anos cinquenta.

O sorriso da Alice foi meio desanimado e Julia suspirou. Talvez a decoração retro funk não fosse o que ela havia pensado.

— O que tinha em mente, Alice? Se tivesse uma varinha mágica, como você decoraria sua lanchonete?

Alice não duvidou nem um segundo:

— Decoraria com samambaias — disse com o mesmo tom de voz com que poderia pedir o céu.

— Com... samambaias? — Julia franziu a testa. — Isso não é muito dos... você sabe... muito dos anos oitenta?

— Mmm? — Alice deu uma olhada ao seu redor com uma aparência sonhadora. — Você quer dizer meio fora de moda? É possível, mas Simpson nunca teve um lugar assim. Acredito que nem sequer Rupert tem um.

“Acho que não” pensou Julia e estremeceu ao imaginar de repente uma lanchonete em Simpson invadida pela moda dos anos oitenta, infestada de yuppies com suspensórios Adidas e mulheres com casacos de ombreiras enormes.

— Não sei Alice. Você realmente...? — Mas bastou Julia olhar para Alice e ver sua expressão de desejo com faíscas luzindo olhos, para se calar imediatamente. Olhou em volta da lanchonete para a sua falta de decoração e fez uma careta de dor. Até uma decoração com samambaias era melhor que isso.

Julia escolheu mentalmente alguns tecidos e cores. Sim. Poderia fazer.

Pegou rapidamente as folhas que tinha rabiscado sua ideia para o *Carly's Diner* e procurou as folhas em branco. Ela se distraiu desenhando suas ideias, mas no final das contas, o que importava era o sonho de Alice. Julia decidiu fazer o seu melhor para ajudar a Alice a alcançá-lo.

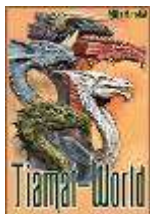
Julia decorava lugares até em sonhos. De fato, fizera isso várias vezes. Uma vez, pouco depois dos Devaux se mudarem para Roma, Julia levantou uma manhã em seu quarto vazio sabendo exatamente como ia decorá-lo.

O lápis de Julia voou pelo papel.

— Bem. — Olhou para Alice. — Fale para mim o que passa por sua cabeça que verei o que posso fazer.

— Como? Ehh... — Alice a olhou sem saber muito bem o que queria. — Não sei se consigo.

— Bom — disse Julia razoavelmente, — você vai precisar um piso para o chão e um esquema



de cores para combinar com as samambaias. Vamos começar então por aí, farei alguns esboços de algumas ideias para você. Fiz isso mais de mil vezes para amigos. Onde você estava pensando em colocar o bar? — Julia rabiscou alguns instantes antes de desenhar as paredes. Ao ver que o silêncio continuava, levantou os olhos: Alice?

— Mmm? — Alice tinha derramado um pouco de sal do saleiro de vidro quebrado que havia em cima da mesa e estava desenhando círculos com o dedo. Suas bochechas estavam rosadas.

Julia colocou seu lápis em cima da mesa e tentou pensar nas palavras certas.

— Alice — disse com amabilidade, — você tem alguma ideia do que você quer de decoração em sua lanchonete?

— Ehh... — Alice olhou pela janela. A rua estava deserta. — Mais ou menos.

Julia sentiu como se tivesse caminhando em um campo minado.

— Alice — perguntou com cuidado, — Ehh, você esteve alguma vez em alguma lanchonete ou restaurante neste estilo?

— Bom... dentro, dentro, não. — Explicou Alice com sinceridade. — Quero dizer, quando mamãe adoeceu estávamos acostumados a ir a um restaurante que um de nossos amigos conhecia, ficava no caminho do hospital em Boise. Ele era tão... tão bonito. O hospital era horrível e depois voltávamos para casa em silêncio e quando chegávamos a lanchonete estava fechada, cheia de pó e suja. Tudo era tão... deprimente. Uma semana depois tivemos que voltar ao hospital para mamãe fazer a quimioterapia, que era totalmente horrível e passávamos diante desse lugar maravilhoso chamado *La Trattoria*, que era fresco, limpo e... e bonito. Ali todo mundo parecia tão... — Alice mordeu o lábio e deu de ombros — não sei. Acho que todos que estavam lá pareciam tão felizes. — Alice voltou a encolher de ombros e afastou os olhos.

— Entendo — disse Julia. E era verdade.

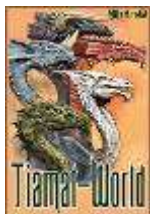
Bem, se Alice queria um bar com samambaias, então por Deus, ela faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que ela o tivesse.

— Tudo bem. — Julia tentou não perder a voz. — Então vamos colocar algumas ideias no papel não é? Então, podemos colocar algumas samambaias na entrada à esquerda. — Parou e entrecerrou os olhos enquanto pensava em algo. — Alice, você tem como conseguir uma licença para vender bebida alcoólica?

Alice se levantou indignada.

— Tenho vinte e cinco anos — disse ela, — claro que posso conseguir. Além disso, meu primo Newton é o prefeito e Coop também tem um cargo na prefeitura. Newton e Coop se reúnem algumas vezes durante o ano para tratar dos assuntos da cidade e depois vão para Rupert tomar uma cerveja. Nunca pensei nisso dessa forma, se vendesse bebida alcoólica aqui, as pessoas economizariam tempo e dinheiro.

— Nada como ter amigos influentes — disse Julia secamente. — Tudo bem, então podemos ter um bar aqui. Não será difícil construir; basta com uma parede de tijolo na altura da cintura, com ladrilhos nos lados e uma bonita madeira para usar como bancada. É neste lugar onde os clientes esperam até que sua mesa esteja preparada, e é onde normalmente os yuppies se embebedam e enxáguam o rim com litros e litros Perrier com limão. Nós teremos aqui



provavelmente fazendeiros e cerveja, mas isso não faz diferença. — O lápis de Julia voava enquanto ela falava. Pegou outra página. — Agora, na zona central podemos colocar as mesas. Elas podem ser de qualquer material, contanto que sejam redondas; não importa se serão de plástico barato, porque podemos costurar umas capas de tecido para tampá-las. Podemos pintar as paredes de azul claro e creme ou de pêssego e creme. E podemos colocar alguma textura nas portas. Precisaremos de vasos de barro grandes, algo como... — Julia mordeu a ponta da língua enquanto desenhava — isto. Já que queremos samambaias, os vasos de barro têm que ser grandes e profundos. — Levantou os olhos ao ver que uma sombra atravessava a mesa. — Olá, Bernie.

— Sally. — Bernie concordou com a cabeça. — Alice. Ei, guri. — Bernie apoiou a mão no ombro de Rafael.

— Papai! — O sorriso de Rafael mostrava o quanto estava feliz e colocou uma boa fatia da última parte do bolo na boca. — A senhorita Anderson me convidou para comer bolo.

— Estou vendo — disse Bernie com suavidade, alvoroçando o cabelo do menino. — De fato, estou vendo muito bem. Você se lembra do que falei sobre mastigar com a boca aberta?

Rafael fechou a boca obedientemente e continuou mastigando.

Bernie viu o sorriso feliz de seu filho e se virou para Sally.

— Obrigado, Sally. Como foi a aula?

— Muito boa — disse Julia sorrindo e cruzando os dedos por debaixo da mesa. O menino mal havia aberto os livros quando viu Fred e saiu correndo para brincar com ele no pátio de trás. — E, além disso, conseguimos escovar o Fred.

— Fico feliz em ouvir isso. — Bernie hesitou uns segundos, girando seu chapéu nas mãos e passando o peso de uma bota à outra. — E... como ele está no colégio? — Perguntou por fim. — Você havia dito que ele estava tendo problemas e eu gostaria de saber se... as coisas melhoraram agora. — Bernie olhou para seu filho, mas Rafael estava ocupado recolhendo o restinho do bolo com o garfo. — E então? Melhoraram?

Julia olhou o rosto tenso de Bernie. Tinha parado de se remexer e estava parado em frente a ela, como se estivesse enfrentando uma corte marcial. Julia se perguntou se ele teria feito também parte das forças armadas, como Cooper. Parecia que estava preparado para uma inspeção naquele exato momento. Estava recém-barbeado e a roupa que usava, embora não fosse nova, estava limpa e engomada. Os olhos estavam limpos e não tinha nenhum rastro do vermelho que um dia ela viu. — Rafael vai bem, Bernie — disse com amabilidade. — Não acredito que você precise se preocupar. Suas notas melhoraram e ele está se adaptando bem... — Julia hesitou. Como podia falar com delicadeza sobre uma mãe que o abandonou? — ...à nova situação.

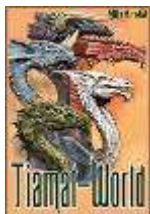
Bernie soltou um suspiro.

— Isso é bom; isso é muito bom. — Voltou-se para seu filho: — Por que não me espera na caminhonete, filho? Vou em seguida.

— Está bem, papai.

Bernie esperou que Rafael partisse e virou para Julia.

— Você tem... tem certeza de que ele está bem?



— Bem — sorriu Julia, — não sou psicóloga infantil, ele ainda vai crescer e quem sabe pode ser transformar em Jack o estripador ou em diretor de uma grande empresa poluidora. Mas, no momento, Rafael é um menino perfeitamente normal para os seus sete anos de idade.

Bernie soltou um suspiro de alívio.

— Eu também voltei para meu normal. Foram uns dias muito... duros.

— Imagino. — A voz de Julia era firme. Lembrou-se do despojo de homem que conheceu e que agora não se parecia nada com o capataz sóbrio e trabalhador que estava na frente dela.

— Acho então que já podemos deixar de te incomodar.

— Oh... — Julia moveu a mão. A verdade era que, agora que Cooper não estava, Rafael estava fazendo companhia à ela e isso mantinha a escuridão longe dela. Quando Bernie vinha buscar Rafael, ela ficava só com a companhia de Fred. — Rafael não me incomoda Bernie. Em nada...

— De qualquer maneira, ele tem que ficar em dia com seus deveres. Acho que já é hora de nos adaptarmos a nossa nova rotina. De recuperarmos nossas vidas. Claro que não poderia fazer isso sem sua ajuda; nunca poderei agradecê-la o suficiente. — Os escuros olhos de Bernie a olharam fixamente. — Devo tudo isso a você. Rafael é tudo para mim. Envergonho-me de ter falhado assim com ele; se não tivesse tido tempo para recolher minhas partes quebradas, não sei o que teria acontecido.

— Oh, não. — Bernie estava sendo muito duro consigo mesmo. — Não teria acontecido nada. Rafael é muito bom menino. E você, obviamente um pai amoroso. Você passou simplesmente por uma fase difícil, mas no final, tudo acabou bem.

— Graças a você — Bernie insistiu. — Sinceramente, não posso te agradecer o suficiente. — Passou a mão pelo cabelo e voltou a olhar o chapéu. — Se algum dia precisar de algo, o que quer que seja, basta pedir. Muito obrigado de novo e... — parou ao dar-se conta, de repente, do desenho que havia sobre a mesa — o que é isso?

— Nada — disse Julia rapidamente.

— Como assim, nada? — perguntou Alice indignada. Deu a volta ao papel para que Bernie pudesse vê-lo bem. — Sally teve algumas ideias para redecorar a lanchonete, não é genial? Vamos transformá-la em um lugar da moda.

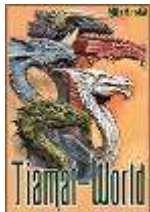
— É mesmo? — Bernie examinou o desenho de Julia com cuidado e deu uma olhada ao redor da lanchonete, como se a visse pela primeira vez. — Não sou nenhum perito — disse Bernie, — mas parece que vai ficar um lugar muito agradável.

— Sim, sim ficará — disse Alice com orgulho. — Só que não conseguimos decidir onde colocar as samambaias.

Bernie parou para pensar.

— Cooper tem alguns bebedouros velhos de cavalo. Poderíamos arrumá-los, enchê-los de terra e colocá-los no chão. Poderíamos trazê-los para vocês em um caminhão quando quiserem. E quanto ao trabalho em si... bom, eu não tenho muito jeito com o serrote e o martelo, mas Cooper tem e logo estará de volta. Então poderemos ajudar.

— É muito gentil de sua parte, obrigada. — Julia observou a cara de felicidade de Alice. — E



agradeça a Cooper também.

— Não há de que. Sei que Coop faria qualquer coisa por você. E eu também. — Bernie levou a mão ao chapéu em uma espécie de saudação de cowboy. — Sally. Alice.

Partiu, deixando Julia com sua cabeça girando.

Alice não estava prestando atenção.

— Meu Deus, Sally. — Estudava os desenhos da mesma forma que algumas mulheres olham uma edição da Vogue. — São maravilhosos. — Levantou os olhos e balançou a cabeça maravilhada. — Você tem verdadeiro talento.

— Não é mais que um esboço — disse Julia com modéstia, voltando a concentrar-se na decoração. Quando Bernie mencionou o nome de Cooper, seu coração deu um pulso. — Então, pensei que talvez a área da cozinha pudesse ficar aqui... — Julia parou pensando na cozinha e que a cozinha era o lugar onde se preparava comida para o consumo humano, e principalmente sobre a pessoa encarregada de preparar essa comida para o consumo humano, que neste caso, seria Alice.

Aparentemente, Alice estava pensando a mesma coisa.

— A área da cozinha — disse sem nenhum entusiasmo.

— Sabe Alice... — Julia soltou o lápis e inclinou a cabeça. — Estava pensando que se sua lanchonete... seu novo restaurante... der certo, começarão a vir aqui moradores de Rupert e Dead Horse... e... bom, na verdade eu preferia que você se centrasse em ser a anfitriã ao invés da cozinheira.

— Anfitriã. — Alice esboçou um sorriso. — Eu gosto disso.

— Então — continuou Julia — estava pensando que talvez você pudesse contratar alguém... alguém que poderia se encarregar disso para você.

— Você quer dizer alguém como... um cozinheiro? — Alice franziu a testa.

— Bem, sim. Estava pensando que talvez Maisie Kellogg poderia te dar uma mãozinha com isso. Seus filhos já não vivem em casa e acredito que ela aceitaria encantada um trabalho de meio expediente.

Alice piscou.

— Maisie Kellogg?

— Sim.

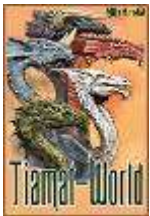
— Como cozinheira?

— Com certeza.

Alice transformou a ideia em sua mente.

— Bem, uma coisa é certa, Maisie Kellogg é uma grande cozinheira. Quando éramos pequenos brigávamos para levar seu bolo de chocolate no bazar que organizávamos para a Igreja. Mas não sei Sally. — Alice se mexeu em sua cadeira com se estivesse com vergonha. — A lanchonete não dá tanto dinheiro; não poderia me permitir pagar um salário a ninguém.

— Bem, por que você não tenta falar com Maisie sobre isso? — Julia indicou o telefone com a cabeça. — Ligue e fale com ela. Talvez vocês possam chegar a algum tipo de acordo, como uma participação nos lucros extras ou algo parecido.



— Agora? — perguntou Alice.

— Para que deixar para amanhã o que se pode fazer hoje?

Alice se aproximou lentamente do telefone e discou um número. Julia observou Alice, apoiada contra a parede com o fio do telefone enrolado no dedo indicador como uma adolescente que fora até pouco tempo atrás e ficou ouvindo a conversa.

— Olá, Glenn. Sou eu, Alice. Muito bem, e você? E como está Maisie? Oh, sinto muito. — Alice olhou para Julia que balançou a cabeça e disse em silêncio: “Vá em frente”. Alice suspirou com força e voltou a falar. — Ehh, de qualquer maneira, será que eu poderia falar com ela um minuto? Ehh, negócios. Eu acho. Diga a ela... é... ok, vou esperar... Olá Maisie; sou eu, Alice. Ouça, estou aqui com Sally Anderson, a nova professora da escola. E... estamos conversando a respeito de redeçar a lanchonete. Não, não está nada definido ainda, por enquanto são só ideias... e... estávamos pensando que eu precisaria de alguém que me ajudasse na cozinha. O problema é que no momento não posso me permitir... ahhh. Sim... claro, está bem. Até logo então. — Alice desligou o telefone com a expressão surpresa e se virou para Julia sorrindo. — Ela disse que vem agora mesmo.

— Não te disse? — falou Julia. — Não foi uma ideia tão ruim, certo? Venha, vamos continuar o que estávamos fazendo antes que Maisie chegue. Vocês vão querer conversar sobre negócios sem minha presença para atrapalhar. — Julia acabou um esboço da parede do fundo acrescentando alguns detalhes e enchendo de plantas. — Diga-me — Julia perguntou sem pensar, concentrando-se em pintar as folhas das samambaias, — você acha que Cooper vai querer nos ajudar... te ajudar com isto?

— Oh, sim. Claro. — Alice inclinou a cabeça com curiosidade. — Deus, se você estiver por aqui, Coop também estará; não tenho dúvida sobre isso. Diga-me Sally, onde poderemos arrumar todas estas plantas? A loja mais próxima fica em Dead Horse e de qualquer maneira, as samambaias não são nada baratas.

Julia terminou o último desenho e o admirou em silêncio. *Carly's Diner* nunca se pareceria com isso, mas mesmo assim.

— Alice, entre Simpson e Rupert não há nada mais que muitas samambaias e árvores.

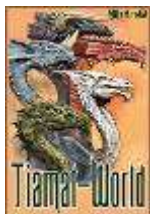
— Você está dizendo que vamos furto algumas samambaias?

— Prefiro pensar que estaremos realocando-as — respondeu Julia imediatamente. — De qualquer maneira, o Estado de Idaho tem um milhão de samambaias. Só temos que tomar cuidado para não cortar a raiz delas.

— Furto samambaias — disse Alice com admiração. — Nunca teria pensado nisso. Você tem realmente uma grande imaginação. Como você faz isso?

— Com astúcia — disse Julia com um suspiro.

Capítulo 14



O melhor quarto do hotel, não era grande coisa. Ao longo dos anos, o profissional se acostumou a viver com muita comodidade. Certa vez, quando executou o trabalho de sumir com o chefe do sindicato dos estivadores em San Diego, o profissional se hospedou no Hotel Del Coronado e celebrou seu golpe na suíte Master Coronet com uma deliciosa garrafa do champanhe local seco.

Ouviu o borbulhar da água na tubulação quando ligou o sistema de aquecimento e suspirou. Não tinha nada que ver com a suíte Master Coronet.

Estava chovendo e o quarto era frio e úmido. O profissional não via a hora de acabar o trabalho e sair dali. Tinha tudo cuidadosamente preparado para os três passaportes diferentes. A viagem para Sea-Tac no Havaí. Ali trocaria de passaporte e iria para a Cidade do México, e da Cidade do México iria para Kingston com outro passaporte. Chegando ao Caribe seria fácil desaparecer; o Caribe estava cheio de pessoas “desaparecidas”.

O profissional ficou gelado. Não poderia ser tão fácil... ou será que poderia?

Febrilmente, o profissional olhou a lista telefônica local, que estava sobre a mesinha de pinheiro barato. Junto à lista telefônica, estava um saquinho plástico de amendoins que estava com a validade vencida desde setembro.

Deu uma olhada rápida, mas conscienciosa, aos códigos e os prefixos telefônicos que deram à ele uma resposta: havia um prefixo 248 em uma região de Idaho que correspondia, mais ou menos, município de Cook. Uma zona de 3.773 quilômetros quadrados.

O profissional consultou o computador portátil e abriu um maravilhoso mapa hackeado do Departamento de Pesquisas Geológicas dos Estados Unidos; havia três cidades de tamanho médio, quatro povoados e algumas aldeias. Eles naturalmente colocaram Julia em um dos povoados. Descartou a zona que havia ao redor de Rockville e Ellis, e fez um triângulo formado pelo Dead Horse, Rupert e Simpson.

Ora, ora, ora.

O profissional entreceitou os olhos.

“Já sei onde está Julia Devaux. Agora só preciso saber em qual destes povoados.”

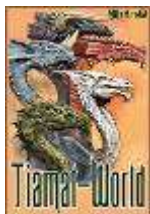
* * *

— O que você acha Sally? — perguntou Alice ansiosamente na quinta-feira à tarde, olhando algumas amostras de cor. Pêssego, azul claro e castanho.

Alice tinha implorado para Julia acompanhá-la a Rupert. Julia havia concordado relutantemente e depois se surpreendeu como ela havia se sentido bem.

Durante o caminho de ida, Alice não tinha parado de falar e Julia tinha pensado que estava indo pela terceira vez a Rupert e não se sentiu oprimida nem assustada com a paisagem entre Simpson e Rupert, ela achou a paisagem imponente e majestosa.

Quando entraram na loja de Harlan Schwab, ele saudou-as com cordialidade. Embora a princípio tenha parecido desapontado por Julia não estar com Cooper. Em sua segunda frase ele perguntou se Julia era casada o que a deixou momentaneamente perplexa. Havia algum tipo de



norma no Oeste que ela não sabia? Tinha que estar casada para comprar tecidos? Logo percebeu que, como todo mundo, Schwab estava tentando se fazer casamenteiro. Por ali só havia três canais de televisão e não sabiam o era a TV a cabo. Obviamente, eles eram aquele tipo de pessoas que se dedicavam a juntar os outros ao invés de assistir televisão. Demorou ainda uns dez minutos para que Schwab prestasse atenção no projeto de Alice.

— Bom... — Julia recuou três passos para ver melhor. Levou uma das mãos à bochecha e prestou mais atenção na reação de Alice do que nas amostras. A jovem não disfarçava a emoção e os olhos azuis brilhavam com a ideia de redecorar seu novo estabelecimento. Parecia uma menina pequena com sapatos novos. Julia reprimiu um sorriso enquanto pensava na cor. E já sabia qual escolheria. O azul céu do tecido era exatamente da mesma cor que os olhos de Alice. — Eu escolheria o azul, e poderíamos mesclá-lo com um tom creme. Harlan? Você o que acha?

— Boa escolha — disse Harlan Schwab, sorrindo para as duas. — Bem, garotas, acredito que vocês já têm tudo. Aqui está... — passou os pacotes pela caixa registradora. — A tinta para tecido, os tecidos, os papéis de parede, um jogo completo de xícaras de chá e xícaras de café. Acho que está tudo aqui.

Com os comentários de Cooper ainda em mente, sobre comprar nas lojas locais, Julia tinha convencido Alice que comprasse tudo o que pudesse em Glenn e depois iriam a Rupert comprar somente o que Glenn não tivesse. Aparentemente, Harlan compreendeu isso perfeitamente.

Alice pagou e Julia começou a pegar os pacotes mas Harlan as parou com um movimento com a mão.

— Não, não, não, senhoritas. Não podemos aceitar isso. Digam-me onde está o carro que meu filho levará os pacotes.

—Harlan, não tem necessidade, de verdade... — Começou a dizer Alice.

— Oh, tem, claro que tem. —Harlan já estava chamando um adolescente com um gesto e disse sorrindo para Julia: — Além do mais, Coop não me perdoaria jamais se não ajudasse sua garota.

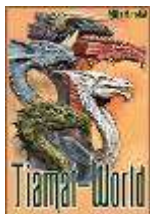
“A garota de Cooper? — Pensou Julia. — Será que estas palavras estão escritas em minha testa?”.

* * *

—Já sei que falei para você que queria voltar logo, mas será que você se importaria se parássemos na livraria um segundo? — Perguntou Alice enquanto se dirigiam para o carro. — Queria procurar alguns livros de decoração, para conseguir mais algumas ideias, e gostaria de ver se já chegou o novo livro de Mary Higgins Clark.

— Claro — respondeu Julia que não tinha nada mais para fazer, além de voltar a pintar o cabelo naquela tarde. Vinha atrasando isso há algum tempo. Odiava usar o cabelo marrom. — Adoro livrarias.

— Não posso acreditar o quanto maravilhosa e agradável você é. — Alice pegou-a pelo braço enquanto percorriam as bonitas ruas de Rupert. — Estou verdadeiramente emocionada com o que



estamos fazendo. Adoro vir a Rupert. É uma pena que em Rupert não tenha nenhum... Oh, Meu deus!

— O que? — Alice deu um grito que fez Julia se virar de repente, com o coração a mil por hora perguntando-se de onde viria aquele novo perigo e do que se trataria desta vez. Entrecerrou os olhos para olhar bem a rua, mas não viu mais do que calçadas desertas e cheias de gerânios. — O que?

— Olhe isso — sussurrou Alice. Tinha os olhos arregalados e apontava para uma vitrine de uma loja onde havia um macacão roxo e azul com um cinto branco e largo. Era feito de algum tipo de poliéster brilhante e dividia a vitrine com um conjunto de motociclista com lantejoulas. — Você me imagina vestida com isso? Eu sim. Deus, não é lindo? Como você acha que eu ficaria vestida nele? — Tinha grudado o nariz na vitrine e estava embaçando-a com seu bafo quente.

“Como um Power Rangers”, pensou Julia.

— Alice — Julia disse com cuidado, — você não acha que deveria guardar o dinheiro para redecorar a lanchonete?

— Ah. — Alice piscou de volta à realidade, e suspirou com força. Separou-se da vitrine e Julia quase pôde ouvir o “pop”. — Sim, tem razão — disse com pesar, seguindo Julia como uma menina que se separa de uma loja de doces. Alice virou a cabeça para dar uma última olhada à vitrine.

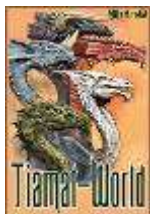
— Venha, Alice — convenceu Julia. — Vamos ver as revistas de decoração. Espero que Bob tenha recebido a última Metropolitan Home. — Tinha agarrado firmemente Alice pelo cotovelo, sem deixar de falar para distraí-la e quando entraram no Canto de Bob, Alice parecia ter recuperado o controle. Foi direto à seção de decoração.

Julia ficou quieta alguns segundos, desfrutando do embriagador aroma dos livros. Esteve na livraria fazia menos de uma semana, mas estava acostumada a entrar e sair das livrarias com a mesma frequência com que outras pessoas entravam e saíam da cozinha. Sabia que normalmente as livrarias recebiam livros duas vezes por semana, dessa forma tinha quase certeza que haveriam um boa quantidade de livros novos desde sábado passado. E, para falar a verdade, no sábado passado esteve tão distraída com a presença embriagadora de Cooper que não tinha olhado tudo o que gostaria. Alice era uma garota encantadora, mas decididamente não a fazia perder a cabeça como Cooper.

Cantarolando baixinho, Julia se meteu entre as estantes.

Meia hora depois saiu de seu transe com os braços cheios de livros depois de examinar exaustivamente todos os livros de Bob. Para o tamanho da livraria, ela estava muito bem sortida. Se estivesse localizada em Boston, teria sido uma de suas preferidas. E como o trajeto até Rupert agora já não a aterrorizava, Julia sabia que sua estadia em Simpson, durasse o tempo que durasse, seria muito mais amena agora.

Além disso, Simpson não era tão horrível como tinha pensado em seus momentos de debilidade. Alice estava transformando-se em uma boa amiga e o projeto de decoração a manteria felizmente ocupada por um tempo. E tinha Cooper, como não, que a mantinha quente todas as noites e a fazia ter mais orgasmos que as árvores que existiam em Idaho. E ele voltaria de sua viagem na sexta-feira.



Julia procurou Alice com o olhar e a viu na seção de revistas, falando com uma jovem loira. Alice viu Julia e a saudou, sorridente. Julia se aproximou.

— Ei, Sally. — Alice moveu as revistas para deixar uma mão livre. — Esta é Mary Ferguson. Ela também é nova no povoado. Mora em Dead Horse. Mary, esta é Sally Anderson, nossa nova professora de primário de Simpson. Fica a uns quinze quilômetros daqui.

— Olá, Mary. — Julia apertou sua mão. — Prazer em conhecê-la. — Mary Ferguson parecia ser da idade de Alice, talvez um ou dois anos a mais e era loira também.

— Olá, Sally. — A jovem loira sorriu. — É um prazer conhecer outra recém-chegada. Parece que não somos muitos, não é? Então você vive em Simpson? Como é lá?

Julia pensou por alguns segundos.

— Tranquilo.

— Oh. — Mary parecia cabisbaixa. — Isso não é muito bom. Não existem processos nem divórcios?

— Ehh... — Julia reprimiu um sorriso. — Ultimamente não. Você está à procura de processos e divórcios?

— É obvio que sim. — Mary sorriu e estendeu um cartão. — Se precisar assessoramento legal, eu sou a mulher. — Julia viu que Alice tinha um cartão igual na mão.

Com curiosidade, Julia o examinou. Era um cartão barato no qual tinha impresso: “Mary Ferguson. Advogada”.

— Não tem seu endereço — disse Julia. — Apenas um número de telefone.

— É de um serviço de atendimento que tem em Dead Horse. Logo que eu tenha um ou dois clientes, abrirei um escritório. Enquanto isso estou em uma casa alugada. Terminei a faculdade de direito este verão e não quis trabalhar no escritório de advogados do meu pai. Ele tem um em Boise e sempre supôs que... bem, imagino que pensou que eu iria querer trabalhar automaticamente com ele. Mas se começar minha carreira trabalhando com ele, jamais saberei com certeza se sou boa ou não; então decidi me estabelecer por conta própria. Embora em meu curso se formaram mais advogados que nunca e não há vagas para trabalho em Boise. Então, me empenhei em fazer um estudo geográfico para ver onde havia menos advogados... e aqui estou! Claro que... — Acrescentou com pesar — começo a entender o motivo de ter tão poucos advogados.

— Bom, vejo... — Julia não sabia o que dizer. — vejo que você fez um estudo muito original.

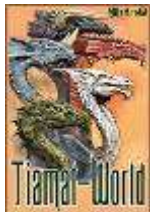
— Isso foi o que me disse meu pai — disse Mary com desânimo. — Só que usou a palavra “estúpido” no lugar de “original”.

— Eu também estou abrindo um novo negócio — disse Alice. — Embora não tenha cartões. — Olhou para Julia e acrescentou: — Ainda.

— Ah, é mesmo? — Mary olhou para Alice com simpatia. — Que tipo de negócio?

— Um restaurante — disse com orgulho. — E dentro de pouco tempo o inauguraremos. Talvez para a próxima reunião da Associação de Mulheres de Rupert.

— Há uma Associação de Mulheres em Rupert? — Mary se animou e tirou uma agenda enorme da bolsa. Pegou um lápis e escreveu cuidadosamente em uma das páginas. — Associação



de Mulheres de Rupert — disse enquanto ia escrevendo e olhou para elas, isso é genial. Vou me associar imediatamente. Quem sabe não conheço uma mulher infeliz que queira se divorciar. Ou alguém que foi atropelado e quer abrir um processo. Você sabe quando é a próxima reunião?

— Oh — disse Alice despreocupadamente. — Acho que daqui a dez dias, não tenho certeza.

— Bem, acredito que poderei ir. — Mary começou a passar páginas da agenda com gesto de importância. Julia se divertiu ao reparar que a maioria das páginas estava em branco. — Com quem devo falar na associação?

— Karen Lindberger. Seu telefone está na lista telefônica de Rupert.

Mary estava escrevendo o nome na agenda e levantou os olhos para a Alice.

— E como vai se chamar seu novo restaurante?

— Carly's... não. — Alice mordeu o lábio e olhou para Julia com olhos suplicantes. — Não quero pôr o mesmo nome. Como podemos chamá-lo?

— Bem, isso não é problema — disse Julia. — O nome me parece bastante óbvio. — Cantorolou as primeiras estrofes de Alice's Restaurant³⁶ e olhou a Alice e Mary com expectativa.

Encontrou dois rostos inexpressivos.

Julia sabia que cantar não era o seu forte. Voltou a cantarolar as estrofes e suspirou quando os sorrisos das duas garotas começaram a aparecer. Olhavam-na como dois filhotes de cães loiros confusos. Bem, elas eram mais jovens que ela e é claro que não compartilhavam de sua afeição por filmes antigos. Não tinham nem ideia de qual era a canção. Julia sentiu-se velha de repente.

— Ohhh... Tudo bem — suspirou. — O que você acha de... Alice's Restaurant?

— Alice's Restaurant! — Os olhos da Alice brilhavam. — Oh! É genial! — Ela colocou as mãos sobre o coração. — Oh, Sally, você é tão inteligente. Como você consegue ter ideias como esta?

— É um dom — disse Julia.

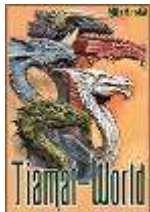
* * *

A arma não era importante, mas a máquina fotográfica sim.

Ele não se precisava Magnum 44 de *Harry o Sujo* para acabar com Julia Devaux. Qualquer arma em um sábado à noite o faria. Duas horas depois de aterrissar no aeroporto de Boise, o profissional comprou de forma totalmente legal, uma Smith and Wesson 60. Era pequena, tinha um cano de cinco centímetros e só cabiam cinco munições nela, mas isso não era problema. Para ele, dois disparos bastariam.

Comprou a arma com uma de suas identidades falsas. As munições acabariam no laboratório de balística, rastrearão a arma e associarão a essa identidade. O profissional criou um personagem impossível de rastrear, com um histórico de crédito entrecruzado, uma educação excepcional e inclusive alguns prêmios por serviços públicos concedidos pelas Câmaras de comércio de dois estados diferentes. O profissional se divertiu muito ao criar este personagem.

³⁶ Alice's Restaurant: É uma das mais famosas canções do cantor e compositor Arlo Guthrie, um monólogo musical baseado em uma história real que começou no dia de Ação de Graças de 1965 e que inspirou um filme em 1969 de mesmo nome.



A polícia ficaria louca.

E quando o primeiro funcionário mal pago do laboratório examinasse a munição, o profissional já estaria tomando uma *margarita* gelada no terraço de sua casa da praia.

Não, a arma não tinha nenhuma importância. O importante era a câmera. Depois de pensar atentamente, o profissional colocou uma *Hasselblad 35mm* que tiraria a foto da cena mostrando a data e hora exata. Isso sim era importante.

Santana era um animal e quando disse especificamente que queria a cabeça de Julia Devaux, era exatamente isso o que queria. O profissional podia imaginar Santana em alguma garagem, recentemente solto da prisão, desfrutando com a cabeça de Julia Devaux. Provavelmente faria com que a emoldurassem.

Mas não havia forma do profissional viajar pelo mundo transportando uma cabeça humana. Então, era necessário ter algo que convencesse Santana que havia feito o trabalho.

O profissional tinha planejado tudo, até o mínimo detalhe. Primeiro dispararia no ombro para incapacitá-la e tiraria algumas fotos com data. Depois, colocaria a máquina no automático enquanto colocava a arma na cabeça de Julia Devaux e apertava o gatilho. E teria a fotografia final.

Uma foto com a cabeça perfurada por um tiro, — pensou o profissional com satisfação. — Eu gosto.

* * *

Cooper estava verdadeiramente zangado quando no domingo à noite chegou ao *Carly's Diner*. Tinha sido uma semana desgastante.

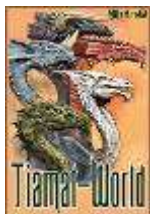
Sim, fez muitos contatos e comprou quinze potros muito promissores, mas não esteve nem um minuto sozinho. Levantava todos os dias ao amanhecer para ver as sessões de treinamento, durante o dia ficava ocupado com a conferência anual e às noites saía para jantar e falar de negócios até muito tarde. O único momento que tinha livre para ligar para Sally era na primeira hora da manhã, que para ela em Simpson seriam 3h da madrugada.

Depois, uma merda de tormenta tinha obrigado o voo atrasar para domingo pela manhã. Cooper passou o dia de forma sombria, passando de um aeroporto a outro e com uma só ideia na cabeça: Voltar para casa e ver Sally.

Sentiu muitas saudades dela. As noites tinham sido a pior parte da viagem; passou todas as noites pensando nela com um tesão permanente, desejando com toda sua alma estar de volta na cama com ela.

Bernie o havia mantido informado por e-mail sobre o que estava acontecendo no povoado. Contou que Sally estava ajudando Alice a redecorar a lanchonete e que Sally, Alice, Chuck, Matt, Glenn e Maisie estavam trabalhando na lanchonete durante todo o fim de semana. Cooper tinha respondido ao e-mail pedindo que Bernie mandasse para ajudá-los todos os homens que pudesse abrir mão no momento. Pediu também que desse a ordem para pegar os velhos bebedouros de cavalos, limpar, lixar, encher de terra e levar para a lanchonete.

E xingou uma e outra vez por não estar ali ajudando. Por não estar ali com Sally.



Por fim, às cinco da tarde, Cooper chegou à fazenda. Tomou um banho rápido e trocou de roupa antes de sair apressado para Simpson, ultrapassando todos os limites de velocidade. Claro que tampouco importava, porque ninguém podia prendê-lo; Chuck estava na lanchonete, ajudando.

Quando chegou ao *Carly's* já passava das seis horas.

E lá estava ela.

Os olhos de Cooper foram imediatamente atraídos para o alto da escada que estava em um canto. Sally estava no degrau mais alto com o braço estendido para alcançar o canto do teto. Ela estava fazendo uma pintura um pouco complicada com o rolo; Cooper não estava seguro do que era, mas o efeito era maravilhoso. As paredes estavam pintadas de azul claro e branco, como um ovo de Robin's Egg³⁷. Ao redor da parede, perto do teto, tinham estampado umas folhas muito bonitas de cor verde. Se tivessem tentado descrever para ele com palavras, provavelmente não teria compreendido, mas estava muito bonito.

Sally tinha enchido sua mente e seus sonhos durante sua estadia em Kentucky e não se tratava só de uma obsessão sexual. Fora o que fora, era real porque seu coração disparou tão logo a viu. Estava vestida com roupas de trabalho: calças jeans desbotadas e uma camiseta velha, mas nada disso podia ocultar as esbeltas e elegantes linhas de seu corpo. Desejava-a com uma intensidade feroz, mas havia algo mais que isso.

Ele era um criador de cavalos e sabia tudo a respeito da atração sexual que os machos sentem pelas fêmeas de qualquer espécie, seja animal ou humana. Fazia mais de dois anos que ele não se sentia atraído dessa forma e era algo tão forte como o que tinha visto em seu garanhão. Então sim, era sexo, mas havia algo mais. Muito mais.

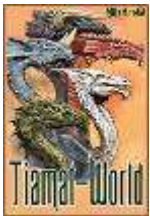
Queria fodê-la, mas não era só isso. Queria tê-la sempre ao seu lado; queria contar como fora a semana. Queria que redecorasse sua casa, merda, queria que redecorasse sua vida inteira, como estava fazendo com a lanchonete de Alice. Algo no ambiente da lanchonete já era diferente. A tristeza que reinava no ambiente tinha desaparecido. Era um milagre. A poeirenta e velha lanchonete que tinha conhecido tinha desaparecido para sempre.

Graças a Deus! Ele já havia perdido a conta de quanto problema de estômago teve graças à comida de Carly e de Alice. Se Maisie Kellogg ia ser responsável pela cozinha, todos ganhariam com isso e ninguém correria o risco de se envenenar.

Alice estava esvoaçando como um beija-flor atenta as mudanças e feliz, Chuck estava ocupado martelando alguns pregos em uma madeira que Matt segurava, Loren e Beth estavam limpando algumas travessas e Cooper se alegrou ao ver que Bernie e seus homens estavam ajudando. Rafael e Fred brincavam com cara de felicidade, atrapalhando todo mundo. Glenn e Maise estavam lá também, Maise vestida com uma roupa de limpeza com um lenço cobrindo os cabelos. Todos estavam transformados e cheios de energia. Alice, Chuck, Matt, Glenn, Maise. Até mesmo Bernie e Rafael estavam parecendo muito mais felizes do que há duas semanas atrás.

E tudo isso, graças a Sally.

³⁷ Robin's Egg: Tipo de ave que coloca ovos de casca azul claro.



Cooper a observou na escada, agitado até o fundo de sua alma porque sabia que Sally também estava transformando-o. Estava fazendo com ele o mesmo que fazia com a lanchonete: transformando-o em alguém melhor e mais alegre.

Cooper ficou um momento ali, de pé, tentando obter um controle sobre todas as essas emoções desconhecidas para ele, que o embargavam. Eram claras, fortes e completamente novas. Ele estava se sentindo completamente novo.

Sally tinha consertado sua janela quebrada.

Capítulo 15

Quando Julia se cansava de pintar, tudo o que tinha que fazer era pensar em Cooper para conseguir uma nova energia. Imaginava que estava pintando para ele.

Estava surpresa pelo muito que havia sentido falta de Cooper.

As noites foram a pior parte. Para sua surpresa, sentia falta do sexo. Julia nunca se viu como uma mulher especialmente sensual, mas algumas noites com Cooper tinham demonstrado que não tinha nem ideia da rapidez com que se podia viciar a fazer um bom sexo.

Sem dúvida o sexo que faziam era realmente muito bom. Cooper não era muito dado às preliminares e ia sempre direto ao ponto. Mas ela não se importava. E seu corpo se importava muito menos. No instante em que ele a penetrava e começava a mover-se dentro dela, Julia começava a caminhar para o orgasmo. Era como se ele tocasse em algum ponto erótico e dessa forma a fazia ter um orgasmo atrás do outro. Santana, o perigo que a ameaçava, Simpson... Todos os seus problemas simplesmente desapareciam de sua mente com os orgasmos.

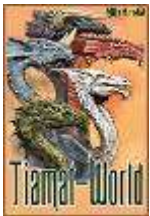
Quando estava com Cooper não pensava em nada que não fosse o prazer selvagem e assombroso que ele lhe proporcionava. Aquelas últimas noites sem ele tinham sido terríveis. Passou as tardes rondando sozinha por sua pequena casa, incapaz de fazer qualquer coisa e esperando com horror que chegasse a hora de ir para cama. A hora de dormir era muito pior. Teve pesadelos todas e cada uma das noites. Despertava por volta das três horas da madrugada com o coração descontrolado, desorientada, com a boca seca e aterrorizada.

As noites eram quando mais sentia falta de Cooper, tanto que quase a aterrorizava mais do que os pesadelos: Dava medo desejar a alguém assim.

“Voltarei na sexta-feira”, ele disse. “Hah!”, pensou colocando de repente o rolo na tinta e parando ao ver que estava salpicando tudo de tinta.

Ficou esperando Cooper ansiosamente desde sexta-feira à tarde, quando Alice, Maisie começaram a fazer planos sobre a lanchonete. Cada vez que a porta abria, ela levantava os olhos esperando vê-lo, mas sempre tinha uma decepção, Bernie, Chuck, Glenn, Loren, Matt e inclusive Fred tinham passado pela porta. Cada vez que se aproximava um homem, seu coração dava um pulo. Mas em seguida a esperança caía aos seus pés.

Durante todo o dia de sábado, enquanto trabalhavam no local, esteve em um estado de



constante espera, o desculpando mentalmente. O voo estava atrasado. Ele está preso na fazenda. Foi raptado por extraterrestres...

Virou-se um milhão de vezes para Bernie, desejando fazer a pergunta que tinha na ponta da língua: Onde está Cooper? Mas tinha vergonha e de qualquer maneira, não queria escutar a resposta. O que aconteceria se ele dissesse: “Coop está já na fazenda, mas está muito ocupado para vir à cidade”?

De qualquer maneira, o que tinha de tão especial em Cooper? Por que ela se importava tanto com ele? Não era lindo de morrer e decididamente, tampouco era um homem sedutor. Ele era...

— Cooper? — Sussurrou. Estava pintando a última parte do pedestal, a do canto e de repente ele estava ali, ao pé da escada... como se ao pensar nele, ele tivesse aparecido de repente, do nada.

Parecia sério, como sempre. Com sua pele morena, maçãs do rosto salientes e cabelo preto como meia-noite, ele parecia um pouco com um Deus Inca. Ela ficou olhando para ele atentamente durante alguns segundos, maravilhando-se com seus traços.

A tinta estava gotejando, destruindo com isso o trabalho de toda uma tarde. Ela pulou para pegar as gotículas azuis claro que caíam e perdeu o equilíbrio. A escada cambaleou e ela sentiu que caía.

— Cooper! — Gritou.

— Estou aqui. — Sua voz era baixa, profunda e tranquila; ele esticou o braço e a segurou pela cintura, suavemente, mas com firmeza. Julia deixou cair o rolo no chão e apoiou as mãos instintivamente nos ombros largos de Cooper. Com a mesma facilidade como se estivesse pegando um pote de café na prateleira, ele levantou-a da escada e deixou que ela deslizasse lentamente por todo o comprimento de seu corpo.

Julia podia sentir a força de Cooper penetrar em todo seu corpo. Era como se o mundo, o universo, parassem de repente e Cooper e ela fossem os únicos seres vivos sobre a face da terra. Seu rosto ocupava todo o campo de visão de Julia, que relutantemente tirou as mãos de seus ombros assim que seus pés tocaram o chão. Agarrou-se ao seu braço em busca de equilíbrio.

De repente, tudo pareceu fazer sentido, como se o pedaço de seu coração que faltava tivesse aparecido de repente. Ele era impenetrável, impassível e silencioso, e ela estava a oito dias esperando impacientemente que ele chegasse. Com um sobressalto quase doloroso, deu-se conta de que estava apaixonada por Cooper.

— Você está de volta — disse bobamente e quase sem respiração.

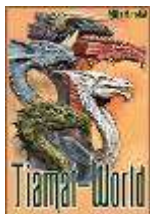
— Sim.

Tentou ler seu rosto, mas foi incapaz. Tudo que via era que estava profundamente emocionado, mas não conseguia entender por que. Seus olhos brilhavam.

— Quando você voltou?

— Faz uma hora.

— Eu pensei... pensei que você havia dito que voltaria na sexta-feira. — Julia sabia que deveria soltar seu braço e se afastar um pouco mas não conseguia fazê-lo.



— Tive uma reunião. O voo foi adiado. Foi impossível voltar.

— Bem, estou feliz... que você esteja de volta.

A mandíbula dele se esticou.

— E eu de estar de volta.

— Estamos redecorando a lanchonete, sabia?

— Soube disso. E-mail Bernie.

Julia foi finalmente capaz de sorrir. Quase tinha se esquecido do seu jeito lacônico de falar.

— Acho que você esqueceu todos os pronomes em Kentucky — disse.

— Acho que sim. — Um dos lados da boca dura de Cooper foi empurrado para cima em um sorriso.

“Engraçado, — pensou Julia — nunca reparei na linda boca que ele tem.” Apertou as mãos e ficou olhando para ele por alguns minutos, passeando o olhar por seus traços até se fixar em sua boca. Então, ele inclinou lentamente a cabeça.

Julia podia sentir o calor de Cooper sobre seu corpo, podia sentir os braços sob suas mãos e suas fortes coxas à altura das dela. Julia começou a fechar os olhos e ficou nas pontas dos pés.

— Uff! — Fred se equilibrou sobre Cooper, fazendo com que Julia perdesse o equilíbrio; se não fosse pelos rápidos reflexos de Cooper, teria caído no chão. Fred balançava o rabo feliz, ladrando e tentando lambe-los dois.

Meia dúzia de pessoas olhava a cena com interesse. Ao ver o olhar de Cooper, Chuck pigarreou e se virou, o resto dos espectadores virou-se com ele.

— Talvez você devesse marcá-la, Coop — disse Bernie com um sorriso. — Assim Fred não se confundiria. — Levantou as mãos ante o grunhido de Cooper. — Ei foi só uma ideia, chefe. Só uma ideia.

— Venha querida — disse Maisie gentilmente à atônita Julia. — O que você precisa é uma boa xícara de café e do meu brownie especial duplo de chocolate. — Julia deixou Maisie conduzi-la até a cozinha, suas pernas pareciam ser de borracha e ela sabia que precisava de um pouco de açúcar para que o sangue voltasse a fluir em sua cabeça.

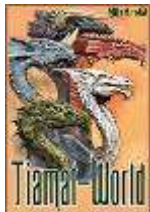
* * *

Sydney Davidson colocou um dedo na água temperada da velha e oxidada banheira e com um gemido, revirou os olhos. Estremeceu. Merda, que frio fazia em Idaho! Ele pensava com saudade de sua casa na Virgínia e seu Jacuzzi novo.

Claro que os mortos não precisavam de um jacuzzi novo, recordou-se.

Não era a primeira vez que Sydney Davidson se arrependia. Lamentava-se de que o dinheiro o tivesse tentado, de ter desperdiçado seus anos de estudo em bioquímica. Arrependia-se de que sua vida tivesse se desviado tanto.

Mesmo agora, ele mal podia acreditar quão fácil fora cair. Alguns favores pouco significativos, como por exemplo, algumas poucas drogas suaves para agitar algumas festas, em troca de poder usar um apartamento no Vail alguns anos depois. Mais favores e então, um pouco



mais de substâncias nas drogas e desta vez um Lexus novo em troca. E, de repente, passava mais tempo imerso em suas... atividades extra curriculares do que no trabalho em si, enquanto o dinheiro não deixava de cair em sua conta. E então tudo se descontrolou e ali estava ele com sua vida arruinada.

Mesmo assim, uma velha banheira era muito melhor do que um caixão. Estavam dando a ele uma segunda oportunidade e por Deus que desta vez ele ia fazer tudo certo.

Quando toda esta confusão acabasse depois que ele testemunhasse, iria aproveitar sua vida dedicando-se a fazer boas obras.

Não tinha ainda muita certeza do que se englobariam estas boas obras, Davidson refletiu sobre como poderia começar a reescrever a história de sua vida. A única coisa que veio à sua mente foi a Cruz Vermelha. “Sim!” pensou com emoção. Os trabalhadores da Cruz Vermelha eram almas dedicadas que percorriam o mundo à procura de vidas para salvar. Com certeza tratava-se de um trabalho estressante e dessa forma, era certo que precisariam de um pouco de ajuda para lutar contra todas essas enchentes, terremotos, fomes e guerras. Vejamos — pensou — poderia preparar um cocktail que os fizesse sentir melhor. Alguns miligramas de *desipramina* e *phenylethytamina* para o estresse e um pouco de *serotonina* e inibidores para sentir-se melhor e esquecer-se de toda essa crueldade. Sim. Isso seria muito bom.

Abriu a torneira de água quente um pouco mais. Enquanto Davidson pensava felizmente em uma forma melhor de exercer seu trabalho de bioquímico, um sensor minúsculo e indetectável salvo por um microscópio de elétrons, fez com que um semicondutor passasse a ser condutor em lugar de isolador. Um cabo com corrente que fora desfiado com tal cuidado que nem o microscópio mais potente poderia detectar, que foi feito de propósito para mergulhar-se na banheira.

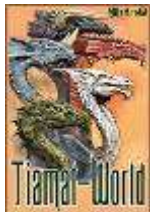
Quando Sydney Davidson finalmente afundou em sua banheira de água quente, a corrente paralisou seu coração, ferveu seu sangue nas veias e fritou o cérebro farmacêutico mais brilhante do século.

* * *

— Bom — disse Beth uma hora depois, apoiando as mãos nos quadris. — Isto já se parece outro lugar. — Olhou ao seu redor com gesto de aprovação, observando as mudanças que foram feitas nas últimas quarenta e oito horas no *Carly's Diner*; agora já oficialmente, *Alice's Restaurant*.

Julia olhou ao redor também, embora estivesse mais concentrada em Cooper. Toda vez que ela se virava, lá estava ele entregando um pincel, misturando a tinta para ela, enfim, deixando-a louca de desejo. Ele havia conseguido segurar sua mão, tocar sua nuca e passar uma das mãos por suas costas. E ela se sentia arrepiada, quase magnetizada por sua presença. Sentia sua presença pela forma que arrepiava o cabelo da sua nuca.

— Humm — ela respondeu com um ar sonhador. Cooper estava exatamente atrás dela e podia sentir o calor de seu corpo. Julia estava tentando parecer indiferente, mas estava custando caro e tremia pelo esforço em não encostar-se a ele.



Beth deu uma cotovelada suave em suas costelas.

— Então, o que você acha, Sally?

— Quem? — Era como se tivesse o cérebro embotado. — O quê?

— A lanchonete... ou melhor, o restaurante — disse Beth com paciência. — O que você acha?

— Eu... — Julia olhou ao seu redor e tentou concentrar-se.

A maioria do trabalho estava feito. As paredes foram pintadas, os mostradores trocados e as samambaias plantadas e arrumadas. Tudo parecia fresco e novo. A irregular pintura na parede e as mesas ligeiramente inclinadas passaram totalmente despercebidas. Alice tinha arrumado as samambaias e Julia não pôde evitar pensar que os clientes potenciais teriam que vir armados com facões. Mesmo assim, tinha certo encanto. Uma espécie de charme brega.

— Está ótimo — disse.

— Muito bonito. — A voz de Cooper ressonou a suas costas, provocando um calafrio. Julia respirou fundo para se acalmar.

— Acredita que poderia fazer algo assim com nossa mercearia? — Beth perguntou à Julia.

— Com sua... mercearia? — Perguntou Julia com os nervos a flor de pele, pois Cooper tinha se aproximado um pouco mais colocando uma de suas mãos em seu ombro e o pulso dela acelerou.

— Sim, você sabe... Modernizá-la ou algo assim. — Beth moveu a mão e mostrou: Isto aqui ficou tão bonito...

Julia viu nos olhos de Beth o mesmo olhar que tinha visto nos de Alice e, embora Cooper a estivesse distraíndo, interessou-se no assunto.

— Bem...

— Sim? — disse Beth com entusiasmo. — O que me diz?

— Não estou muito segura de que você deveria modernizá-la. Talvez deversem transformar a mercearia em um desses empórios maravilhosos e antigos, como os dos filmes. Poderiam repintar o balcão e colocar vidraças, para mostrar a mercadoria. E poderiam colocar os produtos em barris e potes. E logo...

— Ei, pessoal! — Chuck bateu palmas com força. — Deixem todas as ferramentas no chão; é hora de provar o tempero de Maisie. Ela preparou para todos uma refeição digna da realeza.

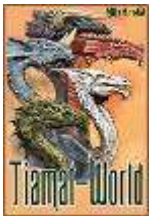
Houve um alvoroço para ver quem chegava antes às mesas de cavalete que estavam junto à parede. Julia se encontrou de repente junto a uma delas, logo Glenn colocou um prato em suas mãos e ela segurou um garfo.

— Oh, Deus — Julia provou e fechou os olhos com satisfação.

— Está bom, não é? — perguntou Glenn com orgulho.

— Maravilhoso — disse com veneração e voltou a morder o frango ao curry. — Se esta é uma amostra dos dotes culinários de Maisie, o restaurante vai ser um sucesso.

— Para mim já é — disse Glenn sorrindo. — Fez com que Maisie saísse da cama e voltasse a mostrar interesse por alguma coisa. Se o restaurante não conseguir clientes, sou capaz de pedir quarenta quentinhas por dia só para mantê-la ocupada. Faço qualquer coisa para ver Maisie sorrir.



— Sim. — Julia observou Maisie que servia entusiasmada pratos de comida para todos.

— Tenho que te agradecer por isto — disse Glenn.

— Não vejo por que — respondeu Julia surpresa. — Não ajudei em nada na cozinha, foi Maisie...

— Não estou me referindo a isso. — Glenn moveu a mão com impaciência. — Refiro-me a ideia que deu a Alice para que redecorasse o lugar e chamasse Maisie. Tanto Chuck como eu estamos muitos mais agradecidos do que podemos nos expressar com palavras. Se algum dia precisar algo, qualquer coisa, conte conosco.

— Oh, não, de verdade. — Julia sentiu que ficava vermelha. — Não fiz nada... — sua voz quebrou.

Cooper estava na porta de entrada. Um de seus trabalhadores, um homem alto e magro que se chamava Sandy, o havia chamado para ir lá fora. Tinham tido problemas para desligar o alarme e Cooper tinha desaparecido. Agora lá estava ele novamente, maior que a vida, tirando suas luvas de trabalho e percorrendo o salão com seus olhos negros até que a viu. Seus olhares se encontraram. Julia sentiu que a percorria uma grande de onda de emoção e seu corpo se esticou, antecipando o que viria depois.

Cooper começou a atravessar o restaurante e Glenn agarrou o copo que escorregou dos nervosos dedos de Julia. Voltou a colocá-lo em cima da mesa, meio sem jeito.

— Ehh... tenho que ir falar com alguém — disse Glenn. — Sobre algo. Te vejo depois.

— O que? — Julia se virou para ele sem ver. — Oh, ok. Claro, está bem.

“Ele é magnífico”, era tudo o que Julia podia pensar enquanto Cooper se aproximava devagar, bloqueando sua visão do resto do restaurante. Sua expressão era severa, como sempre. Queria tocar seu rosto, apagar as rugas de expressão e acariciar sua dura e preciosa boca com o dedo.

Cooper se aproximou tanto que teve que inclinar a cabeça.

— Vem comigo — disse ele. — Agora.

— Sim, Cooper — sussurrou Julia, deixando o pedaço de frango em cima da mesa.

Cooper a segurou pela mão e a arrastou pela porta, para a caminhonete negra.

— Aonde vamos? — perguntou Julia.

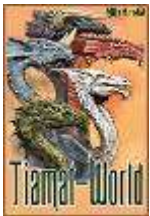
Cooper praticamente a colocou às pressas dentro da caminhonete, depois ele mesmo subiu e saiu cantando os pneus.

— Para sua casa — disse com firmeza. — Desta vez vamos fazer direito. Vamos foder durante toda a noite.

Capítulo 16

— Outra a menos. — Aaron Barclay desligou o telefone com força e se virou para seu chefe.

— Outra o quê? — Davis mordiscou a pizza fria e dura como uma pedra. A lanchonete



fechava os domingos e de qualquer maneira, já passavam das 23h. As reduções de pessoal tinham sido uma péssima ideia; Barclay e ele se viram obrigados a fazer horas extras.

— Testemunha. Em Idaho.

— Jesus. — Davis engoliu a pizza com dificuldade. — Já são dois.

— Em dois dias — Concordou Barclay.

— Quem foi?

— Nem ideia. Vou ver. — Barclay abriu um arquivo em seu computador e teclou rapidamente alguns dados. — Aqui está. O tipo se chamava Sydney Davidson. Trabalhava no Sunshine Pharmaceuticals. Tínhamos trocado o nome para Grant Patterson e estava em um lugar chamado Ellis. Ellis, Idaho.

— Assassinato?

— Acidente.

Davis soprou.

— Bem... — Barclay fez uma careta — Isso é o que dizem. Nossa gente foi para Boise... — Voltou a olhar a tela do computador — Ellis. A polícia local disse ter sido um acidente, mas levaram os nossos homens de apoio. Perder duas testemunhas, em dois dias não é brincadeira. Mas aparentemente, foi um acidente. A fiação da casa estava com problemas. Houve um curto-circuito e o pegou dentro da banheira. Morreu imediatamente. Tanto os policiais locais como os federais repassaram a cena uma e outra vez, mas não encontraram nada estranho. E nós tampouco.

— Bem, quero que nossos homens passem por cima do que foi feito e passem um pente fino novamente. Perder duas testemunhas assim... — Davis esfregou com aborrecimento uma mancha de graxa que tinha visto na gravata, começa a parecer uma brincadeira. Diga-me... — Davis levantou os olhos de repente — a que distância está Ellis do lugar onde colocamos a Julia Devaux? — Devaux era, sem dúvida alguma, a testemunha protegida mais valiosa do momento.

— Não muito longe.

— Mesmo CEP?

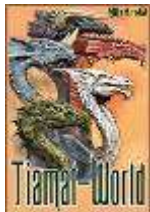
— Sim. — Barclay parecia resignado. Os dois haviam sido contra a decisão de organizar as testemunhas por CEP.

Davis sentiu arrepiar os cabelos de seu braço.

— Tire-a de lá — disse tranquilamente. — Tire agora mesmo.

— Mas... chefe... — Barclay se mexeu incômodo e assinalou o novo manual de regulamentos. — Regulamento 5: “Proibido gastos desnecessários”. Custa mais de cinquenta mil dólares mudar uma testemunha e temos que nos justificar. Se nossa gente disser que Devaux não corre perigo e ainda assim a tiramos dali, cortam nosso saco.

— Merda! — Davis golpeou o manual de regulamentos. — Não sei como, nem quem, mas alguém tem o nosso arquivo! Têm que ter. Talvez o tiraram quando o passamos para CD há algumas semanas. Lembra-se? Tivemos algum tipo de falha no sistema. Bem, pois alguém deve ter se metido em nosso sistema. E está se desfazendo de todos os que estavam naquele arquivo! Temos que tirar Devaux de lá.



em seus lábios mas Cooper conseguiu cheirar o brownie de chocolate que Maisie serviu à ela. Foi inebriante.

Cooper apertou a mandíbula ao ajudá-la a descer da caminhonete e viu que ela estremeceu. Estava vestindo somente uma camisa e estava fazendo um frio dos diabos. Ele a arrastou com tanta pressa do restaurante que ela nem teve tempo de pegar seu casaco. Ele desabotoou rapidamente sua jaqueta e a colocou nos ombros dela.

Recebeu em troca um enorme sorriso, como se ele a tivesse coberto de rubis.

— Obrigada.

Jesus. Ela estava agradecendo ao invés de queixar-se do idiota que ele era. Ele pigarreou e passou um braço por seus ombros.

— Por nada. Vamos para dentro, senão vamos congelar aqui fora.

Tinha começado a nevar. Todos em Simpson ainda estavam na lanchonete. A rua de Julia estava escura e silenciosa. Era como se estivessem sozinhos na cidade, no estado, no mundo.

Uma vez dentro de casa, Sally acendeu a luz e olhou para ele.

— Gostou? — ela perguntou sacudindo a neve do casaco.

Cooper sentiu-se confuso. Gostou de quê? Dela? Que diabos ela estava falando? Claro que sim... então olhou para onde ela olhava e arregalou os olhos.

A pequena casa desmantelada e triste se transformou completamente. Ela havia pintado as paredes de cor creme e feito lindas cortinas de cor creme e rosa; usou ainda o mesmo tecido para fazer uma toalha para a mesa. O sofá de espantosas cores berrantes estava agora revestido por um tecido em tons amarelo claro amarrado de uma forma artística dos lados. Cooper reconheceu algumas das coisas que eles haviam comprado em Schwab, embora jamais tivesse imaginado que pudessem mudar tão drasticamente uma casa.

— Está fenomenal. — Abraçou-a com mais força. — Você faz magia!

Ele pode sentir seu suspiro com uma elevação de ombros em seu braço.

— Não, não faço mágicas, só gosto tentar conseguir o melhor das coisas.

De onde estava Cooper podia ver seus cílios longos, as delicadas bochechas e a pele cremosa. Ele respirou fundo. Não, ela não era uma maga, era uma feiticeira e havia lançado um poderoso feitiço sobre ele.

De repente, toda essa semana que passou sozinho, sem Sally, pareceu o pior calvário que ele havia sofrido. Não poderia suportá-lo nem mais um minuto.

— Precisamos ir para cama — disse com voz grave. — Agora.

— Agora? — ela perguntou sorrindo.

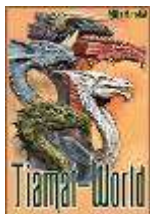
Cooper balançou a cabeça.

— Suponho que vai ser um daqueles momentos — disse baixinho.

Um daqueles momentos em que ele a despia, a colocava na cama e se preparava para entrar nela o mais rápido possível.

— Sim.

Sorriu e se esticou para ele, que se inclinou para beijá-la. Sua boca era tão suave e quente como ele lembrava. Ela virou-se completamente com ele, prendendo seus braços em volta do seu



pescoço. Ele não quis mudar em nada aquela posição, então simplesmente a envolveu com os braços, levantou-a e a levou para o quarto. Colocou-a ao lado da cama e sem deixar de beijá-la, tirou-lhe o casaco. Ele não queria deixar de beijá-la, mas deveria fazê-lo se queria despi-la.

Moveu as mãos com rapidez enquanto a despiu. Camisa de flanela, sutiã, jeans, sapatos, meias, ah... pronto! Ali estava ela, nua. Um anjo pálido e brilhante. Cooper deu um passo atrás, observando seu rosto com cuidado, esticou sua mão e levou entre suas pernas. Ela ainda não estava muito úmida. Introduziu então um dedo e acariciou sua suave e quente vagina que se umedeceu rapidamente, como um milagre. Mas, mesmo assim, não era suficiente. Cooper estava tão excitado como um de seus garanhões e tinha que conseguir que ela estivesse muito mais úmida antes de penetrá-la, embora ela estivesse quase chegando lá.

Voltou a inclinar-se sobre ela, beijando-a profundamente enquanto empurrava o dedo em seu interior. Sally estava cravando as unhas em seus ombros e respirava entrecortadamente enquanto Cooper sentia sua suavidade.

— Cooper — Ela sussurrou e em seguida: — Oh! — Quando seu polegar circulou seu clitóris, ela sacudiu-se com ele.

Ele nunca havia conhecido uma mulher que fosse de zero à cem quilômetros por hora tão rapidamente.

Ele apertou os dentes, embora ela estivesse agora mais suave e úmida, ainda não era o suficiente. Assim que a penetrasse ele iria fodê-la com duramente e para isso, precisava que ela estivesse preparada.

— Na cama — ele sussurrou contra sua boca.

— Ok. — Seus lábios se curvaram em um sorriso. Tinha reconhecido seu tom; este tom indicava que ele estava quase perdendo o controle.

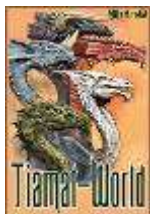
Cooper a ajudou a ficar sobre a cama com a mão que tinha livre e ficou junto ao seu quadril. Continuava com o dedo dentro dela, movendo-o suavemente. Levantou a palma da mão e ela, obedientemente, abriu as pernas. Tinha umas pernas maravilhosas, longas e elegantes. Acariciou-lhe o interior das coxas, suaves como o veludo.

Cooper a observou por alguns segundos. O quarto estava às escuras, mas a pele de Sally brilhava brandamente à luz que vinha de fora. Embora ele morresse por estar dentro dela, levou alguns minutos para saborear cada detalhe de seu corpo. As delicadas clavículas, os pequenos seios eretos com seus mamilos rosados, a suave e lisa barriga, o macio pelo ruivo que havia entre suas coxas... Tudo nela era maravilhosamente perfeito.

Movia as pernas inquietas sobre o cobertor, enquanto Cooper imitava o seu pau com o dedo. Claro que seu pau nunca fora assim tão amável com ela, sempre bombeou forte e rápido dentro dela. Talvez fosse assim sempre. Talvez a única forma que tinha de que a fodesse devagar era fazendo com o dedo.

O silêncio era absoluto, salvo por sua respiração e o som úmido que fazia seu dedo ao entrar e sair de dentro dela.

Ele observou a mão dele que se movia entre as pernas de Sally. Sua umidade tinha deixado seu dedo pegajoso. Quando acariciou seu clitóris com o polegar, sua pequena vagina se agarrou a



ele, os músculos retesaram e as coxas tremeram.

— Você gosta disto? — Perguntou baixinho, olhando finalmente diretamente em seus olhos. Ela estava observando-o enquanto ele a olhava.

A mão de Sally acariciava seu braço.

— Eu gosto de tudo o que você me faz, Cooper — disse simplesmente.

Ele fechou os olhos, como se estivesse sentindo dor. Inacreditavelmente seu pau cresceu e endureceu ainda mais, apertando-se contra o tecido das calças como se estivesse empurrando uma porta.

Ele começou a desabotoar a camisa e parou espantado.

Suas mãos estavam trêmulas.

Suas mãos nunca tremeram. Era um excelente atirador e tal como havia dito a Sally, melhor ainda com a faca. Ele não era aquele tipo de homem o qual suas mãos tremiam quando estavam sob pressão.

A única outra vez em sua vida em que sua mão tremeu foi quando viu Sally pela primeira vez.

Sally Anderson estava quebrando suas reservas pouco a pouco. E então estava reconstruindo-o. Fazendo dele um homem muito melhor.

Terminou de desabotoar os botões de sua camisa com uma das mãos. Para conseguir tirar completamente a camisa, sua mão direita teria que abandonar a calidez e a suavidade do corpo de Sally e por um momento, esteve tentado a deixar sua camisa onde estava.

Mas adorava sentir o contato de sua pele contra a dele. Quando faziam amor ela se esfregava contra ele como uma gatinha, ele saboreava cada milímetro desse roçar em sua pele.

Relutantemente, Cooper tirou a mão de seu interior para tirar a camisa e camiseta. Desamarrou as botas de trabalho e as tirou, junto com as meias. Ficou vestido somente com o jeans e a cueca.

Deitou-se ao lado dela e passou a mão por suas costas. Inclinou-se e deu um beijo em sua mandíbula, no pescoço e em seguida mordiscou sua orelha. Sally estremeceu e se agarrou à ele.

— Saudades — ele grunhiu em seu ouvido.

— Oh, Cooper, também senti saudades. — Passou uma das mãos por seu cabelo e inclinou a cabeça para beijar seu pescoço. — Muita. Você não imagina quanto.

Porra, sim, ele imaginava quanto.

— Pensei em você todas as noites. — Ele falou lambendo seu pescoço e fazendo um percurso de beijos até o seio. Enquanto uma de suas mãos estava em sua vagina. Sally subiu uma perna e a enrolou sobre a coxa de Cooper, abrindo-se para ele.

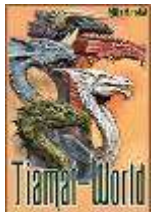
— Você não está pensando em tirar essa calça?

— Ainda não — ele grunhiu. — Se eu tirá-la agora vou querer te penetrar imediatamente.

Ele pôde sentir o sorriso dela contra o pescoço.

— Então sua calça é uma espécie de cinto de castidade?

— Sim. — Ele já estava conseguindo colocar dois dedos dentro dela; menos mal, porque começava a perder o controle. Seus dois dedos não eram tão grandes como o seu pau, mas pelo menos a alargavam um pouco mais para ele. Ele trabalhou os dedos dentro e fora dela,



separando-os cada vez um pouco mais, enquanto lambia seus mamilos. Ela estava cravando as unhas em suas costas e tinha começado a fazer aqueles ruídos guturais que ele tanto amava. Os ruídos que fazia exatamente antes de gozar.

Mordeu-lhe suavemente um mamilo enquanto empurrava seus dedos mais para dentro. Sally se esticou e conteve a respiração. Estremeceu ao sentir que a vagina se apertava sobre seus dedos e a viu se sacudir com um orgasmo.

Yessssssss!

Cooper a beijou profundamente, tremendo enquanto desabotoava suas calças e a tirava junto com a cueca. Queria total liberdade de movimentos, por isso não se contentou baixando somente até as coxas. Em um segundo ele estava nu e rolando sobre ela.

Sally ainda estava gozando, ofegando brandamente. Abriu-lhe as pernas ainda mais e a penetrou de repente, sentindo seus afiados puxões ao entrar. Era de perder a respiração. Foi alucinante. Sally gozava com todo o corpo. Agarrava-lhe com braços e pernas, empurrava os quadris para cima para que ele colocasse tudo o que pudesse e tinha a boca aberta. Cada parte de seu corpo lhe dava as boas-vindas.

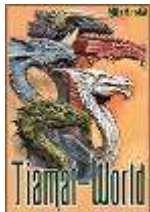
Ele estava com o pau completamente sensível, como se tivessem removido sua pele. Esteve em estado de excitação por oito noites seguidas e se masturbar em seu quarto de hotel sozinho não havia ajudado em nada. Ele estava mais do que excitado e assim que seu pau abriu caminho entre suas suaves dobras e sentiu o orgasmo dela, ele perdeu o controle.

Cooper gemeu contra sua boca, agarrou-a forte pelos quadris e a penetrou forte e com curtos e duros trancos, movendo-se em seu interior. Ele estava começando a conhecê-la com perfeição. Se empurrasse forte e rápido, pressionava seus clitoris e o orgasmo dela se fazia interminável. Quando sentiu que um novo orgasmo a sacudia, emitiu um som de contentamento do fundo de seu peito, investindo-a com mais força desta vez.

As contrações quentes dela acabaram com ele. Ele gemeu e gozou, expulsando em jorros quentes seu esperma, sacudindo-se, suando e palpitando. Seus sentidos, que normalmente eram muito aguçados, desapareceram com a intensidade do orgasmo. Não ouviu o rangido da cama, nem os gritos de prazer de Sally, ele não conseguia ver nada além de uma parte do rosto de Sally que estava exatamente diante de seus olhos. Tudo nele se movia em espiral para dentro, ferozmente concentrado em seu pau que explodia de alegria dentro dela.

Com um enorme estremeção, Cooper largou todo o seu peso em cima de Sally, com o rosto virado para ela no travesseiro, ofegando e ainda trêmulo.

Seu pau ainda estava duro. Ele havia satisfeito uma ínfima parte de seu desejo. Portanto, tão logo recuperasse o fôlego, ele começaria de novo e seria ainda melhor, porque Sally estaria mais suave e molhada agora que os dois haviam gozado. Algumas noites, ele chegou gozar de quatro à cinco vezes dentro dela e, no final da noite, estava tão escorregadia com o seu orgasmo e o dele que ele movia-se dentro dela como um sonho. Mas como este orgasmo foi muito mais intenso do que o habitual. Ele não teve nenhum desejo tentar outro imediatamente. Afinal, tinham toda a noite só para eles. Agora mesmo, tudo o que ele queria era saborear o palpitante prazer à medida que ia recuperando seus sentidos. Seu orgasmo fora tão intenso que estava ouvindo um barulho



em sua cabeça.

Pouco a pouco, voltou a si e percebeu que o barulho não era em sua cabeça, e sim o telefone tocando.

Foda-se quem estiver ligando agora.

— Não atenda — murmurou Cooper com o nariz encostado na pele perfumada perto do seu ouvido. Ele beijou-a.

— Atender o que? — disse Sally com voz sonolenta.

— O telefone.

— Ah. — Ela suspirou. — Pensei que era minha cabeça que estava fazendo este barulho.

Ele sorriu no escuro e esfregou a boca em seu pescoço. O maldito telefone continuava tocando, mas Cooper não deu atenção.

Sally ficou tensa de repente.

— O telefone. O telefone. Oh, Deus, o telefone. — O tom de sua voz era histérico, como se tivesse despertado de repente. Empurrou o ombro dele. — Tenho que atender.

Cooper levantou a cabeça, surpreso.

— Por favor, Cooper, deixe-me levantar. Eu realmente tenho que atender o telefone.

Cooper franziu a testa sem deixar de olhá-la. Ela estava tremendo e sua pele parecia ter perdido a pouca da cor que tinha normalmente.

— Cooper, por favor. — Ela empurrou seu ombro novamente. Ele pesava quarenta ou cinquenta quilos a mais do que ela. Era impossível que conseguisse sair da cama se ele não permitisse. E ele não parecia querer deixá-la levantar. Estava cômodo onde estava, com o pau profundamente enterrado dentro dela. — Cooper, por favor. Por favor — sussurrou. O telefone continuava tocando.

Sua voz estava trêmula.

Com a testa franzida, Cooper tirou o pau de dentro dela e se moveu para o lado. Sally se deslizou pela cama, parecia uma pálida sombra no quarto escuro e correu para a sala.

Cooper estava quente e suado por ter feito amor e pelo grande orgasmo que teve, mas um calafrio o percorreu inteiro quando pensou na expressão do rosto de Sally.

Era uma expressão que conhecia muito bem. Que tinha visto várias vezes em seus homens quando estavam em fogo cruzado.

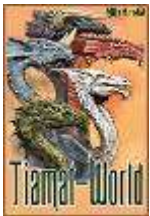
Medo.

Algo a tinha aterrorizado. E muito. Foda-se. Não deixaria que nada e nem ninguém, aterrorizasse sua mulher. Com uma expressão séria e aborrecida, Cooper levantou e seguiu-a.

* * *

Julia tremia quando se deslizou de baixo de Cooper. Ela conferiu a hora no relógio e estremeceu. 22h. Não poderia ser ninguém de Simpson telefonando porque ali todos iam para cama às 21h em ponto. Só podia ser uma pessoa.

Herbert Davis. E se ele estava ligando a essa hora, não podia ser uma boa notícia.



Julia ficou parada alguns segundos na cama até ter certeza que suas pernas não falhariam. Seu orgasmo havia acabado e ela ainda se sentia com uma manteiga derretida. Quando se levantou, pôde sentir o esperma de Cooper escorrendo pelas coxas. Secou-se rapidamente com o lençol e pegou um roupão na cadeira e se dirigiu à sala.

— Alô? — Sua voz ainda estava rouca do sexo; pigarreou para limpar a garganta.

— Julia? Julia Devaux? — O coração da Julia deu um baque ao ouvir seu nome verdadeiro falado pela primeira vez em seis semanas.

— Senhor Davis — sussurrou. Estava claro que as regras haviam acabado. Ele estava usando seu verdadeiro nome e não se queixou quando Julia fez o mesmo com ele. Algo estava errado... muito errado.

— Sim. Isso mesmo. Herbert Davis. Agora, quero que você ouça com atenção Julia. Temos motivos para acreditar que sua identidade foi descoberta. Não estamos completamente seguros, mas preferimos não nos arriscar. De agora em diante, não quero que você saia de sua casa. Não quero que fale com ninguém; nem que entre em contato com ninguém. Com ninguém absolutamente, você me entendeu? Não pode confiar em ninguém. Pode estar em perigo e estamos indo buscá-la. Agora escute o que quero que você faça...

O telefone escorregou de suas nervosas mãos e caiu fazendo barulho sobre a mesa. Podia ouvir a voz de Herbert Davis gritando ao telefone; um som muito baixo.

— Julia? Julia? Responda-me! Que diabos está acontecendo? Julia?

— Quem era? — perguntou uma voz rouca e profunda às suas costas.

Julia abafou um grito e se virou. Cooper estava na porta, com um poderoso braço apoiado sobre o vão. “Não quero que fale com ninguém. Não quero que confie em ninguém” Davis havia dito.

Bom, apesar de Cooper não falar muito, ter relações sexuais com ele provavelmente estava incluído na lista de coisas que não devia fazer as quais Davis se referia.

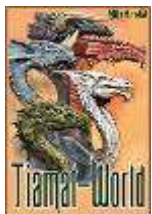
— Ninguém — disse quase sem fôlego. Ela estendeu a mão cegamente e colocou o telefone no gancho. — Absolutamente ninguém. Se... enganaram de número. — Seu roupão tinha aberto e ela o fechou rapidamente. Que loucura. Cooper e ela tinham acabado de fazer amor e ali estava ela, cobrindo-se com força com o roupão. Cooper deu um passo à frente e Julia instintivamente deu um passo para trás.

— Sally? — Cooper franziu a testa. — O que aconteceu? O que está errado? — Caminhou para ela, que retrocedia cada vez mais até que se encostou contra a parede. Julia agarrou a parede que havia atrás dela, como se pudesse protegê-la. Como se houvesse algo capaz de protegê-la de Cooper.

Ele era tão poderoso que a assustava. Não o havia visto nu muitas vezes em plena luz. Ele era espetacular. Tinha os braços e ombros cheios de músculos, fortes e poderosos. Se a atacasse, não teria sentido tentar lutar contra ele. Cooper poderia acabar com ela em um segundo se quisesse.

Julia recordou ter lido em algum lugar que os soldados da Esparta lutavam nus para aterrorizar ao inimigo.

Pois isso funcionava. Ela estava apavorada.



Cooper parou em frente a ela com os braços apoiados em ambos os lados de sua cabeça. Ela estava presa.

Ela olhou para os escuros cabelos do peito dele, a fenda em que se uniam os peitorais e então lentamente olhou para cima. Seu rosto era inexpressivo. Era o rosto de um desconhecido. O rosto de seu amante.

“Não confie em ninguém.”

Ela estendeu a mão trêmula para tocar a bochecha dele. Podia sentir o movimento dos músculos da mandíbula em seus dedos. Ele tinha raspado a barba recentemente e sua pele estava quente.

“Não confie em ninguém.”

— Cooper — ela sussurrou baixinho enquanto uma lágrima escorregava pelo seu rosto. Ela sacudiu a cabeça lentamente e olhou-o nos olhos.

— Que Deus me ajude. Se eu não puder confiar em você... não quero continuar vivendo.

Cooper não respondeu. Apenas abriu os braços e Julia se jogou neles.

Depois de segurá-la por longos minutos, Cooper a levou para o sofá e sentou-a em seu colo. Julia passou os braços em volta de seu pescoço e chorou. Estava completamente inconsolável. Chorou de raiva, de desespero e medo, segurando-o firmemente. Ele não disse nada. Limitou-se a ficar sentado e a embalá-la até que ela se acalmou.

Julia pensou que esta seria a última vez que veria Cooper. O que sentia por ele era muito forte, muito mais do que houvesse sentido alguma vez por qualquer outro homem e agora que o tinha encontrado, ia perdê-lo.

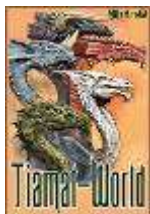
Em uma hora, talvez em duas, os agentes viriam procurá-la e a levariam para outro lugar. Ela desapareceria no meio da noite.

Sabia muito bem que teria que cortar todos os laços que a ligassem a uma vida anterior. A sua vida neste caso. Então deixaria Simpson para sempre e acabaria em Dakota do norte, Florida ou no Novo México, com um novo nome e nova identidade. O julgamento de Santana não aconteceria até a primavera, conforme Davis já havia dito. Talvez até mais tarde. Depois, teria que permanecer no Programa até que todos os recursos tivessem finalizado e isso levaria no mínimo um ano, provavelmente dois, antes de ser totalmente livre para poder ir onde quisesse.

Será que Cooper aguentaria alguns anos de sua ausência? Era tudo tão novo, tão recente... Só estavam juntos a duas semanas, das quais uma, ele tinha viajado. Nem sequer tinham conversado muito. A maior parte do tempo em que estavam sozinhos passava fazendo amor. Talvez isso fosse tudo o que tinham, sexo.

Ainda assim, seria eternamente agradecida a Cooper pelo tempo que tinham ficado juntos. Ele a havia mantido sã, principalmente durante as noites. Teve um repentino flash de si mesma em sua nova vida; em alguma cidade anônima de algum lugar, completamente sozinha... e percebeu repente, o muito que Cooper significava para ela.

Estava sentada sobre seu colo. Ele continuava nu e ela podia sentir sua ereção sob as coxas, mas ele não estava se esfregando contra ela. Ela enterrou a cabeça no pescoço de Cooper, que apoiou o queixo em sua cabeça. Ela beijou seu pescoço forte, quente e molhado de suas lágrimas.



— Tenho algumas coisas para te dizer — disse baixinho secando os olhos em seu ombro.

— Sim. — Sentiu que ele movia a cabeça. — Estou ouvindo.

— Eu não sou... não sou quem você acha que sou. — Julia sentou-se um pouco mais reta, mas sem levantar a cabeça de seu ombro; esse amplo e forte ombro sobre o qual não poderia ficar apoiada por muito mais tempo. Assim que contasse a verdade, teria que começar a recolher suas coisas. Em algumas horas desapareceria de sua vida. Talvez para sempre. Julia fechou os olhos durante alguns segundos.

Seu coração estava doendo. Era muito difícil falar.

Agora mesmo, naquele preciso instante, seria Sally Anderson pela última vez em sua vida. Mulher de Sam Cooper; amiga de Alice Pedersen, Maisie, Beth e de todos outros. E a mãe de Fred. Talvez Cooper ficasse com Fred para ela.

Ou talvez não.

Talvez Cooper se zangasse tanto que ela tivesse mentido para ele que a tiraria de seu colo sem olhar para ela e sairia de sua casa. De sua vida.

— Meu nome... — sua voz vacilou. Ela mordeu o lábio e esperou até ter certeza que sua voz sairia firme. — Meu nome não é Sally Anderson, Cooper. Não sou de Bend, nem sou professora do ensino fundamental. — Ele não se moveu nada mais que para lhe apertar ainda mais em seus braços. — Meu verdadeiro nome é Julia Devaux e vivo... vivia em Boston. Sou editora. Ou, melhor dizendo, era. Agora já não sei mais o que sou. Só sei que estou morta de medo.

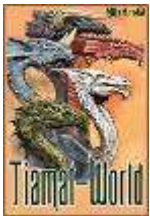
Julia inclinou a cabeça em seu ombro para que pudesse ver seu rosto. Era totalmente inexpressivo, como sempre. Observava-a com seus olhos negros, fixa e pacientemente.

Agora vinha a parte dura.

— Vi... vi algo terrível — disse finalmente. — Em setembro. Estava fazendo um curso de fotografia e andava pelas ruas de Boston em busca de algo para fotografar, algo que fosse realista. Até que me deparei com um armazém abandonado. O portão havia sido removido, então entrei. Estava com uma dessas câmaras automáticas que os fotógrafos de moda têm e passei por ali, fazendo uma foto atrás de outra. Até que cheguei ao pátio interior e... — mordeu o lábio e tentou controlar os tremores que sacudiam seu corpo ao recordar. Podia ver tudo de novo: a paisagem industrial cinzenta, o homenzinho aterrorizado, a pistola negra sobre sua cabeça, o assassino gigantesco de rosto cruel e o tiro mortal. — Fui testemunha de um assassinato — disse simplesmente e ouviu que Cooper respirava com força. Todos os músculos de seu corpo ficaram tensos. — Era algum tipo de ajuste de contas. Pude... pude identificar o assassino, um cara chamado Dominic Santana, estava entre vários suspeitos. Aparentemente ele é um grande chefe da máfia que o FBI está há muito tempo tentando colocar atrás das grades. Em teoria, tenho que testemunhar em seu julgamento, mas me disseram que ele está oferecendo uma recompensa por mim. Uma grande, aparentemente. Um milhão de dólares. Enquanto aguardo que saia o julgamento, colocaram-me no Programa de Amparo às Testemunhas. Mas deve ter acontecido algo com a segurança...

— Malditos filhos da puta!

Cooper a levantou de seu colo e ficou de pé. Julia o olhou completamente surpresa, de



repente seu rosto já não era impassível e nem impenetrável. Cooper estava furioso e todo seu corpo se esticava tenso de raiva. Julia sentiu algo. Não era medo, claro... Ela não tinha medo dele... não exatamente.

Mas pressentia que algo estava para acontecer e ela não podia fazer nada. Há muito tempo ela quis do fundo de sua alma, contar seus problemas para Cooper e agora que o fizera, sentiu um alívio misturado com apreensão porque agora Cooper parecia carregar seus problemas. Ele era uma figura gigantesca e terrível; uma força incontrolável da natureza.

Um guerreiro.

— Cooper?

Mas ele não estava escutando. Caminhou até o telefone, tirou o fone do gancho e discou com raiva *69.

Quando ouviu alguém dizer “Herbert Davis” do outro lado da linha, ele rosnou:

— Quem caralho é você Herbert Davis?

Cooper o ouviu suspirar antes de perguntar:

— Com quem falo?

Cooper apertou o telefone com mais força, lembrando-se que não devia perder seu controle.

— Sou Sam Cooper. Estou ligando de Simpson, Idaho, do telefone de... — Olhou para Sally... não, para Julia... que parecia um novelo de lã no sofá. Estava pálida e seus olhos azul turquesa olhavam para ele fixamente. Parecia pequena e vulnerável como uma criança. Ainda sentia a lembrança de sua pele suave e delicada em suas mãos e o pensamento de que alguém pudesse feri-la o deixava louco. Virou-se um pouco para não se distrair. — Ligo do telefone de Julia Devaux. E vou perguntar pela última vez: Quem caralho é você?

— Não estou autorizado a divulgar essa informação. — A voz daquele homem era distante e impessoal.

— Ouça-me, filho de uma cadela. Se você é do Departamento de Polícia dos Estados Unidos, vocês estão tratando da segurança das testemunhas muito pior do que eu imaginava. Tinha ouvido rumores que o Departamento estava decadente, mas pelo visto está muito pior. Vocês não podem enviar para cá uma mulher inocente com assassinos em seus calcanhares sem um agente para tomar conta dela. Que merda de Amparo é esse?

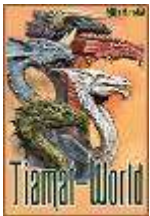
— Ah... Ehh... — Cooper viu que o homem não sabia o que dizer. — Tivemos cortes de pessoal e o escritório de Boise...

— Foda-se os cortes de pessoal! — Cooper rugiu. — Que merda passa pela cabeça de vocês? Não podem soltar uma testemunha em algum lugar e confiar que ela esteja a salvo. Colocaram um preço pela sua cabeça. Ela precisa todo o amparo do mundo. Um amparo que vocês não estão dando a ela! Desde o início!

— Bem, a partir de agora ela não será mais de sua incumbência. Tivemos um vazamento de informações na nossa segurança e vamos tirá-la daí.

— Vá para o inferno! — disse Cooper e suavizando de repente a voz com uma ameaça falou: — Quero ver vocês tentarem fazer isso.

— Cooper? — A voz de Julia era fraca e ela tocou seu ombro. — O que está dizendo Cooper?



Cooper apertou o maxilar, sem responder.

— Cooper?

Ele colocou a mão no fone antes de responder.

— Ele está dizendo que vai tirá-la daqui.

— Sim, eu sei. Quando virão? — Ela apoiou a testa em seu ombro por alguns segundos e secou as lágrimas com a mão. Parecia pequena e assustada. Cooper apertou o fone com tal força que os nódulos dos dedos ficaram brancos.

— Você não vai parte nenhuma. — Disse sem rodeios

— O que? Não estou entendendo... — Ele odiava o som de sua voz assim, perdida e confusa.

— Você não vai a lugar nenhum. Ficará aqui, comigo.

Isto não deveria estar acontecendo a ela. Não deveria estar acontecendo a eles. Agora mesmo deveriam estar em seu quarto fazendo amor. Ele era sempre muito frenético na primeira vez, mas isso não a preocupava muito porque sabia que ele se acalmaria depois de algum tempo. E ela pensava que tinham todo o tempo do mundo...

Agora o tempo deles havia acabado.

— Cooper?

Ele olhou seu rosto pálido e confuso, e viu o futuro que sempre sonhou. Com Sally — Não, com Julia, porra! — Sentia-se muito mais vivo, de uma forma que nunca sentiu. Antes dela chegar, ele estava perdido, afundando-se cada dia mais em pensamentos sombrios, como um barco à deriva.

Mas ela havia mudado tudo isso; sua presença fora sua tábua de salvação no último minuto antes dele desaparecer no horizonte. Ela o tinha trazido de volta à vida. Estava trazendo Simpson de volta a vida.

Claro que ele não a deixaria ir embora!

— Cooper, estão vindo me buscar, tenho que me preparar, recolher minhas...

— Doçura, me escute; você não irá a lugar nenhum. Você vai ficar aqui comigo, onde eu possa protegê-la.

— Mas... — Julia olhou ao seu redor, como se os homens do Departamento de Polícia fossem chegar a qualquer momento. — Querem me tirar daqui, Cooper. Acabou.

— Não, não acabou. — Só o medo escondido atrás de sua teimosia o impediu de sacudi-la. — Nada acabou doçura. Será que você não o vê? Tudo o que o Departamento vai fazer é te dar uma nova identidade e te levar para qualquer outro lugar. Mas sua segurança foi comprometida. E se aconteceu uma vez, poderá acontecer novamente. Então, fique calma e deixe que eu cuide disso.

Ele tirou a mão do fone.

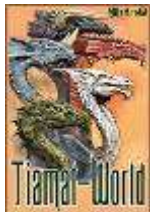
— Fale — ele rosnou.

— Bem, senhor... Ah, Cooper — Começou a dizer Herbert Davis.

— É Cooper, Chefe Maior.

— Ah. — Ouve um longo silêncio do outro lado da linha. — Das forças Armadas?

— SEAL. — Cooper nunca tentou impressionar a ninguém com o fato de que fora um SEAL,



mas naquele momento ele precisava que Davis prestasse atenção nele e a melhor forma de fazê-lo era deixar muito claro com quem ele estava tratando. — E, para que as coisas fiquem muito claras, vocês não levarão Julia Devaux para lugar algum. Ela vai ficar aqui, sob o amparo do Xerife Pedersen e sob o meu próprio.

Ouviu um pequeno som como se Herbert Davis estivesse chocado.

— Absolutamente não! Nunca ouvi nada mais absurdo que isto em toda minha vida...!

Cooper usou um tom de voz suave e mortal.

— Não há nenhuma maneira no inferno que me obrigue permitir que vocês a tirem daqui. Não com o tipo de amparo que vocês estiveram oferecendo até agora. Então, deixe que o xerife e eu façamos isso.

— Imagino que isso seja impo...

— Não. Não é impossível. E você vai aceitar isso se não quiser que eu leve este caso diretamente ao Departamento de Justiça. Exatamente depois de conversar com meu bom amigo Rob Manson, do Washington Post. Tenho certeza de que você já leu algum artigo dele; é ele quem escreve todos os artigos sobre como o Departamento de Polícia estragou o caso Warren. Ele vai ficar encantado: Testemunhas do Departamento de Amparo sendo usadas como isca. Já estou vendo as manchetes.

— Eu... ehh... eu não faria isso se fosse você, senhor...

— Cooper. E tenho o número do telefone de Manson em minha mão. — Cooper soava tão convincente que Julia olhou assombrada suas mãos vazias, esperando ver uma agenda telefônica. Ele não precisava disso para saber o telefone de Rob. — Manson trabalha até tarde nos domingos. Deve estar lendo o jornal em sua mesa. Então? Você vai falar agora com o xerife daqui, Chuck Pedersen, para que cheguemos a um acordo sobre a melhor forma de proteger Julia Devaux até que o julgamento aconteça, ou ligo para Rob e logo depois para o Departamento de Justiça? E, Davis, quando digo agora, é agora mesmo. Rob pode conseguir ainda publicar esta história no jornal de amanhã.

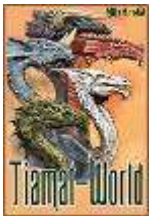
— Olhe, senhor Cooper; tenho certeza que você entende por que não posso confiar no senhor. Como posso ter certeza de quem é você? Você está reclamando que não estamos protegendo à senhorita Devaux adequadamente; então, seria leviano de minha parte confiar a vida da senhorita Devaux a alguém que me telefone.

Ele tinha toda a razão. Merda. Cooper olhou para a parede com fúria.

— Tudo bem — disse finalmente. — Escute o que você vai fazer. Você vai ligar para o telefone que vou te passar. É o celular pessoal de Josh Creason. Ligue e pergunte a ele quem é Sam Cooper. Diga-lhe que Harry Sanderson e Mac Boyce estão comigo e que nenhum de nós perdemos nossas qualidades. Ficarei aguardando seu retorno.

— Esse tal de Josh Creason... — começou a dizer Davis — seria o General Joshua Creason? O Diretor Chefe do Estado Maior?

— Não. — Cooper levantou os olhos para o teto já sem paciência. — É Joshua Creason cantor de ópera. Claro que é o General Joshua Creason, imbe...! — Cooper mordeu a língua. Queria que o homem cooperasse e não que ficasse contra ele. — Você está perdendo tempo



Davis. Ligue para Josh e comprove minha identidade e diga a ele que ainda me deve dez dólares e que espero que ele tenha treinado suas habilidades no jogo no pôquer.

Cooper encostou-se à mesa, preparado para esperar. Sally (Julia) o observava com o rosto pálido. Não se falaram. Ele só a puxou para abraçá-la, apoiando a bochecha sobre sua cabeça.

Após quinze minutos o telefone voltou a tocar.

— Senhor Cooper.

— Sim. — Cooper se endireitou e Julia olhou para ele tensa.

— Isto é... isto é muito altamente incomum. Davis soltou ar para livrar-se da tensão. Cooper podia apostar que esse maldito filho de puta estava sob muita pressão. Seus atos quase custaram à vida de uma testemunha.

— Sim. — Cooper não estava disposto a dar nenhuma folga para ele, por isso esperou que falasse.

— Eu... falei com o General Creason e ele me deu uma série de garantias sobre o senhor, Sanderson e Boyce. E também comprovamos com xerife Pederson.

Tudo isso ele já sabia, por isso continuou calado.

— Depois, ehh... depois de uma reunião rápida com meus colegas, decidimos que se seu plano for viável, poderemos deixar à senhorita Devaux sob sua responsabilidade. Você ficará em contato com nosso escritório em Boise.

— Entendido.

— Informará a mim sobre a situação com regularidade.

— Sim. E quero que me dê toda a informação disponível sobre o caso agora mesmo.

Cooper sentiu seu cabelo da nuca arrepiar enquanto escutava Davis falar sobre a suspeita de violação na segurança. E de que se dizia que o preço da cabeça de Julia Devaux tinha subido para dois milhões de dólares.

— Então... estou colocando a vida da senhorita Devaux em suas mãos e nas de seu xerife. A partir de agora, a segurança dela é sua responsabilidade direta. Está de acordo com isso?

— Totalmente.

— Tudo bem. Me ligue amanhã à tarde e repassaremos os detalhes.

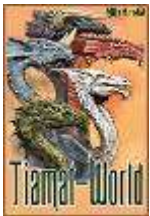
— Farei isso. Ligarei às 13h em ponto com um plano de segurança detalhado. E esqueça a ideia sobre nova fuga, entendeu?

Cooper o ouviu suspirar novamente e desligou. Quando Julia tocou seu ombro timidamente, virou-se para segurá-la em seus braços e abraçá-la com força.

— Então é isso. Você vai ficar aqui comigo — disse Cooper finalmente com cada músculo de seu corpo duro pela tensão. — A única maneira de alguém chegar a você será por cima do meu cadáver.

Julia respirou com força.

— Nesse caso, Cooper — disse com voz suave — talvez seja melhor você colocar algumas roupas.



Capítulo 17

Em Stanford, o professor Jerzy Stanislaus tinha aperfeiçoado um modelo de computador que ele havia chamado Topografia Arquitetônica Matrix, ou TAM. A ideia em si sobre a TAM, era que a melhor forma de navegar pela base de dados de um computador era fazê-lo tridimensionalmente. Stanislaus imaginava o computador como uma casa e como tal, tinha uma porta e uma chave para abrir essa porta. Então, o professor havia explicado que a tridimensionalidade era como uma chave para essa porta. O profissional ficou fascinando pela lógica simbólica da TAM.

Não houve um só estudante que não se dedicou a piratear alguma vez o programa e nenhum só que não entendeu imediatamente para que podia realmente servir o TAM: Como uma chave, literalmente falando, para entrar em qualquer porta fechada.

Nas poucas incursões que o profissional havia feito no ciberespaço, encontrou rastros de alguém que, evidentemente, tinha utilizado o TAM para passar por barreiras. O profissional soube, pelo tamanho da chave, que se tratava de um dos estudantes de Stanislaus. Normalmente, o profissional fechava a porta com cuidado e saía dali nas pontas dos pés.

O profissional ia utilizar o TAM para penetrar nos arquivos do Departamento de Justiça e acessar os dados de Julia Devaux.

Os códigos dos computadores do Departamento de Justiça tinham agora três níveis de profundidade e um novo código com codificação de 240-bit. Agora, seus computadores tinham portas blindadas e janelas a prova de balas que e não se abriam por mais que se arranhasse as portas ou se usasse um grampo de cabelo ou clips. Mas uma porta era sempre uma porta; em outras palavras: teria que ter uma forma de entrar.

O profissional atacou a uma rede de computadores de Madison que pertencia a uma companhia que à noite deixava suas máquinas ligadas e desocupadas. E essa era uma magnífica máquina, com potencial enorme para fazer cálculos imensos. “A mãe de todas as placas mãe”, pensou o profissional com cinismo.

Julia Devaux, comece a rezar.

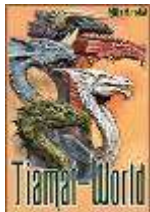
O profissional começou a procurar a chave. Existia uma imensa quantidade de combinações que ultrapassavam inclusive suas habilidades informáticas.

Enquanto o notebook em Idaho conversava com o de Wisconsin, o profissional aproveitou para jantar muito mal alguns biscoitinhos salgados e uma coca-cola. Neste lugar não havia nem caviar nem champanhe. Graças a Deus este trabalho acabaria logo.

O profissional verificou o tempo. Só podia utilizar o computador da companhia em períodos curtos de menos de meia hora, se não, o departamento de informática da empresa se daria conta que os computadores da Empresa estavam sendo invadidos. Já haviam passado vinte minutos.

Hora de sair.

O profissional suspirou e começou a fazer o longo e delicado caminho de volta. Levaria outras duas noites entrando no Departamento de Justiça. Três no máximo. O problema era o que ia fazer com a chave que tinha decifrado parcialmente. Era muito grande e complexa para



armazená-la no disco rígido de seu computador. Onde poderia guardá-la?

O profissional sorriu de repente.

Onde se guardavam as chaves? A resposta era óbvia: Debaixo do tapete, claro.

* * *

— Cooper, não — Sussurrou Julia, chocada. Depois falou mais alto: — Não! — Tremia com tensão nervosa, ficou em pé de rapidamente e andou pela casa.

Cooper a olhava com seu inexpressivo rosto de sempre, mas Chuck parecia preocupado e se mexia incômodo sobre seu sofá de molas quebradas.

Cooper tinha ligado para Chuck assim que desligou Davis. Chuck havia chegado na casa de Julia em menos de dez minutos ofegando; tempo de sobra para que Julia vestisse uns jeans e um pulôver. Chuck chegou exatamente quando Cooper saía da quarto abotoando os botões que restavam da camisa.

Apesar da gravidade da situação, Julia ficou constrangida pensando que Chuck tiraria conclusões óbvias. Mas, para alívio de Julia, Chuck não deu o menor indício do que estava pensando. Pela sua expressão, parecia pensar que ela e Cooper poderiam ter estar tomando um chá com torradas.

Chuck ouviu pacientemente o relato de Julia sobre o assassinato naquele dia de setembro e sobre o que tinha acontecido depois. Então, eles dois tinham escutado Cooper atentamente enquanto ele apresentava um plano para mantê-la a salvo. Ela estremeceu ao ouvir o esquema de um plano que teria sido proibido pela Anistia Internacional por ser uma cruel e incomum punição.

O plano de Cooper consistia, basicamente, em mantê-la trancada em uma casa, com um guarda armado na porta, até que o caso fosse levado diante do tribunal. Julia sentiu que sua garganta apertava com esta ideia.

— Isso não é um plano... é uma condenação! — Julia se abraçou, tremendo de frio e tensão. — Cooper, você vai ter que pensar em um plano alternativo. Não pode me manter trancada a chave como se fosse uma prisioneira. Eu enlouqueceria.

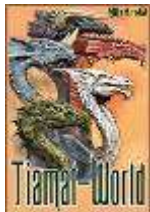
Cooper a olhou com calma.

— Você não seria prisioneira de ninguém. Apenas estaria a salvo... tão segura quanto posso mantê-la.

— Isso não é estar a salvo, Cooper. É estar morta. — Julia estremeceu e pensou naquele último mês e meio, com seus cafés da quinta-feira e do sábado com a Alice, planejando a ressurreição do local, envolvendo-se nas vidas das pessoas de Simpson... todas essas coisas a tinham mantido sã. Conhecía-se muito bem. Sabia o quanto se sentiria aterrorizada se a trancassem em uma casa; se sentiria como uma borboleta frenética que golpeia suas asas contra as janelas até morrer. — Você não pode fazer isto comigo, Cooper. — Fechou as mãos. — Você simplesmente não pode. Eu acho que... — disse suspirando, — acho que preferiria morrer.

Cooper a olhou fixamente, julgando se ela falava a sério.

— Então o que você sugere? — Perguntou frustrado beliscando a ponta de seu nariz. —



Quer andar por aí com um alvo desenhado em sua testa? Quer que coloquemos um anúncio no The Rupert Pioneer? Ou talvez um mapa e uma seta dizendo: “Atenção assassinos! Julia Devaux está aqui!”.

Julia mordeu o lábio e desejou que conseguisse conter as lágrimas de terror que se amontoavam em seus olhos.

— Quero estar a salvo, Cooper. Claro que não quero correr riscos desnecessários; mas tampouco quero que me enterrem viva. Então, o que exatamente Herbert Davis te disse? Sabem com certeza se Santana descobriu onde estou?

— Não — disse Cooper relutantemente. — Mas acredita que é possível.

— E baseando-se em que ele acha possível? — Perguntou Chuck.

Cooper virou-se esperançoso para Chuck, confiando que ele fosse mais racional.

— A informação relativa à Julia estava guardada em um arquivo codificado, junto com outros dois casos. As outras duas testemunhas estavam também em Idaho, como Julia. — Cooper fechou os punhos. — E os dois estão mortos.

As espantosas palavras ficaram suspensas no ar. Chuck pareceu pensativo e Julia sentiu que o pânico voltava a embargá-la.

— Mortos... como? — Ela perguntou finalmente.

— Acidente. Os dois. — Cooper esticou os músculos da mandíbula. — Isso é o que eles dizem.

— Quem diz?

— A polícia e os federais.

— Tanto a polícia como o FBI acredita que as mortes foram acidentais? — perguntou Chuck. Cooper concordou.

— Não sei Coop — disse Chuck coçando o queixo. — A polícia e os federais... Não são bobos, você sabe. Devem ter investigado bastante a fundo. A ninguém gosta que os peguem com as calças na mão... perdão pela expressão, Sally.

Cooper esticou de novo a mandíbula.

— E certamente... — Julia lambeu os lábios secos. Estava tendo muito trabalho para raciocinar. — Tenho certeza que se alguém soubesse onde estou... teria vindo me buscar em primeiro lugar, vocês não acham? Afinal, estão oferecendo um milhão de dólares por minha cabeça.

— Dois milhões — disse Cooper sombriamente. — O preço pela sua cabeça foi levantado.

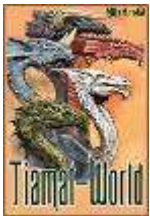
Julia fechou os olhos e estremeceu. Santana estava disposto a pagar dois milhões de dólares para vê-la morta. Ela nunca havia sido tão odiada.

— Não há provas de que tenham descoberto meu paradeiro, não é?

— Não. Mas tampouco há garantias de que não o tenham feito.

Julia aproximou-se devagar da janela e olhou para fora. A temperatura tinha caído e o solo estava gelado. O mundo parecia frio e sem vida. Julia tentou imaginar-se olhando através dessa janela, hora após hora, dia após dia, assustada, sozinha e presa.

Cooper se aproximou dela por trás e seus olhares se encontraram no reflexo da janela.



— Não posso aceitar isso Cooper... — disse brandamente. — Você não pode me trancar. Por favor, não faça isso comigo.

Então você fará tudo o que eu mandar.

— Não irá a nenhum lugar sem me avisar antes — disse pondo as mãos nos ombros de Julia e ela o olhou com os olhos cheios de esperança.

— Não. — Ela procurou os olhos dele. Não vou. Prometo-te isso.

— Irá do colégio para sua casa. E Chuck, Bernie, Sandy, MAC ou eu a acompanharemos.

— Sim, Cooper.

— Levará uma arma sempre. Exceto quando estiver dando aula e Chuck ficará na porta do colégio.

— Arma? — Julia olhou-o perplexa. — Nunca usei uma arma em minha vida.

— Você aprenderá a usar. Vou te ensinar, não é tão difícil.

— Está bem. — Julia inclinou a cabeça. — E quero que me ensine o básico de defesa pessoal.

— Boa ideia. Aikido.

— Ai... o que?

— Aikido — repetiu Cooper. — Uma arte marcial. Não requer a força do judô ou do caratê.

— Sim, Cooper.

— Se você quiser ir ver alguma de suas amigas, Alice, Maisie ou Beth; basta dizer que ou eu te acompanho ou te acompanham Chuck, Bernie, Sandy ou MAC. Também tenho que falar com Loren e Glenn — Acrescentou Cooper olhando para Chuck. — E ao resto dos homens do povoado. Eles não têm que saber a razão; basta ficarem sabendo que você não pode estar sozinha nem um minuto.

Chuck concordou.

Julia não estava muito convencida de terem tomado a decisão correta, mas, neste momento só havia uma resposta possível:

— Sim, Cooper.

— Não atenda ao telefone. Nunca. Eu atenderei.

— Sim, Coop... — Julia começou a dizer e parou: — Mas como fará para atender o meu telefone?

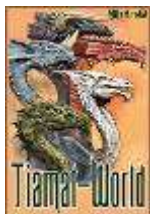
— Estarei aqui todo o tempo que puder; vou mudar para cá e viver com você.

— Mas, Cooper... Se vier morar comigo... quero dizer, o que as pessoas vão pensar? Não é realmente... — deu de ombros sem saber o que dizer e olhou para Chuck.

— Tudo bem querida — disse Chuck dando um tapinha no ombro dela. — A última coisa que você tem que se preocupar é o que as pessoas de Simpson vão pensar. Todos aqui gostam de você. E... Merda. Se existe uma coisa que fará a todos felizes é saber que finalmente Cooper está ligado a alguém.

* * *

“Estou sendo protegida de morte,” pensou Julia alguns dias depois. Empurrou, abriu a porta



do banheiro da escola e colocou uma das mãos no peito do zelador para que ele não a seguisse.

— Aqui não, Jim — disse exasperada.

— Mas... mas senhorita Anderson — ele protestou arregalando seus olhos azul claro. — Chuck me disse que não a perdesse de vista em nenhum momento.

— Estou segura de que Chuck não se referia que você tivesse que me seguir até no banheiro de senhoras. Te garanto Jim, não vai acontecer nada aqui dentro.

Sem dar a ele oportunidade de responder, entrou no banheiro dos professores e fechou a porta atrás dela. Apoiou as duas mãos no lavabo e se olhou no espelho.

Em pensar que ela havia pensado que sua vida havia se descontrolado desde que presenciou o assassinato... Isso não era nada comparado com que Sam Cooper fazia para protegê-la! Observou o pequeno banheiro. Era a primeira vez em três dias conseguiu ficar sozinha em algum lugar. Cooper tinha passado o resto da noite de domingo e as primeiras horas da manhã de segunda-feira falando por telefone com o Herbert Davis e combinando o que fazer com Chuck. Os três tinham desenvolvido um plano elaborado, que ela não tinha conseguido seguir, cheio de “linhas claras de comunicação”, “áreas de fogo” e “sinais de inteligência”. Julia ficou adormecida no sofá, escutando a profunda voz de Cooper.

Agora ela vivia em uma casa blindada, em que tudo o que se pudesse abrir tinha alarmes. A porta principal e a dos fundos foram trocadas por portas de aço reforçado. Cooper tinha enviado dois de seus homens a Boise e na segunda-feira à noite, instalaram detectores de movimento e armadilhas. Seu telefone gravava mensagens e reconhecia as chamadas e em cada cômodo havia um extintor de incêndios.

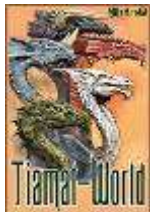
Desde que se levantava pelas manhãs até a hora que voltava para sua casa à noite, Julia ia sendo entregue de homem para homem, sempre vigiada por alguém.

Depois do almoço, Coop esperava Chuck chegar antes de ir para o rancho. Chuck a levava até a porta da escola e deixava-a com Jerry Johnson que a acompanhava até a sala de aula. Depois da aula, Chuck a estava esperando na porta do colégio para levá-la para casa. Dois dias depois, Chuck a acompanhou até a mercearia Jensen onde ela e Beth se ocuparam conversando sobre desenhos e cores. Julia tinha combinado ajudar Beth a redecorar a loja. Em seguida, Chuck ou o funcionário de Cooper chamado Sandy, a levaria para casa e esperaria até que Cooper chegasse para fazer uma solene cerimônia de “entregar sua mulher a salvo”.

Julia se sentia como um bastão em uma corrida de revezamento.

Ela não tinha a mais remota ideia de qual história Cooper e Chuck teriam contado aos outros homens do povoado, mas deu resultado. Quando ia ver Beth para planejar a redecoração de sua loja, Loren permanecia atento a qualquer movimento que pudesse haver do lado de fora. Julia podia encher folhas e folhas de desenhos enquanto Beth ia comentando o que gostaria enquanto Loren não afastava os olhos da porta nem uma só vez.

Uma vez, um caixeiro viajante perdido e confuso entrou na loja para perguntar sobre uma direção a tomar, Loren tirou um walkie-talkie debaixo do mostrador e disse algo com voz baixa. Chuck e Bernie se materializaram ali imediatamente; o primeiro estava com a mão sobre a pistola e o segundo, sobre um rifle. O caixeiro viajante parecia sisudo em comparação a outros suspeitos,



comprou um saco de maçãs, perguntou o caminho para Rupert e saiu de lá rapidamente. Julia podia vê-lo esfregar a testa fora da loja e correr para o carro. Chuck, Loren e Bernie ficaram junto à porta e observaram até que o carro desapareceu de vista.

Não era a melhor forma para aumentar o turismo no povoado.

Julia estava ansiosa para que chegasse essa noite, pois Cooper tinha conseguido um aparelho de DVD e havia trazido filmes suficientes para mantê-la ocupada durante os próximos cinquenta anos. Para sua surpresa, Cooper também era um apaixonado por filmes antigos, como ela. Seus gostos eram bastante parecidos, embora Julia preferisse as comédias românticas e Cooper se inclinava mais para o Hitchcock e filmes de oeste. Essa noite ele havia prometido levar para ela *Casablanca*.

Julia estremeceu ao pensar no que viria depois.

Normalmente, a não ser quando estava no colégio, Julia levava uma pistola pequena mas poderosa. Uma Beretta Tomcat de calibre 32.

Cooper havia dito que não queria que ela usasse uma “pistola de menina”. A Tomcat era pequena, mas Julia ficou surpresa com o coice que dava na pessoa ao disparar e do dano que fez nas poucas árvores contra as quais ela havia praticado. Ela estava com um calo entre o polegar e o indicador e chegava em casa cheirando à pólvora depois das sessões.

Cooper era um professor excelente, paciente e cuidadoso. A princípio, tinha repetido uma e outra vez a teoria até sua cabeça girar com “destrave, puxe, mire e atire”. Então ele havia praticado várias posições com ela. Ainda doía a parte de atrás de suas pernas pela má postura que tinha adotado no princípio. Cooper a fez andar para frente, como se estivesse um pouco agachada e apoiou sua mão sobre a dela, firmando-lhe a mão para que desse o primeiro tiro de sua vida. Ela errou o alvo, mas foi por muito pouco.

Cooper fez questão de elogiar o seu empenho apesar de Julia não ter certeza se teria sangue-frio necessário para disparar contra um ser humano, mas surpreendeu-se ao descobrir a segurança que sentia ao levar uma arma sempre com ela.

Um golpe seco a tirou de seus pensamentos.

— Senhorita Anderson? — Chamou Jim com ansiedade. — Está tudo bem?

— Sim, Jim — disse com um suspiro. — Já estou saindo.

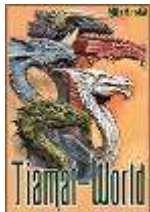
* * *

Aqui está!

O profissional se inclinou com entusiasmo quando o computador apitou.

Já era hora. Aquele lugar o estava colocando de cabelos em pé. A cama era horrível, o tempo estava sempre péssimo e a comida era horrorosa. A espera foi longa demais, mas finalmente chegava ao fim.

dnjsterhjkqarngdea,mftgnñtrhklagfna,dm ghñtkhrñ
fikropeqhgjtjenras,nwkehtjmikofljeqgklanrriakeñake



ejrkhowrejfhpeqigtkrfqnrebtoqlakngfdla'ljtrkoeqjfikr
Decodificação 60%... 70%... 80%... 90%...

Venha baby, apareça. Ainda podemos passar o Dia de Ação de Graças em St. Luzia.
Decodificação completa.
Bingo!
A tela se encheu de letras.

Arquivo: 248

Testemunha do Programa de Amparo às Testemunhas: Julia Devaux

Data e Local de Nascimento: 06 de março de 1977, Londres, Inglaterra.

Último domicílio: 4677 Larchmont Street, Boston, MA.

Caso: Homicídio, Joel Capruzzo, 30 de setembro de 2004.

Última direção conhecida: Hotel Sitwell, Boston, MA.

Causa da Morte: Hemorragia maciça causada por um tiro de arma do calibre 38 no lóbulo anterior esquerdo do cérebro.

Acusado: Dominic Santana.

Domicílio atual: Centro de Correccional de Warwick. Warwick, Massachussets.

“Venha, venha... tudo isso eu já sei”. O profissional se inclinou para frente com os olhos fixos na tela. “Venha, me conte algo que eu ainda não saiba”.

Data de ingresso no Programa de Amparo às testemunhas: 03 de outubro de 2005

Área 248, Código 7gj608hx4y

“Área 248. Bem, já sabemos onde está isso. Agora, o resto”. A informação já estava no arquivo, só precisava saber tirá-la. E não era mais que questão de tempo e paciência.

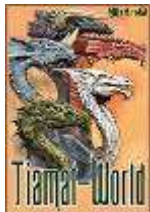
Área 248, Código 7gj608hx4y:

O cursor piscou nesse ponto durante quinze minutos. O computador começou a apitar exatamente quando o profissional terminava de contar todas as fissuras que havia no teto.

Decodificação 60%... 70%... 80%... 90%...

Decodificação completa.

Ahh! A emoção da caça. Não havia nada como aquilo.
As letras começaram a aparecer.



Julia Devaux, transladada como: Sally Anderson.

Domicílio atual: 150 East Valley Road, Simpson, Idaho.

“Ora, ora, ora”, pensou o profissional recostando-se na cadeira. “Sally Anderson”.

Era isso. Logo o profissional estaria voando para longe de Seattle, com dois milhões de dólares no bolso.

* * *

Na tarde da segunda-feira seguinte, Julia estava na porta da mercearia dos Jensen, escutando atentamente as gargalhadas femininas que chegavam do *Alice's Restaurant*.

Alice finalmente tinha conseguido que a Associação de Mulheres de Rupert fizesse sua reunião ali e aparentemente, todo mundo estava gostando muito do ambiente maravilhoso do novo restaurante da moda em Simpson.

Todo mundo menos Julia.

Cooper tinha deixado ordens estritas de que ela o esperasse na mercearia dos Jensen até que ele pudesse passar lá e pegá-la. Até Beth tinha ido ao restaurante e provavelmente estava desfrutando do mousse de chocolate e rum de Maisie. Julia pensou ressentida.

Para ser honesta, Beth tinha perguntado a Julia se ela não se importaria se ela fosse; e ela havia segurado o queixo de Beth e dito que deixasse de bobagem e fosse. Julia só não achava justo ela própria perder toda esta diversão.

Além disso, embora Cooper chegasse a tempo, tampouco passaria lá com ela.

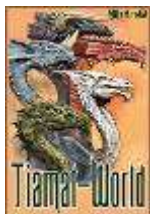
Não, não passaria.

Cooper tinha deixado muito claro que esta reunião da Associação de Mulheres de Rupert estava categoricamente proibida para ela. Na noite anterior haviam discutido e ela havia rogado que ele a deixasse ir mas não conseguiu nada. Tentou seduzi-lo e isso sim funcionou. E muito bem. Embora não para fazê-lo mudar de opinião, mas sim para que ele desse a ela seis ou sete orgasmos alucinantes.

Falar com Cooper era como falar com as paredes; não havia quem o fizesse mudar de ideia. Ele era inabalável. Era uma loucura pensar que algum membro da Associação de Mulheres de Rupert pudesse tirar de repente uma metralhadora de sua bolsa florida.

Julia tinha visto todas as senhoras chegarem, uma por uma. Percebeu que as mulheres de Rupert não sabiam que o que estava de moda no momento eram as bolsas pequenas. Para falar a verdade, algumas delas levavam umas bolsas tão grandes nas quais poderiam mesmo caber uma bazuca.

Mesmo assim, era ridículo que Cooper suspeitasse de qualquer membro da Associação de Mulheres de Rupert. Todas elas se conheciam há séculos. Tentou arrancar dele a verdadeira razão para não deixá-la assistir a reunião, mas também encontrou uma grande parede de tijolo maciço. Tudo o que ele havia deixado claro era que não confiava em ninguém que não tivesse conhecido durante toda a vida, incluindo sua infância. Mesmo que a pessoa em questão fosse uma mulher,



tivesse setenta anos e sofresse de artrite.

Bem, aquilo não era vida. Que sentido tinha estar viva se não podia provar sequer o melhor mousse de chocolate com rum do mundo inteiro? Isso sem falar do bolo de maçã ou seu bolo de chocolate bavarian. Maisie tinha se superado desta vez e Julia sabia disso por que tinha se oferecido para as provas dos bolos. Mas agora ela queria saboreá-los de verdade.

Chegou outra gargalhada do outro lado da rua e Julia olhou com pena para o lugar. A rua estava deserta como sempre. Não havia assassinos loucos com pistolas, nem silhuetas sinistras, nem mesmo um cão vadio. Estava completamente sozinha, pois todos de Simpson estavam no restaurante.

Todos menos Loren, que estava no depósito arrumando as mercadorias. Tinta, verniz, pregos, barricas de madeira antigas. No sábado ia ser o grande dia para a mercearia dos Jensen, pois iriam redecorá-la conforme os planos que Julia e Beth combinaram.

Julia pôde ouvir Loren murmurando algo para si e sorriu. Ele não estava muito familiarizado com a tinta e os artigos da loja de decoração e Julia viu como ele ficou atarefado com os planos de redecação; mas Beth estava tão entusiasmada com a ideia que ele havia aceitado fazê-la. Agora provavelmente estava levando as mãos à cabeça pela quantidade de coisas que elas haviam comprado.

Com certeza estaria ocupado durante a meia hora seguinte, olhando todas aquelas estranhas mercadorias das quais ele não entendia nada. Julia voltou a olhar rua, que continuava vazia. Ainda eram quatro e meia; Cooper havia dito que não chegaria antes das cinco.

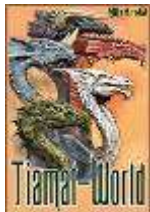
Quatro e trinta e três. Julia voltou a olhar a rua deserta.

Por que não? O que poderia acontecer a ela? Ela só iria rápido ao *Alice's* tomar uma rápida xícara de chá, provar algumas das obras-primas de Maisie, rir um pouco e voltar correndo antes que Cooper ou Loren sequer percebessem que ela não estava ali. Não demoraria mais de quinze minutos.

Sentindo-se ousada, voltou a dar uma última olhada para trás antes de cruzar a rua correndo. Abriu a porta do *Alice's* e sorriu assim que chegou a ela o aroma de uma comida deliciosa e o som familiar de uma reunião de mulheres.

— Sally! — Alice correu para ela sorrindo de orelha a orelha. Ela obviamente desistiu de comprar a roupa dos Powers Rangers e estava vestida com um vestido preto simples. Parecia jovem, fresca e feliz. — Que bom te ver, embora pensei que Coop havia dito... — virou-se para ver que uma mão agarrava seu braço: — Pois não, senhora — disse Alice a uma senhora grandona com um espantoso vestido amarelo, — fica no fundo à esquerda. O de arco rosa é o de senhoras. O de arco azul dos homens. Espere, vou acompanhá-la até lá. — Alice sorriu, olhou para Julia se desculpando e pediu licença para acompanhar à senhora. Pareciam um ponto de exclamação e uma abóbora.

“Ela está se saindo bem” pensou Julia com carinho enquanto observava Alice. Olhou ao seu redor. Agora que o *Alice's* estava cheio, parecia um pouco menos extravagante. De fato, olhando a mesa cheia de comida de Maisie que dava água na boca, a linda toalha azul clara; e as maravilhosas xícaras de chá; todo o conjunto fazia o lugar parecer até... elegante.



Ninguém estava reclamando. Devia haver umas trinta mulheres lá e aparentemente, todas estavam desfrutando do encontro. E devorando a comida como se estivessem famintas.

Julia observou a sólida barreira de pessoas que havia junto à mesa de comida e estudou o terreno. Teria que ir pela direita da mesa para chegar à comida. Não tinha muito tempo e queria provar de tudo. Julia começou a andar com passo decisivo, preparada para a batalha.

— Ei. — Uma jovem loira apareceu em seu caminho com um prato cheio de tudo o que havia na mesa. — Tudo bem? Deus, que bom ver uma cara conhecida. Provou isto de chocolate? Está delicioso.

Julia estudou a jovem. Ela parecia familiar...

— Mary — disse de repente, recordando. — Mary...

— Ferguson.

— Isso. — Julia não perdia a mesa de vista. Ainda restavam três fatias do mousse de chocolate. — Nos conhecemos na livraria em Rupert, não é?

— Sim. — A jovem colocou um churros na boca. — Uauu. O que é isto?

— Churros — disse Julia. Viu uma mão entre a multidão que pegou uma das fatias do mousse de chocolate. Menos uma; agora só restavam duas. — Basicamente são feitos de massa doce frita. Agora, se me desculpar...

A jovem apoiou uma das mãos na de Julia.

— Tinha razão, sabe?

— Razão? — Outra parte do mousse desapareceu e Julia suspirou em pensamento. — De que?

— Foi uma estupidez minha vir para este povoado.

— Foi uma... ahh... já me lembro. Quer dizer que ainda não encontrou nenhum cliente?

— Não, encontrei alguns clientes, mas...

A Julia estava com água na boca e estava custando muito se concentrar na conversa. Observou com inveja como Mary acabava com o último churros.

— Mas?

— Não sei — suspirou Mary. — Tive um caso de divórcio e outro de lesão corporal. — Deu de ombros. — Mas o divórcio é muito amargo e o casal está usando as crianças como reféns. E o caso de lesão corporal... — Inclinou-se para frente e sussurrou: — O homem está mentindo. Pretende tirar um dinheiro da companhia de seguros.

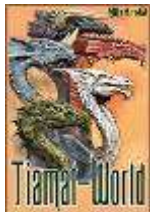
— Não acredito. — Julia tentou parecer impressionada.

— Pois é — disse Mary com gesto solene. — Não pensei que isto fosse ser... assim. Pensei que seria mais como L.A. Law ou Murder One³⁸. Entende? Brigar para que se faça justiça e conseguir que um cliente inocente saia livre.

— A que tipo de advocacia seu pai se dedica?

— Bens imóveis. Antes eu achava que era chato, mas agora... — Mary afundou o garfo no bolo de chocolate bavarian e o colocou na boca. Julia teve vontade de chorar. — Agora já não sei.

³⁸ L.A. Law e Murder One: Seriados de TV.



No direito imobiliário não há pais ausentes nem certificados médicos falsos.

— Talvez você devesse repensar sua posição... talvez a área de seu pai não seja tão ruim afinal.

— Sim, talvez. Ia ficar na cidade até o Natal mas sabe de uma coisa? Resolvi voltar depois do Dia de Ação de Graças. É só daqui a alguns dias e Alice me disse que terá uma festa aqui no *Alice's*. Depois farei as malas e voltarei para minha casa em Boise. Espero que papai seja paciente comigo e não diga “eu te avisei!”

— Mmm — respondeu Julia com educação, tentando aproximar-se furtivamente da mesa de comida. A única parte de mousse de chocolate que restava não ficaria lá por toda a vida. — Até o Dia de Ação de Graças, então.

Uma mulher se aproximou da fatia do mousse e Julia se apressou para chegar antes dela. De repente, uma mão de ferro a agarrou pelo ombro e a puxou para trás.

— Que diabos você pensa que está fazendo aqui? — O tom de voz era forte e zangado.

“Oh, oh”, pensou Julia.

Capítulo 18

— Que diabos foi isso? — Perguntou Cooper pela milésima vez. Ele a tinha arrastado do restaurante sem sequer deixá-la se despedir de ninguém e a levado para casa sem deixar de olhar para todos os lados.

Na última meia hora não tinha parado de caminhar pelo tapete fazendo círculos.

— Pensei ter dito a você...

— Que não saísse da loja — Julia concluiu a frase. — Sim, você disse isso.

— Sabia que não devia ir ao restaurante de Alice, não sabia?

— Sim, Cooper. — Julia fechou os olhos.

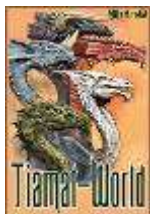
— Sabia que era muito perigoso. Discutimos isso mais de cem vezes.

— Sim, Cooper. Sinto muito — disse finalmente. Suspirou profundamente e passou a mão pelo cabelo. — Você só está tentando me proteger e eu me comportei como uma criança rebelde. Sinto muito, Cooper. Por favor, me desculpe.

Cooper foi finalmente capaz de olhar através da névoa de raiva incandescente que estava em seus olhos quando a viu no *Alice's* conversando com uma jovem loira e olhando a sobremesa por tabela. Ele a arrastou para fora de lá tão rápido que ela nem teve tempo de se despedir de ninguém. Saiu de lá ainda segurando a colher de sobremesa. Enquanto ele explodia de raiva.

Mas a raiva era melhor do que o medo. E o medo havia chegado primeiro, quando ele entrou na mercearia dos Jensen e não encontrou ninguém lá. Um medo atroz, como nunca havia sentido, inundou o seu sistema quando Loren saiu do fundo da loja secando as mãos no avental e disse:

— Sinto muito, Coop. Acabei me empolgando vendo as coisas lá trás. Onde...? — E então Loren tinha olhado ao redor, pálido de horror.



Julia não estava lá e Cooper sentiu que iria desfalecer.

Viu Loren girar a cabeça, procurando-a embora soubesse que já era tarde demais.

— Oh, Deus, Coop — tinha sussurrado Loren. — Ela não está aqui. Meu Deus, o que foi que...

— Mas Loren ficou falando sozinho, porque Cooper já tinha saído correndo pela rua direito para o único lugar que ela podia estar.

Na Reunião de Mulheres de Rupert.

Ela não se importou com as várias vezes que discutiram sobre o perigo dela ir lá. Que estava sob ordens estritas de não ir a nenhum lugar sem a companhia dele ou de algum homem escolhido por ele para escoltá-la. Ela sabia que sua cabeça está a prêmio, mas não estava ligando muito para a perseguição. Não a tinham treinado para isso, como ele foi treinado. Ele caçou homens e sabia qual era o sabor potente de uma caçada. Ele obrigou Herbert Davis enviar para ele todas as informações sobre Santana por e-mail e sua preocupação e medo por ela aumentaram consideravelmente. Soube que Santana não era um valentão qualquer e sim um gângster de considerável poder. Cooper sabia o suficiente para ser consciente de que uma recompensa de dois milhões de dólares significaria que todos os valentões do país estariam procurando qualquer pista que lhes levasse ao esconderijo de Julia.

— Sinto muito, Cooper — repetiu Julia baixinho olhando-o nos olhos. — Não deveria ter ido.

A raiva e o medo de Cooper estavam começando a diminuir, embora ainda não se atrevesse a tocá-la, então colocou as mãos nos bolsos da calça e deu um passo para trás.

— Não, você não deveria ter feito isso.

— Eu sei. Não deveria ter te desobedecido.

— Não.

— Você se preocupou por minha causa.

Preocupado era pouco. Aterrorizado foi como ele ficou.

— Sim.

— De qualquer maneira... — Julia lutava por não levantar a voz — de qualquer maneira, custa-me imaginar que alguma das Mulheres de Rupert poderia estar ligada a Santana.

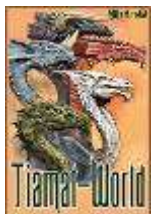
— Você não sabe nada sobre isso — Cooper respondeu. Não percebeu como o tom de sua voz foi áspero até que a viu estremecer. — O perigo pode vir de qualquer lugar, em qualquer momento, e se você não estiver preparada... sua vida pode acabar em menos de um minuto. Ele a viu arregalar os olhos. Olhos de uma mulher encantadora, uma criatura delicada que estava sendo caçada. E jurou violentamente: Não vou deixar que Santana te pegue, pode estar certa disso.

— Ele já me pegou. — Sua voz era suave e levou um minuto para dar-se conta do que havia acabado de dizer.

— Que diabos você quer dizer com isso? — Cooper sabia que seu tom de voz era ameaçador. Ela parecia não estar se importando por sua vida. Diferentemente dele... então apertou os punhos.

Julia levantou a cabeça. Seus olhos turquesa estavam sombreados de tristeza.

— Santana já me pegou Cooper. Já tirou minha vida. Provavelmente já não tenho mais trabalho e faz quase dois meses que não vejo minha casa. Quem sabe quando voltarei a vê-la?



Todas as minhas plantas devem estar mortas. E meu gato. — Tentou soltar uma gargalhada e esfregou os olhos com aborrecimento prometendo a si mesma que não choraria. — Federico Fellini. Coloquei o nome em Fred em sua homenagem. — Ao ouvir sem nome, Fred levantou seu focinho do chão e sacudiu sua cauda — Embora Deus saiba que Fred não tem nada a ver com Frederico. — Como se entendesse o que ela falava, Fred colocou o focinho entre as patas e deu um gemido — Sem ressentimentos Fred. Por favor. Sua voz era desoladora e vazia. Tudo o que eu tinha. Tudo o que eu era... me foi tirado. Já não tenho mais uma vida. Ele tomou minha vida.

Era verdade. Ela já não tinha a alegria dentro dela, parecia que alguém tinha apagado sua luz interior. Santana tinha tirado sua vida, seu centro, sua essência.

Cooper podia contar as novas rugas em seu rosto, as manchas escuras sob os olhos e a linha de tensão em sua boca. Ele não conhecia muitas pessoas que pudessem suportar a perda de sua casa, de seu trabalho e sua vida; e que se encontrassem de repente em um povoado desconhecido e mesmo assim conseguissem fazer amigos como Julia fez. Ele nunca poderia fazer isso. Se tivesse acontecido o mesmo com ele, não teria tido o vontade suficiente para se misturar com as pessoas do povoado, fazer amigos e transformar a vida das pessoas que a rodeavam. Não teria tido coragem para começar um namoro e dar à sua parceira tudo o que ele podia do mesmo jeito que ela fazia.

— Cooper? — Olhou-o com ansiedade. — Você ainda está zangado comigo?

— Não. — Soltou a respiração lentamente e estendeu a mão para aproximá-la dele, agradecido dela estar com ele. Viva e em seus braços. — Não estou zangado, apenas com medo.

— Eu também — sussurrou agarrando suas costas.

Cooper se afastou um pouco.

— Então por que... — Começou a dizer, mas parou. Sabia por que. Ela teve todo o trabalho para decorar o local de Carly e transformá-lo no da Alice. É claro que ela queria participar da diversão.

— Eu... me preocupo com você. — disse finalmente, estas palavras arrancadas de algum lugar profundo de dentro dele.

— Eu sei Cooper. — Seus olhos maravilhosos e expressivos estavam tristes e cansados, quando deveriam estar brilhantes pelo sucesso do restaurante. Não era justo o que tiraram dela. — E te preocupei por causa do meu egoísmo. Sinto muito. Você me perdoa?

Essas palavras teriam movido até a uma pedra. E, apesar de Melissa tê-lo acusado várias vezes de ser insensível, ele não era feito de pedra.

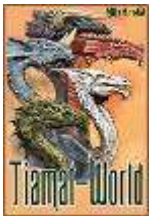
— Sim — disse com voz rouca. — Eu te perdoo. De qualquer maneira, a culpa foi minha; não deveria ter chegado tão tarde.

— Não, Cooper, não se culpe. — Julia tocou sua bochecha — Eu sou a única culpada, mas não pude evitar. Não posso viver como você gostaria... teria que ser surda ou muda e... não me preocupar com ninguém. Mas eu queria muito ver como Alice estava se virando no restaurante.

Cooper deu um longo suspiro e sua boca se transformou em um meio sorriso.

— Sei. E também queria provar o bolo de chocolate da Maisie — disse sorrindo.

— Mousse — ela sorriu. — E sim, isso também. Embora não tenha conseguido provar nada.



De qualquer maneira, acho que Maisie trará um amanhã para comermos enquanto redecoramos a mercearia de Beth, vou perguntar para ela. E... Cooper?

— Sim? — Ele olhou para ela e ela colocou a mão hesitante em seu braço.

— Acabamos de ter nossa primeira briga.

Ele suspirou.

— Sim.

— E sobrevivemos.

— Sim.

— Embora, é claro, você tenha sido terrivelmente teimoso.

Cooper apertou os lábios.

— E você imperdoavelmente imprudente.

— Mas você já me perdoou. — Ela sorriu para ele de orelha a orelha. — Não é?

— Sim. — Cooper estendeu a mão e a puxou para seus braços, beijando-a.

— Suponho que isso significa que você se importa de verdade comigo — sussurrou Julia por um momento.

Cooper deu um sorriso triste.

— Suponho que sim.

* * *

— Puft! — Cooper rolou sobre seu ombro duas tardes depois. Julia sentiu-se agradecida pelos colchonetes que ele havia posto em sua sala de estar para praticar Aikido. Logo, Julia estava sobre ele. Sentada em seu peito.

— Eu fiz isso! — gritou Julia, golpeando o ar encantada. — Eu fiz isso! Te derrubei! — Levantou-se e executou uma dança de guerra, golpeando com ferocidade os inimigos imaginários.

— Sim, você fez. — Cooper sorriu enquanto se levantava. Adorava vê-la assim de feliz e triunfante ao invés de pálida como giz.

Não foi fácil se jogar no chão sem que ela notasse, mas tinha valido a pena ver o impulso que isso deu à sua autoconfiança. Ela já havia aprendido alguns golpes básicos e ele começava a se convencer que ela poderia deter um atacante não treinado. Um atacante fraco e inexperiente. Mas ele queria que ela soubesse o que se sentia quando se derrubava alguém, que ganhasse confiança. Por isso se jogou no chão.

Julia estava cantarolando o *Tema de Rocky Balboa* golpeando o ar como se fora uma campeã de peso-pesado.

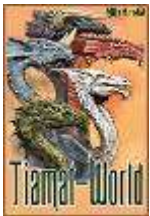
— Você não é tão duro como pensa, grandalhão — disse e começou a rir.

Cooper sorriu.

— Acho que não; embora isso seja humilhante.

— Quero um prêmio por ter sido a vencedora. — disse rodeando-o imitando uma luta de box. — Se não quiser que te dê uma surra.

— Você me deixa morto de medo. — Ele era incapaz de resistir a ela quando estava de tão



bom humor. — Tudo bem. Fale. Diga-me o que você quer.

Julia parou e olhou para ele.

— Você está falando sério?

Ele sorriu com o pensamento de dar algo a ela.

— Sim, claro. Diga o que você quer. Quer um cavalo? — perguntou animado. — Tenho um belo alazão muito doce. Você vai se apaixonar por ele.

Julia balançou a cabeça.

— Ok, cavalos não. Joias?

Ela voltou a sacudir a cabeça.

— Um casaco de pele?

Balançou a cabeça outra vez.

— Não, não é isso também. Então, o que você quer? — Ele faria todo o possível para conseguir para ela.

— Quero ir à festa de Ação de Graças no *Alice's*.

O sorriso se apagou dos lábios dele imediatamente.

— Não — disse. — Absolutamente não.

Ela também deixou de sorrir.

— Você disse que eu poderia pedir o que quisesse, tudo o que quero é estar ali quando Alice e Maisie descobrirem o sucesso que será.

— Não. — Cooper apertou a mandíbula. — Tudo menos isso Você pode me pedir diamantes e pérolas. Te dou até o meu melhor garanhão, se você quiser. Mas não quero te ver no *Alice's* entre a multidão no dia de Ação de Graças. E ponto final.

O ar se encheu de tensão. Julia deixou de fazer palhaçadas e ficou quieta.

— Trabalhei durante dias para redecorar a lanchonete. Alice é minha amiga. — Engoliu com força e sua voz estava tensa. — Se não posso ter amigos; se não posso vê-los triunfar e nem fazer planos com eles, então não faz diferença existir ou não, Cooper. Eu poderia simplesmente estar morta. Estou te pedindo isso como um favor. Quero compartilhar pelo menos uma parte desse dia com Alice. Só um pouquinho. — Procurou o olhar dele. — Por favor, Cooper.

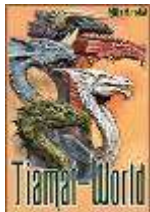
— Merda! — Cooper queria golpear algo. Uma parede. Dominic Santana ou Herbert Davis. Ele sabia muito bem o que ela estava pedindo e o perigo que isso poderia representar. Era uma loucura. Mas ele também sabia o quanto ela merecia, o que significaria para ela, Alice e Maisie, que ela estivesse ali no dia de Ação de Graças. Não era certo proibi-la de compartilhar este momento.

Maldição. Ela não voltou a suplicar. Deixou que ele julgasse com justiça e decidisse o que fazer. Era imprudente que ela corresse este tipo de risco, mas, ela merecia ir.

“Eu não quero fazer isso... — pensou. — Não quero dizer isso...” Mas acabou dizendo:

— Ok. — A palavra saiu relutantemente de sua boca e ele sentiu uma pressão em seu peito.

— Oh, Cooper! — A espantosa sensação de ter cometido o maior engano de sua vida quase valeu a pena ao ver como seu rosto iluminava. — Oh, Cooper, obrigada! — Julia o abraçou. — Oh, eu estava tão ansiosa para ir. Sei quanto Maisie trabalhou para fazer o menu e vai ser... — Parou e



olhou-o cautelosamente. — Ei, você disse que não me queria em qualquer lugar que fosse perto de estranhos.

— Sim. Eu sei o que disse.

— Quero dizer, você estava apavorado com a ideia da reunião da Associação de Mulheres de Rupert.

Ele apertou a mandíbula.

— Sim.

— Portanto, esta é uma concessão enorme de sua parte — disse ela.

— Sim.

— E esta é nossa segunda briga.

— Sim.

— E você cedeu.

— Ehh...

— Será apenas uma tarde, Cooper — disse Julia persuasivamente. — Apenas algumas horas. E talvez você também pudesse ir.

— Claro que estarei lá. — Cooper olhou para ela. Como ela poderia pensar o contrário? Ele estaria lá sim... e armado. Igual a Bernie, Sandy, MAC e Chuck. Ela teria toda a segurança que ele pudesse dar.

— Bem, estou feliz que você mudou de opinião. — Sorriu e ele estendeu a mão puxando-a firmemente de volta para seus braços. Ela ergueu a boca para ele e um longo momento depois ela murmurou: — Fico muito feliz em saber que você não é sempre tão teimoso.

— Obrigado. — Ele tentou sorrir para ela. — Acho que tem razão.

* * *

Como muitos naquele ofício, o profissional tinha o dom da invisibilidade.

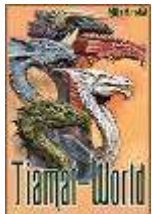
Com altura e peso médio, o profissional podia entrar e sair de qualquer lugar, perguntar um pouco e, depois, ninguém seria capaz de descrevê-lo com exatidão. Parte de um bom golpe se devia à informação e não podia obter informação se chamasse a atenção.

Fora impossível encontrar um bom mapa de Simpson, mas não havia sido difícil encontrar o endereço: 150 East Valley Road. Devia haver umas seis ruas em total no povoado e o profissional nem sequer teve que perguntar onde estava. Bastou dar uma volta pela área para saber qual era a casa de Julia Devaux.

Era uma pequena casinha, com pintura simples e um pequeno jardim na entrada. Uma das colunas da varanda tinha uma rachadura de meio centímetro de largura e juntando tudo, não tinha nada a ver com o apartamento em que estava acostumada a viver em Boston: 4677 Larchmont Street era um prédio cheio de apartamentos de yuppies que custavam 250 mil dólares cada um.

“Julia Devaux vivendo uma vida simples...”, pensou o profissional.

Mas, aparentemente, ela não havia perdido tempo em Simpson. Estava se relacionando com



um fazendeiro, um tal de Sam Cooper, que para seu grande desgosto, não parecia deixá-la sozinha um só minuto durante o dia. Desde que saía de sua casa pela manhã, até a hora que voltava a entrar em casa a tarde, era acompanhada de Sam Cooper, que dormia ali com ela. Julia Devaux estava sempre acompanhada por alguém. Se Sam Cooper não podia estar com ela, mandava algum de seus homens ficar. O profissional ouviu no povoado que eles se chamavam Bernie, Sandy e MAC.

O profissional teve uma mínima oportunidade durante aquela estúpida reunião de mulheres, mas o maldito fazendeiro tinha aparecido no pior momento.

Normalmente isso não seria problema, pois o profissional sabia utilizar armas de precisão e podia dar um tiro em Julia Devaux do alto de algum prédio enquanto atravessava a rua. Mas havia dois problemas. E eram grandes.

O primeiro deles era que os homens de Simpson pareciam ser bastante desconfiados, começando por Sam Cooper, que não parava de olhar para todos lados quando andava. E o xerife também parecia estar sempre muito alerta, sem afastar nunca a mão da pistola. O profissional não estava seguro de poder escapar depois de disparar e ele gostava de estar seguro quando se tratava de sua liberdade.

Mas, acima de tudo, Santana precisava saber exatamente quem tinha tirado a vida de Julia Devaux; caso contrário, o profissional poderia dar adeus à sua recompensa. Julia Devaux morta não significava nada para o profissional, a não ser que pudesse mostrar à Santana quem fizera o trabalho e dessa forma, ficar com os dois milhões de dólares.

Ele já estava com tudo muito bem preparado. Tudo no seu lugar. A pequena pistola, a câmara com a data e hora cronometrados... mas as coisas pareciam não estar correndo conforme o estabelecido e isso era mau. Muito mau. O profissional tinha organizado tudo para chegar à casa da praia no domingo dia trinta e essas dificuldades inesperadas estavam levando seu plano por água abaixo.

Maldito Sam Cooper.

Aborrecido e zangado, o profissional procurou o arquivo de Cooper na internet, esperando encontrar detalhes estúpidos de sua vida. Da vida de um fazendeiro qualquer. A tela se encheu de informações relacionadas a Sam Cooper. A primeira coisa que viu foi o símbolo que indicava que ele havia pertencido ao serviço militar e o profissional se sentou ereto.

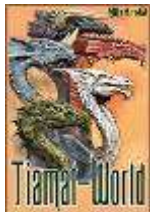
Um ex soldado. Sim. Isso agora era uma má notícia.

O profissional invadiu o computador do Departamento de Defesa.

Mais más notícias.

Sam Cooper não era somente um simples fazendeiro e sim um ex-SEAL. Faixa marrom, hábil em várias artes marciais. O profissional olhava o arquivo com sinais de advertência em sua mente. O homem não era só um ex-combatente, mas também, um magnífico estrategista militar. Vários homens que trabalharam sob o comando dele o seguiram para trabalhar em sua fazenda, entre eles dois franco-atiradores condecorados chamados Harry Sanderson e Mackenzie Boyce. Não era difícil somar dois mais dois para descobrir que eles eram Sandy e MAC.

Muito, muito más notícias.



Entre os homens de Cooper não havia nenhum Bernie, mas o profissional tinha certeza que ele saberia muito bem usar uma arma também.

Então, não era nenhuma coincidência Julia Devaux nunca estar sozinha.

O profissional sentiu de repente uma onda de raiva. Tinha tudo para que este trabalho fosse fodidamente fácil. Limpo e preciso. Completamente indolor. E agora, todos os seus planos foram pela privada.

Teria que terminar o trabalho no Dia de Ação de Graças. Seria neste dia onde as pessoas estariam distraídas comemorando. Desfrutando de boa comida e bebida. Um trabalho bem planejado. Nenhum passo em falso. Nada complicado.

O profissional odiava a violência.

* * *

— Cooper, fale comigo — sussurrou Julia no pescoço de Cooper. Ela abraçou-o com mais força e colocou as pernas em torno de sua cintura. Eles passaram as últimas horas fazendo amor.

Algo havia mudado na forma de Cooper fazer o amor. Antes ele era como um vento selvagem, que a penetrava assim que a via e ambos chegavam ao orgasmo; agora ele insistia tanto nas preliminares, tanto que às vezes ela precisava suplicar para que ele a penetrasse.

Nada podia machucá-la enquanto Cooper estivesse com dela. Quando estava com ele era como se o tempo não passasse.

Ele estava esgotado, apoiado por cima dela com o colchão afundando com o seu peso. Julia estava pegajosa de suor e esperma.

Ela virou a cabeça para beijar seu pescoço.

— Fale comigo Cooper — disse novamente.

Cooper abriu de repente os olhos. E fechou como se tivesse adormecendo.

— Não estou sendo muito justa, não é, Cooper? — Julia disse suavemente, acariciando sua cabeça.

Ela estava ultimamente com as emoções à flor de pele. Suas emoções oscilavam de um extremo a outro sem aviso prévio. Um medo tão grande que às vezes a paralisava; um prazer que a deixava louca; ansiedade; alegria; tristeza.

Ela suspirou.

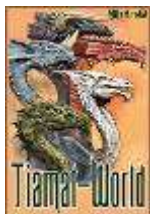
— Às vezes não posso parar de pensar, sabe? Minha cabeça vive dando voltas e voltas e simplesmente não sei como...

— Eu te amo. — Cooper soltou a bomba com a voz calma.

Julia gaguejou e seu coração parou.

— Eu não... — Sua mente procurava uma resposta enquanto seu corpo, inteiramente de acordo, reagia às grandes mãos de Cooper que a agarravam pelo quadril enquanto seu pau renascia e se alongava dentro dela — ...não tenho um resposta para isso.

— Tudo bem. — Sua voz profunda continuava tranquila. — Imagino que não. Você está cheia de problemas com tudo isso o que está acontecendo. Eu não tinha o direito de dizer algo como



isso, especialmente agora, só que eu queria que você soubesse se por acaso... — Cooper hesitou. — se por acaso acontecer algo — disse finalmente.

— Cooper, eu... — Ele colocou o dedo indicador em seus lábios.

— Não, você não precisa me responder nada. Seu mundo está muito bagunçado para que você saiba quais são os seus sentimentos por mim. Saber dos meus já é o suficiente.

Emocionada, Julia beijou-lhe o queixo.

— Quando você se tornou tão sábio?

Cooper levantou a cabeça e sorriu pesarosamente. Levemente, começou a empurrar os quadris.

— Eu posso não ser o homem mais sensível do mundo, mas não sou feito de pedra.

— Não, você não é. Exceto por uma parte de você. — Esfregou os lábios contra o pescoço dele e se agarrou em seu ombro. Adorava a sensação dele dentro dela, a sensação de sua força e firmeza.

Ela o rodeou com as pernas, conduzindo-os enquanto ele impulsionava para dentro e para fora. Seus movimentos foram lentos e preguiçosos no início. Julia fechou os olhos, concentrando-se na espiral elétrica de prazer que sentia entre as pernas. Cooper foi incrementando gradualmente a velocidade até que a sentiu tremer em seu limite.

Fez alguns movimentos mais fortes e curtos e ela gozou. O grito selvagem, as contrações do orgasmo de Julia fizeram com que seu pau se inchasse mais e com longos jatos ele gozou também. Ela já estava incrivelmente molhada dos orgasmos anteriores. Todas as noites que dormia com ele, tinha que trocar o lençol da cama.

Mas não se importava.

Ela o segurou enquanto estremecia com seu orgasmo até que ele finalmente se acalmou diminuindo um pouco do seu peso sobre ela. Ela adorava tudo relacionado à forma de fazer amor de Cooper, mas esse momento era especial. Quando ficavam quietos depois de um prazer intenso, calados e unidos. Unidos em todos os sentidos que um homem e uma mulher podem estar. Corpo, coração e alma.

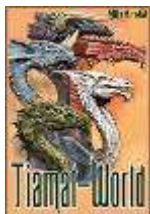
Cooper. Seu Cooper. Por muito forte que fora, não era um homem de aço. Não era Superman. Ela já o tinha visto cansado, preocupado e ansioso. Tinha algumas novas rugas em seu rosto e pareciam permanentes. Ela sabia que era a causa da maioria delas, mas ele nunca se lamentou ou se ressentiu de sua intromissão na vida dele.

Tentou ver a hora em seu relógio de pulso na escuridão, mas não conseguiu. Deviam ser quase onze horas. Os habitantes do campo seguiam um horário muito saudável. Julia não dormia tão cedo desde que era uma criança.

Era uma noite sem estrelas, o céu estava coberto de nuvens pesadas como o serviço de meteorologia havia previsto. Não havia nenhum som fora de casa. Ela e Cooper poderiam ser as únicas pessoas no mundo.

Tudo aquilo era tão diferente de Boston. Se estivesse lá, veria as pessoas saindo para bares e teatros em *Larchmont Street* às onze horas. A vida nunca parava no coração de Boston.

Lá fora a esta hora em Simpson, não havia nada mais do que terra selvagem.



Era um lugar tão estranho para se encontrar o amor.

Amor. Cooper havia dito que a amava. Ela o amava também. Ou, pelo menos, achava que o que sentia era amor. Embora tivesse certeza de que o amor requeria um futuro juntos e que futuro eles tinham neste momento? Ela era incapaz de pensar no futuro. Cada vez que ela tentou obter o controle de sua vida ou planejar algo, uma cortina escura cobriu tudo. Ela não conseguia ver um futuro para ela no momento, só terror. Ainda bem que tinha Cooper ao seu lado.

De repente, precisou que Cooper soubesse o quanto ele era importante para ela. Ergueu a cabeça para falar, mas ele colocou um dedo em seus lábios.

— Durma doçura — ele sussurrou. — Amanhã é Dia de Ação de Graças³⁹.

Capítulo 19

— Ei, Davis, Feliz Natal. — A voz do jovem assistente ecoou no escritório vazio do Departamento de Justiça.

— É Dia de Ação de Graças, animal — respondeu grunhindo Herbert Davis enquanto dava uma mordida em seu sanduíche de peru. Eram nove da noite e ele estava fazendo hora extra. Outra vez. Em um feriado.

— Dá no mesmo — respondeu alegremente, inclinando-se para deixar um pacote sobre a mesa. — É tempo de alegria.

Davis pegou o pacote com um selo de URGENTE e abriu, despedindo-se do assistente com um gesto com mão. Era uma fita cassete.

David suspirou e tirou a folha que veio junto com a fita; estava cansado e sem forças. Talvez Aaron o tenha contagiado com sua gripe; Aaron estava em casa a dois dias doente e o trabalho de Davis começou a se acumular.

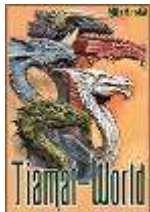
Leu a mensagem do FBI sem se concentrar em tudo o ela que dizia. Tinham grampeado o telefone particular de S.T. Akers por um caso de drogas que não tinha nada que ver com o caso do Santana, mas o agente encarregado tinha enviado a fita para ele achando que poderia ser do seu interesse.

Davis colocou a fita em seu gravador com curiosidade. Estava a muito tempo fazendo hora extra e pela primeira vez, a ideia de passar o Dia de Ação de Graças com seus sogros o atraía mais do que estar ali.

Ele balançou a cabeça, estava cansado e voltou a desejar que Aaron não estivesse muito doente. Apertou o botão de play.

O som estava um pouco ruim e demorou alguns minutos para perceber de quem era a voz e

³⁹ Dia de Ação de Graças: É um feriado comemorado nos EUA e Canadá. É conhecido com o Dia da Gratidão pelas colheitas anuais e pelas boas oportunidades e conquistas durante o ano. Nos EUA, os americanos comemoram na quarta semana de novembro. No Canadá este dia é comemorado na segunda-feira da segunda semana de outubro, pois, como no Canadá é mais frio, não se colhe mais nada lá depois de outubro, por isso a diferença nas datas.



o que dizia. Assim que percebeu quem era, seus cabelos da nuca arrepiaram-se. Parou a fita e a rebobinou. Tamborilou por alguns segundos sobre a mesa, sem atrever-se a voltar a ligar o botão de play; sabia que depois disso, não voltaria a trabalhar com a mesma satisfação novamente. Suspirou e apertou o play.

Ouviu-se o ruído de um telefone tocando e em seguida uma voz impaciente.

— Sim? Akers falando.

— Senhor Akers?

— Sim, sim, sou eu. Quem está falando?

— Um amigo seu, senhor Akers. Ou, melhor, um amigo de Dominic Santana.

— Estou ouvindo.

— Sei onde está Julia Devaux...

— Espere um minuto Você sabe que não posso receber esse tipo de informação. Seria uma total violação à lei.

— Bem, e como...

— Mas imaginemos uma situação hipotética. Vamos imaginar que desligo meu telefone agora e conecto a secretária eletrônica. Quando você deixar sua mensagem, eu estarei fora da sala e dessa forma não saberia que você deixou um recado. E imaginemos... hipoteticamente, claro, que quando eu fosse visitar meu cliente no cárcere, eu levasse o meu telefone. Continuamos imaginando que eu quisesse mostrar a ele algum recado que recebi. Não saberei o que diz a mensagem até ele ter ouvido e então será tarde demais. Você me entende?

— Claro.

— Então, assim que eu desligar sairei do meu escritório e estarei fora por quinze minutos. Será tempo suficiente?

— Sim, é apenas um endereço. Mas quero dinheiro. Quero a metade da recompensa. Quero um milhão de dólares...

— Bem, eu não sei do que você está falando. Mas se tiver qualquer pedido, diga-o no recado que deixará na caixa postal.

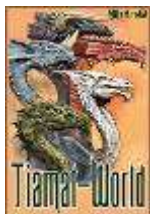
Ouviu-se o clique do telefone ao desligar e Davis parou a fita. Não precisava escutar mais nada. Sentou-se com a cabeça entre as mãos e deixou que a tristeza lhe embargasse. Precisava fazer um milhão de coisas e seu tempo era curto, mas ele se permitiu um minuto em sinal de luto.

O homem que vendeu a informação sobre o paradeiro da Julia Devaux ia ser açoitado pela lei. Perderia seu emprego, sua casa, seus amigos e sua liberdade. Atentar contra a segurança em benefício próprio era um crime com pena de até 25 anos de prisão. E o homem já tinha perdido a sua família.

Herbert Davis acabava de ouvir um homem cometendo suicídio. E ele não era apenas um homem qualquer... ele era o seu melhor amigo há vinte anos.

O homem que havia traído Julia Devaux era Aaron Barclay.

* * *



— Feliz Dia de Ação de Graças, Coop, Sally! — disse Alice alegremente. Era final de tarde e os primeiros flocos de neve começavam a cair. Cooper colocou uma das mãos nas costas de Julia e atravessou a entrada do *Alice's*, morto de medo.

Ele não estava gostando de nem um pouco daquela reunião ali.

— Venha — disse Alice animada puxando a mão de Julia. — Tem que ver como decoramos os pratos, você vai adorar. E Maisie fez um pão com molho de xerez gostoso de morrer.

“Deus, espero que não”, pensou Cooper com amargura, soltando a mão de Julia. Não queria que ela se afastasse muito, embora fosse para seguir Alice que ia tagarelando em direção à cozinha. Ele fez um gesto para Bernie, que se levantou e seguiu as duas mulheres através das portas giratórias. Sandy permaneceu onde estava, junto à janela, olhando fixamente o restaurante e a rua. Ambos eram bons homens.

Cooper olhou em volta. Pela primeira vez naquele dia, abençoou o péssimo tempo. Poucas pessoas desconhecidas conseguiriam chegar ao restaurante para o jantar de Ação de Graças. Um Glenn mais do que orgulhoso, estava sentado com Matt em uma mesa perto da cozinha. Em outra mesa, estavam três famílias de Simpson, os Rogers, os Lees e os Munros e dois casais de Rupert que ele conhecia, embora não lembrasse seus nomes. Além disso, um casal idoso que ele não conhecia se deleitava com uma seleção das melhores sobremesas de Maisie; mas ambos deveriam ter uns setenta anos por isso Cooper resistiu à tentação de se aproximar e pedir a identificação deles.

Então, viu um homem que nunca havia visto antes. Parecia um mascate de Rupert. Cooper ficou olhando para ele fixamente até que, alguns minutos depois, o homem afastou o olhar e encontrou-se com o olhar hostil de Sandy. O homem tamborilou os dedos alguns minutos sobre a mesa, deixou o garfo no prato e se levantou, procurando dinheiro nos bolsos para ir embora. Pouco depois, o casal de anciões também se foi.

Cooper viu a jovem loira com quem Julia estava conversando na Reunião de Mulheres de Rupert quando foi procurá-la e a arrancou do restaurante. Perguntou-se se deveria se aproximar da jovem e pedir desculpas pelo seu comportamento, mas finalmente decidiu que não era necessário. Ao inferno com as boas maneiras.

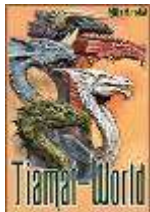
Cooper se virou com os olhos entrecerrados para o alvoroço que havia na porta. Já havia colocado sua mão na pistola quando percebeu que só era a voz de Roy Munro felicitando Maisie e a Alice. Respirou fundo para tranquilizar-se.

Ele deliberadamente havia calculado chegar ao restaurante exatamente quando os últimos clientes estivessem partindo. Tinha quase certeza que não haveria clientes estranhos para jantar; levando em consideração as advertências do departamento meteorológico. Só um louco se aventuraria a dirigir para uma terra tão isolada como aquela, em uma noite com tormenta.

Cooper sentou-se à mesa que Alice tinha reservado para eles, esperou com resignação que Julia saísse da cozinha e puxou o colarinho de sua camisa.

Pela milésima vez naquele dia, Cooper se arrependeu por sua decisão impulsiva de permitir que Julia celebrasse o Dia de Ação de Graças ali e rogou para que a comemoração acabasse logo.

Era a última vez que a deixaria ir a um lugar público antes do julgamento. Logo, Cooper



lembrou-se que o Natal estava chegando e soltou um gemido com este pensamento. Não haveria forma de evitar que Julia comemorasse o Natal com seus amigos; ela era do tipo de mulher que considerava um sacrilégio não celebrar o Natal. Mas ele não daria a mínima para ela. Seus últimos natais tinham sido apenas um dia de trabalho normal como os outros.

Os cavalos não celebravam os domingos, feriados, Natais, ou o Dia de Ação de Graças. Eles precisavam ser alimentados, tomar banho e fazer exercícios como todos os dias, sem exceção.

E este fato estava começando a causar problemas para ele. Estava difícil conciliar os problemas de Julia com seu trabalho na fazenda. Cooper não sabia quanto tempo mais poderia aguentar esta situação; se pelo menos ele pudesse convencê-la a morar com ele... torceu de repente a boca em um sorriso; era o primeiro que dava esta semana.

Oh, sim. Isso resolveria todos seus problemas. Se conseguisse convencer Julia morar na fazenda com ele tudo seria muito mais fácil. Permitiu-se sonhar acordado por um momento. Ela faria com que sua casa na fazenda fosse com certeza menos sombria. Talvez pudesse convencê-la a redecorar um pouco a casa como Alice e Beth fizeram. Para que o local ficasse mais agradável. E assim, talvez pudesse convencê-la a ficar lá um tempo. E talvez, se jogasse bem suas cartas, poderia convencê-la para que ficasse lá para sempre...

— Você não imagina como eu gosto de te ver sorrir — disse Julia, sentando-se ao lado dele segurando sua bolsa na cintura. — Estava começando a pensar que sua testa ficaria franzida para sempre.

Alice colocou dois enormes pratos diante deles.

— Um pouco de tudo — disse para Cooper — Coma. — Cooper foi incapaz de reconhecer a maioria das comidas que havia em seu prato. Para ele, as comidas servidas no Dia de Ação de Graças eram somente peru, batata doce, torta de abóbora e mais nada.

Mas Julia parecia saber o que era cada uma daquelas comidas.

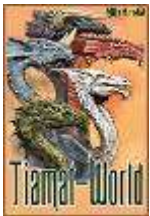
— Humm — suspirou, fechando os olhos e saboreando tudo. — Suflê de batata doce; pudim de milho; peru com coulis⁴⁰ de framboesa... Maisie se superou desta vez.

Alice riu feliz.

— Sim, ela é maravilhosa, não é? Prove este coulis de framboesa. O editor do The Rupert Pioneer esteve aqui e gostou tanto que vai escrever um artigo sobre nossas comidas. — Alice olhou ao seu redor. — Fico chateada que nem todos conseguiram vir aqui hoje, embora tivéssemos alguns problemas se o restaurante estivesse lotado, pois encomendamos muitos perus, mas em compensação poucas verduras; além disso, estamos ficando sem café e material para bolos. Mas... — disse, encolhendo de ombros, — no Natal teremos comprado e arrumado tudo perfeito. De qualquer forma, a comemoração de hoje não ficou ruim apesar de sermos principiantes.

Cooper começou a comer, embora não tivesse muito apetite. Começou mastigando devagar e em seguida se animou e começou a saborear a comida. Teve que reconhecer que a comida

⁴⁰ Coulis: É um molho francês que pode ser doce ou picante, dependendo da comida que irá acompanhar, podendo ser feito de frutas ou legumes. Um dos mais clássicos tipos coulis de frutas é o de framboesa.



estava maravilhosa. Desfrutou ainda de duas garfadas antes que seu prazer se interrompesse por completo.

O telefone celular tocou e ao ver quem era, ficou gelado. Era o número de Herbert Davis. Notícias ruins pela frente.

* * *

Julia observou Cooper comer secretamente divertida. Era óbvio que ele estava adorando a comida e que nunca havia provado pratos tão elaborados. Ela se considerava uma excelente cozinheira, o que na verdade era, mas não se comparava à Maisie. Provou mais um pouco da comida e tentou não fechar os olhos de prazer.

Fez muito bem em insistir com Cooper para vir com ela. Ele precisava disso. Sabia que Cooper preferia estar sozinho com ela e ela o entendia, mas ele precisava de um descanso. Precisava baixar um pouco a guarda; relaxar um pouco. Embora ele não falasse nada, sabia que ele estava deixando seu trabalho de lado. Estava se virando do avesso para manter a fazenda e cuidar dela.

Talvez ela devesse se oferecer para ficar na fazenda com ele.

Essa ideia a teria horrorizado há alguns dias atrás, mas agora, até que era atraente. Ela poderia provar seu talento de decoradora na casa da *Família Adams* de Cooper, divertir-se rodando por sua imensa cozinha e observar como exercitavam aqueles cavalos maravilhosos. Além disso, ela poderia estar mais tempo com Cooper. Poderiam desfrutar as noites aninhados em frente à lareira. Havia provavelmente várias lareiras em sua casa e poderiam experimentar fazer amor em frente a cada uma delas.

Julia colocou outra garfada na boca, fantasiando com as lareiras e com Cooper, e quando olhou para ele, ficou gelada.

— O que está acontecendo? — Perguntou.

Cooper deixou o garfo e tirou o celular do bolso. Ao fazer isso, sua jaqueta levantou e Julia viu sua arma que estava oculta. Abriu o telefone e franziu a testa ao ver quem era.

— Cooper.

Escutou apertando o celular com força. Julia viu que seu rosto mudava de expressão à medida que escutava seu interlocutor.

— Cooper — disse baixinho. Ele virou a cabeça para ela, mas olhou à direita através dela. Ouvia o som da voz de alguém ao outro lado da linha, mas não conseguia decifrar o que dizia. Cooper trocou o telefone de mão e tirou a pistola com sua mão direita.

— Cooper? — perguntou assustada.

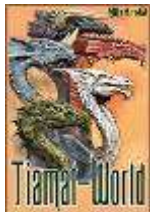
Desligou o telefone e esticou o rosto.

— Sandy — disse em voz baixa, mas sua resposta veio imediatamente.

— Sim.

— MAC.

— Aqui.



— Bernie.

— Sim.

— Chamem o Chuck.

— Certo chefe. — Sandy desapareceu na escuridão. Bernie e MAC olharam Cooper e se aproximaram.

— Bernie. — Cooper não olhou para cima. — Tira a Springfield e o 38 da caminhonete. Verifique se tem munição suficiente.

— Cooper. — Julia pegou na manga da jaqueta de Cooper. Sua mão estava trêmula. — Fale-me o que está acontecendo, pelo amor de Deus. O que aconteceu? Quem te ligou?

Cooper se virou para ela.

— Era Herbert Davis — disse ele com voz fria. — Santana descobriu onde você está há vinte e quatro horas atrás. Seus homens provavelmente já estão aqui.

* * *

Tudo pareceu acontecer de repente.

Chuck entrou correndo, sacudindo a neve de sua jaqueta, trazendo um autêntico arsenal. Bernie e MAC saíram alguns segundos e voltaram carregando outras várias armas. Os dois pareciam muito sérios.

Tudo estava acontecendo muito rápido. Julia estendeu a mão para tocar Cooper, mas este já tinha atravessado a metade da sala e falava com Glenn. Julia o observou por alguns momentos como se ele fosse um estranho. Os homens o tinham rodeado e ele estava falando com eles em voz baixa.

— Sally? — A voz assustada de Mary Ferguson fez com que ela se virasse. — Sally, o que está acontecendo? Por que tanto alvoroço? — Mary tinha ficado pálida e tremia.

— É uma história muito longa Mary e nada agradável. Sinto muito que você se encontre no momento participando dela. — Por cima do ombro da Mary, Julia viu Maisie sair da cozinha secando-as mãos no avental. Ela aproximou-se imediatamente de Glenn.

— Sally? — Alice tinha saído da cozinha detrás de Maisie. — O que está acontecendo?

Julia se voltou para a Alice. Estendeu a mão e bateu no ombro para tranquilizá-la, embora ela mesma não estivesse nada tranquila.

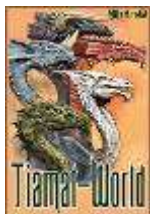
— Está tudo bem, querida.

— Não está nada bem — disse a voz rouca de Cooper atrás dela. — Alice, neste momento algumas pessoas estão vindo para cá. São assassinos de aluguel e vêm em busca de... — Hesitou um segundo.

— Julia. — Respirou fundo. Que sentido tinha continuar guardando segredo? — Alice, meu verdadeiro nome não é Sally Anderson e sim Julia Devaux. E esses homens estão vindo me matar.

— Já estão a caminho? — perguntou Alice com tranquilidade. — Bem, pois não vão te pegar. Pode ter certeza disso. — Alice olhou para Cooper: — O que quer que façamos Coop?

Cooper olhou ao seu redor, reparando todos os detalhes do restaurante. Estava tenso, mas



sua voz soava tranquila, como a de Alice.

“Acho que os habitantes de Simpson não têm os genes do pânico”, pensou Julia.

— Tudo bem — disse Cooper. — Quero que fechem todas as portas e que apaguem todas as luzes. Quero que todo mundo fique no centro, longe das janelas. E tirem tudo o que possa se quebrar, vidro ou de cerâmica; a última coisa que queremos é que alguém se corte. Deixarei Bernie, Sandy e MAC aqui...

— E a mim. — Glenn ficou em pé. — Sei usar uma arma, Coop, você sabe disso. Pode contar comigo. Estamos juntos nisto.

— Sim, estamos — disse Loren.

Cooper concordou com a cabeça.

— Tudo bem. Cada um pega uma arma à Chuck. Fiquem na porta de trás e Bernie ficará na da frente. Sandy e MAC cobrirão as janelas. Confio em que não haja problemas aqui, suponho que irão procurar Julia em sua casa, mas nunca se sabe.

Julia os observou enquanto Chuck dava as armas a Glenn e Loren. Bernie, Sandy e MAC ocuparam suas posições. Cooper colocou alguns objetos que ela não reconheceu em uma bolsa de couro e depois, estranhamente, colocou duas toalhas que pegou na cozinha. Não parecia ter dúvida de que Chuck sairia com Cooper. Ele tinha mais de cinquenta anos e excesso de peso, mas ela não questionaria sua decisão. Ela também não tinha dúvida de que Coop estava deixando deliberadamente seus melhores homens para protegê-la.

Julia olhou ao redor com um nó na garganta. As mulheres estavam ocupadas retirando os pratos e movendo as mesas; enquanto os homens verificavam suas armas. Ninguém falava nada com ela.

Era seu problema; todos poderiam simplesmente ir embora e deixar que ela cuidasse de si; Cooper ficaria com ela, afinal, ela era sua mulher. E Chuck era a lei. Mas Glenn, Loren, Bernie, Sandy, MAC, Beth, Alice, Maisie... Não era problema deles. O problema era unicamente dela.

As lágrimas amontoaram em seus olhos. O povo de Simpson estava arriscando sua vida por ela, sem reclamar de nada. Julia sentiu que a tocavam e virou-se para encontrar-se nos braços de Cooper. Ela se apertou a ele respirando seu aroma, pinho e couro. Ele a segurava com força. Ela estava com lágrimas nos olhos e o peito apertado de terror.

— Cooper — sussurrou. — Tome cuidado.

— Sim. — Cooper a afastou um pouco para olhá-la aos olhos. — Nós vamos ficar bem. E você?

Julia fez o que pôde por sorrir para lhe tranquilizar.

— Sim, estarei bem — disse, antes que sua voz sumisse.

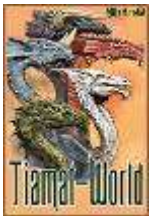
— Pegue sua arma.

— Ah. — Julia tinha esquecido completamente dela. Pegou sua arma na bolsa, perguntando se seria capaz de utilizá-la.

— Lembra o que te ensinei sobre o gatilho, não é?

— Sim, Cooper. — Julia piscou para conter as lágrimas.

— Olhe para o alvo, incline o corpo para frente, destrave, puxe e atire. Tem munição de



sobra?

Julia apertou o bolso e concordou.

Cooper lhe deu um beijo rápido e apaixonado e, quando a primeira lágrima rolou por sua bochecha, ele já estava saindo pela porta com Chuck.

— Pai? — A voz de Matt ecoou no restaurante. Chuck parou no vão da porta e olhou atrás.

— Fale filho.

— Eu também preciso de uma arma.

Julia viu várias emoções refletidas no rosto de Chuck: surpresa, medo, orgulho.

Ganhou o orgulho.

Chuck foi até a mesa ao lado onde Bernie tinha entrincheirado as armas e escolheu um rifle. Agarrou-o com força e o estendeu para seu filho.

Julia não pôde suportar. Uma coisa era Chuck, Cooper e seus homens tentando defendê-la, outra muito diferente era que Matt também o fizesse. Ele não era mais que um menino.

— Não, Chuck — rogou. — Esta é minha guerra. Eu não poderia suportar ver um menino baleado por causa de...

Chuck a calou com um olhar.

— Você é uma de nós agora, Julia. E Matt aprendeu a disparar aos seis anos; eu mesmo o ensinei. Suponho que até este momento eu não havia me dado conta, mas ele já não é mais um menino. — Com gesto solene, Chuck entregou a arma a Matt que a pegou com a mesma solenidade. — Proteja às mulheres, filho.

— Pode deixar pai.

Chuck concordou e seguiu Cooper para fora do restaurante.

Assim que saíram, um sorriso apareceu no rosto de Matt.

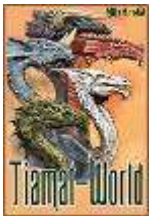
— Maldição! — Gritou feliz, tomando posição junto à janela principal. Com uma mão sustentava a arma junto à orelha, como nos filmes, enquanto com a outra golpeava o ar. — De zero à esquerda à herói!

* * *

A neve caía com força e a capa que cobria o chão já media alguns centímetros, amortecendo o som das pegadas. A neve podia ser um adversário mortal e Cooper sabia que tinha que usar a neve para pô-la ao seu lado e não contra ele. A temperatura estava alguns graus abaixo de zero e continuava caindo.

Cooper se agachou e foi se arrastando em silêncio de porta em porta ao longo da rua principal, seguido de perto por Chuck. A mente de Cooper trabalhava a toda velocidade. O tempo. O tempo era crucial. Davis tinha se mostrado claramente culpado de que um de seus homens tivesse traído Julia e trabalhou duramente para dar a Cooper toda a informação que pudesse.

S. T. Akers fora ver Santana fora do horário de visita, alegando uma urgência médica. Não era permitido nenhum telefonema para os prisioneiros da ilha antes das sete da manhã, quando os registros mostraram Santana fazendo uma chamada para um de seus empregados em Boston.



Davis tinha verificado todos os voos. Apesar de imaginar que Santana teria uma equipe pronta para sair de qualquer lugar a qualquer hora. De qualquer forma, os assassinos não poderiam chegar à Boise antes das duas da tarde. Todos os voos que estavam saindo de Logan se atrasaram por causa da tormenta; além disso, havia um trajeto de três horas do aeroporto de Boise até Simpson com boas condições meteorológicas, tendo em conta que conheceriam o caminho. Alguém que não conhecesse o território, e em meio de uma tormenta de neve, demoraria umas quatro horas para chegar ali.

Cooper verificou o relógio. Cinco e meia. Tinha ainda uma meia hora para organizar tudo.

Cooper amaldiçoou alto quando o celular tocou. Antes que tocasse pela segunda vez, ele já o tinha aberto.

— Cooper — disse em voz baixa sem deixar de inspecionar a rua principal.

— Sou eu, Davis. Tenho ótimas notícias.

Cooper fechou os olhos e rezou em silêncio.

— Então me diga que a caçada terminou e que os cães foram presos.

— Sinto muito. — Davis parecia arrependido. — Bem que eu gostaria que fosse assim. Como estão as coisas aí?

— Tenho Julia a salvo em um lugar seguro, o xerife e eu estamos indo para sua casa preparar um comitê de recepção.

— Bem, então boa sorte. Aproveite e diga aos bandidos que, de qualquer forma, eles não receberiam a recompensa.

Uma caminhonete virou devagar pela rua principal e Cooper ficou tenso até que a caminhonete passou por ele e ele reconheceu o motorista. Era um vizinho de sua fazenda.

— Que diabos significa isso? — Cooper rosnou ao telefone.

— Santana está morto.

— O que? — Cooper franziu a testa. Será que ele havia ouvido bem? Ele não podia se dar o luxo de ouvir mal. Não agora que a vida de Julia estava em jogo. — Repita isso.

— Santana sofreu um ataque ao coração por volta das três da tarde. — Nem mesmo os ruídos do fraco sinal de telefone pôde ocultar o som de satisfação na voz dele. — O declararam morto por volta das três e quinze. Acabei de saber.

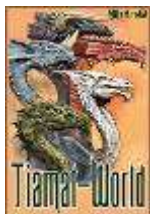
— Será que isso poderia ser uma armação?

— Não, a não ser que ele tenha feito um pacto especial com Deus. O corpo de Santana está sobre uma mesa de autópsia neste momento. O patologista disse que ele bebia muito e que seu fígado estava destroçado. Então... se você pegar esses assassinos, estará tudo acabado.

Guarde um pedaço do couro de Santana para mim, Cooper rosnou. Quero pregar em minha parede. Ele apertou o botão desligar e tentou colocar as notícias de Davis em um canto distante de sua mente. Ele precisava concentrar toda sua atenção na missão que tinha nas mãos.

— Quem era?

— Mais tarde. — Cooper apontou para a casa de Julia e fez sinal com a mão de: “vamos pela parte de trás.” Chuck balançou a cabeça concordando e se dirigiram em silêncio para trás. Cooper entrou com sua chave. Entraram na casa e fecharam a porta. Cooper tirou uma lanterna do bolso e



pegou algumas armadilhas que estavam na bolsa de couro. Aproveitou e pegou as toalhas que pegou na cozinha do *Alice's* e deu uma para Chuck.

— Não podemos deixar nenhum rastro. — Chuck concordou enquanto Cooper colocava as armadilhas nas maçanetas das portas. Em quarenta e cinco segundos já tinha arrumado as portas. Cooper grunhiu de satisfação e se dirigiu imediatamente ao quarto.

Estava colocando a roupa de Julia debaixo do cobertor, para que parecesse que estava dormindo caso alguém olhasse pela janela, quando Chuck colocou a mão em seu ombro. Cooper concordou. Ele também o tinha ouvido. Um carro descia pela rua.

Cooper olhou pela janela. O carro estava com os faróis apagados e parou a uns cinquenta metros da casa. Desceram dois homens do carro e fecharam as portas com cuidado. Era impossível distinguir o rosto, mas pela forma que se moviam, Cooper soube que eram profissionais.

Cooper empurrou Chuck para dentro do armário e trancou a porta com os dois lá dentro. Isso deveria protegê-los da explosão. Cooper verificou o relógio. Os assassinos chegaram quinze minutos antes do previsto. Eles foram rápidos e pareciam ser bons.

Mas ele era melhor.

* * *

Julia ouviu a explosão a três quarteirões de distância. Os vidros das janelas do *Alice's* balançaram um pouco e depois não se ouviu mais nada.

Julia olhou em volta e viu a expressão de terror no rosto dos outros; com exceção de Sandy, MAC e Bernie, que tinham os rostos sérios e suas armas no ombro engatilhadas.

— Não! — sussurrou Julia. Alice olhou para o chão; Maisie avançou um pouco para abraçar Julia, mas ela se afastou. — Não — disse mais forte.

Ninguém disse nada.

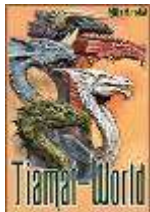
Com os dedos dormentes, Julia voltou a verificar pela centésima vez o tambor de sua arma. De repente, deu-se conta de que se algo ruim tivesse acontecido a Cooper, ela seria capaz de utilizá-la. Olhou-a com segurança e saiu pela porta com tanta rapidez que os homens de Cooper não conseguiram segurá-la.

— Ei! — ouviu Bernie gritar. — Cooper disse que...

Mas, ela já tinha chegado à rua. Não queria escutar Bernie dizer o que disse Cooper; queria que ele dissesse diretamente para ela. Queria que o próprio Cooper, em corpo e alma, a repreendesse e reclamasse de sua falta de obediência. Queria que Cooper gritasse com ela e que dissesse que ela havia se colocado em perigo. Que não ia tolerar que fizesse isso novamente. Queria que Cooper... queria... Cooper.

Vivo.

Julia correu para sua casa, enxugando as lágrimas e a neve com a mão, escorregando um pouco, porque não usava o calçado apropriado para a neve. A neve chegava quase até os tornozelos dela, embora pouco importasse que chegasse até seu pescoço, porque isso não a impediria de continuar correndo. Só queria chegar até Cooper.



Percorreu a última parte que restava até sua casa deslizando-se e ao chegar, subiu os degraus da varanda rapidamente e escancarou a porta. Ofegando e com os olhos arregalados, entrou na sala e levou alguns minutos para assimilar a cena que estava à sua frente.

Dois homens estavam algemados no chão, com as costas viradas para a parede e Chuck estava lendo seus direitos com uma voz monótona. Cooper saiu do banheiro chupando as juntas dos dedos e com a testa profundamente franzida.

O coração da Julia lhe deu um pulo e sua voz quebrou na garganta. Tremendo, pegou a arma que segurava e a deixou sobre a mesa da sala.

— Cooper... — As palavras não saíram de sua boca. Teve que experimentar de novo: — Cooper. — Foi um sussurro muito fraco, mas ele ouviu.

Virou-se, com a testa ainda franzida, que franziu ainda mais quando a viu.

— O que... — Começou a dizer, então para além dela. — Bernie, pensei ter dito para mantê-la segura.

Bernie abriu a boca para responder, mas estava sem fôlego. De qualquer maneira, pouco importou porque Julia se lançou nos braços de Cooper com um grito de alegria.

— Oh, Deus, Cooper, quando ouvi a explosão pensei... pensei...

— Eu sei. — Cooper a abraçou com força. — Ouça, pensei ter dito para que você ficasse onde estava.

Julia não conseguia falar, se limitou a concordar com a cabeça.

— Falei para você ficar no *Alice's* não é? Será que era pedir muito? Você deveria ter ficado lá até que eu voltasse para você.

Julia concordou, balançou a cabeça, voltou a concordar e começou a rir.

— Eu também estou feliz em ver você.

Era maravilhoso tê-lo perto, sentir sua força, sua solidez, até o aroma da lã molhada de sua jaqueta. Ficou tensa e olhou os dois homens que estavam contra a parede. Soltou-se de Cooper para se aproximar e para observá-los mais de perto.

— O que aconteceu com o rosto deles? — perguntou.

— Bateram de cara na porta — disse Cooper.

— Resistiram à prisão — disse Chuck.

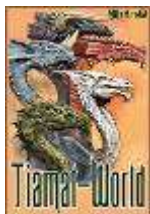
Julia estudou os machucados dos rostos dos inimigos. Um deles era loiro e usava um comprido e sujo rabo-de-cavalo; o outro era moreno e tinha um topete e três brincos em uma orelha. Fora as diferenças superficiais, tinham o mesmo olhar. O mesmo olhar que tinha visto em Santana. O tipo de rosto que ficaria gravado para sempre em sua memória: frio, cruel, brutal. Soube com uma certeza doentia que não teriam duvidado em matá-la.

E Santana ainda pensava fazê-lo.

Voltou-se para Cooper com cara de horror.

— Cooper. — Apoiou uma mão na parede para não cair. — Cooper, Santana já sabe onde estou. Pode mandar outros...

— Santana não vai mandar ninguém mais aqui — respondeu Cooper. — Ele está morto, doçura. Morreu faz algumas horas. De um ataque do coração. O pesadelo acabou.



Demorou alguns segundos para ela compreender o que ele dizia.

O pesadelo acabou. Repetiu as palavras mentalmente uma e outra vez. O pesadelo acabou. Mas as palavras dele não faziam sentido.

— Oh — disse estupidamente. — Oh, que... que bom.

Cooper a olhou com a testa franzida.

— Sente-se, doçura.

Quando ela apertou sua cabeça, ele caminhou com ela até a poltrona com uma pressão suave.

— Sente-se, antes que você caia.

Ela não queria sentar mas seus joelhos falharam. Sua mente estava custando a assimilar o que Cooper tinha acabado de dizer.

O pesadelo acabou.

Semanas e semanas de medo e agonia; de uma solidão tão profunda que às vezes pensava que morreria sozinha. Semanas de isolamento e exílio. De acordar tremendo e suando de medo pelo terror que a perseguia nos sonhos. De tentar viver cada minuto porque ela não tinha futuro.

O pesadelo acabou.

Um grande soluço explodiu em seu peito e logo outro. E outro.

— Oh, Deus — disse entre lágrimas e sem poder respirar direito. Não conseguia pensar direito.

Cooper segurou suas mãos trêmulas nas suas e ela olhou cegamente para seus dedos entrelaçados.

— Acabou. Não tenho mais que ficar aqui. Posso fazer o que eu quiser. Posso voltar para casa. Oh, Meu deus, posso voltar para casa. Não vejo a hora. Oh, Deus, não posso esperar. Quero ir para casa agora. — As lágrimas rodavam por suas bochechas como nunca antes e o coração pulsava disparado no peito. Julia mal percebeu que Cooper tinha soltado suas mãos.

Passou as mãos trêmulas pelo cabelo. Só podia conseguia pensar em uma coisa: Voltar para casa.

O pesadelo acabou.

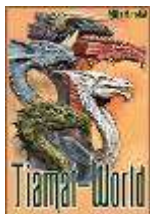
Olhou ao seu redor e se concentrou em Cooper, que se afastava. Chuck também estava se afastando. Bernie lhe dava as costas e estava quieto, junto à porta.

De repente, Julia lembrou o que havia dito e se preocupou sobre a forma que Cooper interpretaria. Talvez pensasse que ela estava se referindo a ir embora e não voltar nunca mais. Mas ela não quis dizer isso... O que de verdade quis dizer foi... foi... Ela não sabia.

Julia tentou colocar seus pensamentos em ordem, mas não funcionou. Isso só lhe provocou dor de cabeça.

Deu-se conta dos progressos que tinha feito em compreender Cooper, de como ela havia aprendido a ler seu rosto e saber o que pensava. Cooper estava de pé, em frente a ela e seu rosto era impenetrável.

Chuck já estava levando os dois prisioneiros e Bernie também estava partindo. Cooper estava com uma das mãos no vão da porta.



— Você não será incomodada novamente — Sua voz era tão fria quanto seu rosto. — Davis disse que vai te ligar para você prestar um depoimento, mas não será tão cedo. Vou reservar para você um voo que sairá amanhã. Um de meus homens a levará ao aeroporto.

— Não Cooper, eu... — Julia estendeu a mão. Não podia suportar ver esse olhar perdido no rosto de Cooper. Mas não estava conseguindo controlar suas emoções. Mordeu os lábios trêmulos e deixou a mão cair.

Queria dizer um montão de coisas para Cooper, mas aparentemente não ia conseguir, porque antes que tivesse tempo de se levantar, ele já havia partido.

Talvez fosse melhor assim.

Ela não tinha condição de explicar nada a ninguém hoje. E muito menos agora.

Julia se afundou em seu sofá; naquele sofá horroroso de molas quebradas.

E surpreendeu-se ao perceber que sentiria falta daquele estúpido sofá. O que tinha em Boston era forrado com um lindo tecido bege, mas este espantoso sofá tinha personalidade.

Ia sentir falta de um montão de coisas.

Voltaria para casa. Pela primeira vez, Julia se permitiu saborear a ideia. Casa.

Casa.

Mas o que tinha ali? Qual era sua casa agora? O que a esperava? Seu trabalho? Mesmo se conseguisse seu trabalho de volta, ela já estava insatisfeita com ele. Ela ainda pensava na ideia de ser uma “Book Doctor”⁴¹ freelancer.

Ela veria Dora e Jean novamente.

Apesar de se dar conta de repente que em todo o tempo que esteve em Simpson, nunca perguntou à Davis como eles estavam. No escritório, Jean, Dora e ela se davam muito bem, liam os mesmos livros e todos os sábados tomavam café juntos e conversavam. Mas isso era tudo.

Não era como o povo de Simpson, onde estava intimamente envolvida na vida de seus amigos. Ela queria saber se o novo restaurante de Alice seria mesmo um sucesso. Queria continuar saboreando as deliciosas receitas de Maisie. Queria ajudar Beth a redecorar sua mercearia. Matt havia mencionado escreveu um livro de ficção de cento e vinte páginas e ela queria ler.

Ela não podia deixá-los.

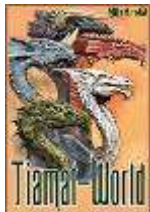
Julia ficou olhando o úmido focinho que estava ali junto a ela. Até Federico, seu gato siamês, já teria encontrado outra família na qual pudesse mandar. Ele não era como Fred, que precisava dela. Ela não poderia deixar Fred.

Ela não poderia deixar Cooper.

Nem em um milhão de anos.

Fora a emoção e o alívio do momento a tinham feito reagir daquela forma, mas agora, começava a ver tudo com maior clareza. Queria que Cooper voltasse... seu Cooper, que a fazia sentir-se segura e excitada ao mesmo tempo, que a repreendia e arrumava as coisas para ela. Ele era tão excitante na cama que às vezes ela pensava que o coração havia parado de bater.

⁴¹ Book Doctor: É aquele que faz uma avaliação profissional de livros, manuscritos e editoriais para escritores, novos autores e editoras, possibilitando assim que atinjam os padrões exigidos pelo mercado editorial.



A grande onda de emoções que passou por ela começou a retroceder. Deixando-a mais calma e decidida.

Fora uma tola, mas isso não era problema. Cooper a perdoaria. Precisava fazê-lo, ou então... ela bateria nele. Já tinham lutado uma vez de brincadeira e ele riu tanto que ajudou a colocá-lo no chão.

Bem, se ele tinha um estúpido orgulho, esse não era seu caso. Julia ficou de pé, agradecida dos joelhos estarem novamente estáveis.

Tirou o fone do gancho e ficou olhando para ele. Não havia tom de discagem. Sacudiu-o, como se assim conseguisse fazê-lo voltar ao normal. O telefone tocou e ela se surpreendeu olhando-o fixamente. Voltou a tocar e então ela percebeu que o que tocava era campainha da porta e não a do telefone.

Fora quem fora, teria que partir porque agora mesmo não queria falar com ninguém a não ser Cooper.

Julia abriu a porta e se encontrou com Mary Ferguson.

— Olá — disse Mary sorrindo timidamente. — Estou indo embora. Estou voltando para casa do meu pai. Acho que ele estava certo o tempo todo. Então, quis me despedir de você. Posso entrar um minuto?

Decididamente, Mary não era Cooper. Julia queria que ela fosse embora, mas suas boas maneiras venceram. Ela se despediria de Mary e logo correria atrás de Cooper.

— Claro. — Julia sorriu forçadamente e recuou para que ela entrasse. — Entre.

— Que emoção tivemos esta tarde não é? — disse Mary colocando a mala no chão. — Fiquei morta de medo.

— Sim. — Julia dirigiu-se à cozinha, colocou água para ferver e voltou com duas xícaras. — Mas graças à Deus, acabou.

— Bem, isso é o que você diz — disse Mary com pesar. — Acredito que ainda não terminou.

Julia mal pode ouvir o som das xícaras quebrando, pois Mary Ferguson já estava com uma arma apontada para ela.

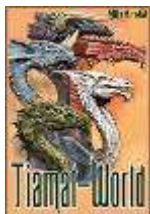
* * *

Cooper se arrependeu de ter ido embora logo e deixado Julia sozinha na cidade. A caminhonete sacudiu ao passar sobre um monte de neve e ele lutou para não perder o controle. O vento estava ajudando a encher seu para-brisa de neve e os limpadores não estavam dando conta do trabalho.

Até o vento queria que ele voltasse atrás.

O orgulho era algo curioso, pensou. Os homens Cooper estavam a quatro gerações afogando-se nele. Mas o orgulho não os fazia rir, nem esquentava a cama às noites. O orgulho era um companheiro muito frio.

Então ela havia dito que queria voltar para casa. Grande coisa. É claro que ela queria voltar para casa. Qualquer um na situação dela ia querer. Ela adaptou-se tão bem à vida em Simpson,



que ele quase havia esquecido que ela não havia nascido ali, que havia deixado uma vida para trás.

Ele nem sequer havia dado a ela a oportunidade de falar. Não esperou ela reagir do choque e do medo. Não senhor. Apenas a informou friamente que seria acompanhada até o aeroporto.

Cooper podia imaginar Julia neste momento desamparada e agitada tentando assimilar os acontecimentos daquele dia. Podia vê-la enrolada como uma bola naquele ridículo sofá com molas quebradas.

Aquela era uma noite em que ele não poderia tê-la deixado sozinha. Merecia levar uma bofetada pelo seu comportamento. Ele deveria estar lá com ela agora, confortando-a, preparando uma péssima comida para ela e vê-la inventar elogios apesar de sua desastrada forma de cozinhar.

A caminhonete voltou a patinar na neve e Cooper reduziu a velocidade. De repente, deu-se conta de que não via o momento de estar junto a ela novamente. Não queria que Julia passasse nem um minuto a mais se sentindo só e abandonada. Conduziu com uma das mãos a caminhonete enquanto, com a outra, pegou o celular para dizer à ela que estava voltando. Abriu o celular e digitou o número, mas ninguém atendeu.

Devia ter digitado o número errado. Cooper parou a caminhonete e voltou a digitar seu número franzindo a testa. Tentou outras três vezes antes de fechar o telefone.

Um medo que nunca havia sentido antes se apossou dele. “Maldito idiota!” disse enfurecido para ele mesmo. Só por que estava com o orgulho ferido foi incapaz de pensar com prudência.

Ninguém havia dito que Santana teria mandado somente dois assassinos. Um terceiro poderia ter saído da caminhonete antes de chegar à casa de Julia. Um assassino poderia estar em sua casa agora e ele havia deixado Julia sozinha sem ter como se defender.

Embora o sangue fervesse em suas veias, Cooper agarrou o volante com força e pisou no acelerador, amaldiçoando-se por ter sido tão estúpido.

* * *

— Ehh, Mary. — Julia lambeu os lábios ressecados. — Cuidado com essa... arma. Ela pode estar carregada.

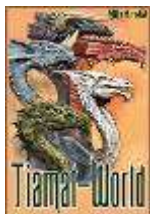
— Mas é claro que está carregada, sua estúpida. — Mary abriu a mala, tirou a máquina fotográfica e a colocou sobre a mesa da sala. — E uma dessas munições tem o seu nome escrito e está te esperando há quase dois meses. — Olhou para Julia criticamente. — Agora fique encostada na parede, preciso um fundo branco.

— Mary — sussurrou Julia. — O que você está fazendo?

— O que estou fazendo? Preparando-me para ganhar dois milhões de dólares querida, o que você acha que estou fazendo? — Ela moveu a arma. — Mexa-se.

Julia arrastou os pés para a direção indicada por Mary, sem perdê-la de vista. Ficou junto à mesa da sala, onde tinha deixado sua arma. Quando se aproximou dela, Mary esticou a mão de repente.

— Na-na-ni-na-não... — Mary recolheu a arma de Julia, abriu o carregador e o esvaziou. — Uma Tomcat 32. Alguém muito preparado esteve te aconselhando em como se defender. Embora



não tenha servido muito.

Como chegou a pensar alguma vez que Mary era uma garota jovem? Essa mulher deveria ser uma expert em maquiagem. Agora que observou bem é que reparou nas rugas ao redor dos olhos.

— Mary — sussurrou Julia. — Por que você está fazendo isto comigo? Que mal fiz a você? Por favor, não faça isso.

Mary começou a rir.

— Em primeiro lugar, não me chamo Mary; embora não tenha a intenção de te dizer meu verdadeiro nome. Em segundo lugar, é obvio que vou te matar. Estou procurando por você desde outubro. Vou comprar uma encantadora casa de praia com você. Ou melhor, com o dinheiro pago pela sua cabeça.

Mary se inclinou para verificar a posição da câmera e em seguida apagou as luzes da sala. O tempo todo sem deixar de apontar a arma para Julia.

— A luz tem que estar adequada. — Murmurou.

— Mas... — Julia estava tentando assimilar o que estava acontecendo. — Eles levaram os homens de Santana. Eles tentaram me pegar e não conseguiram.

— Aqueles capangas estúpidos? — O rosto de Mary se modificou e Julia percebeu repente de que o que tinha visto no rosto de Mary no restaurante não fora medo e sim, raiva. — Eles não eram mais que dois valentões estúpidos. Em pensar que estiveram a ponto de levar o meu dinheiro... Mas com estas fotos Santana saberá a quem tem que pagar.

— Ele não pagará! — Julia quase começou a chorar de alívio. Claro que Mary, ou seja lá qual for seu nome, não sabia de Santana ainda. — Santana não te vai pagar. Ele não pode mais. Você ainda não sabe? Santana está morto. Morreu esta tarde.

— Você está mentindo! — Gritou Mary.

Assustada, Julia olhou fixamente para os olhos azuis de Mary. Não viu neles a brutalidade nem a frieza de Santana ou dos dois homens que entraram em sua casa. Só viu a loucura.

— Você está mentindo para salvar sua pele. Mas isso não vai funcionar. — Mary deu uma risada que não chegou até os olhos. — Vou atirar em você e mandarei para Santana as fotos. E então ele me enviará o dinheiro.

— Mas ele não fará isso! Ele não poderá te enviar dinheiro nenhum. — Julia tentou desesperadamente fazê-la alcançar a lucidez, mas Mary era impenetrável, totalmente inacessível.

“Tempo! — pensou Julia. — Preciso de mais tempo.” Se pudesse fazer algo... para Mary atrasar seu objetivo até que alguém viesse socorrê-la. Certamente Cooper...

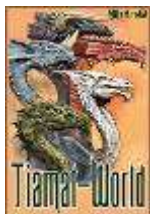
Mas ela deixou Cooper ir embora. Que estúpida tinha sido! Como ela pôde deixar Cooper ir embora. Talvez ela pudesse distrair a atenção de Mary.

— Você pode muito bem pegar suas coisas e ir embora para casa Mary, porque não receberá nenhuma recompensa. Se você for embora agora, não direi nada a ninguém, prometo. Ninguém nunca saberá. Basta você colocar a arma na mesa e sair. Santana está morto.

Ela apontou a arma para o coração de Julia que batia descontroladamente.

— Por favor — sussurrou Julia.

— Por favor, o que, Julia? — zombou Mary. — Que diabos você pode me oferecer que



supere os dois milhões de Santana? Vou comprar uma nova vida para mim com esse dinheiro. Uma nova vida em troca da sua. — Solto uma gargalhada curta e fria. Parece-me justo.

— Não, não é justo. — Julia tentou manter um tom calmo. — Você não pode comprar uma nova vida com a minha, Mary — disse Julia. — Você não será capaz de chegar muito longe com esta tormenta. Eles vão prender você. E tudo por nada, Mary. Tudo por nada, porque Santana não vai te dar dinheiro nenhum. Ele está morto.

— Você está mentindo! — Mary gritou e apertou o gatilho.

Julia bateu contra a parede e uma dor aguda atravessou seu ombro. Tentou ficar de pé, cambaleando, até que suas pernas falharam. Através de uma névoa, viu Mary se aproximando e se agachando. Viu uma luz e depois outra. Só depois de alguns minutos é que se deu conta que era o flash de uma máquina fotográfica.

Mary se levantou e seu sapato escorregou no sangue de Julia. Ela a olhou com cara de nojo.

— Sangue. — Fez uma careta. — Odeio sangue. Agora só faltam mais algumas fotos querida, depois dispararei um tiro em sua cabeça e... pronto. Então, partirei.

Julia viu como seu pulôver se tingia de vermelho e percebeu vagamente, como se as informações estivessem chegando para ela via fax por um país estrangeiro, que era o seu sangue que estava molhando seu pulôver. Julia ouviu um rosnado baixo e feroz penetrar na neblina de sua mente.

— Merda!

Mary deu um chute em Fred. Ele estava de pé, em frente à Julia com os pelos arrepiados. Ele rosnou e mordeu a mão de Mary que tentava colocar a arma na contra a cabeça de Julia. Fred mostrou os dentes e deu outro grunhido de arrepiar os cabelos.

— Tire este cão estúpido da sua frente — gemeu Mary. — Tenho que sair logo daqui.

— Bom cão — murmurou Julia. — Bom menino, Fred. — Seu ombro começou a doer muito.

— Bem, se não o tirar da frente, terei que atirar daqui mesmo. — Mary apontou a arma para Julia e fechou um olho.

A cabeça de Julia pesava uma tonelada. Ela levantou a cabeça com dificuldade e ficou olhando para a arma apontada para a sua cabeça.

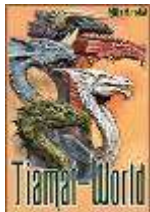
Ela não queria morrer. Ela queria viver. Queria viver e se casar com Cooper, quebrar a *Maldição dos Cooper* e encher a fazenda com tantas meninas ruivas que o deixariam louco. Em pensar que ela nunca chegou a dizer isso para Cooper, nem mesmo disse para ele que o amava.

Julia viu como Mary esticava o dedo e pensou: “Acabou”.

Houve um forte barulho e a cabeça de Mary se encheu de uma cor vermelha. Fred ladrou e Cooper estava ajoelhado ao lado dela rasgando sua camisa e enrolando no ombro dela. Ele a pegou em seus braços gritando:

— Julia, Julia! — Ela podia sentir suas mãos sobre ela, verificando se havia mais alguma ferida em outro lugar, e depois pressionando com força a ferida em seu ombro. Uma luz explodiu atrás de seus olhos e ela quis dizer que estava ouvindo, mas a dor levou seu fôlego.

— Julia. — Cooper a ergueu com cuidado. Sua voz profunda se quebrou. — Não morra Julia. Preciso de você. Aguenta, aguenta meu amor, que te levarei ao Dr. Adams em Rupert. Basta você



aguentar. Fale comigo, Julia. Você não vai morrer. Não vou deixar você morrer. Fale comigo Julia, por favor. Fale comigo.

— Ei — Julia sussurrou. Estendeu a mão trêmula e roçou sua bochecha. Estava quente, áspera e sólida. Assim como Cooper. — Essa frase é minha.

Epílogo

Quatro anos depois.

Julia encostou-se ao sofá, contente, observando o cursor piscar na tela por alguns segundos. Com um profundo suspiro de satisfação, ela salvou o documento, desligou o computador e se esticou fazendo uma careta. Sem ombro estava doendo mais do que o normal, o que significava que continuaria nevando. Segundo o boletim meteorológico, esperava-se uma tempestade de neve para o Dia de Ação de Graças com a mesma intensidade da que aconteceu há quatro anos.

Aquela tempestade quase havia lhe custado à vida. Os médicos do hospital de Rupert disseram que sua pressão arterial estava ilegível (cinco por zero) e continuava caindo quando Cooper chegou lá. Apesar de não estar muito consciente, Julia só conseguiu lembrar-se da cor branca; o branco da neve, dos curativos, o branco das roupas dos médicos e das enfermeiras e a luz branca da sala de operação, tudo isso antes de perder totalmente a consciência...

Ela teve sorte de estar viva e de ter somente uma cicatriz da cirurgia de recuperação de seu ombro para lembrar-se que havia levado um tiro ali. Se Cooper não soubesse como enfaixar corretamente a ferida e se não tivesse lutado contra a tempestade de neve para abrir caminho até Rupert... Julia estremeceu ao pensar.

Logo que recuperou força necessária para levantar-se da cama, Cooper trouxe um juiz de paz para fazer o casamento deles. E ali, em um quarto de hospital repleto de flores que Cooper havia comprado; e cercada por seus amigos de Simpson; Julia uniu sua vida à de Cooper.

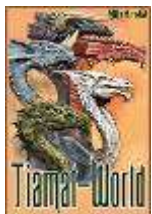
Ela precisou ainda de seis meses de reabilitação e outros seis de fisioterapia para voltar a se acostumar com seu ombro. E durante todo esse tempo, Cooper a proibiu de trabalhar. Claro que depois disso, as gêmeas nasceram e ocuparam praticamente todo o tempo livre que ela pudesse ter nos próximos dois anos.

A primeira vez que ela pensou em engravidar foi em sua primeira viagem à Boston quando ela por fim pôde se mover com alguma facilidade. Ela foi lá para vender o apartamento, empacotar suas coisas e enviar para Idaho; aproveitou para ter um encontro emocionante com seus amigos. Convidou a todos para irem visitá-la e alguns deles já haviam feito isso.

Tomar a decisão de engravidar não fora difícil. Depois de fazer amor com Cooper durante toda a noite em seu antigo apartamento, Julia disse tranquilamente no ouvido dele:

— Parei de tomar pílulas.

— Bom. — Foi tudo o que ele disse.



Só que eles não esperavam ter gêmeas incontroláveis. Durante os dois primeiros anos ela não pôde sequer pensar em trabalhar, até que começou a ficar impaciente. E agora tinha começado sua nova carreira como editora autônoma ou, como ela se denominava: Book Doctor. Seu primeiro contrato foi fechado com Rob Manson, que ganhou o Prêmio Pulitzer ⁴² pela história que escreveu sobre ela: “O povoado que salvou Julia”.

Cooper havia contado para ele a história de Julia e intrigado, ele viajou para Simpson para investigar a respeito da história. Ali conheceu Alice e decidiu ficar no povoado como diretor executivo do The Rupert Pioneer. Seu artigo sobre Julia foi escolhido como notícia nacional e deu a volta ao mundo. O que ele contou a respeito da ineficácia do Programa de Amparo às Testemunhas fez com que um novo diretor fosse nomeado e que o programa recebesse mais recursos. “O povoado que salvou Julia” apareceu no Dateline ⁴³.

Rob brincava frequentemente dizendo que na verdade, Simpson era “O povoado que Julia salvou.” Nesses últimos anos, várias Empresas estabeleceram seus negócios em Simpson. O irmão de Rob, um engenheiro eletrônico em Cupertino, Califórnia os visitava com frequência e estava pensando em estabelecer em Simpson, sua nova empresa. Rob e Alice se casaram no ano anterior e estavam esperando seu primeiro bebê.

Julia levantou-se para ver o que Cooper e as meninas estavam fazendo. Levou um tempo para atravessar a imensa sala que utilizava como escritório. Cooper tinha renovado todo o segundo andar para que Julia usasse como quisesse, e ela agora tinha muito mais espaço para trabalhar do que na Empresa em que trabalhava. A distância da área de trabalho até a porta era de pelo menos dez metros.

Julia tinha uma sala de trabalho, uma biblioteca para seus livros de referência, um quarto para o computador e impressora; um quarto para leitura que Cooper costumava chamar de “lugar para pensar” e um espaçoso quarto com vista para o gramado de frente para que ela pudesse ver os funcionários de Cooper tentando evitar as travessuras das meninas.

Julia passou uma mão pela barriga. Se o resultado do teste de gravidez que fez nessa manhã estivesse certo, em agosto chegaria outra menina Cooper. Seria uma menina e ela não tinha dúvida disso. A *Maldição dos Cooper* terminou para sempre com o nascimento de Samantha e Dorothy. Fred também encontrou uma companheira, uma collie linda com quem teve uma ninhada, e em sua maioria, fêmeas. Até as éguas começaram a ter mais potras. Cooper agora estava rodeado de mulheres.

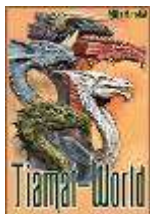
Julia abriu a porta de madeira maciça de seu estúdio e desprende o letreiro: “BOOK DOCTOR TRABALHANDO”. Bem na hora. A porta principal se fechou de repente e ela ouviu a forte voz de Cooper e o falatório e gritinhos das meninas.

Ela ouviu um ruído das botas e as unhas de Fred arranhando o piso. Julia sorriu carinhosamente para Cooper das escadas.

— Podemos subir? — Ele levava uma menina em cada braço e parecia feliz e exausto; sua

⁴² Prêmio Pulitzer: É um prêmio estadunidense outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área de jornalismo, literatura e música. É administrado pela Universidade de Colúmbia em Nova Iorque. Foi criado em 1917.

⁴³ Dateline: É um programa semanal de televisão dos Estados Unidos é transmitido pela NBC.



expressão usual desde o nascimento das gêmeas.

— Claro. — Julia sorriu ao ver sua família. — Suba que tenho uma novidade para te contar.

Cooper subiu até o último lance de escadas.

— Acabou? — perguntou. — O que você achou?

— O livro? — Julia fez um sinal com os polegares para cima. — Vai ser um sucesso. Mas não era sobre isso que eu ia...

— Bom. — Cooper esboçou um sorriso. — Parei para tomar um café no restaurante de Alice e ela ficou a manhã inteira me rodeando mas sem se atrever a me perguntar pelo livro. Finalmente, para dar um pouco de tranquilidade a ela, falei que você estava quase acabando.

— Faça questão de entregá-lo pessoalmente. Com meus comentários. Todos positivos. — Julia levantou o rosto para dar um beijo em Cooper. Ele se inclinou sorrindo e de repente fez uma careta de dor quando Samantha puxou seu cabelo com força. O cabelo de Cooper, antes, negro azeviche, agora estava ficando prateado, e as meninas eram responsáveis por cada fio branco de seu cabelo.

— Aiiiii... Sam... solta... — Tentou desenrolar com cuidado a mão da Samantha de seu cabelo. — Querida, me solte. — Quando Samantha puxou com mais força rindo alegremente ele se torceu fez outra careta de dor. — Por favor, princesa... solta o papai.

Com um grande suspiro de desgosto, Julia ficou nas pontas dos pés para que pudesse olhar à menina nos olhos e disse com firmeza:

— Samantha! Pare. De. Puxar. O. Cabelo. Do. Seu. Pai. AGORA! — Seus olhos turquesa se encontraram com os negros da menina e Samantha abriu sua mão gordinha. Ela sabia quem mandava ali.

— Como você consegue fazer isso? — perguntou Cooper com um lamento esfregando o couro cabeludo. — Eu nunca consigo que ela faça o que digo. E com Dot é a mesma coisa.

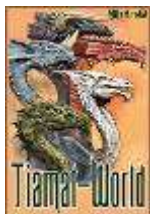
Julia revirou os olhos, exasperada.

— Sinceramente, Cooper. Você é maior e mais forte que as meninas. É um especialista em artes marciais. Você é um ex SEAL, pelo amor de Deus. Se você não pode convencê-las... use a violência.

Julia mordeu o lábio para não rir da expressão chocada de Cooper. O nascimento das meninas acabou completamente com seu senso de humor.

As meninas estavam se retorcendo impacientes. Cooper se inclinou e as colocou no chão. Samantha e Dorothy ficaram milagrosamente quietas por alguns segundos. Olharam em volta piscando e olhando a sala que normalmente ficava fora dos limites delas, querendo saber que danos poderiam causar ali.

Julia observou a suas duas preciosas meninas com o coração tão inchado de orgulho que seu peito até doeu. Sam e Dot a mantinham sempre muito ocupada, como se quisessem que ela se emocionasse sempre pelo milagre de sua existência; e por alguns instantes enquanto as observava, Julia sentiu que os olhos se enchiam de lágrimas. Sam e Dot tinham herdado seus cabelos vermelhos e brilhantes; e os olhos negros de seu pai. Eram destemidas. Não tinham medo de nada. “Minhas filhas” Julia pensou com uma pontada de dor pouco característica nela, “devem



ser os hormônios” pensou. Hormônios de uma nova vida que estava crescendo dentro dela. Ela encostou-se em Cooper, que passou a mão por seus ombros enquanto observava às meninas se moverem em direções opostas.

Julia deu uma cotovelada nas costelas de Cooper.

— Ai — ele se queixou fracamente. — Por que você fez isso?

— Por que tenho algo para te dizer, mas antes quero que você me beije.

— Era só isso? — Os olhos negros de Cooper brilharam. — E por que não me pediu logo?

Julia colocou os braços em volta do pescoço de Cooper e se deixou levar pela magia que ele continuava provocando nela mesmo depois de quatro anos de casamento.

Antes que eles pudessem se perder no beijo, Cooper com seu cuidado paternal, abriu um olho vigilante. Imediatamente abriu o outro olho, horrorizado, enquanto se afastava correndo.

— Dorothy! — Ele deu um pulo e pegou uma tesoura da mão de Dorothy bem a tempo. Fred estava deitado ao seu lado, permitindo pacientemente que a menina cortasse os pelos amarelos de sua barriga. Dorothy estava muito próxima de garantir que Fred não fosse pai novamente.

Cooper se agachou.

— Dot, querida, você não pode fazer isso. Pobre Fred... Você quase...

A menina rompeu-se em lágrimas e Cooper entrou em pânico como sempre fazia cada vez que uma das meninas chorava.

— Ah, princesa — disse sem saber o que fazer. — Não chore, está tudo bem... — Ele olhou para cima e encontrou Julia rindo dele. — O que foi? — perguntou com cara de ofendido.

— Isso é tudo sua culpa, Cooper. — Julia falou encostando-se a estante. — Se você, seus homens, Rafael e até Fred continuarem rolando e se fingindo de mortos para as meninas, elas irão se aproveitar disso e se aproveitar de vocês. Sam e Dot estão crescendo e acham que qualquer coisa que tenha cromossomo Y é escravo delas.

Mas foi inútil. Cooper já estava com Dot nos braços fazendo caretas tentando fazê-la sorrir. Julia quase podia ver as engrenagens girando na cabeça de Dot, tentando descobrir como usar esta situação em seu benefício.

— Agora chega princesa, vai brincar. — Cooper se agachou, colocou a menina novamente no chão e lhe deu um tapinha no traseiro.

— Coop?

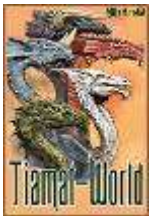
— Sim? — Disse, olhando para cima com um sorriso.

— O que eu estava tentando te dizer era...

— Oh, esqueci de te falar... — Cooper a interrompeu animado, — Sandy montou Sam no Estrela do Sul. Ele diz que Sam tem todo o jeito de ser uma amazona. Dot ainda precisa de um pouco mais de prática mas...

— Cooper — disse Julia soltou um suspiro. — As meninas têm dois anos. Você não acha que é um pouco cedo para que Sandy saiba se elas têm ou não, jeito para serem amazonas? Vamos voltar ao nosso assunto. Preste atenção no que estou tentando te dizer...

— Não acho cedo demais. — Cooper franziu a testa. — A nova potra do Pure Gold estará pronta para ser domada em dois anos e meio, acho que as meninas deveriam se familiarizar com



ela o quanto antes. Outro dia mesmo...

— Cooper, estou tentando te dizer algo importante...

— ...Bernie me disse que esta nova garota com quem ele esta saindo em Dead Horse, aquela, você sabe? A bonita treinadora da manada de Hughes. Pois então, ele me disse que ela falou para ele...

— Cooper...

— ...que começou a montar com dois anos. Seu pai a colocou em um pônei em seu segundo aniversário e ela não quis mais descer dele. E aposto que nossas meninas...

— Cooper...

— ...serão as campeãs do nosso estado. Talvez, possam até participar dos Jogos Olímpicos se quisessem. Apesar de achar que talvez não tenham condição de participar dos Jogos Olímpicos de 2020, mas se elas comesçassem a treinar desde já, aposto que poderiam... — Julia colocou um dedo nos lábios dele para que ele se calasse.

— Cooper — disse carinhosamente. — Fecha o bico.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>